

Jaqueline Sindorski Bigaton

**(DE)CIFRAGEM COMO TRADUÇÃO:  
A CORRESPONDÊNCIA DE MARIE-ANTOINETTE E AXEL  
VON FERSEN**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marie-Hélène Catherine Torres

Florianópolis  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bigaton, Jaqueline Sinderski  
(De)cifragem como tradução : a correspondência de  
Marie-Antoinette e Axel von Fersen / Jaqueline  
Sinderski Bigaton ; orientadora, Marie-Hélène  
Catherine Torres, 2017.  
237 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução. 3.  
Criptografia. 4. Marie-Antoinette. 5. Axel von  
Fersen. I. Torres, Marie-Hélène Catherine. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Jaqueline Sindferski Bigaton

**(DE)CIFRAGEM COMO TRADUÇÃO: A CORRESPONDÊNCIA  
DE MARIE-ANTOINETTE E AXEL VON FERSEN**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Estudos da Tradução” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação e Estudos da Tradução.

Florianópolis, 27 de julho de 2017.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Marie-Hélène Catherine Torres, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Alice Maria Araújo Ferreira, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade de Brasília

---

Prof. Walter Carlos Costa, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina  
(videoconferência)

---

Prof. Gilles Jean Abes, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina



## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa concedida durante todo o período de mestrado, que me auxiliou enormemente na pesquisa, concepção e construção de minha dissertação.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marie-Hélène Catherine Torres, pela colaboração, orientação, por sempre me estimular a avançar em direção aos meus objetivos e por acreditar em minha pesquisa.

A todos os meus colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. A Davi que, além de tudo, com suas leituras atentas e conselhos, me direcionaram e me auxiliaram na construção e aprimoramento do texto. A Andréia, Patrícia, Clarissa e Yéo, por todos os conselhos, sugestões, indicações, risadas e conversas produtivas.

Às minhas amigas, e também colegas da Pós-graduação em Estudos da Tradução, Sheila, Francisca, Beatriz e Bernardo, pelo carinho, pela amizade verdadeira, pela sororidade, pelos abraços e conversas, pelo apoio fundamental que me deram, e por me confortar e encorajar durante todo esse período. Aos meus queridos Andrés, Videira e Moreno, pelo apoio incondicional, pelas conversas calmantes, pelo encorajamento e força, pela amizade que transcende tempo e distância.

A Diego, pelo carinho, conforto, companheirismo, paciência e encorajamento, por acreditar em mim e em minha pesquisa, pelas leituras, pela revisão, pela ajuda e pelos conselhos atenciosos, por sempre me impulsionar a ser e fazer o meu melhor.

À Moira e Freya, pela compreensão e por todo o amor incondicional.



## RESUMO

A presente pesquisa apresenta a construção de uma relação entre os Estudos da Tradução e a (de)cifragem, buscando explorar e ampliar as fronteiras existentes entre ambas as áreas, ao mesmo tempo em que procura estabelecer um *lugar comum* para estas as áreas, buscando a diluição das fronteiras que foram criadas ao longo do tempo. O trabalho é baseada nas teorias de Criptologia, a ciência da escrita secreta, que dizem respeito ao estudo e aplicação do método de substituição polialfabético com auxílio de chave, pertencente ao ramo da criptografia. A partir das teorias apresentadas por Kahn (1973), Bauer (2007) e Singh (2014), são analisadas as características da criptografia e do método utilizado nas cartas em questão, assim como as publicações históricas de Romanini (1840) e Sacco (1951), que fundamentam questões relativas ao desenvolvimento da criptografia. Os textos escolhidos para a prática de tradução são cartas cifradas de Marie-Antoinette e Axel von Fersen, escritas nos anos 1791 e 1792. A pesquisa também é permeada pelos textos teóricos de Patarin e Nachef (2009) e Gylden (1931), uma vez que são estudos aprofundados sobre o processo de cifragem da correspondência da rainha e do conde. Além disso, com base nas perspectivas teóricas acerca da onipresença e do espaço plural da tradução, de Berman (2009), e das reflexões sobre os textos cifrados, de Flusser (2010), que é construída a relação entre (de)cifragem e tradução, em uma análise que parte do princípio de que todo texto é constituído por cifras e para lê-lo é necessário decifrá-lo. O estudo apresentado busca investigar as relações entre a tradução de cifras e a tradução de textos escritos, principalmente, com base em parâmetros oriundos dos campos dos Estudos da Tradução.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Criptografia. Cifras. Marie-Antoinette. Axel von Fersen.



## ABSTRACT

This research presents the construction of a relation between Translation Studies and (de)cypher, seeking to explore and expand the existing borders between both areas, searching, at the same time, to establish a common place to these areas through the dilution of the borders created through time. The research is based on the theories of Cryptology, the science of secret writing, which talks about the study and application of the polyalphabetic substitution key helped method, which belongs to the encryption branch. From the theories presented by Kahn (1973), Bauer (2007) and Singh (2014), the characteristics of encryption and the method used in the studied letters are analyzed, as well as the historical publishings of Romanini (1840) and Sacco (1951), which form the basis of questions related to the development of encryption. The chosen texts for the translation practice are encrypted letters of Marie Antoinette and Axel von Fersen, written in the years of 1791 and 1792. The research is also permeated by the theoretical texts of Patarin & Nacheff (2009) and Gylden (1931), once they are deep studies about the process of encryption in the correspondence of the Queen and the Count. Besides, based on the theoretical perspectives of translation's plural and omnipresent space, by Berman (2009), as well as the reflections about encrypted texts, by Flusser (2010), it is established a relation between (de)cypher and translation, in an analysis that starts by affirming that all texts are built upon ciphers, and in order to read them one must first decipher them. The presented study seeks to investigate the relations between cipher translation and text translation, based mainly in the parameters originated in the Translation Studies field.

**Keywords:** Translation Studies. Criptography. Cyphers. Marie-Antoinette. Axel von Fersen.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro de ciframento do método de Porta.....	34
Figura 2: Alógrafo de uma carta, datada de 28 de junho de 1791 (excerto), escrita por Marie-Antoinette.....	37
Figura 3: Quadro de ciframento utilizado por Axel von Fersen.....	39
Figura 4: Adaptação do quadro de ciframento utilizado por Axel von Fersen e Marie-Antoinette.....	39
Figura 5: Excerto do <i>Système figuré des connoissances humaines</i> .....	43
Figura 6: Carta, datada de 9 de julho de 1792 (excerto, f. 1), escrita por Marie-Antoinette.....	75
Figura 7: Carta, datada de 9 de julho 1792 (excerto, f. 2), escrita por Marie-Antoinette.....	76



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Esquema simplificado das ramificações da Criptologia.....	29
Quadro 2: Quadro de ciframento para a cifra de Fersen.....	71
Quadro 3: Excerto do quadro de ciframento para a cifra de Fersen, mostrando os alfabetos D, E, I, P, S, U.....	72
Quadro 4: Exemplo de tradução (decifragem) de um excerto de carta..	72
Quadro 5: Excerto do quadro de ciframento para a cifra de Fersen, mostrando os alfabetos D, E, S.....	73
Quadro 6: Exemplo de tradução (cifragem) de um excerto de carta.....	74



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>1 A CIÊNCIA DA ESCRITA SECRETA.....</b>	<b>27</b>
1.1 CRIPTOGRAFIA POR SUBSTITUIÇÃO.....	31
1.1.1 O método por substituição polialfabética.....	33
1.1.2 A cifra de Fersen.....	35
<b>2 (DE)CIFRAR É TRADUZIR.....</b>	<b>43</b>
2.1 <i>TRADUCIFRAR</i> .....	46
2.1.1 Categorias de tradução.....	55
2.1.2 Tradução onipresente.....	59
2.1.3 Tradução, codificação, intenção.....	64
2.2 TRADUZINDO AS CARTAS.....	67
2.2.1 Transcrição dos manuscritos digitalizados.....	68
2.2.2 De uma linguagem artificial para uma língua natural.....	70
2.2.3 De uma língua natural a outra.....	77
<b>3 A CORRESPONDÊNCIA TRADUZIDA.....</b>	<b>83</b>
3.1 A ÚLTIMA RAINHA DA FRANÇA.....	86
3.1.1 Uma austríaca em Versalhes.....	87
3.1.2 Um suco na França.....	91
3.1.3 Da corte ao corte.....	97
3.2 DE MARIE-ANTOINETTE A AXEL VON FERSEN.....	99
3.2.1 De 28 de junho de 1791.....	99
3.2.2 De 29 de junho de 1791.....	102
3.2.3 De 8 de julho de 1791.....	104
3.2.4 De 31 de outubro a 7 de novembro de 1791 (parcialmente cifrada).....	110
3.2.5 De 7 de junho de 1792 (parcialmente cifrada).....	124
3.2.6 De 9 de julho de 1792.....	127
3.2.7 De 24 de julho de 1792 (parcialmente cifrada).....	130
3.3 DE AXEL VON FERSEN À MARIE-ANTOINETTE.....	134
3.3.1 De 10 a 12 de outubro de 1791.....	134
3.3.2 De 13 de outubro de 1791.....	146
3.3.3 De 25 de outubro de 1791.....	150

3.3.4 De 29 de outubro de 1791 (parcialmente cifrada).....	156
3.3.5 De 12 de dezembro de 1791 (parcialmente cifrada).....	163
3.3.6 De 24 de dezembro de 1791.....	165
3.3.7 De 21 de junho de 1792 (parcialmente cifrada).....	168

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS.....	179
------------------	-----

ANEXO A – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (28 de junho de 1791).....	189
ANEXO B – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (29 de junho de 1791).....	190
ANEXO C – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (8 de julho de 1791).....	192
ANEXO D – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (31 de outubro a 7 de novembro de 1791).....	198
ANEXO E – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (7 de junho de 1792).....	207
ANEXO F – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (9 de julho de 1792).....	210
ANEXO G – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (24 de julho de 1792).....	212
ANEXO H – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette [?] (13 de agosto de 1791).....	216
ANEXO I – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (10 a 12 de outubro de 1791).....	218
ANEXO J – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (13 de outubro de 1791).....	224
ANEXO K – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (25 de outubro de 1791).....	225
ANEXO L – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (29 de outubro de 1791).....	228
ANEXO M – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (12 de dezembro de 1791).....	232
ANEXO N – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (24 de dezembro de 1791).....	234

<b>ANEXO O – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (21 de junho de 1792).....</b>	<b>235</b>
<b>ANEXO P – <i>Système Figuré des Connoissances Humaines</i> [Sistema Figurado dos Conhecimentos Humanos].....</b>	<b>237</b>



## INTRODUÇÃO

Por ter sido amplamente utilizada nas atividades militares e nas ditas *ciências exatas* (como matemática, engenharia e ciência da computação), a Criptologia perdeu completamente seu estatuto de arte, sendo relegada a uma única área de estudos e de produção de conhecimento. Essa mudança ocorreu tardiamente, tendo sido iniciada no fim do século XIX. Antes que isso se concretizasse, no entanto, a Criptologia era considerada uma *arte do escrever*, sendo o seu uso muito comum em diversas esferas do cotidiano. Cabe ressaltar que, nos séculos seguintes a tal mudança, a Criptologia permaneceu presente e seu uso foi progredindo conforme a evolução tecnológica. No entanto, isso ocorreu de forma latente – com a utilização em mensagens, *e-mails*, telefonemas, produtos de uso comum, uso militar etc. – e, possivelmente devido a essa utilização não tão evidente, perdeu seu estatuto de arte e tornou-se uma ferramenta.

O estudo apresentado busca, a partir desse estatuto histórico de *arte da escrita*, investigar as relações entre a tradução de cifras e a tradução de textos escritos, principalmente, com base em parâmetros oriundos dos campos dos Estudos da Tradução. Assim, seguindo os propósitos propostos por Berman (2006), é a partir da exploração das fronteiras da tradução que a pesquisa apresenta reflexões acerca das similaridades entre o que hoje é visto unicamente como uma ciência exata e a própria tradução. É a partir, também, do raciocínio exposto por Flusser (2010) que é construída essa relação, em uma análise que parte do princípio de que todo texto está cifrado e para lê-lo, e compreendê-lo, é necessário decifrá-lo.

Dessarte, a presente pesquisa, vinculada à linha Teoria, Crítica e História da Tradução, tem como objetivo geral aliar o campo da Criptologia aos Estudos da Tradução, idealizando, dessa maneira, um *lugar comum* para ambas as áreas, construído a partir de alguns princípios oriundos da Criptologia aliados aos Estudos da Tradução, buscando a diluição das fronteiras que foram estabelecidas ao longo do tempo. E é nesse sentido que serão investigadas as relações entre a tradução e a Criptologia, ao analisar as semelhanças e diferenças entre ambos os campos, para que se possa apresentar uma nova perspectiva (teórica e prática) ao campo dos Estudos da Tradução.

Nesse sentido, o primeiro objetivo específico é traduzir as cartas criptografadas baseando-se na Criptologia, a ciência da escrita secreta, com o intuito de validar, através da prática tradutória, a hipótese de que

a tradução de um texto redigido em linguagem artificial para uma língua natural (assim como o inverso) é possível – a partir do ponto de vista dos Estudos da Tradução. É importante ressaltar que se faz referência à tradução dos textos cifrados para textos em claro, em francês, assim como dos textos em claro em português para cifras. O segundo objetivo específico é apresentar a correspondência criptografada e traduzida da rainha Marie-Antoinette e do conde Axel von Fersen, datada do século XVIII. Nesse caso, em relação à tradução para textos em claro em português, trata-se de textos nunca antes publicados nesse idioma – apresento, então, textos inéditos. Com isso, a prática tradutória aqui apresentada funciona como uma das bases para a discussão e reflexão sobre o lugar da Criptologia nos Estudos da Tradução e, mais especificamente, da (de)cifragem (criptografia), de maneira a contribuir na formação de um pensamento crítico e teórico voltado à reflexão, análise e tradução de textos cifrados. Assim como para estabelecer relações entre as tarefas tradutórias e de (de)cifragem, a partir de teorias relevantes a ambos os campos.

Para isso, o objeto de pesquisa – a correspondência criptografada de Marie-Antoinette e Axel von Fersen – foi escolhido pois, além de se tratar de escritos da última rainha da França, traz consigo esse ineditismo, tanto pelo fato de tais cartas ainda não terem sido traduzidas para o português brasileiro quanto por terem sido redigidas em cifra (criptografadas). Além disso, essas cartas foram especificamente selecionadas pois foram redigidas em cifras, o que torna o seu uso na pesquisa imprescindível para que a análise da (de)cifragem como tradução seja realizada. Dessa forma, a prática tradutória é realizada a partir de textos cifrados de origem civil, ou seja, não são mensagens militares, às quais as cifras são comumente associadas.

A correspondência mencionada encontra-se disponível no acervo digital dos *Archives nationales* (Arquivos nacionais franceses). Em relação a esse acervo, os manuscritos disponíveis no inventário digitalizado (cota 440 AP), correspondem a todas as cartas “sobreviventes” enviadas por ou para a rainha, e que foram adquiridas pelo governo francês. No que diz respeito à presente pesquisa, a cota 440AP/1, corresponde às cartas trocadas entre a rainha e o conde, secretas pelo fato de que Marie-Antoinette, a partir de 6 de outubro de 1789 e, principalmente, após a tentativa frustrada de fuga para Varennes (21 e 22 de junho de 1791), quando não poderia mais se corresponder com amigos e familiares, estava sendo vigiada pelos revolucionários. Apesar disso, a rainha conseguiu enviar mensagens por intermédio de

pessoas de confiança, utilizando-se de diversos subterfúgios para que seus cúmplices conseguissem receber as cartas e mensagens.

As quatorze cartas escolhidas foram escritas entre os anos 1791 e 1792, em um contexto específico: a Revolução Francesa. Durante esses dois anos, a rainha, juntamente a sua família (o rei Louis XVI, seus dois filhos e a princesa Elisabeth, irmã do rei), permaneceu em cárcere, acusada de traição e vista como inimiga do povo e da Revolução. Dessa forma, e sob constante vigilância, Marie-Antoinette e Axel von Fersen corresponderam-se de forma sigilosa, tanto no modo como enviavam as cartas quanto na maneira como as escreviam. O conde e a rainha utilizavam um método oriundo da criptografia – na qual o conteúdo da mensagem é mantido em segredo – e outro, da esteganografia – na qual a própria existência de uma mensagem é intencionalmente encoberta – para esconder o conteúdo de suas mensagens de leitores curiosos.

O projeto de tradução proposto consiste na transcrição e tradução de uma parcela da correspondência entre a rainha francesa Marie-Antoinette e o conde sueco Hans Axel von Fersen. O objeto de tradução e análise é composto por cartas manuscritas, digitalizadas e disponibilizadas pelos *Archives nationales* franceses, sob a cota 440AP/1, dossiês 1 e 2. (*Correspondance secrète de la reine Marie-Antoinette et du comte Hans Axel von Fersen. 1770-1804*<sup>1</sup>), dentre as quais foram selecionadas quatorze cartas, produzidas durante o período que compreende os anos de 1791 e 1792, cujo conteúdo é parcial ou completamente cifrado: sete destas são rascunhos de cartas escritos pelo conde, cinco são alógrafos (cópias manuscritas por outras pessoas) dos textos de cartas escritas pela rainha – cópias produzidas, provavelmente, pelo próprio conde ou seu secretário – e uma carta autógrafa da rainha. Há, ainda, um manuscrito com texto cifrado, datado de 13 de agosto de 1791, que encontra-se catalogado como um rascunho de carta endereçada à Marie-Antoinette; no entanto, não há nenhum registro de que tal carta fosse endereçada à rainha – inclusive, Farr (2016) ao publicar os resultados de sua pesquisa sobre a correspondência do casal, na qual constam os registros de cartas enviadas por Fersen, não incluiu esta carta pelo fato de, na realidade, não ter sido destinada à Marie-Antoinette. Outro possível indício é a anotação realizada pelo conde,

---

<sup>1</sup>ARCHIVES NATIONALES, *Correspondance secrète de la reine Marie-Antoinette et du comte Hans Axel von Fersen. 1788-1792*, 2015. [Descrição da cota]

presente no canto esquerdo superior do manuscrito, na qual consta o apontamento “a Crawford” (ver anexo H) logo abaixo da data.

A dissertação está estruturada em três capítulos, além da Introdução e das Considerações finais. No primeiro capítulo são apresentadas as teorias utilizadas para a realização e fundamentação do processo tradutório. A primeira parte deste capítulo traz noções gerais da Criptologia para explicar questões básicas que facilitarão o entendimento do processo de (de)cifragem e tradução das cartas, uma vez que o foco principal da pesquisa é a criptografia, um dos ramos da Criptologia, e o procedimento utilizado na redação de mensagens. A partir das noções básicas, pode-se, então, mostrar o método específico empregado durante a composição da correspondência analisada. Dessa maneira, o capítulo em questão foi dividido em quatro partes: a primeira diz respeito à introdução ao tema, na qual estão colocadas as informações gerais, relacionadas à Criptologia, sua história, utilização e ramificações, a partir, principalmente, das teorias de Kahn (1973), Bauer (2007), Patarin e Nacheff (2009) e Singh (2014), e permeada pelas publicações históricas de Romanini (1840), Gylden (1931) e Sacco (1951). A segunda parte, sob o subtítulo “Criptografia por substituição”, diz respeito a uma das (sub)ramificações da área, no qual é exposto o funcionamento do processo de ocultação de mensagens pela substituição de cifras ou códigos. O terceiro item, “O método por substituição polialfabética”, trata sobre um método específico de (de)cifragem. E, por último, “A cifra de Fersen”, descreve o processo utilizado por Axel von Fersen e Marie-Antoinette para a ocultação de suas mensagens. O desenvolvimento desse item traz a origem do método utilizado por Axel von Fersen e Marie-Antoinette, o método de Porta (1602), assim como a explanação do método em si, que difere, em alguns aspectos, do método original. Assim sendo, o capítulo foi estruturado partindo do mais geral ao mais específico, uma vez que o objetivo é trabalhar, essencialmente, com o método de (de)cifragem de Fersen – um processo adaptado, que é apresentado no item anterior.

No segundo capítulo é apresentada a (de)cifragem de textos como tradução pelo viés dos Estudos da Tradução, com o objetivo aliar os campos de pesquisa da tradução e da criptografia, partindo do pressuposto de que a ação de cifrar (ou decifrar) um texto é um ato tradutório em si, além de uma breve análise histórica da classificação da Criptologia em relação às áreas de conhecimento. No primeiro subcapítulo, “Traducifrar”, são analisadas as relações entre os Estudos da Tradução e a criptografia. A discussão atravessa brevemente a

questão dos lugares ocupados pela Criptologia durante a história e de como passou de uma arte da escrita para uma ferramenta tecnológica, apresentando, em seguida, sua presença na área das Letras, sobretudo no que diz respeito à literatura. Durante o percurso, ao apresentar, baseando-se em Flusser (2010), Jakobson (1977), Bauer (2007), Paz (1971), Berman (2009) e Kahn (1973), teóricos de ambos os campos os quais intenciona-se unir, a reflexão propõe-se a analisar a questão do estatuto dos textos e da tradução de maneira geral, a fim de mostrar como são extremamente similares a ideias relativas tanto à tradução quanto à criptografia. É nesse sentido que são construídos os subitens seguintes: “Categorias de tradução”, no qual são discutidas, especificamente, as categorias da tradução e sua utilidade na reflexão teórico-tradutória das cifras; “Tradução onipresente”, relativo à questão da onipresença da tradução, a partir dos pressupostos de Paz (1971), Rónai (1981) e, sobretudo, Berman (2009), que diz respeito ao fato de que o ato tradutório está presente em tudo, inclusive no simples ato de fala; e, por fim, “Tradução, codificação, intenção” trata da questão do textos cifrados e traduzidos, discutindo a questão, permeada pelas propostas de Beaulieu (2005) e Flusser (2010), da intenção do autor como característica intrínseca aos textos e de como essa visão pode afetar a relação entre códigos e tradução.

A segunda parte, subdivida em três itens, trata da análise do processo tradutório, uma reflexão que surgiu a partir da prática. Para isso, o subcapítulo é iniciado com a descrição do processo de transcrição dos manuscritos digitalizados. Essa etapa é essencial, pois foi a partir dos textos obtidos que as traduções foram realizadas. As dificuldades residiram no fato de que o próprio processo de transcrever cada letra foi um processo de decifragem, uma vez que as caligrafias dos autores das cartas, a ortografia utilizada, as rasuras, indicações de edição nos rascunhos de Fersen, o esmorecimento da tinta causado pelo tempo e a mídia através da qual os manuscritos foram consultados tornaram o processo lento e repleto de obstáculos. Além disso, foi necessário determinar parâmetros para a padronização dos textos resultantes da transcrição, baseados nas indicações de Pino (2004) e do Arquivo Nacional (1993) brasileiro em relação à apresentação de textos históricos.

Com essa etapa concluída, realiza-se a prática tradutória, que segue dois padrões: 1) as mensagens cifradas são traduzidas para um texto em claro em francês, que, em seguida, é traduzido para um texto em claro em português que, por sua vez, é traduzido para outro texto

cifrado; 2) os textos em claro em francês são traduzidos para textos cifrados, que, então, são traduzidos para textos em claro em português e que, por fim, são traduzidos para outros textos cifrados. O padrão 1 diz respeito às cartas de autoria de Marie-Antoinette, já as cartas tratadas de acordo com o padrão 2 são de autoria de Axel von Fersen. A partir desse método, os três processos tradutórios são analisados, presentes em ambos os padrões mencionados, assim como as traduções resultantes (apresentadas no capítulo 3).

A reflexão da (de)cifragem como tradução, com ênfase, principalmente, na tradução dos textos cifrados, e não dos textos em claro – textos que não foram tratados por métodos de encriptação (textos não cifrados). Nesse sentido, o subcapítulo “De uma linguagem artificial para uma língua natural”, propõe uma análise da tradução dos textos cifrados para os textos em claro, partindo da descrição do modo de cifragem em sentido técnico até uma análise das dificuldades encontradas durante o processo. Em seguida, em “De uma língua natural a outra”, são tratadas questões relativas à tradução dos textos em claro, do francês para o português. A reflexão apresentada é baseada na concepção de Borges (2012a; 2012b) sobre o texto como rascunho, seja em relação ao *original* ou às suas traduções.

Esse processo suscita a reflexão, construída ao longo da pesquisa, de que o ato de (de)cifrar é um ato tradutório. Dessa maneira, parte-se do princípio de que as cartas aqui apresentadas foram, inúmeras vezes, traduzidas a partir dos textos cifrados para textos claros, incluindo as cartas decifradas pelo barão de Klinckowström, sobrinho neto de Axel von Fersen, publicadas em 1877, e, mais recentemente, pela historiadora Evelyn Farr, que refez todo o processo de tradução para os textos em claro em francês, em 2016. Além de levar em conta alguns dos documentos disponibilizados pelos arquivos nacionais franceses, cujos originais, em sua grande maioria, são cópias de textos (alógrafos) das cartas escritas por Marie-Antoinette – ressaltando que a maior parcela da correspondência autógrafa (manuscrita pela rainha, autora das cartas) foi destruída, pela rainha ou a seu pedido, restando, então, somente as cópias feitas por Fersen ou seu secretário. Ao mesmo tempo, por se tratar de um processo *híbrido*, heterogêneo, constitui-se também pela tradução ao português, realizada a partir dos textos em claro em francês que foram, em seguida traduzidos para *outros* textos cifrados – resultando em duas traduções inéditas no Brasil.

No terceiro capítulo estão expostas as cartas traduzidas, alinhadas de maneira a proporcionar ao leitor uma visão completa do

resultado da tradução, a partir da transcrição dos manuscritos digitalizados (que se encontram nos anexos) até sua forma final. Este capítulo foi subdividido em três partes, sendo a primeira uma breve biografia de Marie-Antoinette e de Fersen, a segunda composta pelas cartas escritas por Marie-Antoinette e a terceira, pelas cartas de Axel von Fersen. Isso se deve ao fato de que as cartas disponíveis (as que “sobreviveram” ao tempo, à Revolução e às destruições intencionais de cartas e documentos) foram produzidas de maneira diferente: as do conde mostram o processo a partir de textos em claro e as da rainha, a partir de textos cifrados. O objetivo desse capítulo é abordar a prática de (de)cifragem como processo tradutório, com o intuito de estabelecer um vínculo entre ambas as áreas, além de servir como uma das bases para a construção de uma reflexão teórica. Além disso, foi realizado um cotejo entre as publicações da correspondência, como as realizadas por Klinckowström (1877), Rocheterie e Beaucourt (1896) e Lever (2005). É nesse sentido, também, que esta pesquisa é vista como um projeto de retradução, pois parte-se do princípio que as cartas em questão foram, ao menos uma vez cada, anteriormente traduzidas, mesmo contendo erros (propositais ou não), de cifras para francês. A retradução faz referência também ao fato de que, além de os textos cifrados terem sido traduzidos para o francês, foram, durante esta pesquisa, traduzidos para o português e, novamente, para cifras, de forma que fosse possível não somente disponibilizá-los tanto em texto claro (independentemente da língua na qual são apresentados) quanto refazer o trajeto tradutório a fim de se demonstrar, na prática, que (de)cifrar é traduzir.



## 1 A CIÊNCIA DA ESCRITA SECRETA

Apesar de ser um termo relativamente recente, Criptologia é uma ciência de milhares de anos. Em 1900 a.C., há aproximadamente 4 mil anos, “em uma cidade chamada Menet Khufu, margeando [...] o Nilo, um mestre escriba esboçou os hieróglifos que contavam a história da vida de seu senhor – e o fazendo, ele iniciou a história registrada da Criptologia”<sup>2</sup> (KAHN, 1973, p. 64), com a intenção de impor dignidade e autoridade, incorporou ao texto um elemento essencial da criptografia: a transformação deliberada da escrita (*Ibidem*). Já no século V a.C., os espartanos estabeleceram o primeiro sistema de criptografia militar, criando o citale: um bastão de madeira em torno do qual deve-se enrolar uma tira de pergaminho ou de couro, na qual será escrita a mensagem, que se tornará oculta (assim que a tira for desenrolada), e que só poderá ser novamente obtida quando a tira for enrolada em um bastão com o mesmo diâmetro do original (KAHN, 1973; SINGH, 2014).

A criptografia começou na Antiguidade. Assim, Júlio César mencionou sua utilização nas Guerras Gálicas: ele deslocava as letras do alfabeto em três posições, substituindo, por exemplo, o a por um d, o b por um e, etc. Os Espartanos às vezes mudavam a ordem das letras. Na China, no entanto, a utilização da criptografia começou muito mais tardiamente.<sup>3</sup> (PATARIN e NACHEF, 2009a, p. 74)

Tradicionalmente, eram principalmente os linguistas que realizavam as tarefas da criptografia, mas foi durante a Segunda Guerra Mundial que matemáticos passaram a, efetivamente, trabalhar com essa ciência – apesar de ter sido o marquês francês Gaëtan Henri Léon de Viaris<sup>4</sup> o primeiro criptólogo moderno a utilizar relações matemáticas na

---

<sup>2</sup> Tradução minha de: “in a town called Menet Khufu, bordering [...] the Nile, a master scribe sketched out the hieroglyphs that told the story of his lord’s life—and in so doing he opened the recorded history of cryptology”.

<sup>3</sup> Tradução minha de: “La cryptographie a commencé dès l’Antiquité. Ainsi, Jules César en a mentionné l’usage dans La guerre des Gaules : il décalait les lettres de l’alphabet de trois positions, remplaçant par exemple le a par un d, le b par un e, etc. Les Spartiates changeaient parfois l’ordre des lettres. En Chine, en revanche, l’usage de la cryptographie a commencé beaucoup plus tardivement”.

<sup>4</sup> De Viaris escreveu o ensaio sobre criptoanálise “*L’art de chiffrer et déchiffrer*

Criptologia, “caracterizando substituições lineares em uma série de artigos em 1888”<sup>5</sup> (BAUER, 2007, p. 278) – como foram os casos do inglês Alan Mathison Turing e do alemão Hans Rohrbach. No século XXI, matemática e Criptologia foram interligadas, sobretudo devido ao avanço tecnológico, sendo a Criptologia considerada por vezes como subdomínio tanto da ciência da computação quanto da matemática aplicada, e também em disciplinas como teoria do número, teoria da informação e lógica combinatória. Além disso, com o desenvolvimento tecnológico, “para o cientista da computação, a Criptologia está progressivamente ganhando importância prática em conexão com o acesso a sistemas operacionais, base de dados e redes de computador, incluindo a transmissão de dados”<sup>6</sup> (BAUER, 2007, p. 3).

Bauer descreve a Criptologia como o estudo da “escrita secreta” (2007, p. 2), podendo esta ser cifrada, codificada ou escondida em imagens (esteganografia). Essa ciência engloba pesquisas, técnicas e todo conhecimento relativo à criptografia e à criptoanálise. A Criptologia “é uma verdadeira ciência: tem a ver com conhecimento (Latin *scientia*), aprendizagem e erudição”<sup>7</sup> (2007, p. 2). Segundo o autor, o termo *cryptologia* foi utilizado no sentido de “sigilo na escrita”, pela primeira vez, por John Wilkins, em 1641. Mas foi somente em 1967, com a publicação do livro *The codebreakers*, de David Kahn, que a palavra “Criptologia” (*cryptology*) estabeleceu-se firmemente, abrangendo os termos “criptografia” (*cryptography*) e “criptoanálise” (*cryptanalysis*). Essa ciência compreende, assim, a criptografia, que é a ciência de encriptar mensagens e textos, seja com a utilização de cifras ou de códigos, por exemplo; a criptoanálise, que, por sua vez, é a ciência de decifrar mensagens – descriptação não autorizada –, dando conta dos métodos e sistemas utilizados; e a segurança de encriptação, da qual fazem parte as regras cuja intenção é dificultar a descriptação não autorizada (BAUER, 2007).

O estudo da Criptologia é centrado no tratamento de mensagens (ou informações) cujo conteúdo deve permanecer protegido de pessoas

---

*les dépêches secrètes*”, que o tornou famoso, em 1893 (BAUER, 2007).

<sup>5</sup> Tradução minha de: “characterizing linear substitutions in a series of articles in 1888”.

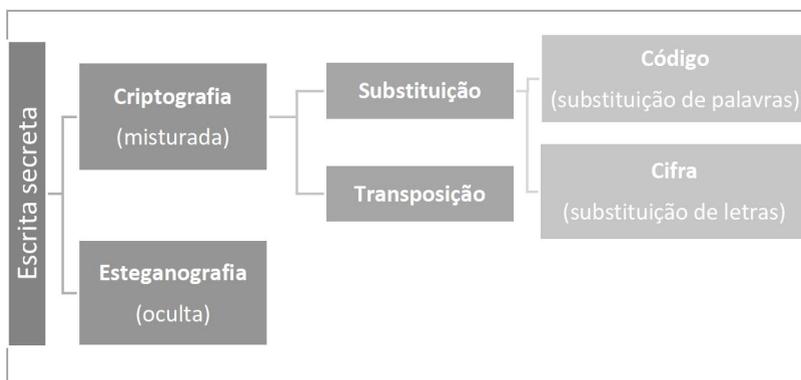
<sup>6</sup> Tradução minha de: “for the computer scientist cryptology is gaining increasing practical importance in connection with access to operating systems, data bases and computer networks, including data transmission”.

<sup>7</sup> Tradução minha de “Cryptology is a true science: it has to do with knowledge (Latin *scientia*), learning and lore.”

que não sejam os destinatários autorizados da mensagem. Por um lado, pode-se analisar maneiras de se quebrar um código, por exemplo, sem que se saiba a chave (elemento que transforma a cifragem em um método específico, pode ser uma palavra ou um quadro de alfabetos, por exemplo), e sem que haja permissão do emissor do texto – a esse ramo é dado o nome de criptoanálise; por outro, o objetivo é a criação de métodos e sistemas, como o de codificação, para que as mensagens permaneçam ocultas e só possam ser compreendidas pelos destinatários – nesse caso, a criptografia. E partindo do princípio de que, quando um código é quebrado ou um método é desvendado, há a necessidade da criação de novos processos, a criptoanálise e a criptografia se influenciam mutuamente.

As principais ramificações da Criptologia, segundo Singh (2014), que excluiu a criptoanálise de seu esquema, encontram-se no quadro 1. A apresentação das divisões a seguir influenciou a organização dos tópicos apresentados no capítulo 1, de maneira que inicio o capítulo discorrendo sobre a Criptologia de maneira geral e o finalizo tratando sobre a ramificação “Substituição – Cifra” e, mais especificamente, o método polialfabético por substituição e duas variações: a de Porta e a de Fersen, baseada no primeiro, de maneira a melhor explicitá-las, uma vez que é a partir do método de Fersen que é construída a ponte entre (de)cifragem e tradução.

Quadro 1: Esquema simplificado das ramificações da Criptologia.



Fonte: SINGH, 2014, p. 47.

De acordo com o quadro (acima), a Criptologia é dividida entre criptografia e esteganografia. A segunda tem seu nome derivado das

palavras gregas *στεγανός* (*steganos*: coberto) e *γράφειν* (*graphein*: escrita) – o termo em questão foi utilizado pela primeira vez no livro *Steganographia*, escrito por Johannes Trithemius, abade beneditino alemão, em 1499 (BAUER, 2007).

De maneira geral, o objetivo primeiro da esteganografia é ocultar a própria existência de uma mensagem, e não especificamente seu conteúdo ou significado, que pode estar escrita em uma língua natural (mensagem não-codificada) e encoberta com a utilização, por exemplo, de: imagens; tinta invisível (métodos mais rústicos compreendem a utilização de suco de limão ou de cebola e de leite, que devem ser aquecidos pelo destinatário, para que se possa obter a mensagem); cabelos, como no caso descrito por Bauer (2007), no qual Histiaeus raspou a cabeça de um de seus escravos, onde escreveu a mensagem, e esperou seu cabelo crescer, para, enfim, enviá-lo como emissário; ou, ainda, em uma microfotografia, na qual micropontos podem conter um quarto de página, por exemplo – um método desenvolvido em 1920, a partir do macroponto de Histiaeus (anteriormente mencionado) e também utilizado durante a Segunda Guerra Mundial (BAUER, 2007). Pode ser, também, “[...] expressa na forma de detalhes gráficos visíveis [...] em um escrito ou desenho, em um semagrama”<sup>8</sup> (BAUER, 2007, p. 10), ou seja, os semagramas podem ser textuais ou visuais.

A esteganografia, conforme apontam Bauer (2007) e Jasper e Pereira (2011), é ainda subdividida em duas classes: linguística e técnica. A primeira “envolve [o uso] de uma linguagem como ferramenta para esconder o segredo” (JASPER e PEREIRA, 2011) e a segunda “envolve o uso de meios técnicos para ocultar a existência da informação [...] [e] manipular diretamente o objeto da mensagem e não a mensagem em si” (JASPER e PEREIRA, 2011).

A palavra “criptografia”, por sua vez, tem origem nas palavras gregas *κρυπτός* (*kryptós*: escondido, secreto) e *γράφειν* (*graphein*: escrita). A palavra, especificamente, foi utilizada pela primeira vez em 1658, pelo físico e escritor inglês Thomas Browne (BAUER, 2007). Em oposição à esteganografia, que pode ser tratada como *covert secret writing* (escrita secreta encoberta), a criptografia, por analogia, é tida como uma *overt secret writing* (escrita secreta evidente). O objetivo, nesse caso, não é esconder a existência de uma mensagem secreta, e sim

---

<sup>8</sup> Tradução minha de: “[...] expressed in the form of visible [...] graphical details in a script or drawing”.

torná-la incompreensível aos destinatários não autorizados, com a transformação dos textos (KAHN, 1973). É subdivida em dois tipos de transformação: a substituição, sobre a qual trato no subcapítulo 1.1, e a transposição. É possível, ainda, combinar os métodos para tornar a mensagem mais segura.

Na criptografia por transposição, um texto em claro – a mensagem que será tratada de forma a se tornar secreta – tem suas letras desordenadas, formando um anagrama, mas mantendo sua *identidade* (KAHN, 1973). Por exemplo: a palavra “fórmula”, quando tratada nesse sistema, pode tornar-se ULÓFRAM ou, então, LAFURMÓ – a ordem das letras foi trocada, mas elas ainda estão presentes e é possível identificá-las. “Uma transposição ao acaso das letras oferece um nível muito alto de segurança [...] e, se as letras forem misturadas ao acaso, sem rima ou fundamento, a decodificação do anagrama se tornará impossível [...]” (SINGH, 2014, p. 23); dessarte, deve-se conhecer o sistema previamente estabelecido, como é o caso do citale espartano. No entanto, os métodos de substituição, que são mais diversos, são considerados mais importantes (KAHN, 1973).

## 1.1 CRIPTOGRAFIA POR SUBSTITUIÇÃO

Na criptografia, assim como na Criptologia em geral, alguns termos e noções foram concebidos para facilitar os estudos e sua compreensão, possuindo sua própria terminologia, assim como foram estabelecidas convenções específicas da área. Nesse sentido, a princípio, foi convencionado, por exemplo, que os textos tratados (cifrados ou em códigos) são representados em letras maiúsculas (caixa alta) e os textos em claro (mensagens decifradas ou a serem cifradas, por exemplo), em letras minúsculas (caixa baixa). Além disso, é necessário, também, ter conhecimento dos significados dos termos utilizados, como *código*, que “se refere a um tipo especial de comunicação secreta” (SINGH, 2014, p. 14) que “envolve a substituição de uma palavra ou frase por uma palavra, um número ou um símbolo”, tendo relação com os termos *texto codificado*, *codificador* e *decodificador*. O termo *cifra*, por sua vez, refere-se a “uma técnica que age num nível mais fundamental, onde as letras, no lugar das palavras, são substituídas”, relaciona-se com os termos *cifragem*, *decifragem*, *texto cifrado* etc. Ou seja, “na cifra de substituição, [...] cada letra é substituída por uma letra diferente, um número ou um símbolo [...]. Substituições num nível muito mais alto,

onde cada palavra seja representada por outra palavra ou símbolo” (SINGH, 2014), ou haja a substituição de unidades maiores, como as frases, são denominadas códigos.

Há uma diferenciação entre código e cifra, como já mencionado – no entanto, o uso do termo “código”, e algumas variantes, é empregado de maneira generalizada para se referir a todos os tipos de mensagens ou textos criptografados. E os termos *encriptar* e *decriptar* referem-se, de maneira geral, à codificação e à decodificação de códigos e cifras (SINGH, 2014).

Assim, a unidade menor, cifra, que pode ser um símbolo, um número binário (01) ou até mesmo uma letra do alfabeto latino, por exemplo, é utilizada em uma proporção pré-determinada pelo produtor do texto em claro e/ou método de encriptação. Dessarte, em um texto em claro cuja mensagem é “segredo”, pode-se obter o texto cifrado “KEOGTAS” ou, então, ao se utilizar símbolos, como “ ▽ ■ ▷ ● ◇ ◎ ▲ ”, dependendo do alfabeto e da chave utilizados. No caso da codificação, são palavras, grupos de palavras ou frases que serão transformadas em código, exemplificando: para toda ocorrência da palavra “socorro”, em mensagens que se utilizem do mesmo método, pode-se utilizar o termo “telefonema”.

Nessa ciência, a mensagem original é chamada de “texto em claro”. Quando tal texto é tratado por um sistema ou método de encriptação, passa a ser um texto cifrado (ou codificado). Consequentemente, poderá ser decifrado (decodificado) somente por aqueles que tiverem conhecimento da chave ou, então, por criptoanalistas, que possuem conhecimento para a realização da quebra do código (ou cifra) e para a recuperação do texto em claro, por exemplo.

No método de substituição, as cifras ou códigos podem ser permutados de diversas maneiras. Quando um texto em claro é tratado e suas cifras são trocadas por outras, já se tem uma mensagem codificada, partindo do princípio que exista um método a partir do qual poderá ser realizada tanto a cifragem quando a decifragem do texto. Um exemplo bem conhecido é o Código Morse – apesar de não ser de fato considerado um código ou método de criptografia, uma vez que “a mensagem não fica oculta. Os pontos e traços são meramente um meio de representar letras para a transmissão telegráfica. [...] nada mais é do que um alfabeto alternativo” (SINGH, 2014, p. 79) –, que possui um alfabeto cifrado, no qual as letras e números são substituídos pela combinação de pontos e traços (mais especificamente sons curtos e longos). Por ter se tornado amplamente difundido, mas principalmente

por depender de especialistas nesse código, que poderiam não ser confiáveis, as mensagens (sigilosas) começaram a ser cifradas ou codificadas antes de ser entregues a um telegrafista, para serem transformadas em código Morse e transmitidas via telégrafo.

Já no caso de simples substituição de letras, na qual A pode ser substituído por 5, B por 13, C por 21, e assim sucessivamente, a escolha pode ser arbitrária, contanto que todos os envolvidos tenham acesso ao alfabeto de cifras. Se, por acaso, existir mais de um substituto para uma letra, o método será denominado cifra de substituição homofônica, no qual para A poderão existir inúmeras substituições, como 5, 14, 36, 9, etc. Um alfabeto de cifras pode, também, conter cifras nulas que servirão para despistar ou confundir os destinatários não autorizados.

Em todos esses casos, nos quais apenas um alfabeto é utilizado, os sistemas são denominados “métodos de substituição monoalfabética”. Quando dois ou mais alfabetos são utilizados, em um padrão preestabelecido, o sistema é denominado “método por substituição polialfabética” (KAHN, 1973).

### 1.1.1 O método por substituição polialfabética

Giambattista della Porta, físico, astrônomo, filósofo e criptólogo nascido em Nápoles em 1535, criou um método de criptografia de chave dupla, um sistema que reúne e aprimora métodos anteriores, como o do criptólogo italiano Giovan Battista Bellaso, e que serviu como base para o que conhecemos hoje como método de substituição polialfabética. Em 1563, ele publicou o livro *De Furtivis literarum notis vulgo de Ziferis libri quinque*, no qual discorre sobre suas concepções e conceitos relacionados à Criptologia. Dentre todas as propostas contidas nesse livro, está a do método de ciframento que viria a se tornar o chamado “método de substituição polialfabética com auxílio de chave”, no qual a mensagem é cifrada com a utilização de uma palavra-chave, que pode ser modificada a cada mensagem. A grande diferença introduzida por Porta foi a de utilizar chaves literais (SACCO, 1951). Em relação à escolha das palavras-chave, o napolitano “deu a advertência expressa: ‘quanto mais afastadas forem as palavras-chave do conhecimento comum, maior será a segurança que elas fornecem’”<sup>9</sup> (BAUER, 2007, p. 211).

---

<sup>9</sup> Tradução minha de: “gave the express warning: ‘the further removed the key

Nesse método, Porta propôs o que seria considerado uma segunda chave<sup>10</sup>: a tabela que continha onze alfabetos (arbitrários) de ciframento, o que fazia com que cada letra pudesse ter um alfabeto diferente a ser utilizado, e que seria indicado pela letra correspondente da palavra-chave. O método permaneceu – durante poucos anos – como um modelo que poderia gerar cifras extremamente seguras e indecifráveis; no entanto não foi muito utilizado, sendo preferível o método de Vigenère, proposto em 1586.

Figura 1: Quadro de ciframento do método de Porta.

L I T E R A E S C R I P T I.												
L I T E R A E C H A V E S.	AB	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m
		n	o	p	q	r	f	t	u	x	y	z
	CD	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m
		z	n	o	p	q	r	t	u	x	y	
	EF	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m
		y	z	n	o	p	q	r	f	t	u	x
	GH	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m
		x	y	z	n	o	p	q	r	f	t	u
	IL	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m
		u	x	y	z	n	o	p	q	r	f	t
	MN	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m
	t	u	x	y	z	n	o	p	q	r	f	
OP	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m	
	f	t	u	x	y	z	n	o	p	q	r	
QR	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m	
	r	f	t	u	x	y	z	n	o	p	q	
ST	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m	
	q	r	f	t	u	x	y	z	n	o	p	
VX	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m	
	p	q	r	f	t	u	x	y	z	n	o	
YZ	a	b	c	d	e	f	g	h	i	l	m	
	o	p	q	r	f	t	u	x	y	z	n	

Fonte: PORTA, 1602, p. 120.

Apesar da admiração que suscitou a obra de Porta, não há indicações de autores e fontes por ele pesquisadas, o que coloca em xeque o fato de que suas ideias sejam originais. Não à toa, Bellaso (que em 1564 publicou um opúsculo, com suas ideias de 1553, sobre as cifras polialfabéticas à chave, no qual reivindicava a introdução do, entre outros, método de cifrar e decifrar um texto com apenas uma palavra-chave – no qual cada letra da chave serve para cifrar um grupo de letras) reclama para si algumas das ideias de Porta. Ainda assim, Porta continua

words are from common knowledge, the greater the security they provide”.

<sup>10</sup> Na realidade, o quadro de ciframento é considerado a primeira chave e a palavra, a segunda; o método foi, inclusive, denominado “cifra dupla” ou “*substitution à double clef*”, mas isso tornou-se obsoleto (BAUER, 2007).

sendo o idealizador das chaves literais (SACCO, 1951) e é considerado, por alguns, o “pai da criptografia moderna”.

### 1.1.2 A cifra de Fersen

Como aponta Gylden (1931), Fersen visivelmente se baseou no conhecido método de Porta, e criou o código que foi utilizado para cifrar (e, conseqüentemente, decifrar) as mensagens enviadas para Marie-Antoinette e outros destinatários, parcialmente ou em sua totalidade. A rainha, por sua vez, deveria utilizar-se do mesmo subterfúgio quando quisesse escrever alguma mensagem cujo conteúdo devesse permanecer desconhecido a olhos curiosos e inimigos, ou, mesmo, para que pudesse ler as mensagens secretas do conde.

O método de Fersen, assim como o de Porta, é chamado polialfabético por substituição, ou cifra de substituição polialfabética, uma vez que o “alfabeto cifrante” é diferente para cada letra a ser cifrada, e depende de uma palavra-chave, que pode mudar a cada carta ou mensagem. É também simétrico (ou recíproco), podendo ser utilizado tanto para cifrar quanto para decifrar uma mensagem – além disso, a chave é simétrica quando é de conhecimento do emissor e do receptor (autorizado). Contudo, como colocam Patarin e Nacheff (2009b) e Gylden (1931), o método foi, de fato, inspirado no de Porta, mas “apresenta essa vantagem de que a ordem das letras acopladas, nas caixas do quadro, está embaralhada ao acaso ao invés de apresentar alguma progressão regular”<sup>11</sup> (GYLDEN, 1931, p. 251), o que dificultaria as tentativas de acesso ao quadro. Outra diferença reside no fato de que, no método de Porta, as letras das palavras-chave são colocadas (abaixo das cifras, por exemplo) em sequência, sem a utilização de espaços em branco, devendo ser repetidas o quanto for necessário, até o fim da mensagem (SACCO, 1951); já na cifra de Fersen, a lógica para o (de)ciframento da mensagem é, geralmente, de uma letra a cada duas, a palavra-chave deve ser repetida até o fim da mensagem e, entre cada letra, deve-se colocar um traço indicando que a cifra deverá ser mantida tal qual foi apresentada (PATARIN e NACHEFF, 2009b).

---

<sup>11</sup> Tradução minha de: “présente cet avantage que l’ordre des lettres accouplées, dans les casiers du tableau, est brouillé au hasard au lieu de présenter quelque progression régulière”.

A escolha das palavras-chave é livre – no entanto, é necessário que os destinatários autorizados possuam acesso à chave em questão e que a palavra-chave não possa ser facilmente adivinhada (quanto mais extensa e afastada do senso comum, mais segura será) –, e essas, cada uma a seu turno, servem como indicativo dos alfabetos cifrantes correspondentes. No caso da correspondência entre o conde e a rainha, não se sabe ao certo como Fersen e Marie-Antoinette avisavam um ao outro (e, também, a todos os destinatários que se utilizavam desse método e se correspondiam com eles) sobre qual palavra-chave utilizar, mas os indícios mostram que eles possivelmente buscavam as palavras-chave, ou referências às mesmas em livros. Gylden (1931) escreve que uma lista de códigos<sup>12</sup> que deveriam substituir os nomes de algumas pessoas (como R para o conde de Fersen e O para a rainha) foi escrita em uma folha de papel fino, que poderia ser facilmente dissimulada em qualquer livro; Marie-Antoinette também faz referência à utilização de um livro, na carta de 31 de outubro de 1791 (anexo D), na qual escreve para Fersen que deve-se falar com o barão, possivelmente o barão de Breteuil – aliado da rainha –, a fim de “ensiná-lo a cifra e encontrar um livro”<sup>13</sup>. No entanto, em 2016, a historiadora Evelyn Farr descreveu, em seu livro *Marie-Antoinette et le comte de Fersen – La correspondance secrète*, a maneira através da qual as palavras-chave utilizadas nas cartas eram avisadas. A princípio, os remetentes e destinatários autorizados deveriam possuir a mesma edição de um de dois livros: *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, ou *De la grandeur et de la décadence des Romains*, de Montesquieu – mas somente um era utilizado (o livro escolhido também era trocado com regularidade). A dificuldade reside no fato de não se saber qual a edição exata que foi escolhida. A escolha da palavra-chave se dava da maneira como explicou Marie-Antoinette a um amigo, o militar Esterhazy, em uma carta datada de 3 de setembro de 1791:

Eu espero que vós tenhais recebido minha carta pelo S. de Rivière; nela, eu vos indico um endereço para me escrever seguramente. Quando vós cifrais, tomais sempre a primeira palavra da página, cuidando para que não tenha menos de

---

<sup>12</sup> Esses códigos não foram utilizados na redação da correspondência analisada nesta pesquisa.

<sup>13</sup> Tradução de: “mais il faudrait lui apprendre le chiffre et trouver un livre”.



os *v*: isso facilitará para nós, a letra salteada servirá somente se nós escrevermos por ocasiões”<sup>15</sup>. As mudanças seriam para os casos de as letras *j* e *v* não serem substituídas por uma letra correspondente da palavra-chave (no caso, *i* e *u*, respectivamente), o que implica a permanência das mesmas no texto em claro, quando acompanhadas por um traço (–), e não há, dessa forma, a necessidade de (de)cifrá-las; quando fosse o caso, no entanto, de estas serem cifradas, dever-se-ia substituí-las por *i* e *u*. Da mesma forma, a rainha coloca a questão da necessidade de não se utilizar a razão de duas letras para uma cifra (quando, a cada duas letras, uma é cifrada e a outra é repetida) frequentemente, como é o caso da carta de 28 de junho de 1791. Fersen concordou com essa ideia e ficou acordado que seria utilizado, além da numeração da carta (que servia como controle para o caso das cartas que fossem enviadas pelo correio), um ponto para cartas cujas letras estariam todas cifradas ou, então, dois pontos (:) que indicariam a utilização da cifra salteada. Quando as cartas eram escritas “em branco”, ou seja, com tinta invisível, constaria no início da mesma apenas um número que não estaria acompanhado de nenhum ponto (FARR, 2016).

As figuras 3 e 4, abaixo, são reproduções de duas versões do quadro de ciframento utilizado, no qual a coluna da esquerda representa a letra da palavra-chave escolhida, que vai indicar a linha e o alfabeto relacionado, o qual será utilizado para encontrar o par da letra “correspondente”. As colunas restantes representam as letras que geram as “letras de substituição” para a obtenção do texto cifrado ou em claro. A palavra-chave deve ser repetida quantas vezes for necessário, até que se chegue ao final da mensagem. Lembrando que dependeria da indicação (um ou dois pontos) no início da carta, para se saber se a razão utilizada seria uma cifra por letra ou uma cifra a cada duas letras. Além disso, a cada novo parágrafo, a palavra-chave é reiniciada; ou seja, deve-se começar novamente, a partir da primeira letra.

---

<sup>15</sup> Tradução minha de: “J’ai tres bien compris ce qui regarde le chiffre, mais il faudra toujours mettre les deux points quand les 2 mots finiront en meme tems et laisser les *j* et les *v* : cela facilitera pour nous, la lettre sauté ne servira que si nous ecrivons par des occasions.”

Figura 3: Quadro de ciframento utilizado por Axel von Fersen.

A	ab	cd	ef	gh	ik	lm	no	pq	rs	tu	xy	z&
B	bk	du	ei	fl	ga	ho	ny	ps	qx	rt	ae	sz
C	lr	ad	bg	ez	ss	ek	fm	th	ix	np	oq	vy
D	ae	&o	zb	ct	dk	fi	gs	yh	lq	nx	nr	pu
E	af	bl	ci	dhu	ek	mt	nq	or	p&	yz	sx	
F	ah	bl	ci	dge	eq	iy	kp	mu	ns	zt	so	rx
G	ag	bi	ku	el	ms	dn	ox	fp	qv	er	sz	ht
H	ai	zx	bt	uy	es	pr	do	qu	el	kn	fs	gh
J	ak	bt	es	ru	dx	np	ei	hy	li	gz	sm	oq
K	al	ob	ep	dg	re	gt	fs	uh	xi	ky	mz	sn
L	am	bz	x&	uq	yt	ps	or	in	kh	it	ge	ed
M	an	bo	pe	qd	er	st	gt	hu	ky	ix	lz	ms
N	ao	be	iq	dm	fs	ep	gn	rs	lv	zx	iu	kt
O	ap	ek	bi	mo	dq	nr	es	ty	fu	gx	hz	is
P	aq	bx	eu	dz	es	to	gv	ht	in	kr	fs	mp
Q	ar	zb	et	il	dh	sy	eu	x&	fq	mp	go	kn
R	as	bn	ho	eq	ip	dt	kr	eu	fx	fy	zm	gs
S	at	bp	eq	dr	se	fs	gu	hx	iv	kz	ln	mo
T	au	bv	em	dx	es	ls	gg	ot	ir	pn	zk	fh
V	ax	lb	eo	pr	qd	es	tg	fu	yh	in	kz	ms
X	ay	b&	ez	de	fe	gn	hi	kt	ls	nr	np	qo
Y	az	bu	ex	hd	eg	fy	ks	io	ln	pm	qs	rt

Fonte: FARR, 2016, p. 34.<sup>16</sup>

Figura 4: Adaptação do quadro de ciframento utilizado por Axel von Fersen e Marie-Antoinette.

A	ab	cd	ef	gh	ik	lm	no	pq	rs	tu	xy	z&
B	bk	du	ei	fl	ga	ho	ny	ps	qx	rt	ae	sz
C	lr	ad	bg	ez	ss	ek	fm	th	ix	np	oq	vy
D	ae	&o	zb	ct	dk	fi	gs	yh	lq	nx	nr	pu
E	af	bl	ci	dhu	ek	mt	nq	or	p&	yz	sx	
F	ah	bl	ci	dge	eq	iy	kp	mu	ns	zt	so	rx
G	ag	bi	ku	el	ms	dn	ox	fp	qv	er	sz	ht
H	ai	zx	bt	uy	es	pr	do	qu	el	kn	fs	gh
J	ak	bt	es	ru	dx	np	ei	hy	li	gz	sm	oq
K	al	ob	ep	dg	re	gt	fs	uh	xi	ky	mz	sn
L	am	bz	x&	uq	yt	ps	or	in	kh	it	ge	ed
M	an	bo	pe	qd	er	st	gt	hu	ky	ix	lz	ms
N	ao	be	iq	dm	fs	ep	gn	rs	lv	zx	iu	kt
O	ap	ek	bi	mo	dq	nr	es	ty	fu	gx	hz	is
P	aq	bx	eu	dz	es	to	gv	ht	in	kr	fs	mp
Q	ar	zb	et	il	dh	sy	eu	x&	fq	mp	go	kn
R	as	bn	ho	eq	ip	dt	kr	eu	fx	fy	zm	gs
S	at	bp	eq	dr	se	fs	gu	hx	iv	kz	ln	mo
T	au	bv	em	dx	es	ls	gg	ot	ir	pn	zk	fh
V	ax	lb	eo	pr	qd	es	tg	fu	yh	in	kz	ms
X	ay	b&	ez	de	fe	gn	hi	kt	ls	nr	np	qo
Y	az	bu	ex	hd	eg	fy	ks	io	ln	pm	qs	rt

Fonte: GYLDEN, 1931, p. 254.

Na prática, esse método funciona da seguinte maneira, ao se combinar a mensagem “Método de Fersen” com a palavra-chave “cifra”:

texto claro	m	e	t	o	d	o	d	e	f	e	r	s	e	n
chave	c	-	i	-	f	-	r	-	a	-	c	-	i	-
texto cifrado	F	E	B	O	G	O	T	E	E	E	L	S	I	N

Utilizando o quadro de ciframento, temos a letra “c” da palavra-chave que indica o alfabeto (linha) a ser utilizado, no qual encontra-se a letra correspondente de “m”: “F”. Repete-se, então, a letra seguinte, “e”, posto que está combinada com o traço. Em seguida, a letra “i” remete ao alfabeto utilizado para cifrar a letra “t”, que corresponderá à letra “B”. E assim sucessivamente, até que a mensagem esteja completamente

<sup>16</sup> Digitalização de cópia realizada a partir de documento pertencente aos Rikskiviet (arquivos nacionais da Suécia), localizados em Stockholm, registrado sob a cota: Stafsund, SE/RA/720807/10/20 (FARR, 2016, p. 33).

cifrada.

De acordo com o método e utilizando o quadro de ciframento, obtém-se como mensagem cifrada o seguinte texto: FEBOGOTEEELSIN. O destinatário autorizado da mensagem poderá decifrá-la facilmente, uma vez que possui o acesso à palavra-chave utilizada e ao quadro.

O método polialfabético, ainda utilizado no século 18, tinha a reputação de ser “praticamente indecifrável na época e a opinião desses livros de criptografia<sup>17</sup> é que Marie-Antoinette [...] utilizava um excelente método para seu tempo”<sup>18</sup> (PATARIN e NACHEF, 2009b, p. 2). Contudo, os mesmos autores colocam que um criptoanalista da época teria conseguido decifrar parcialmente as cartas com facilidade posto que Marie-Antoinette cifrava somente uma carta a cada duas e isso “tornava seu algoritmo de criptografia muito menos certo” (2009b, p. 10). Gylden, da mesma maneira, aponta que, mesmo tendo sido um trabalho pouco fácil, um criptoanalista teria conseguido encontrar a periodicidade da palavra-chave e decifrar as mensagens, contanto que conseguisse decifrar diferentemente cada agrupamento de cifras com uma mesma letra-chave (GYLDEN, 1931).

Apesar da interpretação e das análises tanto de Gylden (1931) quanto de Patarin e Nacheff (2009b), Fersen e Marie-Antoinette não utilizavam somente a razão de dois por um (em relação às palavras-chave e cifras), mas, também, como já indicado anteriormente, a de um por um (todas as letras deveriam ser cifradas). Essa mudança poderia dificultar o estudo das frequências das cifras nas cartas e do funcionamento do método; além disso, a rainha e o conde também se utilizavam da esteganografia, com o uso de tintas invisíveis e suco de limão, por exemplo, sobretudo quando as mensagens continham informações extremamente importantes – por isso nem todas as cartas foram cifradas.

A Criptologia é construída por inúmeras ramificações, cujos usos são moldados de acordo com os objetivos pretendidos. Ou seja, se um emissor deseja enviar uma mensagem cujo conteúdo seja secreto, mas não necessariamente a existência da mensagem em si, ele utilizará um dentre os diversos métodos existentes (ou, ainda, adaptá-lo-á) na

---

<sup>17</sup> Os autores fazem referência à *Decrypted Secret: methods and maxims of cryptology* (BAUER, 1997) e *The codebreakers* (KAHN, 1996).

<sup>18</sup> Tradução minha de: “pratiquement indéchiffable à l’époque et l’opinion de ces livres de cryptographie est donc que Marie-Antoinette [...] utilisait une excellente méthode pour son temps”.

criptografia; se ele deseja encobrir a existência da mensagem, irá utilizar um método pertencente ao campo da esteganografia. De maneira mais complexa, o emissor poderá, ainda, combinar diferentes métodos e, com isso, a mensagem (e seu conteúdo) ficará ainda mais segura.

É o caso das cartas escritas pelo conde Axel von Fersen e pela rainha Marie-Antoinette. Eles utilizaram, sobretudo, dois métodos oriundos da criptografia e da esteganografia, combinados, por vezes, em uma mesma mensagem. Em relação ao primeiro, como mencionado anteriormente, as mensagens eram cifradas de acordo com o método de substituição polialfabético com auxílio de chave – baseado em um método criado dois séculos antes. Em segundo, eles utilizaram com frequência tintas invisíveis para ocultar a existência de suas mensagens, caso as cartas fossem interceptadas. Nesse caso, não havia a necessidade de cifrar os textos, uma vez que os mesmos só poderiam ser lidos pelo destinatário autorizado, que saberia como tratar, seja com produtos químicos ou com o calor, por exemplo, o papel para obter a mensagem. O conde e a rainha, nesses casos, avisavam um ao outro da existência de uma mensagem encoberta no próprio texto cifrado, dificultando ainda mais a obtenção de seu conteúdo por algum destinatário não autorizado.

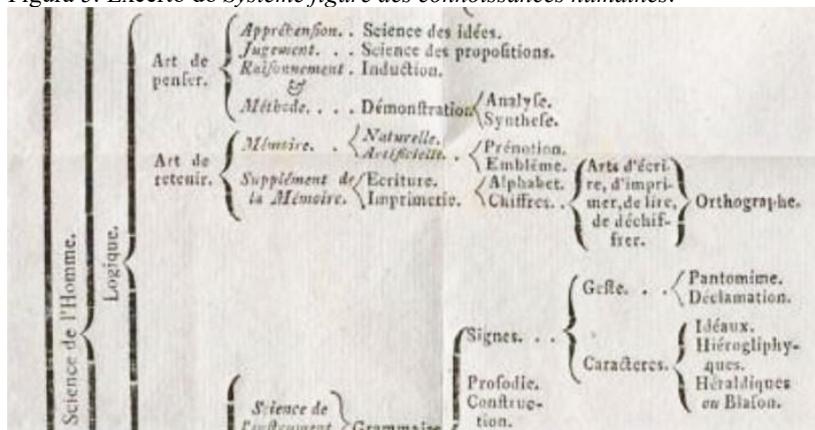
No entanto, apesar das inúmeras possibilidades que a Criptologia apresenta, a pesquisa se concentra em um único método, utilizado pelo conde e pela rainha, de maneira a analisar a (de)cifragem sob a ótica dos Estudos da Tradução. Dessa maneira, a proposta, apresentada no capítulo a seguir, contempla o método clássico de substituição polialfabético com auxílio de chave, focado nas cifras linguísticas que são utilizadas na escrita das cartas, a fim de mais bem fundamentar o referencial teórico utilizado, bem como realizar o corte necessário a essa dissertação, uma vez que, por se tratar de extensa bibliografia e metodologia, o estudo mais aprofundado de todas as ramificações da Criptologia demandaria um trabalho de maior fôlego.



## 2 (DE)CIFRAR É TRADUZIR

A proposição deste capítulo diz respeito à inserção da Criptologia e, mais especificamente, da criptografia no campo de Estudos da Tradução e, como possível consequência, o inverso (a tradução como atividade criptológica). Trata-se, na verdade, de uma possibilidade de retorno a um sistema já proposto no século XVIII, por Diderot e Alembert (1780a), na consagrada *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, um dos produtos do pensamento Iluminista da época. Neste sistema (ver anexo P), denominado pelos editores de “*Système figuré des connoissances humaines*” [Sistema figurado dos conhecimentos humanos], e apresentado no tomo I (p. xc), é possível notar que as atividades de cifrar e decifrar estão classificadas como pertencentes à Arte de Conservar (*art de retenir*), que por sua vez figura como parte da Lógica (constituindo, juntamente a outras, a Ciência do Homem, a Filosofia e a Razão):

Figura 5: Excerto do *Système figuré des connoissances humaines*.



Fonte: DIDEROT e ALEMBERT, 1780a, p. xc.

É possível notar, na imagem acima, que as cifras (*chiffres*) e o alfabeto (*alphabet*) estão juntamente classificados e que, em seguida, pertencendo à classe Ortografia (*Orthographe*) estão as artes de escrever (*d'écrire*), de imprimir (*d'imprimer*), de ler (*de lire*) e de decifrar (*de*

*déchiffrer*). Assim, durante o século XVIII, a criptografia era considerada uma arte da escrita; e, como tal, a atividade de cifrar foi apresentada em um verbete da *Encyclopédie*:

CIFRA: é um caractere enigmático composto por inúmeras letras iniciais do nome da pessoa que o utiliza; coloca-se em selos, carroças e em outros móveis. Outrora, os mercadores e comerciantes que não podiam portar brasões, os substituíam por *cifras*, isto é, as primeiras letras de seu nome e sobrenome, entrelaçadas em uma cruz ou outro símbolo, como é visto em inúmeros epitáfios antigos.

*Cifra* diz-se ainda de certos caracteres desconhecidos, disfarçados ou variados, dos quais faz-se uso para escrever cartas que contém algum segredo, e que podem somente ser compreendidas por aqueles que possuem a chave. Fez-se disso uma arte particular, denominada *Criptografia*, *Poligrafia* e *Esteganografia*, que aparenta ter sido pouco conhecida pelos antigos.

Como a escrita em *cifras* tornou-se uma arte, marcou-se também a arte de ler ou de esclarecer as *cifras* com o termo particular *decifrar*.<sup>19</sup> (DIDEROT e ALEMBERT, 1780b, p. 733-734, grifos dos autores)

Foi, então, a partir dos séculos XIX e, sobretudo, XX (como já explicitado no capítulo anterior), que a cifra (a criptografia) passou a figurar entre as ciências exatas, tornando-se uma tarefa à qual dedicam-

---

<sup>19</sup> Tradução minha de: “CHIFFRE: c'est un caractere énigmatique composé de plusieurs lettres initiales du nom de la personne que s'en sert; on en met sur les cachets, sur les carrosses & sur d'autres meubles. Autrefois, les marchands & commerçans qui ne pouvoient porter des armes, y substituoient des *chiffres*, c'est-à-dire, les premières lettres de leur nom & surnom, entrelacées dans une croix ou autre symbole, comme on voit en plusieurs anciennes épitaphes. / *Chiffre* se dit encore de certains caracteres inconnus, déguisés ou variés, dont on se sert pour écrire des lettres qui contiennent quelque secret, & qui ne peuvent être entendus que par ceux qui en ont la clé. On en a fait un art particulier, qu'on appelle *Cryptographe* [sic], *Polygraphie*, & *Stéganographie*, qui paroît n'avoir été que peu connu des anciens. [...] / Comme l'écriture en *chiffre* est devenue un art, on a marqué aussi l'art de lire ou de démêler les *chiffres*, par le terme particulier de *déchiffrer*”.

se matemáticos, especialistas e, mais recentemente, cientistas da computação. Ainda assim, criptogramas podem ser encontrados em diversos contextos relacionados às artes, tendo sido produzidos em diferentes momentos da história: a presença de criptogramas na literatura, como no caso de textos de Jules Verne; de técnicas que lembram as de esteganografia – encobrendo notas musicais –, por exemplo, na pintura de Leonardo da Vinci que retrata a última ceia (*L'ultima cena*) de Cristo e seus apóstolos; e, além de documentos militares, a presença de cifras e códigos em correspondências reais (mas não somente) e em produtos de uso cotidiano, como no caso de

Marie-Antoinette [que] também sabia como combinar amor e criptografia, como o fez o rei Edward VIII [...]. Além de seus usos diplomáticos e militares, a criptografia, do mesmo modo, tem aplicação prática e civil, para não mencionar as comerciais, como as cifras de preço dos vendedores de livros, a data de empacotamento de manteiga ou as marcas nos pneus de carros<sup>20</sup> (BAUER, 2007, p. 28).

Naturalmente, as técnicas de criptografia foram utilizadas com fins militares. Mas [...] a criptografia servia também aos apaixonados forçados a dissimular seus sentimentos a outrem... salvo ao eleito(a) por seu coração.<sup>21</sup> (PATARIN e NACHEF, 2009a, p. 74)

Atualmente, ainda existem poucas obras que tratam especificamente da história da Criptologia; a grande maioria é sobre os métodos aplicados à tecnologia e informática, contendo apenas um singelo capítulo, em cada, sobre a história milenar da Criptologia. O

---

<sup>20</sup> Tradução minha de: “Marie Antoinette also knew how to combine love with cryptography, as did King Edward VIII [...]. Besides its diplomatic and military uses, cryptography thus has its private and civil applications, not to mention the commercial ones, such as bookseller’s price cipher, or the packaging date for butter, or the markings on car tires”.

<sup>21</sup> Tradução minha de: “Une missive chiffrée est censée être incompréhensible pour celui qui la trouve s’il n’a pas la clé, car il ignore alors la façon dont elle a été codée. Tout naturellement, les techniques de cryptographie ont été utilisées à des fins militaires. Mais [...] la cryptographie servait aussi aux amoureux contraints de dissimuler leurs sentiments à autrui... sauf à l’élu(e) de leur cœur”.

livro mais completo até hoje publicado, e que ainda serve como referência para aqueles que estudam Criptologia, é o *The codebreakers: the story of secret writing*, publicado pela primeira vez em 1967 (pela Editora Macmillan) e reeditado (com alterações e atualizações feitas pelo próprio autor) diversas vezes.

## 2.1 TRADUCIFRAR

A partir dos conceitos e pesquisas relacionadas à Criptologia clássica, mas, mais especificamente, à criptografia (por substituição), proponho uma reflexão acerca da (de)cifragem como tradução, focando principalmente na utilização de cifras linguísticas. Essa reflexão surge como um *lugar comum*, o traducifrar, que se localiza entre os estudos da criptografia e os Estudos da Tradução, de maneira a relacionar ambas, e que parte do princípio de que a criptografia é uma ciência e uma arte da escrita secreta que é constituída, também, por tarefas similares às tarefas tradutórias. Ademais, com o avanço tecnológico, a Criptologia como um todo passou ao domínio das ciências ditas exatas, sobretudo no que diz respeito à informática. Mas a história escrita – mesmo que escassa – da criptografia mostra a dificuldade que existiu em classificar essa, hoje chamada, ciência.

O véu que sempre encobriu as pesquisas criptográficas e o fato de que a criptografia não seja unicamente considerada uma arte ou uma ciência verdadeiras, podendo ser classificada seja nas Letras seja na Matemática, são provavelmente as causas da grande escassez de estudos históricos relacionados a esse assunto.<sup>22</sup> (SACCO, 1951, p. 287)

É nesse sentido que se propõe, então, uma tentativa de resgate da criptografia, mesmo que parcialmente (permanecendo nesse *lugar comum*), por parte das Letras. Diz-se *resgate*, pois apesar de nunca ter

---

<sup>22</sup> Tradução minha de: “Le voile secret qui a toujours entouré les recherches cryptographiques et le fait que la cryptographie ne soit pas unanimement considérée un art ou une science véritables pouvant être rangés soit dans les Lettres soit dans les Mathématiques, sont probablement les causes de la grande rareté des études historiques se rapportant à ce sujet”.

sido, de fato, abandonada, a Criptologia, de maneira geral, passou a ser considerada uma ciência exclusivamente *exata*. Esse desvio, ainda que sistemático, não impediu, no entanto, que alguns dos recursos dessa ciência fossem utilizados pelas *artes*, por exemplo, uma vez que não são poucas as vezes em que os criptotextos – criptogramas<sup>23</sup> ou esteganogramas<sup>24</sup> – tornaram-se parte de textos literários.

A criptologia enriqueceu a literatura de outras maneiras. Muitos dos autores da antiguidade – entre eles Homero e Heródoto – mencionam a escrita secreta. Mas eles fazem alusão a eventos considerados históricos. Só depois da Renascença, quando a criptologia se tornou mais amplamente utilizada e consequentemente conhecida por muitos homens letrados, pôde ser usada como um tópico na literatura. O primeiro autor a empregá-la foi Rabelais, que em um exuberante trecho de *Pantagruel* satiriza toda a atividade de desenterrar as escritas secretas. Shakespeare menciona a interceptação, se não a criptoanálise, em *Henry V*.<sup>25</sup> (KAHN, 1973, p. 412)

Bauer (2007) também menciona, como curiosidades relacionadas à Criptologia, o autor Georges Perec que, em 1969, escreveu *La disparition*, um lipograma no qual as palavras que continham a letra “e”, a vogal mais utilizada em língua francesa, foram subtraídas – Perec também “jogava com acrônimos, acrósticos, anagramas e palíndromos”<sup>26</sup> (BAUER, 2007, p. 527) – e, também, Ernest Vincent Wright, com seu livro *Gadsby* (1939), também um lipograma escrito sem a letra “e”. Há, ainda, James Joyce, como no caso

---

<sup>23</sup> Textos e mensagens cifrados ou codificados.

<sup>24</sup> Mensagens escondidas (em imagens, por exemplo).

<sup>25</sup> Tradução minha de: “Cryptography has enriched literature in other ways. Many of the authors of antiquity – among them Homer and Herodotus – mention secret writing. But they allude to events believed to be historical. Not until the Renaissance, when cryptology became more widely used and hence known to many literate men, could it serve as a topic in literature. The first author to employ it was Rabelais, who in an exuberant section of *Pantagruel* satirizes the whole business of unearthing secret writings. Shakespeare mentions interception, if not cryptanalysis, in *Henry V*.”

<sup>26</sup> Tradução minha de: “played with acronyms, acrostics, anagrams, and palindromes”.

das últimas palavras do livro *Finnegans Wake*, assim como a existência de “quebra-cabeças criptológicos” no livro *Ulysses* (BAUER, 2007). Jules Verne, por sua vez, no livro *A jangada – 800 léguas pelo Amazonas* (1966), inseriu, como o primeiro parágrafo de seu livro, um criptograma – a ser decifrado pelas personagens durante a narrativa e que é, ao fim, decifrado para o leitor. Assim como o de Edgar Allan Poe, que

em “The Gold-Bug”, [foi] quem primeiro usou a criptologia como um elemento central. O conto não oferece somente uma das mais claras exposições da solução de uma mensagem secreta, mas o resultado de tal solução – a descoberta de um tesouro escondido – renovou as vibrações místicas entre criptologia e mágica, e reglamorizou a criptologia. Jules Verne, também, elevou o suspense de diversas de suas novelas de ficção científica com o mistério da escrita secreta.<sup>27</sup> (KAHN, 1973, p. 412)

Poe não somente utilizou a criptografia em suas narrativas como também escreveu um ensaio – “A few words on secret writing”<sup>28</sup> – sobre os resultados de suas pesquisas sobre o tema. Há de se mencionar também o escritor Arthur Conan Doyle que, na narrativa “Adventure of the dancing men”, cuja personagem principal é um detetive – Sherlock Holmes –, traz um criptograma escrito em figuras (desenhos de homens dançantes) e Holmes deve atuar como um criptoanalista para desvendar o significado dos criptogramas (KAHN, 1973).

A relação entre criptografia e literatura, ou a simples produção de textos, vai ainda além. É possível pensar que os textos não podem somente ser codificados a partir de um método criado para torná-los

---

<sup>27</sup> Tradução minha de: “in ‘The Gold-Bug’ who first used cryptology as a central element. The tale not only offers one of the clearest expositions of the solution of a secret message, but the result of that solution – the discovery of a hidden treasure – renewed mystical vibrations between cryptology and magic, and reglamorized cryptology. Jules Verne, too, heightened the suspense of several of his futuristic novels with the mystery of secret writing”.

<sup>28</sup> POE, Edgar. A Few Words on Secret Writing. In: *Graham's Magazine*, v. 19, p. 33-38, julho 1841. Disponível em: < <http://www.eapoe.org/works/essays/fwsw0741.htm> >.

secretos, no qual “deve existir um acordo ou convenção, tácita ou explícita, de modo que todas as pessoas lhe atribuam o mesmo significado”<sup>29</sup> (BORDERNAVE, 2009, p. 48); os textos escritos *são*, em sua origem, cifrados. A partir do momento em que se visualiza as letras como cifras, em um código alfabético, ou às vezes alfanumérico, passa-se a perceber que

Obras escritas, textos, são sequências de cifras; trata-se, no caso, de letras ou de outros sinais gráficos, e lê-los significa: de-cifrá-los, portanto, selecionar neles a quantidade (seu conteúdo) contida nas cifras. O escrever seleciona conteúdos por meio das cifras, e o ler, seleciona de novo o que já havia sido selecionado. Isso é o que se quer dizer com cifrar e decifrar [...]. As cifras [...] se encontram organizadas em sistemas [...]. Esses sistemas cifrados têm regras que organizam as relações entre as cifras. Denominam-se esses sistemas de “códigos” [...]. As letras são cifras de um código. (FLUSSER, 2010, p. 134)

Trata-se de uma visão que busca decifrar os textos com a leitura crítica ou, como denomina Flusser (2010), através da *decifração crítica*. O conteúdo contido em uma mensagem ou texto deve ser decifrado pelo leitor, uma vez que cada símbolo, código ou até mesmo cifra possui em si um significado claro, ou denotativo, e, ao mesmo tempo, uma variedade de significados subjacentes, e caberá ao leitor recuperá-los.

Antes de ler uma obra escrita, tem-se de saber de que código ela fez uso. Tem-se de decodificá-la, em primeiro lugar, antes de pôr a mão na massa a fim de decifrá-la. [...] Recebemos as chaves para o código alfanumérico nas mochilas da escola. Podemos nos limitar à decifração de textos. Decifrar é selecionar o conteúdo de seus recipientes. É um desdobrar daquilo que o cifrador recheou, dobrou e tornou implícito nesses recipientes. E isso não apenas ao nível das cifras

---

<sup>29</sup> Bordernave (2009), na verdade, discorre sobre os signos criados pelos homens (e códigos formados por tais signos), e que, para que haja comunicação e entendimento entre os indivíduos, é necessário que todos conheçam seus significados.

isoladas, mas em todos os níveis da mensagem codificada. (FLUSSER, 2010, p. 134-135)

Ao mesmo tempo, é o leitor que deve atribuir sentidos ao texto, e não mais deduzi-los daquilo que lê (FLUSSER, 2010). Reside aí uma das diferenças entre um *texto criptografado* e um *texto cifrado*<sup>30</sup>. A conotação e a denotação existem simultaneamente em *textos cifrados*, a partir dos quais um leitor pode inferir e desvendar os sentidos, e não somente os significados daquilo que lê. Isso não acontece no caso de um *texto criptografado*, cujas cifras ou códigos pertencem ao campo da monossemia, ou seja, cada cifra ou código deve ter um significado e um sentido apenas, indicado por um dicionário de significados ou em um alfabeto, dos códigos e cifras em questão respectivamente, e estabelecidos previamente. Ou seja, apesar de possuírem, a certo nível, elementos que não são claros a um leitor desatento ou que desconhece o sistema, possuem, em seu cerne, pura e simplesmente elementos denotativos, cuja significação será única e determinada a partir de uma convenção entre aqueles que utilizarão o código.

Nossas línguas são códigos nos quais diversos tipos de palavras se cifram em símbolos, para representar conceitos, e regras de construção sintática em regras de pensamento. Trata-se de códigos duplamente cifrados. Agora, os códigos tendem em direção a dois horizontes que se opõem. À denotação, no qual cada símbolo significa um único elemento em seu universo, e à conotação, no qual cada símbolo significa uma região definida sem precisão e cada elemento no universo é significado por mais de um símbolo. A vantagem desse código denotativo (por exemplo, a lógica simbólica) é distinção e clareza; a de um código conotativo (por exemplo, a pintura) é a plurissignificação, isto é, a variedade de

---

<sup>30</sup> Nos estudos de criptografia, tais termos poderiam ser utilizados em um mesmo contexto, com significados aproximados (uma mensagem criptografada pode o ser, também, no nível do código, e não somente da cifra, por exemplo); no entanto, faço aqui uma diferenciação entre um texto criptografado, no qual foi utilizado um método de ocultação de mensagem, próprio à criptografia, e um texto cifrado, o qual poderia ser escrito em uma língua natural – como propôs Flusser (2010) –, com cifras alfanuméricas, e o qual o leitor decifra à procura dos significados subjacentes, tal qual um texto literário, por exemplo.

possibilidades de interpretação. A dupla cifração de nossas línguas permite que elas se estendam para ambos os horizontes. Podemos falar tanto de maneira exata e precisa (denotativa) quanto de maneira plurissignificativa e dúbia (conotativa). Nós podemos falar até mesmo das duas maneiras simultaneamente. Para isso, nossas línguas são códigos extraordinariamente fecundos. O universo delas é extraordinariamente rico. (FLUSSER, 2010, p. 105-106)

A questão da relação da polissemia com os códigos, sobretudo em relação à conotação e à denotação em um *texto criptografado*, pode ser exemplificada pela seguinte anedota:

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira”. Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*”. (ZIZEK, 2011, p. 11, grifos do autor)

O código, então, é a utilização de tinta vermelha nos textos. É essa cor que indicará a veracidade daquilo que é reportado nas cartas escritas pelo operário alemão. Somente o saberão aqueles que detêm a informação de que uma mensagem, se escrita em vermelho, será inverossímil; os leitores em geral, contudo, acreditarão que se trata somente de um relato. No entanto, como conta a anedota, não se é possível encontrar a tinta na cor desejada; o único subterfúgio disponível é fazer uma referência ao código por meio da palavra escrita (“não se consegue encontrar *tinta vermelha*”) no próprio texto. Há, então, a presença do elemento denotativo, “tinta vermelha”, que é simplesmente indicativo de um produto, mas também do elemento conotativo, que

“consiste em sua capacidade de despertar um significado complementar” (BORDERNAVE, 2009, p. 50) pelo fato de que, nesse caso, “tinta vermelha” quer dizer que tudo o que foi recém descrito é mentira. Isso não quer dizer que um código possa ser polissêmico, pois ele deve possuir somente um significado, que será recuperado pelos destinatários autorizados. Não há outros sentidos a serem atribuídos ao texto: “tinta vermelha” significa, para o grupo específico de interlocutores, mentira – ainda que o código utilizado se mostre passível de manipulação e, possivelmente, de erros de decodificação por aqueles que não possuem acesso ao método previamente estabelecido.

Nesse contexto, como cita Beaulieu (2005), existem ainda os métodos que ele denomina “de sinônimos” (*méthode de synonymes*, p. 170), nos quais se disfarça um texto, com a utilização de sinônimos, aos quais podem ser atribuídos sentidos diversos, cuja aparência resultante é a de um texto “normal” (*Ibidem*); ou a “escolha de palavras em um texto” (*le choix des mots dans un texte*, p. 176), quando um censor substitui algumas palavras por sinônimos com o intuito de evitar transmissões secretas com palavras codificadas – trata-se, então, de um método de esteganálise – (BEAULIEU, 2005). A escolha das palavras na produção de texto, se provada a utilização do método com tal fim (BEAULIEU, 2005), pode ser considerada como codificação caso o autor do texto tenha o intuito de mascarar a mensagem de algum modo. É o caso, por exemplo, da canção “A rosa de Hiroshima” (uma versão musicada do poema homônimo, de Vinicius de Moraes<sup>31</sup>, que denunciava os horrores da Segunda Guerra Mundial), gravada pela banda Secos e Molhados, em 1973, durante a ditadura militar, que, entretanto, ganha uma ressignificação política a partir do contexto histórico em que surge, utilizando-se do significante “rosa”, devido à censura, para referenciar o significante “bomba”:

Pensem nas crianças / Mudas telepáticas / Pensem nas meninas / Cegas inexatas / Pensem nas mulheres / Rotas alteradas / Pensem nas feridas / Como rosas cálidas / Mas oh não se esqueçam / Da rosa da rosa / Da rosa de Hiroshima / A rosa hereditária / A rosa radioativa / Estúpida e inválida / A rosa com cirrose / A anti-rosa atômica / Sem cor sem perfume / Sem rosa sem nada. (MORAES, 2003, p. 135)

---

<sup>31</sup> MORAES, 2003.

Textos escritos, códigos, seqüências de cifras, não importa qual seja a língua ou linguagem, serão, eventualmente, objetos de traduções. Com esse pensamento e considerando que todo texto codificado possui significação, é necessário se pensar em como *dizer* em outra língua aquilo que está contido em um texto criptografado. Pensar no que é e em como funciona a tradução de cifras.

Nossas línguas [...] possuem, cada uma respectivamente, uma gramática própria. Isso permite-nos traduzir de uma das nossas para outras, sem cair, contudo, da rede que nos suporta. E a tradução é um método poderoso para ampliar e aprofundar nosso universo. Pois nossas línguas são sistemas abertos: elas permitem que elementos de outras línguas (léxico e gramática) as complementem sem perder seu caráter. Traduções nos capacitam a dizer de outra maneira em nossa língua aquilo que foi dito anteriormente. (FLUSSER, 2010, p. 104)

Dessa forma, nossas línguas, como *sistemas abertos*, permitem, também, a utilização de elementos de outras linguagens e códigos, como as linguagens artificiais e os códigos matemáticos. É a partir dessa flexibilidade que conseguimos, sobretudo quando do advento e da evolução da tecnologia, tornar cada vez mais nosso pensamento evidente (FLUSSER, 2010).

Romanini traz, em seu livro *La cryptographie dévoilée ou art de traduire ou de déchiffrer toutes les écritures* [A criptografia desvelada ou arte de traduzir ou de decifrar todas as escrituras], de 1840, a noção de criptografia (ou criptoanálise) como tradução, utilizando por diversas vezes o termo “tradução” para substituir o que poderia ser definido como “texto em claro” ou “texto decifrado”. A partir disso, pode-se pensar na Criptologia como um campo de estudo interligado à tradução. Já em 1951, Sacco conceitua dois termos relacionados à criptografia da seguinte maneira:

- a) Cifrar significa traduzir a linguagem clara em linguagem cifrada. [...]
- f) Decifrar significa traduzir a linguagem cifrada em linguagem clara, utilizando o método de

ciframento que se possui por direito.<sup>32</sup> (SACCO, 1951, p. 15)

A divergência entre as proposições de Sacco (1951) e de Romanini (1840) reside no fato de que o primeiro não considera a criptoanálise como uma atividade de tradução, uma vez que o criptoanalista não é o destinatário autorizado. Nesse caso, ocorre uma aplicação de métodos diversos para que se possa recuperar a mensagem sem, necessariamente, ser o destinatário e sem se conhecer a palavra-chave ou ter acesso ao dicionário de códigos previamente convencionado.

Como coloca Berman, na introdução ao livro *A tradução e a letra*, a tradução é um espaço aberto, convidando às reflexões acerca dessa experiência de natureza *plural*:

Não existe *a* tradução (como postula a teoria da tradução), mas uma multiplicidade rica e desconcertante, fora de qualquer tipologia, *as* traduções, o espaço *das* traduções, que cobre o espaço do que existe em todo e qualquer lugar *para-traduzir*. (p. 31, 2013)

As tarefas da Criptologia, tanto criptografia quanto criptoanálise, são muito similares às tarefas de tradução. A partir de um texto fonte, o *texto em claro*, será gerado um novo texto que, apesar de codificado ou cifrado, ainda contém significado. O receptor também traduz a mensagem, interpretando o texto codificado, com o auxílio de um quadro de alfabetos (uma tabela de substituição de cifras, por exemplo), se for o caso, ou de uma lista ou dicionário de códigos preestabelecidos.

Umberto Eco, em *Quase a mesma coisa*, apresenta a seguinte concepção do ato de traduzir, incluindo nessa concepção o leitor, ou intérprete:

Traduzir quer dizer entender o sistema interno de uma língua, a estrutura de um texto dado nessa língua, e construir um duplo do sistema textual que, submetido a uma certa discricção, possa

---

<sup>32</sup> Tradução minha de: “a) Chiffrer signifie traduire le langage clair en langage chiffré. [...] / f) Déchiffrer signifie traduire le langage chiffré en langage clair, en utilisant le moyen de chiffrement que l’on possède de droit”.

produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintático, quanto no plano estilístico, métrico, fono-simbólico, e quanto aos efeitos passionais para os quais tendia o texto fonte. (p. 17, 2007)

Relacionando essa visão, trazida por Eco, à criptografia, tem-se a ideia de que um texto em claro teria o mesmo valor que o texto dado, o texto fonte. Assim, o texto cifrado seria seu duplo, mas representado em um outro sistema, que depende do método de cifra ou codificação empregado. A partir dessa ideia, é incluído também o intérprete, no caso o receptor autorizado do texto, que irá traduzi-lo novamente para obter a mensagem.

### **2.1.1 Categorias de tradução**

Nesse sentido, Jakobson (1977), cujas reflexões serviram de base para o próprio Eco, discorre sobre a relação entre o código de uma língua e o receptor, dentro de um sistema de teoria da comunicação no qual o processo

opera com um codificador e um decodificador. O decodificador recebe a mensagem. Conhece o código. A mensagem é nova para ele e, por via do código, ele a interpreta. [...] É a partir do código que o receptor compreende a mensagem. A posição do linguista que decifra uma língua que não conhece é diferente. Ele tenta deduzir o código da mensagem: dessarte, ele não é um decodificador, é o que se chama um criptanalista. O decodificador é um destinatário virtual da mensagem. [...] É evidente que os linguistas devem explorar a técnica dos criptanalistas; e, naturalmente, quando nos servimos durante muito tempo de uma técnica, acabamos por acreditar que é o procedimento normal. Mas em verdade um método desses representa apenas um papel marginal e excepcional na comunicação comum, e a tarefa do linguista é começar como criptanalista para acabar como o decodificador normal da mensagem. (p. 23, 1977)

Ou seja, Jakobson empregou termos também utilizados na Criptologia para descrever o funcionamento de um processo de comunicação. O codificador é o emissor da mensagem, que compõe o texto e, em seguida, o encripta, no caso da criptografia. O decodificador é o destinatário autorizado, o indivíduo a quem, de fato, a mensagem é destinada; somente ele, além do próprio emissor, possui a chave para decodificar o texto. No entanto, caso o texto seja lido por um receptor não autorizado, este poderá atuar como criptoanalista e tentará “quebrar” o código utilizando-se de técnicas específicas.

Paralelamente, o autor traz a noção citada ligada ao ato da comunicação e, também, de tradução. O emissor utiliza-se de um código, uma língua como o português, por exemplo, para comunicar uma mensagem. O receptor, conhecedor do mesmo idioma, poderá facilmente compreendê-la (decodificá-la) e abstrair um sentido da mesma. Se o receptor, ou destinatário, não tiver se apropriado do código (língua), ele não poderá compreender a mensagem, a não ser que aja como criptoanalista e desvende por meio de subterfúgios diversos o código e, dessa maneira, a mensagem.

A tradução, então, está diretamente relacionada com esse processo comunicativo. No entanto, geralmente, em vez de se tratar de apenas um código, uma língua, o tradutor, ou linguista, se utilizará de, pelo menos, dois códigos, dois sistemas de signos. Da mesma forma funciona a criptografia: um texto em claro que será encriptado através de um método pré-determinado (a substituição de cifras, por exemplo) e se tornará um outro texto, mas que carregará consigo a mesma mensagem.

Jakobson também concebeu reflexões acerca da tradução, especificamente. Em seu texto “Aspectos linguísticos da tradução”, ele propõe três espécies de tradução, classificadas diferentemente:

1. A tradução intralingual ou *reformulação* (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
2. A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
3. A tradução intersemiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais

por meio de sistemas de signos não-verbais.  
(1977, p. 64-65)

A Criptologia pode ser encaixada nas três espécies de tradução classificadas por Jakobson. Isso ocorre uma vez que a Criptologia *funciona* de diversas maneiras. Pode-se esconder mensagens em imagens, como quadros e fotografias, e escrever *textos* com signos não verbais, com símbolos aleatórios, por exemplo. Nesse caso, encontraríamos a terceira espécie de tradução, a intersemiótica. Como tradução interlingual aplicada à Criptologia, há a utilização do método de substituição polialfabético, por exemplo, no qual é possível *traduzir* as cifras de maneira que o receptor, autorizado ou não, seja capaz de obter a mensagem; assim, NXNUIBUL será traduzido por *parentes*, caso o método utilize a palavra-chave *virtude* (e dependerá, também, do alfabeto utilizado). Dessa forma, temos um texto fonte escrito em uma *linguagem artificial*, do universo da criptografia, traduzido para uma outra, uma *língua natural*.

Além disso, pode-se, também, codificar mensagens utilizando-se de signos verbais, palavras ou frases “comuns” que possuiriam significados específicos para o emissor e o destinatário autorizado, como *lavaremos somente as roupas brancas* pode significar, durante um ataque em um período de guerra, *atacaremos somente a infantaria*, por exemplo. Esse caso encaixa-se na primeira das categorias (tradução intralingual) de Jakobson, uma vez que trata-se da utilização de signos de um mesmo sistema (língua) que remetem a outro significado que não o seu próprio (original).

Assim, dentro dessa concepção, encontra-se a ideia de signo proposta por Peirce, que traz a noção da relação triádica “signo/objeto/interpretante”, na qual um signo é

Qualquer coisa que determina que alguma outra coisa (seu *interpretante*) se refira a um objeto ao qual ele próprio se refere (seu *objeto*) do mesmo modo, o interpretante tornando-se, por sua vez, um signo, e assim *ad infinitum*. (p. 74, 2003)

Ou seja, “o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’” (JAKOBSON, p. 64, 1977). Dessa maneira, a relação entre a criptografia, ou a (de)cifragem mais especificamente, e a tradução fica mais clara. Quando se traduz de um sistema de signos para

outro, analisando a partir de uma visão superficial e extremamente abrangente, está se trocando um signo por outro, seja na tradução intralingual, na intersemiótica ou na interlingual. Por outro lado, a partir de um ponto de vista mais aprofundado, percebe-se é necessário que se tenha noção de que um texto a ser traduzido está envolto em toda uma rede formada pelos significantes, pela cultura, pelo contexto e inúmeros outros elementos, presentes tanto na *fonte* quanto no *alvo*. Mas, de maneira geral, tanto tradução quanto (de)cifragem trabalham com o desvendar de sentidos.

Com relação a isso, Peeter Torop traz, em seu ensaio “Translation as translating as culture”, a reestruturação do esquema classificatório de traduções de Jakobson, feita por Toury, em 1986:

A transformação da classificação de Jakobson também é importante. Isso foi primeiramente feito por Gideon Toury, que reestruturou o esquema de Jakobson para o *Encyclopedic Dictionary of Semiotics* [Dicionário enciclopédico de Semiótica]. Primeiro e principalmente, Toury diferencia dois tipos de tradução – tradução intrasemiótica e tradução intersemiótica. [...] Tradução intrasemiótica pode ser dividida em dois subtipos – tradução intrassistêmica e tradução intersistêmica. Tradução intrassistêmica corresponde à tradução intralinguística de Jakobson e tradução intersistêmica, por sua vez, responde à tradução interlinguística.<sup>33</sup> (TOROP, p. 597, 2002)

Trata-se, de certa forma, da utilização de diferentes nomenclaturas e de uma diferenciação nas divisões dos tipos de tradução, assim como em uma mudança de percepção de tradução. Toury considera a tradução intralinguística de Jakobson como uma tradução

---

<sup>33</sup> Tradução minha de: “The transformation of Jakobson’s classification is also important. This was first done by Gideon Toury who restructured Jakobson’s schema for the *Encyclopedic Dictionary of Semiotics*. First and foremost, Toury differentiates between two types of translation — intrasemiotic translating and intersemiotic translating. [...]. Intrasemiotic translation can be divided into two subtypes — intrasystemic translating and intersystemic translating. Intrasystemic translation corresponds to Jakobson’s intralinguistic translation and intersystemic translation in its turn answers to interlinguistic translation.”

realizada entre textos pertencentes ao mesmo sistema linguístico. No entanto, para Torop, como coloca Trifonas, a classificação de Jakobson necessita de complementos, uma vez que não leva em consideração nem a cultura na qual um texto, por exemplo, foi produzido nem a abordagem semiótica de forma mais ampla, estendendo a relação entre vários sistemas semióticos (TRIFONAS, 2015). Torop, referindo-se às acepções de Umberto Eco (que foram baseadas tanto em Peirce quanto em Jakobson e que contribuíram para o seu sistema de classificação), comenta: “Eco enfatiza a declaração de Peirce de que o significado, em seu senso primário, é uma ‘tradução de um signo em um outro sistema de signos<sup>34</sup>’ (TOROP, 2002, p. 597).

Assim funcionam, de acordo com tais proposições, as traduções interlingual e intersemiótica – e até mesmo a intralingual, quando se pensa na metáfora, por exemplo –, ou todo o sistema de comunicação, quando se utiliza um signo *x* para se dizer *y*, pois os signos, dentro de cada sistema, podem ser intercambiáveis, dependendo de seu uso. Mais especificamente, a tradução intersemiótica traz consigo o uso de signos não verbais, a tradução de um signo por outro que faz parte de outro sistema.

No caso da Criptologia como tradução, é possível aliar o conceito a diversas classificações de tradução, como as propostas por Jakobson. Isso se deve ao fato de que dentro do próprio campo da Criptologia encontram-se inúmeras formas de tornar uma mensagem ininteligível a destinatários não autorizados (objetivo primeiro da criptografia), seja com a utilização de métodos de substituição que utilizam alfabetos latinos ou alfabetos compostos por símbolos ou, ainda, com a utilização de imagens.

### 2.1.2 Tradução onipresente

A noção da qual se pode, também, partir, é a de que a tradução é intrínseca ao ser humano, uma vez que o falar em si já é traduzir. Traduzir o pensamento em *verbo*, articulá-lo, expressar-se e fazer-se entender. Ou, como coloca Octavio Paz, “aprender a falar é aprender a traduzir”<sup>35</sup> (1971, p. 1). É nesse sentido também que Paulo Rónai, em

---

<sup>34</sup> Tradução minha de: “On the one hand, Eco emphasises Peirce’s statement that meaning, in its primary sense, is a ‘translation of a sign into another system of signs’ ”.

<sup>35</sup> Tradução minha de: “Aprender a hablar es aprender a traducir”.

1981, descreve as possíveis traduções presentes no cotidiano:

A tradução [...] *interlingual*, isto é, a reformulação de uma mensagem num idioma diferente daquele em que foi concebida. Quer dizer que dele está excluída qualquer outra operação intelectual a que o termo *tradução* se possa aplicar em sentido figurado. Ao vazarmos em palavras um conteúdo que em nosso pensamento existia apenas em estado de nebulosa, fenômeno constante em todos os momentos conscientes da vida, estamos também traduzindo, mas praticamos a tradução *intra lingual* [...]. Além disto, estamos traduzindo também quando, através das fórmulas usadas por nosso interlocutor [...], tentamos descobrir o seu pensamento verdadeiro [...]. Pode-se falar, enfim, de tradução *intersemiótica*, aquela a que nos entregamos ao procurarmos o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico, mesmo desacompanhado de palavras. (p. 16-17, grifos do autor.)

À descrição de Rónai, é possível alinhar as categorias de tradução propostas por Jakobson (1977). Ao se construir um paralelo entre tais categorias, pode-se observar que, para ambos, a tradução interlingual seria a denominação dada ao que se entende por tradução, no senso comum: traduzir de uma língua a outra, ou seja, uma grande parcela da população vê a tradução como “uma atividade puramente mecânica em que um indivíduo [...] vai substituindo, uma por uma, as palavras de uma frase na língua A por seus equivalentes na língua B” (RÓNAI, 1981, p. 17). Isso demonstra, de certa maneira, uma concepção restritiva da tradução, uma vez que reduz o ato tradutório à troca de signos de uma língua a outra, ignorando a diversidade de textos (sejam eles verbais ou não) e o importante papel da cultura e do contexto em que um texto, por exemplo, foi criado. Não à toa, retomando a análise de Trifonas (2015), a classificação proposta por Jakobson é considerada incompleta, visto que não considera diversos fatores inerentes aos inúmeros tipos de textos que podem ser traduzidos. Em contrapartida, Rónai propõe reflexões acerca das traduções intralingual e intersemiótica que se afastam daquilo proposto por Jakobson. O autor desvencilha-se das concepções engessadas de tradução e expõe conceitos mais abrangentes para a tradução, demonstrando que não basta

mais definir o ato tradutório como algo que ocorre durante a interpretação de signos, tanto em uma mesma língua quanto entre duas ou entre diferentes sistemas de signos. É necessário que se amplie o espaço no qual se reflete a tradução, seja na prática ou na teoria.

Seguindo essa mesma visão, Berman descreve a sétima tarefa da sua concepção de tradutologia, demonstrando a importância da construção de uma reflexão acerca das “fronteiras da tradução” e a necessidade da exploração dos limites da mesma. É dividida em dois eixos, não excludentes e não categorizados hierarquicamente: horizontal e vertical. O eixo horizontal da sétima tarefa propõe, então, uma articulação das “áreas de transformação”, de maneira a criar um diálogo entre “a da leitura, a das ‘interpretações’, a das transferências e mudanças em todos os gêneros e que podem ser literárias, artísticas, científicas, etc.” (BERMAN, 2009, p. 350), inerentes também ao campo da tradução, e que, dessa forma, enriqueceriam o campo dos Estudos da Tradução ao apresentar novos olhares e novas maneiras de refletir as teorias tradutórias, que surgem também da reflexão da própria prática de tradução. Já o eixo vertical vai ao encontro do que propõem Paz (1971), Rónai (1981) e mesmo Berman (2009; 2013), quando esse faz referência à natureza *plural* da tradução. Esse eixo reside na ideia de que

a tradução vive uma mudança de sentido metafórico, quando ela acaba por designar a essência dos atos de fala, de escrita, de pensamento e mesmo de existência. Esse emprego metafórico do “conceito” de tradução já é constante no discurso cotidiano, mas foi radicalizado por uma longa linhagem de autores, desde o século 18. (BERMAN, 2009, p. 350)

Assim, a concepção de tradução torna-se mais abrangente, mas não é necessariamente banalizada. Ou seja, a partir do momento em que aquilo que se entende por tradução deixa de ser uma mera transferência de signos entre sistemas e passa a ser entendido como uma ação mais complexa e inerente ao ser humano, o espaço plural da tradução ganha mais valor exatamente por ter abandonado esse aspecto mecânico do qual trata o senso comum. Trata-se, na verdade, da aceitação da tradução como algo que é necessário para todas as atividades, sobretudo as *intelectuais*, humanas, inclusive referentes a todas as áreas de produção de conhecimento. Como coloca SARUKKAI, a “tradução está no

coração do discurso científico”<sup>36</sup> (2001, p. 648), mas não somente; ainda assim há pouco engajamento e diálogo entre os dois campos. E isso acontece devido a uma percepção ingênua da tradução (SARUKKAI, 2001).

Contudo, quando se pensa nesse espaço plural da tradução e a pesquisa reside em um espaço também plural, no qual todas as ciências têm lugar, o campo amplia-se e novas possibilidades de reflexão surgem. A pluralidade desse espaço permite, assim, que se cruzem as fronteiras entre os campos de pesquisa, como é o caso da tradução de cifras.

Ao se pensar na questão das cifras linguísticas (letras do alfabeto que funcionam como cifras em um determinado método) como signos linguísticos, é possível notar que trata-se de um ato tradutório, uma vez que um signo sempre significará outro signo, “uma palavra pode ser substituída por outra e cada frase pode ser dita (traduzida) por outra. Parodiando Charles Sanders Peirce, pode-se dizer que o significado de uma palavra é sempre outra palavra<sup>37</sup>” (PAZ, 1791, p. 7). Seguindo a lógica de Paz e, conseqüentemente, de Peirce, o significado de um texto poderá ser outro texto; dessa forma, um texto, mesmo estando criptografado, será um texto que carrega em si o “significado” do *original*, será sua tradução, mesmo sendo essa tradução intralingual (quando, por exemplo, um texto seja criptografado utilizando-se um alfabeto latino, como no caso, já mencionado, das cifras linguísticas). Dessarte, todo texto é tradução, seja de um outro texto, seja como expressão de pensamento.

De acordo com essa ideia, e levando em consideração que texto é o “dado primário de todas essas disciplinas [...]” e, enfim, “se concebe o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes [...] opera com textos (obras de arte)” (BAKHTIN, 2016, p. 71), é possível estabelecer relações diretas com a criptografia, “a arte de escrever por meio de signos ou de imagens alegóricas”<sup>38</sup> (MIGNÉ, 1854, p. 10), uma vez que esta opera em um espaço amplo, no qual tudo pode ser considerado texto,

Todos os objetos da natureza, como as plantas, as

---

<sup>36</sup> Tradução minha de: “translation is at the heart of the scientific discourse”.

<sup>37</sup> Tradução minha de: “una palabra puede ser sustituida por otra y cada frase puede ser dicha (traducida) por otra. Parodiando a Charles Sanders Pierce podría decirse que el significado de una palabra es siempre otra palabra”.

<sup>38</sup> Tradução minha de: “La *Cryptographie* est l'art d'écrire par des signes secrets ou des images allégoriques”.

flores, os frutos, os animais, os minerais, as estrelas, as cores, etc., todos os elementos que fornecem as ciências ou as artes, como os números, as letras, as cruces, os pontos, as siglas, etc., todos os produtos, os meios e os procedimentos da indústria, como os laços, os nós, os papéis coloridos, os odores, etc.; todos os objetos da criação de Deus e do homem, em sua imensurável infinidade, podem receber uma significação particular e servir, assim, para manifestar e para comunicar seus pensamentos. Tudo isso depende das convenções que regulamentam e determinam uma primeira vez o valor dos signos ou das alegorias destinadas a representar sejam as letras de nosso alfabeto, sejam as palavras da língua, sejam os pensamentos inteiros.<sup>39</sup> (*Ibidem*)

E, a partir desses textos, são criadas novas significações que farão parte de um código conhecido apenas por aqueles por quem a mensagem (o texto) é criada ou a quem é destinada, não importando a forma em que o texto é apresentado. Migné (1854), em seguida, discorre, principalmente, sobre a utilização das flores e seus mais variados *novos* significados, e inclusive apresenta uma lista, excerto de um dicionário da linguagem das flores, criado pelo botânico M. Troncin, cujo prefaciador indica que “um buquê bem escolhido e bem montado é uma frase perfeitamente completa”<sup>40</sup> (MIGNÉ, 1854, p. 11). Além do uso das flores, foi muito comum também o uso da linguagem secreta dos leques

---

<sup>39</sup> Tradução minha de: “Tous les objets de la nature, tels que les plantes, les fleurs, les fruits, les animaux, les minéraux, les étoiles, les couleurs, etc., tous les éléments que fournissent les sciences ou les arts, tels que les chiffres, les lettres, les croix, les points les sigles, etc., tous les produits, les moyens et les procédés de l'industrie, tels que les rubans, les nœuds, les papiers colorés, les odeurs, etc.; tous les objets de la création de Dieu ou de l'homme, dans leur innumérable infinité, peuvent recevoir une signification particulière et servir ainsi à manifester et à communiquer ses pensées. Tout en cela dépend des conventions qui règlent et déterminent une première fois la valeur des signes ou des allégories destinés à représenter soit les lettres de notre alphabet, soit les mots de la langue, soit les pensées entières”.

<sup>40</sup> Tradução minha de: “un bouquet bien choisi et bien noué est une phrase parfaitement complète”.

(acerca da qual foi publicado, no século XIX, um fascículo<sup>41</sup> concebido por Jean-Pierre Duvelleroy, artesão de leques), na qual cada movimento realizado com um leque possuía um significado diferente. Esses textos, *conjuntos coerentes de signos*, são exemplos de mensagens codificadas utilizadas no cotidiano, as quais precisam, necessariamente, passar por um processo tradutório para que obtenham os significados subjacentes (relativos aos códigos criados).

Dessarte, a tradução está presente em tudo. É onipresente no sentido de que as ações cotidianas, por exemplo, são, também, tradução – das mais simples, como traduzir o pensamento em fala, às ações mais complexas, como transpor textos de uma língua a outra ou de um sistema de signos para outro, quando interpreta-se um enunciado científico ou, como exemplifica Rónai (1971), a expressão facial de um interlocutor, a linguagem dos leques etc. Assim, quando estendem-se as fronteiras daquilo que se entende por tradução e aceita-se, enfim, a ideia da existência de um *espaço plural da tradução* (BERMAN, 2009), torna-se possível que as teorias, sejam elas científicas, literárias, sociais e, sobretudo, tradutórias, acompanhem (ou se espera que o façam) o processo, de maneira a evitar que se tornem obsoletas – da mesma maneira que evolui a sociedade, suas necessidades e pensamentos.

### 2.1.3 Tradução, codificação, intenção

Outro problema contingencial reside no despreparo ao se lidar com um texto criptografado. É possível se deparar com a intraduzibilidade de uma mensagem ou termo quando o destinatário autorizado não possuir a palavra-chave necessária para traduzir o criptograma ou por erros na aplicação, pelo desconhecimento do método de ciframento aplicado ou, ainda, na incapacidade de abstrair os significados subjacentes, que foram convencionados *a priori*. Contudo, a intraduzibilidade de uma mensagem pode ser revertida com uma revisão do processo aplicado, por exemplo. Ou, então, através da criptoanálise, que se propõe a desvendar a lógica do método aplicado e as mensagens, sem a necessidade de obter os processos utilizados na produção do criptograma. O criptoanalista se encarrega de descobrir

---

<sup>41</sup> “Feuillet du Langage de l'éventail tel que publié par Duvelleroy à Londres”. Imagem disponível na *Galerie Histoire*, da Maison Duvelleroy. Disponível em: < <http://eventail-duvelleroy.fr/fr/content/12-galerie> >.

como foi escrito o texto, de que maneira foi realizada a cifra. No entanto, a criptoanálise, de certa forma, utiliza-se de técnicas específicas para a quebra dos métodos de encriptação, por vezes após inúmeras tentativas, que podem, contudo, mostrarem-se infrutíferas sobretudo com o advento da informática (a partir do qual a produção de métodos de encriptação cada vez mais complexos aumentou exponencialmente). Como aponta Beaulieu, “a criptoanálise utiliza outras técnicas matemáticas [...]: estatísticas, testes e erros, verificação de hipótese”<sup>42</sup> (2005, p. 163). Dessa forma, pertence à Criptologia, mas não à criptografia, sendo dessa diferenciada devido, sobretudo, à natureza de métodos utilizados. Com isso, não será levantada a hipótese de que a criptoanálise possa fazer parte da concepção de (de)cifragem como tradução, aqui apresentada.

O ensaio do surgimento da (de)cifragem/tradução se dá através da utilização das mencionadas teorias, sobretudo quando relacionadas com as questões de signo, uma vez que, como já discutido, “significado, em seu senso primário, é uma ‘tradução de um signo em um outro sistema de signos’” (TOROP, 2002, p. 597). A Criptologia, em sua essência, assim como a linguagem e, também, a comunicação, trabalha com a aceção de que signos significam outros signos, independentemente de sua “forma” – sejam eles verbais ou não verbais.

Esse sistema funciona, uma vez que parte, também, da reflexão proposta por Berman de que a tradução é um espaço plural e aberto, cuja natureza é múltipla. Não à toa foram levantadas discussões diversas relativas à tradução e sua teoria, modificadas e/ou aprimoradas a cada pesquisa na área. A tradução, como afirma Paz, em seu ensaio “Traducción: literatura y literalidade”, não funciona diferentemente quando se traduz em uma mesma língua ou entre duas línguas diferentes; e também não o será quando se traduz um texto criptografado para uma língua qualquer. Dessa forma, tanto tradução quanto (de)cifragem funcionam a partir da “substituição” de um signo por outro, dentro de sistemas diferentes, como sistemas linguísticos e imagéticos, e até mesmo, retomando as ideias de Roman Jakobson e Umberto Eco, dentro de um mesmo sistema.

Beaulieu, em sua tese, questiona se a tradução pode, de fato, ser considerada como “um tipo de ciframento”<sup>43</sup> (2005, p. 41) partindo de

---

<sup>42</sup> Tradução minhande: “La cryptanalyse utilise d'autres techniques mathématiques que celles de la cryptographie : statistiques, essais et erreurs, vérification d'hypothèse”.

<sup>43</sup> Tradução minha de: “comme un type de chiffrement”.

princípios inerentes à Criptologia, sem se situar em um contexto do qual façam parte teorias e reflexões relativas à tradução. Talvez resida aí a dificuldade em encontrar uma resolução adequada para o problema. Beaulieu propõe que só é possível traçar um paralelo entre os dois campos de estudo se houver “a intenção de segredo no emissor”<sup>44</sup> (2005, p. 168), exemplificando com o uso, pelos americanos, da língua navajo como código (uma codificação dupla, na qual as palavras ganham um novo sentido, sem a utilização de chave) durante a Segunda Guerra Mundial. Como ele pontua, do ponto de vista da Criptologia, “um processo de tradução não é essencialmente criptológico”<sup>45</sup> (*Ibidem*), a não ser que haja a intenção de que a mensagem emitida permaneça em segredo caso seja interceptada – o autor ressalta, também, que “o segredo não é o objetivo de toda tradução”<sup>46</sup> (BEAULIEU, 2005, p. 349) –, ou seja, na Criptologia, a intenção (do segredo) pode vir a ser um fator fundamental, mas não na tradução. No entanto, a verificação da existência de uma *intenção* é, antes de tudo, baseada em hipóteses, que podem ser verificadas ou não; como propõe o autor: “a intenção de esconder pode ser somente uma hipótese, e essa pode ser infirmada ou confirmada”, e isso pode depender do contexto em que um texto foi produzido.

Além disso, deve-se considerar se existe uma intenção, partindo do ponto de vista de qualquer produtor/autor de um texto, seja ele escrito, oral ou visual (em códigos, cifras ou em claro). Se a intenção de manter um segredo em uma mensagem é uma hipótese, da mesma forma a intenção, seja qual for, de um autor de um texto literário, por exemplo, também é uma hipótese. De fato, se se parte da ideia de que cada leitor faz uma leitura e tem uma percepção diferente de um mesmo texto e que cada leitor, dessa forma, pode inferir uma intenção diferente presente nesse mesmo texto, então tem-se como resultado a existência de inúmeras possíveis intenções – ou hipóteses de intenções. Dessarte, é inválido basear uma classificação, ou negar a existência de uma relação (como no caso da relação entre tradução e Criptologia) em um critério hipotético.

Apesar de tudo, Beaulieu (2005) afirma, mais adiante em seu texto, ser possível que se considere a tradução como um tipo de codificação e, com isso, a tradução pode, então, também pertencer ao

<sup>44</sup> Tradução minha de: “s’il y a l’intention de secret chez l’émetteur”.

<sup>45</sup> Tradução minha de: “un processus de traduction n’est pas essentiellement cryptologique”.

<sup>46</sup> Tradução minha de: “le secret n’est pas le but de toute traduction”.

campo de estudos da Criptologia. Do ponto de vista tradutológico e literário, é possível afirmar que o inverso também é válido, a Criptologia faz parte desses campos, assim como a criptografia, seja com a utilização de cifras ou de códigos – um exemplo claro, anteriormente citado, é o criptograma presente em *A Jangada* (1966), de Jules Verne.

Ademais, retomando a ideia de Flusser (2010) de que “obras escritas, textos, são sequências de cifras [...] e lê-los significa: de-ci-frá-los” (2010, p. 134), fica clara a relação entre criptografia, literatura e, principalmente, tradução. Como escreve Todorov, “também devemos levar em conta a diversificação da literatura [...]; quem ousaria decidir hoje o que é literatura (e o que não é), dada a irreduzível diversidade de todos os trabalhos escritos que, de perspectivas infinitamente diferentes, tendem a serem vistos como literatura”<sup>47</sup> (1973, p. 5). A literatura, cujas fronteiras são permeáveis, é um espaço admitidamente plural, no qual há liberdade para o trânsito (e permanência) de diversas áreas, inclusive para as ciências exatas e, sobretudo, a criptografia. Além disso, deve-se considerar que leitura e tradução são atos de desvendamento, de decifragem e de uma busca pelos sentidos que estão além dos textos, não importando quais sejam os signos e os meios utilizados.

## 2.2 TRADUZINDO AS CARTAS

O processo inicia-se com a seleção dos textos a serem traduzidos, uma vez que somente algumas cartas contém texto cifrado, mesmo que seja somente uma parte da mensagem. A partir do inventário virtual dos arquivos nacionais franceses, foram obtidas as cópias digitalizadas das cartas em questão. Em seguida, realiza-se a etapa de transcrição dos manuscritos. Então, seguem-se as etapas de tradução: a partir dos criptogramas, são obtidos os textos em claro em língua francesa, que são traduzidos para a língua portuguesa e, por fim, são transpostos para um novo criptograma.

---

<sup>47</sup> Tradução minha de: “we must also take into account the diversification of literature in our own countries; who would dare decide today what is literature and what is not, given the irreducible diversity of all the written works which, from infinitely different perspectives, tend to be regarded as literature”.

## 2.2.1 Transcrição dos manuscritos digitalizados

A proposta de transcrição dos manuscritos se deu de acordo com alguns critérios por mim estabelecidos, baseados em algumas das indicações do Arquivo Nacional Brasileiro, apresentadas no documento “Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos” (BRASIL, 1993), e de algumas proposições de Claudia Pino (2004) –, de forma a garantir tanto uma leitura prática, primando pela redução das interferências (sejam elas indicações gráficas, simbologia indicativa específica ou rasuras), quanto fluida do texto. Nesse sentido, a proposta da transcrição segue a ideia da “transcrição diplomática”, como explanada por Pino:

Muitas vezes – como defende Almuth Grésillon – uma transcrição pode negar o seu objetivo e tornar quase inacessível o manuscrito supostamente reproduzido. Seja por limitações de infraestrutura, seja por uma necessidade de mostrar a interpretação na própria transcrição, o dossiê genético frequentemente não é transcrito tal como se apresenta, mas através de uma codicologia complexa que muda a cada nova transcrição. Esse é o caso da transcrição linearizada, que pretende importar o tipo de leitura do texto (da esquerda para a direita e de cima para baixo) para o manuscrito, através de símbolos no interior da linha, que representariam rasuras, acréscimos, substituições etc. Poderia dizer: “para não correr esse risco, optei pela transcrição diplomática, que tem o objetivo de reproduzir o manuscrito da forma como o vejo”. (2004, p. 103)

As transcrições dos textos das cartas foram realizadas de forma corrida, e não “linha por linha” como apresentados nas cartas. Também, são apresentadas com o mínimo possível de interferência (sem a indicação das rasuras existentes nos manuscritos, de mudança de ordem das frases das cartas etc.), sendo essas apenas referentes às indicações de nota de rodapé, nas quais constam: as abreviações (que, no texto, são mantidas) desenvolvidas e traduzidas entre parênteses – de acordo com a proposta de Pino (2004, p. 103): “[a]s palavras abreviadas, quando decifradas, serão transcritas por extenso na nota de rodapé” –; as abreviações de pronomes de tratamento (que fazem referência a

determinadas personagens históricas) são, também, desenvolvidas e especificadas; e, quando necessário, notas explicativas são adicionadas. Nesse sentido, também não foram utilizadas as marcações de paginação sugeridas pelo Arquivo Nacional – item 7.4: “Se o original não for numerado caberá ao transcritor numerá-las. Os números acrescentados serão impressos entre colchetes e em grifo: [fl. 4], [fl. 4v]” (BRASIL, 1993, [s.p.]) –, posto que acarretariam em interferências desnecessárias, uma vez que os manuscritos não são paginados, e poderiam afetar a leitura do texto. Não foram inseridas as “notas marginais” presentes nos manuscritos, tais como a indicação da página da palavra-chave e anotações de controle realizadas por Axel von Fersen, com exceção das datas, presentes em todas as cartas, que podem ser diferentes em um mesmo documento (como é o caso da carta escrita em 31 de outubro e em 7 de novembro); além disso, há variação entre as grafias das datas, ou seja, não há um padrão seguido, o que torna importante a transcrição desses dados.

Foram mantidas e reproduzidas de acordo com os manuscritos as palavras grafadas e (não) acentuadas indevidamente – não foram efetuadas nem indicadas entre colchetes possíveis correções gramaticais, enganos e omissões. O “s” longo (ou caudado) foi transcrito como “s”, quando simples, e “ss”, quando duplo. A pontuação deu-se conforme os documentos digitalizados, assim como a divisão parágrafica apresentada. Os números foram mantidos: ora são apresentados em numerais, ora por extenso. No caso das palavras apresentadas com rasuras, e de acordo com o que propôs Pino (2004) – quando de sua transcrição dos manuscritos do livro *53 jours*, de Georges Perec –, “[é] necessário esclarecer que eu não transcrevi completamente alguns trechos [...] do dossiê, [...] porque, nestes casos, a transcrição completa carecia de sentido” (p. 256 e 258) ou era desnecessário fazê-lo, sobretudo em relação às rasuras presentes nos textos das cartas de Fersen, que são, na realidade rascunhos.

Por fim, em relação à contextualização das cartas, acatei as proposições do Arquivo Nacional (itens 6.1 a 6.3), que recomenda:

- 6.1 [...] o uso de um sumário, antecedendo cada texto, composto de datação e resumo de conteúdo.
- 6.2 Será sempre indicada a notação ou cota do documento para fins de localização no acervo da instituição.
- 6.3 Sempre se indicará se o documento é original, apógrafo, 2ª via etc. (BRASIL, 1993, [s.p.]

Dessa maneira, cada carta é antecedida por uma apresentação na qual constam a data, a cota à qual pertence, a indicação de autoria – por se tratarem, em grande maioria, de alógrafos –, as palavras-chave utilizadas para traduzir os textos cifrados em francês e em português. Além disso, consta, quando possível, uma análise sucinta comparativa em relação a publicações existentes, uma vez que apresentam diferenças entre si – principalmente em relação às cartas publicadas por Farr (2016), que teve acesso aos manuscritos analisados por técnicas recentes<sup>48</sup> e, dessa forma, obteve novas informações. E também é apresentada uma breve contextualização relativa ao momento em que as cartas foram redigidas. Com isso, a pretensão é de que o leitor consiga melhor se situar no que concerne ao momento de produção das cartas, principalmente porque as cartas aqui apresentadas não são sequenciais.

### **2.2.2 De uma linguagem artificial para uma língua natural**

O processo de tradução segue o método adaptado por Axel von Fersen (ver seção 1.1.2), e utilizado por ele e Marie-Antoinette, assim como por outras pessoas. Para tal, é necessário utilizar o mesmo quadro de ciframento, transcrito abaixo, no qual estão indicados os vinte e dois alfabetos necessários para o processo de cifragem. O quadro abaixo foi adaptado por Jacques Patarin e Valéry Nacheff (2009b, p. 3) a partir do quadro disponibilizado por Yves Gylden (1931, p. 254).

Além disso, seria necessário verificar no início da carta ou do criptograma, quando este se encontrar entre textos em claro – como no caso das cartas parcialmente cifradas – qual é a razão utilizada na cifra: um ponto (.) para letras não salteadas ou dois (:) para letras salteadas, como explica Farr (2016). No entanto, no caso dos alógrafos disponíveis, isso não foi preciso, posto que a palavra-chave já estava indicada abaixo das cifras, assim como no caso da única carta autografa de Marie-Antoinette.

A primeira coluna, à esquerda, contém as “letras indicativas”, aquelas que irão determinar qual linha deverá ser usada tanto para cifrar uma letra quanto para decifrar uma cifra. Cada letra pertencente à coluna

---

<sup>48</sup> Um projeto realizado em conjunto pelos Archives Nationales, pela Fondation des Sciences du Patrimoine e pelo Centre de Recherche sur la Conservation des Collections, iniciado em 2015 (FARR, 2016).

indica um alfabeto e, para saber qual alfabeto utilizar para cifrar uma letra, deve-se consultar a palavra-chave utilizada na mensagem.

Quadro 2: Quadro de ciframento para a cifra de Fersen.

A	AB	CD	EF	GH	IK	LM	NO	PQ	RS	TU	XY	Z&
B	AC	BK	DU	EI	FL	GN	HO	MY	PS	QX	RT	Z&
C	AD	BG	CZ	EK	FM	HT	IX	LR	NP	OQ	S&	UY
D	AE	BZ	CT	DK	FI	GS	HY	LQ	MX	NR	O&	PU
E	AF	BL	CI	DH	EU	GK	MT	NQ	OR	P&	SX	YZ
F	AH	BF	CL	DG	EQ	IY	KP	MU	NS	O&	RX	TZ
G	AG	BI	CL	DN	ER	FP	HT	KU	M&	OX	QY	SZ
H	AI	BT	CS	DO	EL	F&	GH	KM	NQ	PR	UY	XZ
I	AK	BT	CS	DX	EI	FL	GZ	HY	M&	NP	OQ	RU
K	AL	BO	CP	DG	ER	FS	HU	IX	KY	MZ	N&	QT
L	AM	BZ	CD	EG	FI	HK	LN	OR	PS	QU	TY	X&
M	AN	BO	CP	DQ	ER	FS	GT	HU	IX	KY	LZ	M&
N	AO	BC	DM	EP	FS	GN	HY	IU	KT	LQ	R&	XZ
O	AP	BL	CK	DQ	ES	FU	GX	HZ	I&	MO	NR	TY
P	AQ	BX	CU	DZ	ES	FO	GY	HT	IN	KR	L&	MP
Q	AR	BZ	CT	DH	EU	FQ	GO	IL	KN	MP	SY	X&
R	AS	BN	CQ	DT	EU	FY	G&	HO	IP	KR	LX	MZ
S	AT	BP	CQ	DR	E&	FS	GU	HX	IY	KZ	LN	MO
T	AU	BY	CM	DX	E&	FH	GQ	IR	KZ	LS	NP	OT
U	AX	BL	CO	DQ	ES	FU	GT	HY	IN	KZ	M&	PR
X	AY	B&	CZ	DE	FX	GU	HI	KT	LS	MR	NP	OQ
Y	AZ	BU	CG	DH	EX	FY	IO	K&	LN	MP	QS	RT

Fonte: adaptado de Gylden (1931, p. 254) e Patarin e Nacheff (2009b, p. 3).

Como já mencionado no capítulo 1, o método polialfabético de substituição com auxílio de palavra-chave é assim denominado pois o remetente da mensagem irá utilizar diversos alfabetos para cifrar uma mesma palavra, por exemplo. O método funciona, também, para o destinatário autorizado, uma vez que esse sistema é recíproco, ou simétrico, ou seja, serve tanto para cifrar quanto para decifrar.

De maneira prática, para cifrar a mensagem, nesse caso um excerto da carta escrita por Marie-Antoinette, em 9 de julho de 1972: “POCCNUIGUALDXETONRSQNEYAFRUDNGSSRRNEGJHESQ UUONIQEXTUEPTKIIQPEBAOOPCIN&FARRIHQFEXUOAQDFN ELSMQM&NCIBFQUGCID&RELRRQGS”, com a palavra-chave *depuis*, como indicada no alógrafo (vide Anexo F), utilizam-se os alfabetos indicados pelas letras *D*, *E*, *I*, *P*, *S* e *U*, como mostrado abaixo. Para cifrar tanto o excerto quanto o restante da carta, serão necessários somente estes alfabetos cifrantes:

Quadro 3: Excerto do quadro de ciframento para a cifra de Fersen, mostrando os alfabetos *D, E, I, P, S, U*.

D	AE	BZ	CT	DK	FI	GS	HY	LQ	MX	NR	O&	PU
E	AF	BL	CI	DH	EU	GK	MT	NQ	OR	P&	SX	YZ
I	AK	BT	CS	DX	EI	FL	GZ	HY	M&	NP	OQ	RU
P	AQ	BX	CU	DZ	ES	FO	GY	HT	IN	KR	L&	MP
S	AT	BP	CQ	DR	E&	FS	GU	HX	IY	KZ	LN	MO
U	AX	BL	CO	DQ	ES	FU	GT	HY	IN	KZ	M&	PR

Em seguida, monta-se uma tabela, por questões de praticidade e de método, na qual constam as cifras em uma linha (cinza escuro), a palavra-chave em outra, logo abaixo (cinza) – a palavra-chave deve ser repetida até o fim da mensagem e, entre cada letra, deve-se colocar um traço que indica que a cifra deverá ser mantida tal qual – e, por fim, as letras já decifradas (branco), a partir das quais a mensagem será recuperada. Como aponta Flusser, quando discorre sobre textos científicos, “essa estrutura obediente [...] diz respeito à estrutura linear dos textos. O olho tem de seguir a linha, se quiser compreender a mensagem” (2010, p. 139). Dessa forma, criou-se um procedimento para a tradução no qual as linhas e as cores diferenciadas são características cruciais para seu funcionamento adequado e, conseqüentemente, o entendimento da mensagem a ser recuperada.

De acordo com o funcionamento do processo, é possível notar que, cada vez que a letra *d*, por exemplo, aparecer abaixo de uma cifra, estará indicando o alfabeto *D*. Logo, deve-se recorrer a esse alfabeto para encontrar o par da cifra, ou seja, a letra que foi previamente cifrada. No caso da primeira cifra da mensagem (*P*), como pode-se ver no quadro abaixo, seu par no alfabeto *D* é a letra *u*.

Quadro 4: Exemplo de tradução (decifragem) de um excerto de carta.

P	O	C	C	N	U	I	G	U	A	L	D	X	E	T	O	N	R	S	Q	N	E	Y	A	F
d	-	e	-	p	-	u	-	i	-	s	-	d	-	e	-	p	-	u	-	i	-	s	-	d
u	o	i	c	i	u	n	g	r	a	n	d	m	e	m	o	i	r	e	q	p	e	i	a	i
R	U	D	N	G	S	S	R	R	N	E	G	J	H	E	S	S	Q	U	U	O	N	I	Q	E
-	e	-	p	-	u	-	i	-	s	-	d	-	e	-	p	-	u	-	i	-	s	-	d	-
r	e	d	i	g	e	s	u	r	l	e	s	j	d	e	e	s	d	u	r	o	l	i	l	e

X	T	U	E	P	T	K	I	I	Q	P	E	B	A	O	O	P	C	I	N	&	F	A	R	R
e	-	p	-	u	-	i	-	s	-	d	-	e	-	p	-	u	-	i	-	s	-	d	-	e
s	t	c	e	r	t	a	i	y	q	u	e	l	a	f	o	r	c	e	n	e	f	e	r	o
I	H	Q	F	E	X	U	O	A	Q	D	F	N	E	L	S	M	Q	M	&	N	C	I	B	F
-	p	-	u	-	i	-	s	-	d	-	e	-	p	-	u	-	i	-	s	-	d	-	e	-
i	t	q	u	e	d	u	m	A	l	d	a	n	s	l	e	m	o	m	e	n	t	i	l	f
Q	U	G	C	I	D	&	R	E	L	R	R	Q	G	S										
p	-	u	-	i	-	s	-	d	-	e	-	p	-	u										
a	u	t	c	e	d	e	r	a	l	o	r	a	g	e										

A mensagem obtida, em francês, é devidamente organizada. As acentuações, espaçamento entre letras e palavras e as pontuações não fazem parte da mensagem devido ao processo de cifragem/decifragem, e é necessário adicioná-las para que o texto fique legível, assim como deve-se fazer a troca das letras “u” por “v” (que é realizada quando se analisa a mensagem e seu contexto). A mensagem traduzida a partir do criptograma contém alguns erros de escrita, provavelmente resultantes ou do processo de cifragem ou do processo de produção do alógrafo, uma vez que, nesse caso, a carta em questão não é autógrafa de Marie-Antoinette (escrita de seu próprio punho). Dessa maneira, após a organização do texto, tem-se a seguinte mensagem: “*Voici un grand mémoire que j'ai rédigé sur les idées du Roi. Il est certain que la force ne ferait que du mal ; dans le moment il faut céder à l'orage*”.

Em seguida, traduz-se a mensagem para a língua portuguesa. Após a tradução do francês para o português, a mensagem obtida foi: “Eis um grande memorando que eu redigi sobre as ideias do Rei. Ele está certo de que a força só fará o mal. No momento, deve-se ceder à tempestade”.

A palavra-chave utilizada para a produção do criptograma final é “desde”, obtida através da tradução da palavra-chave inicial (“*depuis*”). E, sendo o método utilizado por Fersen simétrico, é possível utilizar o mesmo quadro de alfabetos para realizar a cifragem da mensagem em claro. Os alfabetos necessários para a cifragem da mensagem, de acordo com a palavra-chave, são: *D*, *E* e *S*:

Quadro 5: Excerto do quadro de ciframento para a cifra de Fersen, mostrando os alfabetos *D*, *E*, *S*.

D	AE	BZ	CT	DK	FI	GS	HY	LQ	MX	NR	O&	PU
E	AF	BL	CI	DH	EU	GK	MT	NQ	OR	P&	SX	YZ

S	AT	BP	CQ	DR	E&	FS	GU	HX	IY	KZ	LN	MO
---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

O quadro abaixo traz a tabela utilizada durante o processo de cifragem da mensagem em português. A primeira linha (branco) traz a mensagem em claro, sem espaçamentos entre palavras e sem pontuação, a segunda (cinza) contém a palavra-chave e a terceira (cinza escuro), a cifra final:

Quadro 6: Exemplo de tradução (cifragem) de um excerto de carta.

e	i	s	u	m	g	R	a	n	d	e	m	e	m	o	r	a	n	d	o	q	u	e	e	u
d	-	e	-	s	-	D	-	e	-	d	-	e	-	s	-	d	-	e	-	d	-	e	-	s
A	I	X	U	O	G	N	A	Q	D	A	M	U	M	M	R	E	N	H	O	L	U	U	E	G
r	e	d	i	g	i	S	o	b	r	e	a	s	i	d	e	i	a	s	d	o	r	e	i	e
-	d	-	e	-	d	-	e	-	s	-	d	-	e	-	d	-	e	-	s	-	d	-	e	-
R	A	D	C	G	F	S	R	B	D	E	E	S	C	D	A	I	F	S	R	O	N	E	C	E
l	e	e	s	t	a	C	e	r	t	o	d	e	q	u	e	a	f	o	r	c	a	s	o	f
d	-	e	-	s	-	D	-	e	-	d	-	e	-	s	-	d	-	e	-	d	-	e	-	s
Q	E	U	S	A	A	T	E	O	T	&	D	U	Q	G	E	E	F	R	R	T	A	X	O	S
a	r	a	o	m	a	L	n	o	m	o	m	e	n	t	o	d	e	v	e	s	e	c	e	d
-	d	-	e	-	d	-	e	-	s	-	d	-	e	-	d	-	e	-	s	-	d	-	e	-
A	N	A	R	M	E	L	Q	O	O	O	X	E	Q	T	&	D	U	V	X	S	A	C	U	D
e	r	a	t	e	m	P	e	s	t	a	d	e												
d	-	e	-	s	-	D	-	e	-	d	-	e												
A	R	F	T	&	M	U	E	X	T	E	D	U												

Assim, a partir do processo acima descrito, o criptograma resultante (final) é: “AIXUOGNAQDAMUMMRENHOLUUEGRADCGFSRBDEESCD AIFSRONECEQEUSAATEOT&DUQGEEFRRTAXOSXOSANARMELQOOOXEQT&DUVXSACUDARFT&MUEXTEDU”.

No que concerne aos obstáculos da tradução dos textos cifrados, optou-se por resolver as questões de maneira que se pudesse recuperar os textos e, com isso, traduzi-los para textos em claro em francês. É o caso, por exemplo, das cartas de 29 de junho e 8 de julho, ambas de 1791, na qual aparecem *erros* de grafia no texto em claro obtido. No entanto, em ambos os casos, existe a possibilidade de engano durante a tradução para cifras dos textos.

Na primeira, durante o processo de tradução, foi obtido, a partir

da cifra “AEEEX”, a palavra “*desx*”. Pelo contexto, sabe-se que, na verdade, trata-se da palavra “*deux*” (dois). Ocorre que, para que isso aconteça, o conjunto de cifras deveria ser “AEFX”, de acordo com o sistema proposto por Fersen (como explicado anteriormente, na sessão 3.2.): o par de substituição correto é “FU”, e não “ES”, uma vez que a palavra-chave utilizada foi “*courage*”, que indica a utilização do alfabeto “O” para as cifras em questão.

Como para a anterior, é possível levantar a hipótese de que durante o processo de tradução desta carta, Marie-Antoinette enganou-se e trocou as cifras no momento da tradução da mensagem. Isso se deve ao fato de que, de acordo com o quadro do método de Fersen, no alfabeto (linha) “U”, “PR”, que formam o par de substituição, são intercambiáveis. Assim, a palavra francesa “*pour*”, terminada em “r”, transformou-se em “*poup*” devido, provavelmente, à referida desatenção por parte da remetente. Dessa maneira, por se tratar de uma hipótese não confirmada (por não se saber se o erro foi proposital ou não), optei por não manter o engano no texto em claro em português.

[...] Calme-vous si vous pouvez.  
Ménage-vous poup moi.

[...] Acalmai-vos se puderdes. Cuidai  
de vós mesmo por mim.

Já no caso da carta de 9 de julho de 1792, a questão a ser resolvida era a impossibilidade de se traduzir um determinado trecho do texto, a partir do qual só era possível obter cifras, e não texto em claro. Isso se deve ao fato de que houveram erros de continuação na palavra-chave, ou seja, uma quebra de sequência das indicações dos alfabetos necessários para a tradução.

Figura 6: Carta, datada de 9 de julho de 1792 (excerto, f. 1), escrita por Marie-Antoinette.

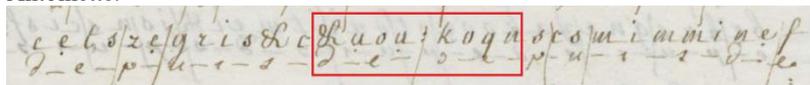
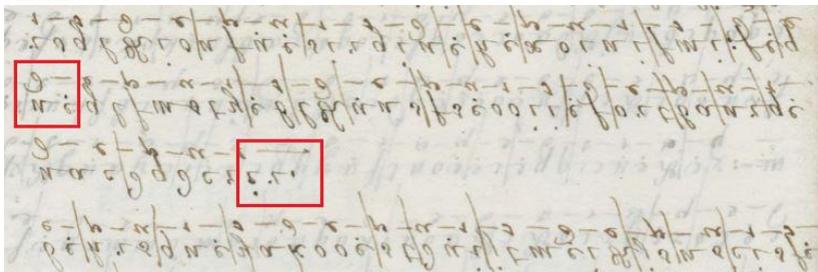


Figura 7: Carta, datada de 9 de julho 1792 (excerto, f. 2), escrita por Marie-Antoinette.



Os trechos destacados indicam os erros mencionados. A palavra-chave utilizada foi “*depuis*”. Na figura 6, estão destacadas as cifras, na primeira linha, e a palavra-chave, abaixo. No entanto, há um erro na chave – onde deveria estar escrito “d-e-p-u-”, encontra-se “d-e-s-e” –, com isso, em vez de “[sec]ourudonn[e]” (secouru/donne), tem-se “ouruzonn”. Só para citar um exemplo, pois o erro, iniciado no trecho em questão, faz com que as cifras seguintes não possam ser traduzidas.

Na figura 7, há um outro tipo de engano. A princípio, deve-se lembrar que, de acordo com o método, a cada novo parágrafo a palavra-chave é reiniciada – como pode-se notar na imagem. Porém, durante a tradução, e de acordo com a ordem das cifras e das letras da chave apresentada no manuscrito, não era possível obter a mensagem em claro. O que ocorreu foi que, durante a primeira tradução, do texto em claro para cifras, realizada pelo remetente da carta, esse “detalhe” não foi aplicado, tendo continuado a palavra-chave no parágrafo seguinte, sem a reiniciar como indica o método. Então, para decifrar o texto, foi necessário substituir todas as letras da chave, na ordem em que foram utilizadas da primeira vez, ou seja, no lugar de “d” abaixo da cifra “N”, foi colocado o “s” (seguindo a sequência “d-e-p-u-i-s-”), e assim por diante.

Cabe ressaltar que, durante a tradução para cifras, a partir dos textos em claro em português, não houveram problemas relativos à aplicação errada da chave, por exemplo, dado que o processo era controlado por mim desde o início. Ocorreu o oposto em relação aos textos cifrados traduzidos para texto em claro em francês, devido ao fato de que estava-se traduzindo textos que foram escritos em momento e contexto diferentes, processos sobre os quais não se tem a informação relativa à sua produção.

### 2.2.3 De uma língua natural a outra

A partir da proposição de que “qualquer texto pode ser lido de uma maneira literária”<sup>49</sup> (TODOROV, 1973, p. 8), foi proposto o projeto tradutório aqui apresentado. Se qualquer texto é suscetível a uma “leitura literária”, então um criptograma também o é, conseqüentemente, este é passível de traduções. Nesse sentido, se é possível e aceitável que se utilize de elementos oriundos da Criptologia na literatura (em termos gerais e socialmente consensuais), tal como fizeram Jules Verne e Edgar Allan Poe, é possível, também, concordar que, a partir desses momentos e, provavelmente, de outros anteriores, a Criptologia já faz parte da (é) “literatura”. Como a língua, que é “um sistema completo, um cosmos. [Que] não é, no entanto, um sistema fechado. [Na qual] há possibilidades de ligar diversas línguas, há possibilidades de passar-se de um cosmos para outro” (FLUSSER, 2007, p. 56), a literatura também é um cosmos, repleto de possibilidades. Existe, dessa maneira, em ambos os casos, “a possibilidade da tradução” (*Ibidem*).

E “se a tradução de uma formulação científica para um idioma como o português for possível, isso significa que a coisa-em-si se tornou acessível” (FLUSSER, 2007, p. 19), além da possibilidade de inserção da criptografia na literatura e nos Estudos da Tradução, assim como traduzir o discurso científico torna-o acessível – da mesma maneira, textos em línguas estrangeiras às quais o possível leitor não tem acesso – traduzir criptogramas faz com que tais textos sejam acessíveis aos não detentores das chaves. A intenção, seja do segredo, seja do que foi proposto (antes ou) durante a produção de uma obra, permanece no nível hipotético, e não pode ser completamente recuperada, se de fato existir. Dessa forma, traduzir um “segredo” não significa deformar o texto, muito menos ir contra o que propôs o autor, uma vez que o texto não mais lhe pertence.

Ainda nesse sentido, há que se levar em conta a proposição de Borges (2012), na qual ele declara ser o texto um rascunho, jamais definitivo – para o autor, isso pertence à religião ou ao cansaço. É a partir desse rascunho, e de suas inúmeras possíveis interpretações e traduções, que se criam e se constroem novos textos

Em relação aos erros gramaticais e diferentes grafias (relativas ao período no qual as cartas foram escritas), presentes nos manuscritos

---

<sup>49</sup> Tradução minha de: “any text whatever can be given a “literary” reading”.

transcritos e nas cartas cifradas traduzidas, esses “erros” foram mantidos porque constituem os textos. Dessa maneira, não houve a intenção de corrigi-los e atualizá-los, como fizeram todos os organizadores de coleções e antologias da correspondência em questão. No entanto, quando da tradução para o português, retoma-se a reflexão de Borges de que o texto é um rascunho, assim como todas as suas traduções. E, a partir da interpretação – uma das infinitas possibilidades – do texto em claro em francês, criou-se um novo texto, um outro rascunho, em português.

Da mesma forma, no que concerne a pontuação, optou-se pela “libertação da escrita [...] [que] passa provavelmente pela afirmação do uso autônomo de uma língua autônoma, ou seja, especificamente literária”, como defende Casanova (2002, p. 413), partindo do fato de que o texto cifrado, ao ser traduzido, não possui nenhuma indicação de pontuação nem de acentuação. Assim, os textos em claro em francês possuem inúmeros “erros”, já aqueles em português são fruto da interpretação dos primeiros.

É possível notar, ao levar em consideração que os textos em claro em português foram traduzidos para as cifras, que haverá a manutenção desse ciclo criativo, uma vez que esses últimos textos produzirão, quando forem novamente traduzidos, novos rascunhos repletos de possibilidades – pois além das “infinitas” interpretações que trazem consigo, o fato de não estarem pontuados (após a tradução) potencializa a quantidade de leituras e criação de novos rascunhos. Como coloca Borges (2012b), são “diversas perspectivas de um fato móvel”<sup>50</sup> (p. 1).

Essas perspectivas, cabe ressaltar, não possuem diferentes valorações. Não há uma hierarquia na qual o texto *original* tem mais valor que a tradução, nem uma tradução mais valor que outra. Todos são rascunhos, “iguais” e não definitivos.

Enquanto rascunhos os textos sempre comportam a possibilidade de correções, ampliando seu horizonte de significação à medida que uma nova tradução é realizada. Trata-se de uma escrita em torno, gerando uma riqueza maior do que o texto original. Contudo, importa ressaltar, a escrita em torno não supõe uma hierarquia para a qual a última tradução é a mais verdadeira porque

---

<sup>50</sup> Tradução minha de: “diversas perspectivas de un hecho móvil”.

contém todas as outras. [...] O original é um rascunho que abriga infinitas ressalvas, infinitas traduções, como o círculo possui infinitos lados. [...] Entre o tradutor e a tradução não há a mediação do original, entendida no sentido de portador da verdade. (SANTOS FILHOS, 2009, p. 20-21)

Borges pontua, em seu texto “Las dos maneras de traducir”, que “as dificuldades de traduzir são múltiplas”<sup>51</sup> (2012a, p. 1), e não podem ser resolvidas se se seguir uma das duas maneiras de traduzir, explicitadas pelo autor. E isso pode acontecer durante a tradução de uma mesma obra, uma vez que o próprio texto literário, por exemplo, não é sempre e completamente homogêneo. Assim, o *original* não é “portador da verdade”, é um rascunho a partir do qual o tradutor cria um novo texto – também não definitivo, mas inesgotável tanto quanto o primeiro –, tornando-se, dessa forma, um autor. Com isso em mente, as escolhas tradutórias do projeto proposto percorrem diversos trajetos possíveis.

As possibilidades para resolver questões relativas à tradução dos textos em claro (e dos obstáculos presentes nos mesmos), de topônimos, nomes próprios e termos e nomes abreviados são diversas. Procurou-se tentar manter, até certo ponto, a “atmosfera” de século XVIII nos textos resultantes, aos poucos os textos tomaram forma, mas com certa dificuldade “e isso se deve ao fato de o tradutor de hoje, [...], por não ter vivido naquele período da história [no século XVIII], conseguir transpor na sua tradução apenas uma simulação daquele tempo” (HILGERT, 2013, p. 141).

No caso dos topônimos, durante uma primeira leitura e análise dos textos, optou-se por escrevê-los de acordo com a língua do seu país de origem. Porém, é recorrente a utilização de nomes de cidades e países em grafia francesa – todos o são, em realidade. Ou seja, os topônimos foram traduzidos para o francês, de acordo com o costume da época (século XVIII). Dessa maneira, tratar-se-ia de uma tradução da tradução, que estaria culturalmente deslocada. Então, tais topônimos foram traduzidos para o português, com o intuito de *simular* o uso que se fez em língua francesa – todas as ocorrências de *Hollande, Vienne, Denmark, Bruxelles, Espagne, Naples* foram transladadas para Holanda, Viena, Dinamarca, Bruxelas, Espanha, Nápoles, assim como todos os demais topônimos presentes nos textos.

---

<sup>51</sup> Tradução minha de: “Las dificultades de traducir son múltiples”.

Em contrapartida, os nomes próprios foram mantidos com a grafia apresentada nos manuscritos das cartas, porque carregam em si mesmos toda as referências culturais e históricas. Além disso, por não possuírem, muitas vezes, formas canonizadas em português, como é o caso de Marie-Antoinette em relação à Marie-Antoinette, poderiam perder-se no imaginário do leitor e afastar-se de seu contexto. Seria possível a tradução de alguns para suas grafias já conhecidas, mas preferiu-se manter um *padrão*, no qual todos os nomes próprios estão grafados conforme a mesma língua.

As abreviações, por sua vez, sejam de nomes próprios, substantivos, pronomes de tratamento ou de topônimos, foram mantidas como apresentadas nas cartas. Em primeiro lugar, em relação aos textos cifrados, as ocorrências de abreviações são muito maiores provavelmente pelo fato de que a empreitada de cifrar uma mensagem era muito extenuante àquela época, então optava-se por abreviar o que fosse possível (e isso não causava nenhum problema, uma vez que tanto emissor quanto destinatário estavam a par do contexto). Em segundo lugar, não havia motivo para não fazê-lo, quero dizer, não havia necessidade de explicitar algo que não estava no manuscrito. Não porque este foi tomado como verdade absoluta, mas, sim, como um rascunho no qual uma das características apresentadas estava dotada de um contexto e de uma significação próprios – retornando, então, ao primeiro ponto: o contexto em que foram produzidos os textos. A mesma lógica é seguida nos casos dos ditos erros gramaticais e das grafias desatualizadas.

On désire qu'il écrive à Vienne pour l'annoncer, recommander qu'on lui tienne mon voyage secret et dire qu'on s'en tient au plan fait par les cours de V et de B, mais qu'il est nécessaire de paraître entrer dans les vues des const. et de persuader surtout que c'est d'après les vœux et les demandes de la R.

Deseja-se que ele escreva à Viena para o anunciar, recomendar que mantenha-se minha viagem secreta e dizer que segue-se o plano feito pelas cortes de V. e de B., mas que é necessário aparentar entrar às vistas dos const. e de persuadir, sobretudo, que é pelos votos e demandas da R.

O trecho acima, um excerto da carta cifrada, datada de 7 de junho de 1792, ilustra o proposto. Nele pode-se observar a ocorrência das abreviações para *Vienne* (Viena), “V”, *Bruxelles* (Bruxelas), “B”, *reine* (rainha), “R”, e *constitutionnels* (constituintes, em minha

tradução), const. Apesar de terem sido mencionados por extenso, na mesma carta, os topônimos Bruxelas e Viena – o que situaria o destinatário com mais segurança –, as outras abreviações não o foram, e isso ocorreu em outros textos também. Dessa maneira, decidiu-se por manter os termos de acordo com as propostas no *rascunho original*.

Nesse sentido, o projeto tradutório seguiu com a proposta de apresentar uma tradução anotada (conforme capítulo 3), na qual seriam indicados por extenso os termos abreviados. Assim como a contextualização relativa às personagens mencionadas nos textos, que fazem referência a personagens “não fictícias”, históricas mesmo, e que, muitas delas, encontram-se temporalmente distanciadas da atual realidade.

Com os exemplos apresentados, pôde-se ilustrar algumas das questões problemáticas encontradas durante o processo tradutório. É possível perceber que, da mesma forma que os textos são apresentados de forma heterogênea, assim deu-se a construção do projeto de tradução. A cada novo obstáculo, foi necessário encontrar uma nova solução para superá-lo, sobretudo quando se tratava da tradução das cifras. Assim, se não tivessem sido corrigidos os erros relativos ao processo de (de)cifragem, o texto não poderia ter sido recuperado. Os textos poderiam ter sido apresentados com os erros – como aconteceu em alguns casos nos quais não foi possível traduzir as cifras – e, conseqüentemente, apresentar um texto cifrado. No entanto, com isso, reduzir-se-ia a “inesgotabilidade própria do original que engendra historicamente a sobrevida. O original sobrevive, assim, na tradução. Quanto mais tradução, mais sobrevida; quanto mais sobrevida, mais tradução [...]” (SANTOS FILHO, 2009, p. 30).

Como coloca Borges, “pressupor que toda recombinação de elementos é obrigatoriamente inferior a seu original, é pressupor que o rascunho 9 é obrigatoriamente inferior ao rascunho H – já que não pode haver senão rascunhos”<sup>52</sup> (2012b, p. 1). O projeto proposto visa, então, demonstrar as infinitas possibilidades que surgem quando se passa a enxergar o *original* por outro ângulo, como proposto por Borges (2012b), cuja reflexão destrói a histórica hierarquização existente entre original e traduções, na qual diferentes valores são atribuídos aos textos, buscando demonstrar a superioridade do autor, em contrapartida ao

---

<sup>52</sup> Tradução minha de: “presuponer que toda recombinação de elementos es obligatoriamente inferior a su original, es presuponer que el borrador 9 es obligatoriamente inferior al borrador H - ya que no puede haber sino borradores”.

tradutor, e respectivos textos. Todos os textos são rascunhos, não definitivos, repletos de possibilidades, não há um texto com maior valor que outro.

Por fim, nesse sentido, o espaço das traduções das cifras, por mim denominado “traducifrar”, é caracterizado pela heterogeneidade daquilo que o constitui: tradução de cifras, de textos em claro, entre diversas línguas ou, ainda, entre apenas uma. Com isso, pretende-se atribuir aos Estudos da Tradução mais um espaço para a reflexão, que surge, também, a partir das experiências tradutórias, como já propôs Berman (2009; 2013) acerca de sua tradutologia, ampliando as fronteiras dessa disciplina. O Traducifrar, então, é a soma do que aqui foi apresentado, é um espaço metafórico viabilizado para se pensar a tradução de cifras, estejam elas formando um texto criptografado ou, ainda, um texto em claro, como apontou Flusser (2010); dessa maneira, vê-se o traduzir como o decifrar de quaisquer textos, no sentido em que se busca os sentidos latentes sob as cifras, como um ato de desvendar aquilo que está além do texto.

### 3 A CORRESPONDÊNCIA TRADUZIDA

Durante seu reinado, Marie-Antoinette escreveu diversas cartas para sua mãe, amigos e conselheiros, o que constituiu uma vasta obra epistolar. Tais cartas foram publicadas em diversas obras, traduzidas das cifras ao francês, como *Correspondance inédite de Marie Antoinette* (HUNOLSTEIN, 1868); *Le comte de Fersen et la cour de France* (KLINCKOWSTRÖM, 1877); *Lettres de Marie-Antoinette: recueil des lettres authentiques de la reine* (ROCHETERIE e BEAUCOURT, 1896); *Marie-Antoinette, Fersen et Barnave – leur correspondance* (HEIDENSTAM, 1913); *Marie Antoinette – Correspondance (1770-1793)* (LEVER, 2005); *Correspondance – Des Tuileries à la Conciergerie (1788-1793)* (publicado pelas Éditions Paleo, sem referência ao editor ou organizador, 2012); *Marie-Antoinette et le comte de Fersen – la correspondance secrète* (FAAR, 2016); entre outras.

Mesmo tendo escrito, aproximadamente, 400 cartas durante sua vida, divididas entre a correspondência com sua mãe e seus irmãos imperadores, a correspondência com amigos íntimos e aliados e com o conde de Fersen,

Marie-Antoinette, dado seu caráter impaciente, foi uma missivista negligente; quase nunca sentava-se espontaneamente àquela maravilhosa e delicada escrivaninha que se vê ainda hoje no Trianon; ao contrário, só escrevia quando impelida por real necessidade. (ZWEIG, 2013, p. 481)

O conde sueco, por sua vez, produziu inúmeras cartas, destinadas a diversas pessoas, como a rainha francesa, o rei da Suécia – Gustav III, amigos e conhecidos, familiares e aliados. Além disso, sempre manteve um diário, no qual fazia anotações diárias, salvo quando estava doente (FARR, 2016). Também manteve registro das cartas enviadas e recebidas, na qual constavam as datas, os destinatários, os meios empregados – se as cartas foram enviadas em cifras, em claro ou escritas com tinta invisível, e se foram enviadas por amigos ou por correio – e o conteúdo resumido. O conteúdo de seus diários e as cartas que enviou e recebeu foram, também, objeto de algumas pesquisas e publicações, tais como a de seu sobrinho-neto, o barão de Klinckowström (1877) – *Le comte de Fersen et la cour de France*; a da pesquisadora Alma Söderhjelm (1930) – *Fersen et Marie-Antoinette: correspondance et journal intime inédits du comte Axel von Fersen*; e a

da historiadora Evelyn Farr, publicada em 2016 e previamente citada.

Segundo Zweig (2013), dentre as diversas publicações das cartas relacionadas à Marie-Antoinette, que surgiram no século XIX, foram encontradas algumas cujo conteúdo tratava-se, na verdade, de cartas falsificadas e documentos fictícios, como é o caso da supracitada publicação de Hunolstein (1868), e de uma publicação organizada pelo barão Feuillet de Conches, que “como nenhum outro, conhecia matéria, assim como a letra e todo o contexto” (p. 482) em que as cartas da rainha foram escritas, uma vez que “examinara durante dez ou vinte anos todas as cartas de Marie-Antoinette em todos os arquivos e coleções particulares” (*Ibidem*). Algumas outras publicações contêm versões censuradas das cartas, por motivos de “caráter moral” (ZWEIG, 2013, p. 486), omitindo detalhes importantes ou interessantes, sobretudo quando relacionados à relação existente entre o conde e a rainha, para que, com essa censura, a imagem da rainha não fosse maculada.

Apesar das inúmeras publicações existentes, é certo afirmar que a maioria das cartas autógrafas de Marie-Antoinette foi perdida ou queimada, juntamente a tantas outras. A correspondência entre o conde e a rainha data dos anos 1791 e 1792, apesar de ambos terem se correspondido durante muitos outros anos – como descrito por Evelyn Farr (2016), as cartas correspondentes ao período que compreende os anos de 1780 a 1788 permanecem inencontráveis. A grande maioria dessas cartas foi, provavelmente, destruída por Marie-Antoinette, ou a seu pedido, por Fersen ou por algum interessado em manter em sigilo o conteúdo de tais cartas.

[...] os papéis de Marie-Antoinette, e particularmente a correspondência por ela recebida, sofreram inúmeras ondas de destruição. [...] Marie-Antoinette queimou uma grande quantidade de seus papéis, na véspera de 14 de julho de 1789, quando ela pensou em deixar Versailles pela fronteira; ela guardou consigo somente aqueles que desejava levar e que a seguiram finalmente até sua residência forçada no Tulherias a partir de 6 de outubro de 1789. Um ano e meio depois, em 20 de junho de 1791, a tentativa de fuga da família real fracassou em Varennes. De retorno ao Tulherias e colocados, a partir de então, sob vigilância estrita, a família real teve somente como recurso a correspondência secreta para se comunicar com o exterior. [...] O

endurecimento da Revolução, o adiamento da ajuda dos soberanos estrangeiros, as ameaças pesando sobre a família real e o temor de uma nova invasão ao Tulherias conduziram os soberanos a se desfazerem de uma parte de seus papéis. Marie-Antoinette queimou uma parte dos seus e enviou a Fersen, após seu último encontro, em fevereiro de 1792, inúmeras cartas que ela julgava necessário conservar [...]. A abolição da realeza em 10 de agosto de 1792 e o internamento consecutivo de Louis XVI e Marie-Antoinette colocaram um fim definitivo em toda correspondência de sua parte.<sup>53</sup> (NOUGARET, 2004, p. 129)

No entanto, Fersen e, por vezes, seu secretário (NACHEF e PATARIN, 2014), haviam feito cópias nas quais adicionaram as palavras-chave logo abaixo de cada linha da mensagem. Assim, pode-se supor que o conde poderia decifrar a mensagem com mais facilidade e não comprometeria a integridade física das cartas originais. Esses alógrafos também se encontram disponíveis no inventário virtual dos *Archives nationales* da França.

Esta correspondência é denominada secreta, pois, estando vigiados pelos revolucionários, fazia-se sob os panos (ARCHIVES

---

<sup>53</sup> Tradução de: “ [...] les papiers de Marie-Antoinette, et en particulier la correspondance reçue par elle, ont subi plusieurs vagues de destructions. [...] Marie-Antoinette a brûlé une grande quantité de ses papiers, au lendemain du 14 juillet 1789, quand elle a songé à quitter Versailles pour la frontière ; elle n’a gardé par-devers elle que ceux qu’elle souhaitait emporter et qui la suivirent finalement dans sa résidence forcée aux Tuileries à partir du 6 octobre 1789. Un an et demi plus tard, le 20 juin 1791, la tentative de fuite de la famille royale échouait à Varennes. [...] De retour aux Tuileries et placés désormais sous stricte surveillance, la famille royale n’eut plus que le recours de la correspondance secrète pour communiquer avec l’extérieur. [...] Le durcissement de la Révolution, le report de l’aide des souverains étrangers, les menaces pesant sur la famille royale, la crainte d’une nouvelle invasion des Tuileries conduisirent les souverains à se défaire d’une partie de leurs papiers. Marie-Antoinette brûla une partie des siens et remit à Fersen, lors de leur dernière entrevue, en février 1792, plusieurs lettres qu’elle jugeait nécessaire de conserver [...]. L’abolition de la royauté le 10 août 1792 et l’internement consécutif de Louis XVI et Marie-Antoinette mirent un terme définitif à toute correspondance de leur part”.

NATIONALES, 2015) – era necessário ter cuidado em relação a tudo, principalmente em se tratando de papéis escritos que poderiam, além de cair nas mãos erradas, tornar-se provas de crime contra a Revolução. Assim, devido ao conteúdo perigoso, sobre negócios, pretensões, notícias, projetos e anseios, as cartas eram escritas em cifras ou em tinta invisível (em branco/“*en blanc*”), principalmente quando a mensagem era mais importante e o sigilo deveria ser maior.

Dentre a correspondência disponível no acervo virtual francês supracitado, foram escolhidas para a presente pesquisa e tradução somente as cartas que continham texto criptografado, em sua totalidade ou parcialmente. Dessa forma, das 58 cartas disponíveis, foram selecionadas 14 (7 de Fersen e 7 de Marie-Antoinette), que compreendem o período entre junho de 1791 e junho de 1792, e dentre as quais somente 6 estão parcialmente cifradas. O trabalho consistiu de quatro etapas: transcrever os manuscritos, criando um *corpus* digital; analisar e decifrar a correspondência criptografada selecionada, obtendo textos em língua francesa, traduzir os textos obtidos para a língua portuguesa, e cifrar os textos em português. A apresentação das cartas traduzidas, a seguir, dá-se na seguinte ordem: a) cartas de Marie-Antoinette – texto cifrado (de acordo com os manuscritos), texto em claro em francês (a partir da tradução por mim realizada), texto em claro em português e texto cifrado (a partir do texto em português); b) carta de Axel von Fersen – texto em claro (de acordo com os manuscritos), texto cifrado (a partir do texto em claro), texto em português (a partir do texto em claro em francês) e texto cifrado (a partir do texto em claro em português).

### 3.1 A ÚLTIMA RAINHA DA FRANÇA

Grande personagem histórica francesa, a última rainha da França, como ficou conhecida, suscita ainda muitas histórias e discussões acerca de sua vida, seu temperamento e sua real participação na política e na economia francesas. Vista por uns como uma mulher frívola, que pouco se importava com seu país e que somente desejava participar de festas, comprar roupas e joias e ter inúmeros relacionamentos adúlteros – Marie-Antoinette era a inimiga austríaca da França. Outros, no entanto, a consideram uma mulher extraordinária, forte e independente, que soube enfrentar de cabeça erguida as provações (como as prisões, rumores, assassinatos de pessoas próximas

e de familiares, e traições), pelas quais ela e sua família passaram durante a Revolução Francesa. No entanto, apesar de todas essas considerações, Zweig descreve uma mulher comum, que soube se transformar quando necessário:

Marie-Antoinette não foi a grande santa da realeza, tampouco a prostituta, a *grue* da revolução, e sim um caráter medíocre, na verdade uma mulher comum, não particularmente esperta, não especificamente insensata, nem fogo nem gelo, sem especial inclinação para a bondade e sem nenhum apego ao mal, a mulher mediana de ontem, hoje e amanhã, sem pendor para o demoníaco, sem ânsia pelo heroico e, talvez por isso, tema pouco adequado para uma tragédia. (ZWEIG, 2013, p. 14)

Axel von Fersen, por sua vez, foi um notório militar sueco e, apesar disso, seu maior feito parece o de ter sido amigo íntimo e amante de Marie-Antoinette, mais um inimigo da Revolução. No entanto, antes de tudo, o conde foi um militar de carreira, tendo participado, também, da guerra americana pela independência. Fez inúmeros amigos, com os quais se correspondeu avidamente, inclusive, utilizando-se de criptografia em suas mensagens, posto que era um militar. Foi amigo e conselheiro do rei da Suécia.

Porém, ao conhecer Marie-Antoinette, passou a viver por esse relacionamento que só poderia existir clandestinamente. As aflições vieram quando se deu início à Revolução Francesa, e Fersen passou a desempenhar o papel de aliado da família real, sempre tentando protegê-la e libertá-la, da maneira que fosse possível. Da mesma forma, agiu em defesa da restituição da monarquia absoluta. Assim como a rainha, o fez pois procurava defender seus interesses.

### 3.1.1 Uma austríaca em Versalhes

Filha da imperatriz austríaca Maria Theresia von Habsburg e do imperador Franz Stefan von Lothringen – que fundaram a casa Habsburg-Lothringen –, Maria Antonia Josepha Johanna Habsburg-Lothringen (em francês: Marie-Antoinette-Josèphe-Jeanne de Habsbourg-Lorraine), apelidada posteriormente de Marie-Antoinette,

nasceu em Viena, Áustria, no dia 2 de novembro de 1755. Desde de seu nascimento, Marie-Antoinette teve seu destino traçado por sua mãe, que via suas filhas e filhos como meios que auxiliariam na manutenção e expansão de alianças e do poder austríaco, preocupando-se muito mais com o futuro de suas províncias, de forma que “considerava os filhos como servidores da dinastia. Cada um deles tinha a tarefa de consolidar as realizações dela, da melhor maneira possível” (LEVER, 2004, p. 20).

Em 1768, Marie-Antoinette, com 13 anos, já era candidata ao matrimônio com o neto e sucessor do rei Louis XV, cuja confirmação ainda não havia sido feita, para que, assim, fosse construída a aliança tão desejada entre os Habsburg e os Bourbon, ou melhor, entre o império da Áustria e a França (LEVER, 2006). Enquanto os diplomatas de ambos os países, a imperatriz e o rei discutiam os acordos e tomavam as devidas providências, a pequena Marie-Antoinette se preocupava somente com seus passatempos infantis.

Sua mãe, Maria Theresia, percebeu que a educação que a menina até então havia recebido precisava ser refinada, uma vez que Marie-Antoinette, apesar de saber muito bem executar os deveres da corte, mal sabia escrever e ler nas línguas da corte de Viena (alemão, francês e italiano). Para corrigir o erro, foi apontado como mentor da arquiduquesa o abade Vermond, que viajou da França para a Áustria a fim de substituir os atores franceses que ensinavam dicção francesa à Marie-Antoinette e disciplinar a leviana Marie-Antoinette.

Em 13 de junho de 1769, o rei Louis XV enviou à Viena a proposta oficial de casamento. A data marcada para a oficialização da união foi 16 de maio do ano seguinte (LEVER, 2004), quando Marie-Antoinette já teria completado 14 anos e meio, e seu futuro esposo nem sequer teria completado 16<sup>54</sup>. Então, em 17 de abril de 1770, Marie-Antoinette, de acordo com o protocolo, renunciou a todos os direitos de sucessão. No dia 19, teve lugar a primeira e suntuosa cerimônia de casamento por procuração (LEVER, 2004) em Viena, com o embaixador francês representando o rei Louis XV e o irmão da arquiduquesa, Ferdinand Karl, representando o delfim Louis Auguste. Em 7 de maio, aconteceu a cerimônia de *remise*, a transferência da arquiduquesa austríaca para as autoridades francesas, na qual Marie-Antoinette se despediu de todos os seus amigos e pertences austríacos. O primeiro encontro com o rei Louis XV e com seu futuro esposo aconteceu após uma semana. Dois dias depois, em 16 de maio de 1770, ocorreu a

---

<sup>54</sup> Louis Auguste (o rei Louis XVI) nasceu em 23 de agosto de 1754.

cerimônia oficial de casamento, em território francês, no castelo de Versalhes (FARR, 2016). Dessa união deveria nascer um herdeiro para o trono francês, visto que o delfim seria o sucessor de seu avô. Mas a consumação do casamento só se deu 7 anos depois, em agosto de 1777 – devido a um problema fisiológico de Louis XVI.

Nesse intervalo de tempo, Marie-Antoinette entregou-se a outros prazeres, como jogos, teatros, festas, idas à ópera etc., tentando evitar que as maledicências sobre o fracasso na “produção de um herdeiro para o trono” a deprimissem demasiadamente. Em 30 de janeiro de 1774, conheceu Axel von Fersen, durante um baile de máscaras na Ópera de Paris – apesar de já terem se encontrado em Versalhes, durante a apresentação de Fersen à família real, no ano anterior. Nessa noite, sem ser reconhecida, Marie-Antoinette conversou com o conde durante um longo tempo (DECKER, 2005).

Em 1778, a rainha ficou grávida de sua primeira filha. A princesa Marie-Thérèse Charlotte, nascida em 19 de dezembro, recebeu o título de “*madame royale*, ou *madame, filha do rei*” (LEVER, 2004, p. 139). Marie-Antoinette passou o resto do ano em repouso, seguindo as indicações médicas. Mas foi somente em 1781, mais precisamente no dia 22 de outubro, que a rainha deu à luz ao herdeiro do trono, Louis Joseph Xavier François (FARR, 2016). Quatro anos depois, em 27 de março de 1785, nasceu Louis Charles, o duque da Normandia e futuro Louis XVII, apelidado por Marie-Antoinette de *Chou d’Amour*. No ano seguinte, em 9 de julho, nasceu a filha mais nova da rainha, a princesa Sophie Hélène Beatrice, que faleceu em junho do ano seguinte. Em 4 de junho de 1789, o delfim Louis Joseph faleceu aos 7 anos de idade, devido à tuberculose (FARR, 2016).

Entre os anos 1779 e 1789, Marie-Antoinette encontrou-se diversas vezes com Fersen, tanto em Versalhes quanto nos bailes da Ópera. Nesse mesmo período, ela passou diversas estações no *Petit Trianon*, que considerava como um refúgio da agitada vida na corte. Foi durante esse período, mais especificamente entre 1785 e 1786, que ocorreu o Caso do Colar (*L’affaire du Collier*), no qual o cardeal de Rohan, um dos principais acusados, é inocentado pelo Parlamento, a condessa Valois de la Motte é acusada de roubo e sentenciada a vinte chibatadas (além de ter sido marcada a ferro com a insígnia “V”, de *voleuse*<sup>55</sup>) e Marie-Antoinette, apesar de inocente, viu sua imagem ser difamada e tornou-se alvo frequente de acusações cada vez mais sérias e

---

<sup>55</sup> Ladra.

referentes aos problemas financeiros da França e à sua leviandade e promiscuidade (ZWEIG, 2013). A importância desse caso é histórica: foi devido ao resultado desfavorável à rainha, pelas mãos do Parlamento, e à revelação, por parte do Ministro da Finanças, Charles Alexandre de Calonne, de um déficit de um bilhão e cinquenta milhões de libras, em doze anos de reinado de Louis XVI (uma dívida oriunda também de empréstimos e de gastos com a guerra de Independência dos Estados Unidos) que deu-se início ao despertar do povo – que já há muito sofria com o aumento dos impostos, com os celeiros esvaziados devido ao mau resultado das colheitas, com a pobreza – e, sobretudo, da burguesia. Foi nesse momento que foi dado o apelido de *Madame Déficit* à Marie-Antoinette (ZWEIG, 2013).

A rainha, então, toma ciência de que é necessária uma mudança. Com isso, houveram muitos cortes de despesas no orçamento doméstico e de gastos desnecessários, vendas de castelos e propriedades. Marie-Antoinette passou a tentar reparar os erros do passado e a dar ouvidos à opinião pública e à de seus conselheiros (ZWEIG, 2013), as quais ignorara durante todos os anos de reinado. Em vão. O povo estava desperto e não acreditou na mudança súbita de comportamento por parte do rei e da rainha.

Então, em 5 de maio de 1789, foi convocada a Assembleia dos Estados Gerais, sediada em Versalhes, depois de dois séculos, com representantes da nobreza, do clero e do povo ou, respectivamente, o primeiro, o segundo e o terceiro estados. Nobreza e clero, favorecendo seus interesses e aqueles do rei, tentaram derrotar o povo, que, no entanto, reagiu e exigiu a criação de uma Constituição e transformou os Estados Gerais em Assembleia Nacional Constituinte. Em 14 de julho do mesmo ano, a prisão da Bastilha é tomada – evento que ficou conhecido como a “Queda da Bastilha”. Foi iniciada, então, a Revolução Francesa (ZWEIG, 2013; LEVER, 2010).

Em 6 de outubro de 1789, o castelo de Versalhes foi invadido por parisienses, um grupo constituído, principalmente, por mulheres que exigiam mudanças. A vida de Marie-Antoinette foi ameaçada. Os soldados que protegiam o castelo e os nobres foram massacrados. O rei Louis XVI, a rainha Marie-Antoinette, seus dois filhos e madame Elisabeth (irmã do rei), então, foram conduzidos ao Palácio das Tulherias, de acordo com a vontade do povo (ZWEIG, 2013; LEVER, 2010).

### 3.1.2 Um sueco na França

Hans Axel von Fersen – ou Jean Axel de Fersen, como foi conhecido pelos franceses – nasceu no seio de uma família nobre da Suécia, em 4 de setembro de 1755, no palácio Fersen, em Estocolmo. Era filho de Hedvig Catharina (de la Gardie) von Fersen, condessa sueca, e do conde e marechal sueco Fedrik Axel von Fersen. Suas irmãs eram as condessas Hedvig Eleonora von Fersen, a condessa de Klinckowström, que se casou com o conde Thure Leonard Klinckowström, e de Eva Sophie von Fersen, a condessa de Piper, que se casou com o conde Adolf Ludwig Piper.

Aos 15 anos, seu pai o enviou a países estrangeiros, como França e Inglaterra, para que estudasse as artes e o ofício das armas durante quatro anos, tendo passado pelas escolas militares de Estrasburgo e de Brunswick, em Turim, Itália (KLINCKOWSTRÖM, 1877). Assim sendo, no dia 13 de junho de 1770, Axel inicia seu *grand tour* pelo continente Europeu.

O conde Axel de Fersen, herdeiro de uma das mais poderosas famílias da Suécia, tinha exatamente a mesma idade que Marie-Antoinette: dezoito anos. Ele terminava essa viagem pela Europa, chamada “grande turnê”, que todos os jovens aristocratas tinham como dever de realizar para completar sua educação. Acompanhado por seu preceptor, ele havia deixado seu país natal, percorrido a Alemanha, a Suíça e a Itália antes de chegar à França, onde sua estadia parisiense foi toda de delícias.<sup>56</sup> (LEVER, 2010, p. 79)

Três anos após o início de sua viagem, ele pisou, enfim, em território francês. Em 15 de novembro chegou em Paris e, três dias depois, encontrou Marie-Antoinette pela primeira vez, durante sua apresentação para a família real (FARR, 2016). Durante esse ano, 1773,

---

<sup>56</sup> Tradução minha de: “Le comte Axel de Fersen, héritier de l’une des plus puissantes familles de Suède, avait tout juste l’âge de Marie-Antoinette, dix-huit ans. Il achevait ce voyage à travers l’Europe, appelé « grand tour », que tous les jeunes aristocrates se faisaient un devoir d’effectuer pour parachever leur éducation. Accompagné par son précepteur, il avait quitté son pays natal, parcouru l’Allemagne, la Suisse et l’Italie avant d’arriver en France où son séjour parisien était tout de délices.”

ele participou de diversos outros bailes oferecidos em Versalhes. Mas foi somente no ano seguinte que ele, de fato, conheceu a futura rainha e pôde, então, conversar com ela. Em uma entrada de seu diário, datada de 30 de janeiro de 1774, Fersen comenta como foi seu segundo encontro com a ainda delfina Marie-Antoinette:

30 de janeiro – [...] às nove horas nós fomos juntos cear na casa de Mme. de Arville, de onde eu parti, à uma hora, para ir ao baile da Ópera. Havia uma multidão: a Mme. Delfina, o S. Delfim e o conde de Provença vieram e permaneceram meia-hora, sem que sua presença fosse percebida. Mme. Delfina me falou durante longo tempo sem que eu a reconhecesse; [...] <sup>57</sup>. (KLINCKOWSTRÖM, 1877, p. xvi-xvii)

No mês seguinte, o conde continuou atendendo somente a bailes oferecidos por Marie-Antoinette. A sua estadia na França, repleta de delícias (LEVER, 2010), foi preenchida constantemente por atividades festivas, bailes e jantares. Isso se deu até o dia de sua partida, 12 de maio de 1774, para Londres, Inglaterra, continuando sua viagem. Em uma carta sobre a estadia de Fersen em Paris, datada de 29 de maio do mesmo ano, endereçada ao rei da Suécia, o conde Creutz, embaixador da Suécia em Paris, descreveu o impacto que o jovem teve sobre a sociedade francesa:

O jovem conde de Fersen acaba de partir para Londres. De todos os suecos que aqui estiveram durante meu tempo, foi ele o que foi mais bem acolhido pela grande maioria. Ele foi extremamente bem tratado pela família real. Não é possível ter uma conduta mais sábia e mais decente que a dele. Com a mais bela figura e com espírito, ele não poderia deixar de ser bem-sucedido na sociedade, e assim ele foi completamente. V. M. ficará certamente contente;

---

<sup>57</sup> Tradução minha de: “Le 30 janvier. – [...] A neuf heures nous allâmes ensemble souper chez Mme d'Arville, d'où je partis à une heure pour aller au bal de l'Opera. Il y avait foule : Mme la Dauphine, M. le Dauphin et le comte de Provence y vinrent et y demeurèrent une demi-heure, sans que leur présence fût remarquée. Mme la Dauphine me parla longtemps sans que je la reconnusse ; [...].”

mas o que tornará sobretudo o S. de Fersen digno de sua bondade é que ele pensa com uma nobreza e uma elevação singulares.<sup>58</sup> (KLINCKOWSTRÖM, 1877, p. ix)

O conde chegou em Londres no dia 26 de maio do mesmo ano, onde permaneceu por quatro meses. Em dezembro de 1774, retornou à Suécia, onde participou de diversas festividades na corte do rei Gustav III. No entanto, seus desejos de seguir a tradição familiar e de “seguir os traços de seus ancestrais logo o levou a deixar todos esses prazeres para buscar os campos de batalha<sup>59</sup>” (KLINCKOWSTRÖM, 1877, p. xxii). Sua vida estava destinada à carreira militar: antes de partir para sua viagem pelo continente europeu, em 1770, ele foi nomeado tenente no regimento Royal-Bavière, no exército francês; na Suécia, de cabo do regimento da cavalaria de Västergötland, passou a tenente da cavalaria de Småland. Após o retorno de sua viagem, foi nomeado capitão da cavalaria leve do rei, onde tornou-se chefe de esquadrão, após cinco anos (KLINCKOWSTRÖM, 1877); e, entre dezembro de 1774 e o início do ano seguinte, tornou-se capitão dos guarda-costas (*gardes du corps*) do rei Gustav III, um regimento exclusivamente aristocrata.

No entanto, a Suécia regozijava-se com uma paz profunda, não participando de guerras contra nenhum país estrangeiro. Fersen teve de buscar a guerra em outros países. Assim sendo, em 1778, viajou para Londres, onde permaneceu durante alguns meses para, em seguida, ir à Paris, de onde partia frequentemente para Versalhes. No dia 25 de agosto desse mesmo ano ele reencontrou a então rainha Marie-Antoinette, que o reconheceu prontamente:

O belo Axel havia feito seu retorno à corte no fim

---

<sup>58</sup> Tradução minha de: “Le jeune comte de Fersen vient de partir pour Londres. De tous les Suédois qui ont été ici de mon temps, c’est lui qui a été le mieux accueilli dans le grand monde. Il a été extrêmement bien traité de la famille royale. Il n’est pas possible d’avoir une conduite plus sage et plus décente que celle qu’il a tenue. Avec la plus belle figure et de l’esprit, il ne pouvait manquer de réussir dans la société ; aussi l’a-t-il fait complètement. V. M. en sera sûrement contente ; mais ce qui rendra surtout M. de Fersen digne de ses bontés, c’est qu’il pense avec une noblesse et une élévation singulières”.

<sup>59</sup> Tradução minha de: “suivre les traces de ses ancêtres le porta bientôt à quitter tous ces plaisirs pour chercher les champs de bataille.”

do verão de 1778. Inesquecível ao ponto de, quando a rainha o revê, quatro anos após o baile de máscaras da Ópera de Paris, ela não conseguir evitar em exclamar: – Ah! É um velho conhecido! Das duas coisas uma, ou Marie-Antoinette tinha uma memória infalível, ou a quadrilha que ela havia dançado com ele, em 30 de janeiro de 1774, deixou uma lembrança imperecível. Ou os dois!  
 – No dia em que o jovem Fersen veio à Versalhes em seu uniforme sueco, quando, então, dava a mão à Marie-Antoinette, percebeu-se nos movimentos dos dedos da rainha uma forte emoção à primeira vista.<sup>60</sup> (DECKER, 2005, p. 82-83)

Mesmo Marie-Antoinette estando grávida do primeiro herdeiro real, eles se reencontraram diversas vezes, em caminhadas, passeios e recepções repletas de risos nas acomodações particulares da rainha, tanto no palácio quanto no Petit Trianon. Isso se deu durante alguns meses, após inclusive o nascimento da princesa Marie-Thérèse Charlotte, a *Madame Royale*. Entre janeiro e junho de 1779, o conde e a rainha continuaram a se encontrar em Versalhes e nos bailes da Ópera parisiense, mas, no 1º de julho, ele parte para uma missão francesa em curso, cujo objetivo era invadir a Inglaterra, reunindo-se ao seu batalhão em Havre.

No entanto, cinco meses depois, ele retornou à Versalhes após o abandono do projeto de invasão da Inglaterra (FARR, 2016). Fersen passou os dias seguintes em companhia de Marie-Antoinette, participando inclusive do baile de *réveillon* organizado por ela, antes de viajar para Paris. No ano seguinte, em 1779, ele retomou seu posto no círculo íntimo da rainha, causando ciúmes nas pessoas ao seu redor

---

<sup>60</sup> Tradução minha de: “Le bel Axel avait fait son retour à la cour à la fin de l’été de 1778. [...] Inoubliable au point que, lorsque la reine le revoit, quatre ans après le bal masqué de l’Ópera de Paris, elle ne peut s’empêcher de s’exclamer : – Ah ! c’est une ancienne connaissance ! De deux choses l’une, soit Marie-Antoinette avait une mémoire infallible, soit le quadrille qu’elle avait dansé avec lui, le 30 janvier de 1774, lui avait laissé un souvenir impérissable. Ou les deux ! – Le jour où le jeune Fersen vint à Versailles dans son uniforme Suédois [...] qui donnait alors la main à Marie-Antoinette, s’aperçu au mouvement des doigts de la reine d’une forte émotion à cette première vue”.

devido à atenção que recebia dela, com a qual foi inúmeras vezes aos bailes da Ópera parisiense e a jantares exclusivos – a corte e o embaixador sueco já comentam sobre o amor de Marie-Antoinette pelo conde. Foi a rainha quem lhe conseguiu o posto de *aide de camp* (ajudante de campo ou de ordens) de Rochambeau no exército francês, que foi para os Estados Unidos, com quem Fersen partiu em 16 de maio de 1780 (FARR, 2016).

Na primavera de 1780, o jovem Fersen embarcou como ajudante de campo do general conde de Rochambeau, com a força expedicionária do exército francês, em Brest, para ir à América do Norte ajudar os americanos em sua guerra de independência contra os ingleses. [...] O jovem Fersen foi empregado pelo general de Rochambeau, em preferência a todos os outros ajudantes de campo, durante as conferências com o general Washington, assim como com os outros chefes do exército americano; era ele, então, que conduzia as negociações – preferência fundada tanto em suas outras qualidades quanto sobre seu conhecimento em língua inglesa.<sup>61</sup> (KLINCKOWSTRÖM, 1877, p. xxxvii)

Entre maio de 1780 e junho de 1783, o conde Fersen participou, então, da guerra de independência dos Estados Unidos. Depois desse período, ele retornou para a França, juntamente às tropas francesas, em 23 de junho de 1783. Ele pediu a seu pai permissão para que pudesse permanecer em território francês até a primavera do ano seguinte, como descreve Farr (2016), que lhe foi negada. O barão Klinckowström (1877) coloca que, quando o conde propôs retornar à Suécia para rever seus pais, ele foi convocado para acompanhar o rei Gustav III em sua viagem

---

<sup>61</sup> Tradução minha de: “Au printemps de 1780, le jeune Fersen s'embarquait, comme aide de camp du général comte de Rochambeau, avec le corps expéditionnaire de l'armée française, à Brest, pour aller en Amérique du Nord aider les Américains, dans leur guerre d'indépendance contre les Anglais. [...] Le jeune Fersen avait été employé par le général de Rochambeau, de préférence à tous les autres aides de camp, pendant les conférences avec le général Washington, comme avec les autres chefs de l'armée américaine ; c'était lui qui menait ainsi les négociations : préférence fondée autant sur ses autres qualités que sur sa connaissance de la langue anglaise”.

pela Alemanha, Itália e França. A divergência de informações destes dois autores reside no fato de que o primeiro data o retorno de Fersen em 20 de setembro de 1783 e o segundo data a volta no final do ano de 1784.

Em relação à sua carreira militar nessa época, o conde de Fersen foi nomeado coronel titular no exército sueco, cavaleiro da Ordre de l'Épée e tenente-coronel em serviço da cavalaria leve do rei. O rei da França o nomeou segundo coronel do regimento Deux-Ponts e cavaleiro da ordem por mérito militar; e, em 1783, foi feito coronel proprietário do regimento Royal-Suédois, a pedido do rei Gustav III. Ele recebeu também a ordem Cincinnatus do general Washington, fundador da República dos Estados Unidos da América do Norte, apesar de não poder portá-la por ordem do rei da Suécia (KLINCKOWSTRÖM, 1877).

Assim, durante alguns meses, ele acompanhou o rei como capitão dos guarda-costas, e entre outubro de 1783 e junho de 1784 eles permaneceram na Itália, e chegaram à Versalhes no dia 7 desse mesmo mês. Durante a estadia do rei na França, Fersen participou de alguns jantares e festas no castelo, mas retornou para a Suécia no dia 19 de julho; ele, então, pôde encontrar seus familiares, que não via desde 1778.

No ano seguinte, 1785, o conde retornou à França. A partir de então, durante os meses de março a setembro, ele começou a dividir seu tempo entre se hospedar no hotel Luynes, local escolhido estrategicamente por ser próximo dos apartamentos da rainha, no castelo em Versalhes, visitando secretamente a rainha, e retornar ocasionalmente ao seu regimento, em Landrecies. Durante suas viagens, ele continuou escrevendo à Marie-Antoinette – a correspondência privada havia sido iniciada, de acordo com os registros do conde, no dia 7 de novembro do ano anterior – sob o codinome *Joséphine*. Os envios são intermitentes posto que, quando em Versalhes, não havia a necessidade de se corresponderem por cartas. Entre o final do mês de setembro e o início do mês de outubro, Fersen retornou à corte, hospedando-se novamente no hotel Luyne, mas mantendo um apartamento em Paris, como forma de mascarar sua estadia na cidade de Versalhes. Seu retorno oficial na corte data do dia 4 de outubro e poucos dias depois, em 13 de outubro, ele e Marie-Antoinette viajaram para Fontainebleau. Eles retornaram no dia 12 de novembro, a partir de quando Fersen dedicou praticamente todo o seu tempo à Marie-Antoinette, em Versalhes (FARR, 2016). Nesse intervalo de tempo, o conde ainda se ocupou em visitar seu regimento em Valenciennes, nos

meses de janeiro e junho, durante alguns dias – quando isso acontecia, a correspondência entre o conde e a rainha era sempre retomada.

Até 25 de junho de 1786, quando Fersen partiu para a Suécia, pela Inglaterra, chegando em seu país natal no mês seguinte e permanecendo lá até abril de 1787. Nesse ano, mais especificamente no dia 30 de abril, ele retornou à França, onde, novamente, dividiu seu tempo entre a inspeção de seus regimentos, em Maubeuge e Valenciennes, e as visitas à Marie-Antoinette, que geralmente eram secretas – a rainha havia concedido à Fersen um apartamento no castelo de Versalhes, ao qual ela tinha acesso, onde ele se hospedava clandestinamente. O conde permaneceu em Versalhes até 15 de abril de 1788, quando retornou à Suécia.

Em 1788, ele permaneceu na corte do rei Gustav III e, em seguida, partiu para a Finlândia para participar da guerra contra a Rússia, em outubro do mesmo ano. No entanto, no mês seguinte, ele viajou para a França e dividiu seu tempo entre Paris e Versalhes, hospedando-se por vezes no hotel Luynes, em outras em seu apartamento no castelo. Ele ocupou grande parte de seu tempo em Versalhes, junto à rainha, ainda que viajasse por vezes para inspecionar seus regimentos, entre os meses de novembro de 1788 e junho de 1789.

Em 13 de junho daquele ano, ele se juntou ao seu regimento em Valenciennes, um mês e alguns dias após a convocação e abertura dos Estados Gerais, em Versalhes. Em julho, devido ao estado em que se encontrava a população francesa, Fersen tentou marchar com seu regimento até Versalhes, afim de garantir a segurança do castelo e da família real. No entanto, o plano foi abandonado e ele teve de permanecer em Valenciennes até setembro, quando viajou, enfim, para Versalhes e se instalou no castelo. Em 6 de outubro, o castelo foi invadido pela população descontente, que massacrou os guarda-costas reais e, então, conduziu a família real ao Palácio das Tulherias, em Paris – Fersen testemunhou tudo e seguiu o cortejo até o destino final (FARR, 2016).

### **3.1.3 Da corte ao corte**

Entre 1789 e 1790, a família real ficou presa no Palácio das Tulherias, em Paris. Fersen e Marie-Antoinette pouco se encontraram, algumas vezes em visitas públicas, outras, durante encontros clandestinos. No ano seguinte, Fersen organizou a fuga, que aconteceu

entre os dias 20 e 21 de junho, da família real para Montmédy, em direção às fronteiras da França. O conde conduziu-os até Bondy, de onde a família, trajada com vestes simples, seguiu até Varennes. No entanto, ao chegar na cidade, os nobres foram reconhecidos e presos, tendo sido reconduzidos ao Palácio das Tulherias. A partir daquele momento, a família real passou a ser vigiada rigorosamente, assim como o rei teve todas as suas funções monárquicas suspensas (FARR, 2016; LEVER, 2010). E, mesmo assim, o rei e, sobretudo, a rainha continuaram a se corresponder secretamente com seus aliados e Fersen, a fim de reunirem forças para que a monarquia fosse restaurada por completo na França. Em 13 de setembro, Louis XVI aceitou a Constituição (FARR, 2016).

Em 10 de agosto de 1792, o Palácio das Tulherias é invadido. O povo, os *sans-culottes*, acusava o rei de traição. Durante a tomada do palácio, houve um massacre dos guardas e a família real tornou-se prisioneira da Assembleia Nacional. Nesse mesmo dia, cessam as cartas trocadas entre Marie-Antoinette e Axel von Fersen. Foi o início do que ficou, posteriormente, conhecido como o primeiro período de *La Terreur* (o Terror), que se entendeu até 22 de setembro do mesmo ano. Três dias depois, a família real é conduzida e encarcerada na Torre do Templo, uma parte da fortaleza Casa do Templo, situada ao norte de Paris. Entre 2 e 7 de setembro, inúmeras pessoas foram executadas, consideradas inimigas da Revolução, entre elas, e principalmente, nobres e aristocratas. No dia 22, a monarquia foi abolida e a República foi declarada (FARR, 2016).

O julgamento do processo de acusação de Louis XVI aconteceu entre 10 e 26 de dezembro. Ele foi condenado à morte em 20 de janeiro de 1793 e executado no dia seguinte, na Place de la Révolution (atual Place de la Concorde). No dia 3 de julho, Louis Charles foi separado de sua mãe e irmã. Ele foi usado como testemunha de acusação (de práticas incestuosas e libidinosas) no julgamento de sua mãe. Em 2 de agosto, Marie-Antoinette foi separada de sua filha, Marie Thérèse Charlotte, e sua cunhada, madame Elisabeth, e transferida para a Conciergerie, onde ficou presa e sob constante vigilância, até o seu julgamento. O processo aconteceu nos dias 15 e 16 de outubro, no Tribunal Revolucionário, do qual Marie-Antoinette saiu condenada a ser guilhotinada no mesmo dia. Após a morte de Marie-Antoinette, o conde retornou à sua vida militar e política, tornou-se marechal do reino da Suécia e conselheiro do rei. Em 20 de junho de 1810, Fersen foi pisoteado por uma multidão, acusado sem provas de traição e do assassinato, por envenenamento, do herdeiro

do trono sueco (ZWEIG, 2013; FARR, 2016).

### 3.2 DE MARIE-ANTOINETTE A AXEL VON FERSEN

*“J'existe mon bien aimé et c'est  
pour vous adorer.”*

(Marie-Antoinette a Axel von  
Fersen)

#### 3.2.1 De 28 de junho de 1791

A carta datada de 28 de junho de 1791 (alógrafo redigido por Fersen e registrado sob a cota 440AP/1, dossiê 1) foi redigida em cifras, logo após a tentativa frustrada de fuga da família real para as fronteiras francesas, onde ela esperava encontrar aliados que a pudessem ajudar, também, na retomada do poder pela monarquia. No entanto, foram reconhecidos pelos habitantes e presos na cidade de Varennes, de onde foram reconduzidos ao Palácio das Tulherias, em Paris, chegando lá em 25 de junho e permanecendo sob forte vigilância. A partir desse momento, e devido, sobretudo, ao constante monitoramento e controle das atividades da família real, Marie-Antoinette e Axel von Fersen iniciaram uma correspondência clandestina, com cartas cifradas ou escritas em tinta invisível, de maneira que seu conteúdo fosse mantido em segredo e somente o destinatário autorizado pudesse recuperar a mensagem.

A carta da data em questão tem, a princípio, Axel von Fersen como destinatário. Publicações como, por exemplo, a de Lever (2005), a da Éditions Paleo (2012) e a de Rocheterie e de Beaucourt (1896) apresentam uma mensagem curta, cujo destinatário é o conde Fersen. A primeira é levemente diferente das duas últimas mencionadas, que são idênticas. Tais publicações foram baseadas em uma outra, editada pelo barão de Klinckowström (1877), como apontam Rocheterie e Beaucourt, em uma nota de referência de seu livro (1896).

Rassurez-vous sur nous ; nous vivons. Les chefs de l'Assemblée ont l'air de vouloir mettre de la douceur dans leur conduite. Parlez à mes parents de démarches du dehors posuie ( ? ) ; s'ils ont peur, il faut composer avec eu. (ROCHETERIE e

BEAUCOURT, 1896, p. 253-254).

Rassurez-vous sur nous. Nous vivons. Les chefs de l'Assemblée ont l'air de vouloir mettre de la douceur dans leur conduite. Parlez à mes parents de démarches du dehors pos [illisible]. S'ils ont peur, il faut composer avec eux. (LEVER, 2005, p. 544).

Contudo, como se pode notar na carta traduzida, o texto contém uma mensagem um pouco diferente, apesar de ainda conter trechos indecifráveis. É possível perceber uma referência ao conde de Fersen, em terceira pessoa do singular, indicando que ele não era o destinatário de fato. Segundo Farr (2016), que teve acesso às listas de controle da correspondência de Fersen, trata-se de uma carta enviada ao conde de Mercy-Argenteau que, em seguida, a enviou a Fersen, uma vez que era acompanhada por uma carta destinada ao conde sueco.

Em praticamente todas as publicações, as versões são muito parecidas e indicam dois trechos ininteligíveis. O mesmo ocorreu durante minha tradução, apesar das inúmeras tentativas. Farr (2016) publicou esta carta, indicando “duas lacunas indecifráveis”<sup>62</sup>, apesar de seus esforços em realizar a tarefa:

Rassurez-vous sur nous. Nous vivons. Les chefs de l'Assemblée ont l'air de vouloir mettre de la douceur dans leur conduite. Parlez à mes parentes de[s] [démarches du dehors *posuie*. S'ils ont peur, il faut composer avec eux. **Brûle tout ce qui est *souolfgero* et envoie le reste de la lettre à M. de Fersen. Il est avec le roi de Suède.** (FARR, 2016, 138, grifos da autora)

Houve uma diferença nos resultados de ambas as partes indecifráveis. Farr obteve as cifras “posuie” e “souolfgero”; em minha pesquisa, apresento as cifras “PIXXES” e “SOUOLOGLCY”. Não há como comparar detalhadamente os métodos particulares utilizados, uma vez que a historiadora descreve seu procedimento de maneira geral, antes de apresentar as cartas e os novos resultados. No entanto, Klinckowström (1877), ao publicar a mesma carta, apresentou as mesmas cifras que Farr: “posuie (?)” (p. 142) – e somente essa lacuna,

---

<sup>62</sup> Tradução de: “deux lacunes indéchiffrables”.

pois a mensagem foi alterada e está incompleta.

Nesta carta, a palavra-chave utilizada foi a palavra “*vertu*”, e para a tradução foi utilizada a palavra correspondente em português “*virtude*”. No entanto, diferentemente das outras mensagens, a razão de um por dois, ou seja, de uma letra da palavra-chave para cada duas letras da mensagem, não foi aplicada; todas as letras da mensagem foram cifradas. Dessa forma, para a tradução final, foi utilizado o mesmo método.

<p>CARTA CIFRADA (Fr)</p>	<p style="text-align: right;">ce 28 juin</p> <p>PFALFPUETFEXEIIICUAPCFXERFCQASSEIO&amp;UEH USXEXUCLBUUTIGBSRPQUETFBRPI&amp;SMDISQUX UQCEQ&amp;FPUTUIEBUAPEIHPQFCD&amp;RXOX&amp;X&amp;UA NXPUEOEQUZUPODULQFHUFPCXIRAAUSXPSEC QDNSFOPSUXEDMC&amp;&amp;HLOPFE&amp;OSELYPFBUMSD EP&amp;EGXHACBR&amp;SOH&amp;GSQETHSBUISEMUXSBFX &amp;GGOUU&amp;QUY&amp;PEUBRBSXDUFSEX&amp;PCCT&amp;EFUT &amp;</p>
<p>TEXTO EM CLARO (Fr)</p>	<p style="text-align: right;">ce 28 juin</p> <p>rassure vous sur noes nous vivons les chefs de lassemblee ont lair de vouloir mettre de la douceur dans leurs conduite parle a mes pareuts de marches du dehors PIXXES sils ont peur il faut composer avec eux brule ce qui est SOUOLOGLY et envoye le reste de la lettre a m de fersen il est avec le roi de suede.</p>
<p>TEXTO EM CLARO (PtBr)</p>	<p style="text-align: right;">Neste 28 de junho</p> <p>Assegurai-vos de nós, nós vivemos. Os chefes da Assembleia têm o ar de querer adoçar sua conduta. Falai a meus parentes sobre as iniciativas de fora PIXXES Se eles têm medo, é preciso lidar com eles. Queimai o que está SOUOLOGLY e enviai o resto da carta para o S. Fersen. Ele está com o rei da Suécia.</p>
<p>CARTA CIFRADA (PtBr)</p>	<p style="text-align: right;">Neste 28 de junho</p> <p>XCA&amp;TPOXEETEKUIQAPCGENRUCCGRESO&amp;UAX QKSLEATLFURXCU&amp;QSIQANFIK&amp;PEHCSSIEPFOQ BXFCFUKXUNETSRANXNUIBULE&amp;LPISLNRCOES ONPFEXUHCNFRELD SGXSIX&amp;ECU&amp;&amp;UXCA&amp;PIQ RE&amp;BNXSIO&amp;TSFULDPUN&amp;SRCLESIA TF&amp;BCZXM HAUIRPUN&amp;OSCDTQEIXUDUREOXQALUIEAQSF U&amp;ECFOQZTPACQKAASTCX</p>

### 3.2.2 De 29 de junho de 1791

Em 29 de junho, Marie-Antoinette escreveu a Fersen descrevendo, sem muitos detalhes, sua situação e a de sua família após a tentativa de fuga. Na mensagem, a rainha alerta ao conde Fersen que este não escreva nem tente revê-la para que, dessa forma, os revolucionários não descubram que o conde é um dos aliados da família real, apesar das suspeitas existentes. As palavras-chave utilizadas foram “*depuis*”, e, para a tradução final, “desde”.

O manuscrito consta no acervo, sob a cota 440AP/1, dossiê 1. Trata-se de um alógrafo realizado por Fersen, segundo a descrição do documento disponível no acervo.

<p><b>CARTA CIFRADA (Fr)</b></p>	<p style="text-align: right;">ce 29 juin</p> <p>FESIETSMQNPIANFIPESTSEFTUOERCOFSKDMRA RNUSJXIIT&amp;IRQEISTGEXEGOPSUTAUSJIVMUGPB ANNEDITMUCCUQCEFORSFOPFARSZQEPAGOFR &amp;ONNGDINMSROEVSLBECL&amp;CFEBPSR&amp;EBT&amp;RE QEEUEBLICIV&amp;UXAKRNVEN&amp;MACOICEKPKSQE GEOONTIORS&amp;XUOXEKEGSRRAOPTQEKEFEPEK PESCCGSCUCAGCPN&amp;ISTSBEMNGACTAUSCISA V&amp;UXQCIHORSTVAZXOKTNDECIT&amp;UMSSRCIBP&amp; RKUXICOFNADAFSXISZIORSFQXMUSYAPDIAG UAJRUKEGNRIACALFMSSGEZANEPESIEETNAFI TYXOGEKTUALQPILI&amp;NSMKRDIPEOAKISNFAFS AMLLSEFERTLOPSMRQIGEUAGETDRUUEFRKDY EPLUP&amp;UEAEM&amp;DASDOPMSSSANMAVRUESNVQ UFP&amp;UEEDMSNKG&amp;U&amp;UXPFURMQIYERE&amp;OCRP AEPNUGVRUEEORER&amp;MEIXRNEIDKNFLAMRNZE IENEGMAM&amp;EUHSRXEGOPSFDFRSREUFQPABAP OPT</p>
<p><b>TEXTO EM CLARO (Fr)</b></p>	<p style="text-align: right;">ce 29 juin</p> <p>jexiste mon bien aime et cest pour vous adorer que j'ai ete inquiette de vous et que je vous plains de tout ce que vous souffrez de navoir point de nos nouvelles le ciel permettra que celley vous arrive ne mecrivez pas ce seroit nous exposer et surtout ne revenez pas icy sous aucun pretexte on sait que cest vous qui nous avez sorti</p>

	<p>dicy tout seroit perdu si vous paraissiez nous sommes garde a vue jour et nuit cela mest egale vous nest pas icy soyez tranquil il ne marrivera rien lassemblee veut nous traiter avec douceur adieu le plus aime des hommes calme vous si vous pouvez menage vous poup moi je ne pourrai plus vous ecire mais rien dans le monde ne peu mempecher de vous adorer jusqua la mort</p>
<p>TEXTO EM CLARO (PtBr)</p>	<p>Neste 29 de junho Eu existo, meu bem-amado, e é para vos adorar. Como eu estive preocupada convosco, e como eu lamento por tudo o que vós sofreis por não ter nenhuma notícia sobre nós. O céu permitirá que esta chegue até vós. Não me escreveis, isso seria nos expor. E sobretudo não retornais aqui sob pretexto algum, sabe-se que sois vós quem nos tirou daqui. Tudo estaria perdido se vós aparecêsseis. Nós somos mantidos à vista dia e noite; isso me é indiferente. Vós não estais aqui. Ficai tranquilo, nada me acontecerá. A Assembleia quer nos tratar com doçura. Adeus, ó mais amado dos homens. Acalmai-vos se puderdes. Cuidai de vós mesmo por mim. Eu não poderei mais vos escrever, mas nada no mundo pode me impedir de vos adorar até a morte.</p>
<p>CARTA CIFRADA (PtBr)</p>	<p>Neste 29 de junho AUUXYSCOTEPBUMTMEADREAPFRTV&amp;SFD&amp;RFR QOXOUUUSMIGEURUOTU&amp;ARATOQV&amp;SIO&amp;C&amp; MREPLFM&amp;NCO&amp;ONTEDMOLUUV&amp;SXOSRAIXP&amp; RQAMTARQERHEMTN&amp;TCCFAXOPBNEQOGOIEG PARTICIOACUAEXTECDEUUAAMEPOXNTOXEUS TRUV&amp;IGIXS&amp;SURYAROXEMPRR&amp;S&amp;BOECUHOL A&amp;RUT&amp;RQAYSEQEIGOLPDECEST&amp;ABGGMGAL EGENU&amp;S&amp;IXV&amp;SNU&amp;MROXTFRRURALUCTPDR EFTERCAUEODYD&amp;SUV&amp;SFPTRACUSGECSSLOGS RM&amp;STALTFDRSEVCSAAKIFEROCT&amp;IGSRMAEC NRIIEOERTUVMRSRAREGTFIFALUCFFCFIARENNU FLRNTDEMUAATOQT&amp;CARFAESXEQBQECALUUR LOGTOACAOCMMKOIUNAFD&amp;UGOTAFSMTD&amp; DRSYOTELSECFLXACVMSG&amp;UKEOD&amp;STUCDEI HEGOGMUSXO&amp;ODMFMUURARPMNDARUIXACSG OGEXCNEEEDMESQAKAQOOURDRP&amp;DUM&amp;IXPU DFRHEGOGAHONAOAAEEMRRCE</p>

### 3.2.3 De 8 de julho de 1791

Trata-se de um alógrafo, realizado por Axel von Fersen, registrado sob a cota 440AP/1, dossiê 1. Nesta carta, Marie-Antoinette redigiu um memorando sobre as ideias do rei Louis XVI em relação aos acontecimentos e o que poderia ser feito a respeito, por isso as repetições de início de frase: “O Rei pensa [...]” (“*Le roi pense [...]*”). Dessarte, a rainha também pôde informar Fersen sobre o estado psicológico de seu esposo.

De acordo com Farr (2016), esta carta é, na realidade, o memorando ao qual Marie-Antoinette faz referência em sua carta cifrada de 9 de julho (ver sessão 4.1.6.), “um memorando sobre as ideias do Rei”, que a rainha anexou à carta da referida data. No entanto, a carta em questão foi registrada pelo Archives Nationales como sendo do ano de 1792; por essa razão, ela foi classificada do mesmo modo nesta pesquisa.

O memorando abaixo foi escrito, então, um dia antes da carta que o apresenta (redigida em 9 de julho de 1791, e não 1792). A palavra-chave utilizado para cifrá-lo foi “*courage*”; já para a tradução em cifras a partir do texto em claro em língua portuguesa, a palavra-chave escolhida foi “*coragem*”.

<p>CARTA CIFRADA A (Fr)</p>	<p style="text-align: right;">le 8 juillet</p> <p>RENONPUNREYUULDPNIEOBRFSZEORKETUNLUS URRTUNYEYLSTSTCENEKRDDPTNOBTNTGLRUR AESILUAQOETUERANOHAETFNRLIKNBANSAAO TFLESKXSROEKATCKNFCHEDUSLQOOQKEUSHA ESSZQOONKDUSNU&amp;SEABCFSRTOAPGSREPHUSQ KIBSQIYBSSHODRLUXNL&amp;QFEKIDY. RENONPUNREYUUCKSYPXRXATOQEHE&amp;NSGCCP AUXNXSKUBEDUULFUESUCQUNPCAKRNIHEMR KUYIBESLTIRTFSQNNNOHAEMFQKEBAEEOISDR BTBOQDKSUOPCUSOENOCKTNEUUSFCXNHAX RSEGSPLNNZEOEMUEONTPCXAHOETKVMYSUN FGXCCAHI MN. QEECEFUCSAEEXXNAOONRCUS&amp;EQEBEEREABR URKGPRQEKCNM&amp;EBEYREEINUMKSNAQSPOYRS VHYBGRMSYRYOFTTEQUBSQOHRSRSTHUSNXU</p>
-------------------------------------	---

XEPAFQISQHBQKECOYRBRGRPSUERX&ELISNOE.  
 RENONPUNREYUENNLISIIPHUTOBRCLRIOIGEDEM  
 QKIBE&TORCPHSFMRMUEPLSDXTDAOTNUEIPGY  
 DSJEIOSRRRIHDPNTEKETXFOERRU&DXNALFTGT  
 QUXLEEGRHUTEBLUSHIOPCSAIALRQEIRNSFFTIA  
 RCXMTUPIDUSEDTNUZLUSZALIIEDSOEZOQTNAE  
 ETAXELEDTEXZRSTE.

QNPNIQBCFQKEHIZYPQFIBZFXUOSREEAPTPCME  
 ZRUGDRQEECHMLELOQSHIYUGIHNOECSXELORT  
 RRUSFNHEFULO&QFAXOSSXNTEHTNASNXIAEET  
 ULKLPPIESSNUMGIMRKDPLBEKOTICVRUARPPCU  
 KQTICSUDKC&DSAXERALCUPHENOFIHUOODMFI  
 &ERGXRTAOTZOQFXLECSQEISEDDOOXTBABINE  
 STRIBLYSMIPEHNCOBTOEBANDSRDOTTLENUXC  
 SSGFSIUURPEI&DSUAABSDO&MUNYLDUXNTAM  
 AKOBOPTSDFRHILABSCMNQESNBXEBCTAQGKR  
 YAITCUFLGGGOAPDSMXJHRKTRDULDNPNTNOBSFR  
 GPRULLSSIOEVFAKTUSZEETXFSISELHFNBNENST  
 USQRBTNUXLUAFTDOTRDEOTQUYEIODRFAPPMI  
 ZAYICN.

#### LEEU&E

RAKARTPVKTRDERQISSGBPEACXNXTDTSEGBPE  
 OCNQAUAEPPFIASBNLEXEHRPNTEKS.  
 XLQEEIKEPURLFBQNREFOXOOTRDUSKSAPEBT  
 RA&IXARL&ESSUTMEZAETLEESCUEESABNXQYI  
 FOFDKOKTQCRNZOFRNRUCFMGNCFKSYARARU  
 OE&AQIKRSDSCHNHRRSRUQNSMRLHYBLGVRYK  
 DSSIE&ODIGTCOPSLISNUNUEDDEQYIBYSUDUOE  
 POOCKIOPCSSNUEFOERREESCUDEOIEPMFI&TMUN  
 OERRASZUZKNRPRIURSEFOERPEAAEPKOTOYUU  
 RDUKRNMEUAKMFS&AKRS.

XLEENAPMQOETFNHQFEBENDFBEEMSKRSUIIAS  
 FAKEILSSURSRUSCUEOCEHCSUAQEIMSLHRI&IN  
 OITOTRLEMTKIOPCRDAOTRNUGQC&AGIHN.  
 RENONNUCSOBT&A&DSVCIKNXPXUEOXRQOINU  
 RTNFLUIPPUMUFOPRKLCTIHEOANSPLFNKOCSE  
 AARIURFCEIMEPBBAICIOTRRTOELEOIGAAEEFEE  
 OE&.

POFSIOAOSFAORKPMNQURATR XIHE&USDSSHY  
 FZFRUSAEBUNLPNUEEPOEHDSNCTKESELOQNQI

ESXNQEFTNEQOHRSA GTSCGE&EQT.

le 8 juillet

le roi pense que la prison resserree yu il est retenu et letat de degradation total ou lass nle a portee la royaute ne lui en laissant plus exercer aucun acte quelconque est assez connu des puissances etrangers pour quil soit besoin de lexpliquer icy.

le roi pense que cest par la voye des negociations seule que leur secour poarroit etre utile a lui et a son royaume que la demonstration des forces ne doit etre que secondaire et si lon se refusoit icy a toute voye de negociation.

le roi pense que la force ouverte meme apres une premiere declaration seroit dun danger incalculable non seulement pour lui et sa famille mais meme pour tous les françois qui dans linterieure du royaume ne pensent pas dans le sens de la revolution il ny a pas de doute quune force etrangere ne parvienne a entrer en france mais le peuple armee comme il lest en fuyant les frontieres et les troupes du dehors se serviroit dans linstans de leurs armes contre ceux de leurs concitoyens que depuis desx ans on ne cesse de leur faire regarder comme leurs ennemis dans notre voyage et surtout depuis notre retour nous en avons chaque jour la triste experience.

le roi pense quun plein pouvoir illimite tel qui lest mprose meme en le dattant du vingt de juin seroit dangereux pour lui dans letat nu il se trouve il est impossible quil ne fut pas communique et tous les cabinets ne sont pas egalement secrets.

on annonce que dicy a quinze jours les articles regardes comme constitutionnels seront presente au roi qualors on mettra en liberte le laissant maitre daller ou il voudra pour quil se decide a les accepter oui ou non mais en gardant son fils ce qui rendroit la liberte illusoire on doit garder tout ce qui cest fait depuis deux ans comme nul quand a la volonte du roi mais impossible a changer tant que la grande majorite de la nation sera pour les nouveutes cest a faire changer cet esprit quil faut tourner toute notre applicatio.

resume

la captivite du roi est bie b constate et bien connu des

TEXTO  
EM  
CLARO  
(Fr)

puissances etrangers il desire que la bonne volonte de ses parents amis allies et les autres souverains qui voudroit y concourir ce manifesta pak une maniere de congres ou on employa la voye des negociations bien entendu quil y eut une force imposable pour les soutenir mais toujours azzez en arriere pour ne pas provoquer au crime et au massacre. il seia important que le b de bret se reunisse avec l&s freres du roi et ceux quil choisiront pour cette importante negociation.

le roi ne croit pas devoir ny pouvoir donner un plein pouvoir illimite mais il envois ce papier escrit en blanc pour etre remit a sef freres.

nous nosons par repondre au roi de suede soyez pres de lui linterpret de notre reconnoissance et de notre attachement.

Em 8 de julho

O Rei pensa que a prisão reforçada onde ele está retido e o estado de degradação total ao qual a Assemb Nac<sup>63</sup> levou a realeza, não mais o deixando exercer nenhum ato qualquer, é suficientemente conhecida pelas potências estrangeiras para que seja necessário explicá-los aqui.

O Rei pensa que é pela via das negociações somente que seu socorro poderia ser útil a ele e a sua realeza; que a demonstração de forças só pode ser secundária e se aqui se recusarem a toda via de negociação.

O Rei pensa que a força aberta, mesmo após uma primeira declaração, seria de um perigo incalculável, não somente para ele e sua família, mas mesmo para todos os franceses que, no interior do reino, não pensam no sentido da revolução. Não há dúvida de que uma força estrangeira consiga entrar na França, mas o povo armado como está, fugindo das fronteiras e das tropas de fora, se serviria no instante de suas armas contra aquelas de seus concidadãos que, durante dois anos, não se cessa de os fazer enxergar como inimigos; em nossa viagem e, sobretudo, desde nosso retorno, nós temos a cada dia a triste experiência.

O Rei pensa que um pleno poder ilimitado, tal como está composto, mesmo o datando de vinte de junho, seria perigoso para ele, no estado em que ele se encontra. É

TEXTO  
EM  
CLARO  
(PtBr)

<sup>63</sup> Assemblée nationale (Assembleia nacional).

impossível que não tenha sido comunicado, e todos os gabinetes não são igualmente secretos.

Anuncia-se que, daqui a quinze dias, os artigos vistos como constitucionais serão apresentados ao Rei; que, então, o colocarão em liberdade, o deixando mestre para ir aonde ele desejar, para que ele se decida a aceitá-los, sim ou não, mas guardando seu filho, o que torna a liberdade ilusória. Deve-se olhar tudo o que foi feito há dois anos como nulo, quanto à vontade do Rei, mas impossível de mudar, tanto que a maioria da nação será pelas novidades. É para fazer mudar esse pensamento que deve-se voltar toda nossa aplicação.

#### Resumo:

A clausura do Rei é bem constatada e bem conhecida das potências estrangeiras. Ele deseja que a boa vontade de seus parentes, amigos, aliados, e os outros soberanos que queiram concorrer, se manifeste por uma maneira de congresso no qual se empregue a via das negociações; bem entendido que haja uma força imponente para os apoiar, mas sempre suficientemente retraída para não provocar o crime nem o massacre.

Será importante que o b. de Bret.<sup>63</sup> reúna-se com os irmãos do Rei e aqueles que eles escolherem para essa importante negociação.

O Rei não acredita dever nem poder dar um pleno poder ilimitado, mas ele envia este papel, em branco, para ser entregue a seus irmãos.

Nós não ousamos responder ao Rei da Suécia. Sede, próximo a ele, o intérprete de nosso reconhecimento e de nossa afeição.

Em 8 de julho

QRSIIEOSGQEENPLIEAHRFFXRIAQAQNQEULFEZT  
FRRTXDMEHERTGDRDRDKGNATADAXTRTNLDO  
DUSLBAZSUMONDCBEEOTAEEFLRZDNPOZAKSX  
DUIIAPDMELESCRRQEAHYMPHTQTACQEEEE&U  
UIQIFNHETEATKCMNOEDINA&EZA&PMTUNDIGS

<sup>63</sup> Baron de Breteuil (Louis Auguste le Tonnelier, barão de Breteuil, foi embaixador em São Petesburgo, Estocolmo, nos Estados Gerais de Províncias Unidas – États-Generaux des Provinces-Unies – e em Nápoles). (LEVER, 2005)

CARTA  
CIFRAD  
A (PtBr)

USGRDNXEPRBSFAOADUKSSJSNFCRSXAEIQEGPX  
IDACOXADUI.

QRSIIEOSGQEERPKLPVPACAZNUGBCXAKOUSRO  
&EQTRQYEEEEENCXROOCOENISSFRKTCLNERE  
SAAUBRRABELAOUSATELODSMRNCDOQEYOSCG  
SXOCOAEEEKSFCKNHAIEIDEEESQTIZEOPEU&ANE  
ZAUONAEINDKNSGHCKALAR.

QRSIIEOSGQEENFQRKASBFRHATEFMQAAOAU  
FRMRILAQEQLBRGCFOFELIPDUULPRRCGBIPCP  
LQUXATECNFOFOFERTUPBRGEBERSYAUZIMIG  
MFS&E&MMPSRBTXDRSBSMRPNQEREZQEEAOX  
NYEKINRNOOEXNQNPQIEOSGMQOFEPT&DHDBR  
RVRLHCDORAHBBDKVCNDKQFEEMBFXRIARSH  
RPN&EKRGCRNFIBASNDRBRDAARNNZAOAAOQO  
QOFR&AAOKOZOFSHAAUTIPDMDSERXNMEXRD  
SEDSSURXPFSQEMONAAEREEVCRXAPO&NATBN  
HEHEFUDSPRZARCXNMRNAOULSSCEZEESPOPC  
&DSDBOZQEEQULARTUDNIZAQOFNDOEEQERSG  
DUOFFDZSRUNYEEGFRPOFO&NPMKGXSUMAO&  
SPVPAHE&EXOORKTFDHDHSNEQOFSQRSTHROO  
DOXTRMQSPCSDBDBAFTEI&TSELPRBEQCXA.

QRSIIEOSGQEEHMNLSNHPNDRRCLXMXTPDHTBL  
LATORSHAKOZPNSHOTEFMQOQADAODXDUVXN  
HEQEPUOHXSURXANENI&OROFARLKNMEATB  
DXETQHEKLSSUEOCXNMRNEXMAOASKVRLNUR  
NDOYEBHBSBDRCBMYN&CSDNEHOHOFO&GPBP  
NFTRSQABSDO&GEAMMRNMEFEZRSTHS.

DNFNQIBSLQEEQAOU&ACUKNSEHINSQSPRDIHO  
ZVCSGO&CMMHCNNZTCTHCXORAPSREEARACR  
KSSNDACOZARRRIOUSEBTBOXCRLBCDRAMEZL  
KBRRHAQEQDSILAODXMUSGRKPPRSISAXNHERL  
KDSSUJBRFAOADUKEBEAECELIHANAZE&TSLNS  
ZI&OENNOFAEGEASDGNHOFEYF&LOONQKEMOE  
NDABINESDGDUIZU&ONISDFVRSUOZHDRYUTON  
QKEAOXFKIYOACOBFSFNBSZOMOBUMOYUFNG  
ODVMNDACENOOEXMDS&MIORSBVULQEFUQAK  
TBNHONURAF&OKIBDGNFCNO&ENAIEMAZNRV  
XDDDSSUPBRGFFZRRFUQAKERSRPUNFAFERTHQ  
TENEEFEYOBTSRUONAQOFSDAALPCBCGO.

LEEZO

DCBAESTRGDRRRRIKBSMQOOSHAMAQAKBSMQO  
 OHRCCDNDDSAODEOCBAXEFTLARGUISAZEBEQ  
 E&E&ACUFAIOFVBNHAQETEREKS&AEEPTSSSMK  
 GXSFLXAAOEEHSNUHRRSFOGENABORQKENURI  
 LAOCHNDOERURFEFARIYERTRPRRHMDMPNUISA  
 NEIOAGLEESHNNQKABSREFPNE&UFAKIFDNSPE  
 XOQIBCXEXBRMKNYEBDKDXQEEUAXAFMSFNR  
 LACMCOPERTUPBRGOXACOXANMSSRE&POEFU  
 MIKIUNUE&EQTRRKTNAPDBPGRFNNONRMVHCB  
 RXCOI&EREOOZARSGCOE.  
 &ENAPMQOETFNGEOUSONDFBEEMRRUPAEEQOL  
 OZIOMNO&DMRUIFAYUULRSOUSEXEREZCRLUE  
 LEOPSRBEZSFI&PQRYABTFNRGRCXAZAM.  
 QRSIBANALRUDXTDDSVUROE&PRDRRAANUZPM  
 EDO&OQELIBIZIUANOTAFERESNEIBEZTUPNPKLS  
 MNRBNLO&AEA&ENEBTSEAUAFAFEYS&RZANS.  
 POENSONUZATOFRKSAOBDFRGOOEXDDSFQIBS  
 RDUPEOIIIOOSEMEXIQTRRNRESTUDFNXSXOEZOR  
 HUCKMRNMORDKNMSAABFRIIAB.

### 3.2.4 De 31 de outubro a 7 de novembro de 1791 (parcialmente cifrada)

Carta parcialmente cifrada, classificada na cota 440AP/1, dossiê 1, escrita pela rainha Marie-Antoinette – trata-se do manuscrito original, e não de um alógrafo. Na introdução à versão apresentada por Farr (2016), a historiadora faz referência ao uso da palavra-chave “*neuf*”, “seguida por um *i*, e a cifra começa somente com o *e* de ‘neuf’”<sup>65</sup> (p. 176, grifos da autora). Porém, durante minha transcrição e análise do manuscrito, foi possível notar que a palavra-chave utilizada é “*enfin*”, como também consta na descrição do documento e da cota, no acervo digital dos Archives Nationales. Contudo, ambas as versões da carta, uma apresentada nesta pesquisa e outra publicada por Farr, trazem a mesma mensagem obtida com a utilização de palavras-chave diferentes. Ao entrar em contato com a autora, não obtive resposta em relação a essa discrepância. Para a tradução ao português cifrado, a palavra-chave

<sup>65</sup> Tradução de: “« neuf », suivi par un *i*, et le chiffre ne commence qu’avec un *e* de « neuf »”.

utilizada foi “enfim”. Em relação às publicações com as quais confrontei minha tradução, como as de Klinckowström (1877) e de Lever (2005), somente a de Farr (2016) continha a frase completa, ao final: “*Adieu, mon bien aimé*”.

O texto da carta faz referência a uma carta enviada pelo irmão do rei, o conde de Provença<sup>66</sup>, que emigrou, juntamente ao conde de Artois, também irmão do rei, para a cidade de Coblença, na Alemanha – os irmãos não socorreram a família real quando esta foi presa e, tampouco, tentaram efetivamente libertá-la; a partir daquele momento, estava abertamente declarada a dissensão entre os irmãos (FARR, 2016). Marie-Antoinette descreveu, ao longo da carta, a situação vivida naquele momento e sua percepção daquilo que estava acontecendo. Farr (2016) ressalta que a utilização do pronome pessoal “*nous*” (nós) ao longo do texto indica que a rainha fala por ela mesma, e também em nome do rei Louis XVI.

CARTA  
CIFRAD  
A (Fr)

ce 31 8bre  
j'ai reçu hier tous vos papiers par m<sup>r</sup>. de brige, l'écriture est parfaitement sortie avec l'eau que j'ai fait chercher chez l'apotec, il faut que celle que l'on nous a envoyé de la bas fut évaporé, mais cela est egale a present, je vais tacher de repondre a tout en abregé, et je reprendrai aussi souvent que j'en aurai le tems jusqu'a jeudy, que l'homme qui se charge de cette lettre partira.  
J'ai été si presse la derniere fois que je vous ai ecris que je n'ai pu vous parler de m<sup>r</sup>. craufurd, dite lui bien que nous s'avons la maniere parfaite dont il est pour nous, que je me suis toujours plûe a croire a son attachement, mais que dans l'affreuse position ou nous sommes chaque nouvelle preuve d'interet est un titre de plus, bien doux a notre reconnaissance, la lettre de monsieur, au baron, nous a etonné et revolté mais il faut avoir patience et dans ce moment pas trop montrer sa colerer, je vais pourtant la copier pour la montrer a ma sœur, je suis curieuse de s'avoir comment elle la justifira, au milieu de tout ce qui se passe, c'est une enfere que notre interieure, il n'y a pas moyens d'y rien dire avec les meilleures intentions du

<sup>66</sup> Conde de Provença, Louis Stanislas Xavier, futuro Louis XVIII, e conde de Artois, Charles Philippe, futuro Charles X. (LEVER, 2005)

monde, ma sœur est tellement indiscrete, entouré d'intrigants et surtout dominé par ses freres au dehors, qu'il n'y a pas moyens de se parler ou il faudroit quereller tout le jour, je vois que l'ambition des gens qui entourent m. le perdra, entierement, il a cru dans le premier moment qu'il etoit tout, et il aura beau faire jamais, il ne joiura de role, son frere aura toujours la confiance et l'avantage sur lui dans tous les partis par la constance et l'invariabilite de sa conduite, il est bien malheure que m. ne soit pas revenu tout de suite, quant nous avons ete arrete, il auroit suivi alors la marche qu'il avoit toujours annoncé, de ne vouloir jamais nous quitter et il nous auroit epargne beaucoup de peines et de malheures qui vont peutetre resulte des sommations que nous allons etre force de lui faire pour sa rentre, a laquelle nous<sup>67</sup> sentons bien que, surtout de cette manière, il ne pourra pas consentir. Nous gémissons depuis longtemps du nombre des émigrants. Nous en sentons l'inconvénient tant pour l'intérieur du royaume que pour les princes mêmes. Ce qui est affreux, c'est la manière dont on trompe et a trompé tous ces honnêtes gens, à qui il ne restera bientôt que la ressource de la rage et du désespoir. Ceux qui ont eu assez de confiance en nous pour nous consulter ont été arrêtés, ou au moins, s'ils ont cru de leur honneur de partir, nous leur avons dit la vérité. Mais que voulez-vous ? le ton et la manie est, pour ne pas faire nos volontés, de dire que nous ne sommes pas libres (ce qui est bien vrai) : mais que par conséquent nous ne pouvons pas dire ce que nous pensons, et qu'il faut agir à l'inverse. C'est le sort qu'a eu le mémoire envoyé par nous à mes frères, et que vous avez vu et approuvé. La réponse

---

<sup>67</sup> O trecho “nous sentons bien que, [...] par des” consta na segunda página da carta, no entanto a folha em questão não está disponível no acervo digital dos Archives nationales – na realidade, está disponível a reprodução da primeira página, porém numerada como se fosse a segunda. Entrei em contato com o responsável pelo acervo que, em resposta, avisou que os manuscritos relativos à carta desta data seriam digitalizados novamente. No entanto, tais arquivos não foram disponibilizados até o momento. Recorri, então, aos livros de Lever (2005) e de Farr (2016) como recurso para suprir a falta de material. Por essa razão, há uma clara diferença na grafia deste trecho, que foi corrigida pelas autoras.

est que nous avons été forcés d'écrire ce mémoire, que tels ne peuvent être nos sentiments et que par conséquent on n'en tiendra aucun compte, et après cela, on veut que nous ayons de la confiance, que nous parlions franchement. C'est absolument dire : faites toutes nos volontés et alors nous vous servirons, mais rien sans cela. Comme il est pourtant possible qu'ils fassent dans ce moment-ci des sottises qui perdraient tout, je crois qu'il faut à tout prix les arrêter, et comme j'espère, d'après ce que vos papiers annoncent et la lettre de M. de Mercy, que le congrès pourra avoir lieu, je crois qu'il faudrait leur envoyer d'ici quelqu'un de sûr, qui pût leur montrer la danger et l'extravagance de leur projet ; leur montrer en même temps notre véritable position et nos désirs, en leur prouvant que la seule marche à suivre pour nous est, dans ce moment, de gagner ici la confiance du peuple, que cela est nécessaire, utile même, pour tout projet quelconque ; qu'il faut que pour cela tout marche ensemble, et que, les puissances ne pouvant pas venir au secours de la France par des grandes forces pendant l'hiver. il n'y a qu'un congrès qui puisse rallier et réunir les moyens possibles pour le printemps mais en faisant cette confiance, il faut prendre garde à leur extrême indiscretion, pour cela il ne faut dire à la personne qui iroit d'icy que juste ce qu'on veut faire s'avoir la bas.

m<sup>r</sup>. grime est arrivé icy il a desiré me voir, mais j'ai répondu qu'il m'étoit impossible de le recevoir, et cela est vrai en quelque sorte je suis trop espionné, mais je lui ai fait parler par quelqu'un qui lui dira mes raisons, et qui en même tems lui parlera de nos sentiments pour l'imp dans les termes convenables, il est bien intéressant qu'on parvienne à lui faire adopter l'idée du congrès, par son caractère elle y décidera toutes les puissances, et elle contiendra aussi les princes je crains seulement la légèreté de m<sup>r</sup>. de Calonne et le pétulance de m<sup>r</sup>. de Nassau.

Il n'y a aucun parti à tirer de cette assemblée c'est un amas de scélérats, de fols, et de bêtes, le peu de gens qui y veulent l'ordre, et un peu moins de mal que les autres, n'y sont pas écoutés, et n'osent pas parler, elle est au surplus dans la boue, même dans le peuple qu'on cherche à animer de toutes les manières mais cela ne prend plus, il n'y a que la

cherte du pain qui les occupent, et les decrets, les journeaux, ils n'y regardent seulement pas, il y a sur cela un changement bien visible dans paris, et la grande majorité, sans s'avoir si elle veut ce regime cy ou un autre, est lasse des troubles et veut la tranquillité, je ne parle que de paris, car je crois les villes de province bien plus mauvaise dans ce moments que celle cy, et pourtant de coblantz on ne cesse de nous dire qu'on a de grans intelligence dans tout le royaume, mais l'affaire de lyon, nous rend circonspect et peu credule sur de pareil annonces. le roi de suede, en renvoyant au roi sa lettre, pour la notification de son acceptation sans vouloir la lire, a fait une chose que j'aurois voulu qui fut faite partout de meme, mais seul, je crains qu'il n'y aye de l'imprudence a cette demarche, du reste, ils est impossible d'être plus touché que nous le sommes de la franchise de la loyaute, et de la noblesse de sa conduite envers nous, et j'espere qu'un jour nous jouiron enfin de tous ce qu'il veut bien faire pour nous.

Je viens de lire deux depeches d'esp. l'une du 13 8bre l'autre du 20. elles sont fort bien, et je crois qu'elle ne fera aucune difficulte pour le congres cette idée entroit meme dans une partie de son plan, mais elle veut avant que le roi soit libre et puisse aller partout ou il voudra cette idée est impossible, car on dira toujours icy qu'il est le maitre d'aller ou bonne lui semblera, mais il ne le peu pas de fait parcequ'outre sa sortie d'icy qui seroit dangereuse, et ou il seroit peut-etre obligé de laisser sa femme et son fils, sa sûreté personnelle ne seroit nul part plus qu'icy, puisqu'il n'y a pas une ville pas une troupes sur laquelle on puisse compter. il me paroît au contraire que ce n'est qu'en cherchant a gagner chaque jour d'avantage la popularité, et sa confiance, qu'on parviendra, une fois le congres établi, a pouvoir si joindre au moins aller sur les frontieres pour etre en quelque sorte chargé nous meme des interets de ce pays-cy, si nous gagnions jamais ce point c'est tout, et c'est a ce seul but que nous devons tendre, mais pour cela toutes nos actions journalieres doivent se reunire pour inspírer la confiance. le malheure c'est que nous ne sommes seconde icy par personne or nous, et que quelques

efforts que je fasse, seule je ne peu pas faire tout ce que je voudrois, et que je sens pourtant si necessaire pour le bien general. l'esp: avoit encore une autre idée mais je crois detestable, c'est de laisser entrer les princes avec tous les françois, soutenu seulement par le roi de suede comme notre alliée, et declarer par un manifeste qu'ils ne viennent point faire la guerre, mais pour rallier tous bons françois à leur parti et se declarer protecteur de la vrai liberté françoise, les grandes puissances, fourniroit tout l'argent necessaire pour cet operation, et resteraient elles dehors avec un nombre de troupes assez considerables pour en imposer mais ne rien faire, pour qu'on ne puisse pas prendre pretexte d'une invasion et crainte de démembrement, mais tout cela n'est pas praticable comme cela, et je crois que si l'emp: se depeche d'annoncer le congres c'est la seule maniere convenable et utile de finir tout cecy. je n'entend point pourquoi vous desire qu'on retire tout de suite les minis: et amb; il me semble que ce congres etant sensée aumoins dans le premier moment d'être reuni tant pour les affaires, qui interessent toutes les puissances de l'europe, que pour celle de la france, il n'y a pas de raison, a cette prompte retraite et puis est t'on sur que toutes les puissances en agiront de meme et croit-on que l'angl: la hollande conduite, par elle, et la pruesse meme, pour dejouer les autres, ne laisseront pas peut-etre leurs ministres, alors, il y auroit une desunions, dans les opinions de l'europe qui ne pourroit que nuire a nos affaires. je peu me tromper, mais je crois qu'il n'y a qu'un grand accord aumoins en apparence, qui puisse en imposer icy. mefie vous du dannemarck d'apres les depeches, il paroît detestable surtout pour la russie et la suede. Il faut que je me sois mal expliqué, sur les gardes du corps, notre intention n'est pas de les rappeler, mais seulement qu'ils ne fassent pas corps, et que si l'on ne fais rien cet hyver des officiers, ou ceux qui sont les plus riches entre eux, reviennent icy pour se montrer. la meme chose existe pour les emigrants, je sais parfaitement qu'une fois sorti et de cette maniere encore il est impossible qu'ils reviennent mais c'est un grand malheur, et encore plus grand pour le reste de la france que pour paris, car les

provinces restent livrés absolument à elle seules, ou à une horde de scelerats et de factieux. dans la position où nous sommes, avec la méfiance affreuse qu'on cherche à entretenir toujours contre nous, il est impossible que nous ne fassions pas publiquement tout ce qu'il faut pour faire rentrer tout le monde. l'arrêté des parlements proposé au conseil des princes est fou, je ne suis pas étonnée qu'il ait été rejeté il me semble que les meilleures têtes de celui de Paris, se refusent à toute extravagance, et ne veulent pas même sortir d'icy. J'ai très bien compris ce qui regarde le chiffre, mais il faudra toujours mettre les deux points quand les 2 mots finiront en même temps et laisser les j et les v : cela facilitera pour nous, la lettre sautée ne servira que si nous écrivons par des occasions. nous avons bien lu tout ce qui étoit en blanc, mais dorénavant le roi dispense de la cérémonie, cela sera plus facile en mettant vous simplement. je desire bien aussi que ce soit l'évêq. ou quel qu'autre écriture lisible qui écrive ces lettres et non pas vous, qui étiez déjà excédé d'écrire. il faudroit par la première occasion sur nous mander exactement ce que nous avons d'argent dehors tant à Bruxelles. qu'en Hollande, et le nom des banquiers, m'envoyez aussi, ce que nous devons à M<sup>de</sup>. de Korf de quel temps et comment le lui faire tenir. puisque le M<sup>al</sup>. de Castries, est bien, le baron pourroit convenir avec lui de tout ce qui nous intéresse et de nos idées il iroit à Coblenz parler de notre part à nos frères, nous chercherons à trouver quelqu'un à lui envoyer de notre part pour l'autoriser mais il faudroit lui apprendre le chiffre et trouver un livre j'en chargerois la personne que nous enverrons je voudrois que ce fut le B<sup>e</sup>. de Viom. mais je ne sais pas si il le voudra.

Je crois que M<sup>r</sup>. Puisignieux et le Cte. Etienne vont revenir, informé vous de cela ce seroit de bonne occasion pour écrire.

on met sur les rangs pour les affaires étrangères M<sup>rs</sup>. Odune et Okélie, je ne les connois pas du tout mais le plus sûr sera de ne jamais rien traiter par lui. ne parlé pas de ses deux hommes, il n'est pas sûr même qu'on les prenne.

ce 7 9bre

j'espère enfin que cette lettre partira après demain, elle

	<p>devoit l'être du 3 mais la personne a été retardée pour ses affaires et j'ai mieux aimé attendre, pour qu'elle fut remise sûrement. la personne qui part demain matin et qui remettra une lettre en chiffre doit revenir bientôt je crois que c'est une occasion sûre est-il vrai que le roi de suède envoie un ministre au prince de Coblenz. Je crains bien qu'on exige du roi, ici d'écrire au roi de suède, une lettre de sa main, sur les affaires présentes mais si cela arrive cela ne sera qu'une preuve de plus de sa non liberté point de ministre encore ; m<sup>de</sup> de Stael, ce démène bien pour le m<sup>f</sup>. de Narb. : je n'ai jamais vue d'intrigue plus forte et plus embrouillée. la réponse de l'emp. à l'acceptation contient dit-on (car je ne l'ai pas encore vue,) une très bonne phrase, et qui peut préparer au congrès, pourvue qu'il la soutienne et qu'il se dépêche à l'annoncer, car malgré le calme apparent de Coblenz, les têtes sont bien animées et il y a à craindre que les princes ne puissent plus les contenir dans peu. Il faut que je donne m'a lettre demain matin, je vais donc la finir adieu. TAFOQUUMOMRNKR QUPEQEMT&amp;EGE&amp;DOTMEPNLOUEMELRIXKORR UUXTUFYEUCPLBELUYLKEBRCTPAMBQUULHIK QMEROISBUUAMEGAGNRNBEEUILPRRIIOMLQIK LUCYAXGIRMEMOITKEPDONMSOPXICOGJUVAU NEPP&amp;EEIPNNARCOSNUPCQLKCPDOFE&amp;UROIS UTPZLAUPAUONAUNNQUSFVANNTUEFBCEGCQ QRIPNUSKAGI IU DOQBUESAEMP</p>
<p>TEXTO EM CLARO (Fr)</p>	<p>ma soeur ma montre une lettre de m datte encore de brux pour justifier celle qu'il a écrite au b ou il dit que vous lui avez annoncé que le roi vouloit le charger de tout pendant sa prison je vous en prévient au cas que cela ce diose ou vous etez car pour nous nous savons très bien ce qui en est adieu mon bien aime.</p>
<p>TEXTO EM CLARO (PtBr)</p>	<p>Neste 31 de 8bro Eu recebi ontem vossos papéis pelo s. de Brige, a escritura saíu perfeitamente com a água que eu fiz comprar no boticário<sup>68</sup>. Deveu-se que aquela que foi-nos enviada de lá fosse evaporada, mas isso é indiferente no momento. Eu vou tratar de responder tudo brevemente e retomarei tão</p>

<sup>68</sup> L'apothicaire (o boticário).

frequentemente, quando eu tiver tempo, até quinta-feira, quando o homem que se encarrega desta carta partirá. Eu estive tão apressada na última vez que eu escrevi-vos que não pude falar-vos do s. Crawford<sup>69</sup>. Dizei-lhe bem que nós sabemos a maneira perfeita pela qual ele é por nós, que eu sempre agradei-me em acreditar em seu apego, mas que, na aterradora posição em que nós estamos, cada nova prova de interesse é um título a mais, muito doce ao nosso reconhecimento. A carta do senhor, ao barão, espantou-nos e revoltou-nos, mas deve-se ter paciência e, nesse momento, não mostrar demasiadamente sua cólera. Eu vou, entretanto, copiá-la para mostra-la à minha irmã. Eu estou curiosa para saber como ela a justificará. É um inferno que nosso interior. Não há meios de dizer algo com as melhores intenções do mundo. Minha irmã é tão indiscreta, cercada de intriguistas e, sobretudo, dominada por seus irmãos que não há meios de se conversar ou dever-se-ia querelar todo o dia. Eu vejo que a ambição das pessoas que cercam s. fará com que se perca inteiramente. Ele acreditou no primeiro momento que ele era tudo e ele bem tentou fazê-lo, mas jamais desempenhará o papel, seu irmão terá sempre a confiança e a vantagem sobre ele em todos os partidos, pela constância e invariabilidade de sua conduta. É bem pior que o s. não tenha retornado prontamente, quando nós fomos detidos. Ele teria seguido, então, o projeto que ele sempre havia anunciado, de não desejar jamais nos deixar e ele nos teria poupado de muitas penas e desgraças que irão talvez resultar em interpelações que nós seremos forçados a lhe fazer para seu retorno, com o qual, nós bem sabemos, sobretudo dessa maneira, ele não poderá consentir. Nós lamentamos há muito tempo pelo número de emigrantes. Nós sentimos o inconveniente tanto para o interior do reino quanto pelos príncipes mesmo. O que é assustador é a maneira como engana-se e enganou-se todas essas pessoas honestas, a quem somente restará, em breve, o recurso da raiva e do desespero. Aqueles que

---

<sup>69</sup> Quentin Crawford (ou Crawford/Craufurd, a grafia varia) defendia a monarquia ameaçada e foi um fiel aliado do rei e da rainha, além de amigo de Fersen, inclusive participando na preparação da tentativa de fuga da família real, que ocorreu durante a noite de 20 de junho de 1791. (LEVER, 2005)

possuem confiança suficiente em nós para nos consultar foram detidos ou, ao menos, se eles creram na honra em partir, nós dissemos-lhes a verdade. Mas o que vós quereis? O tom e a mania é, para não fazer nossas vontades, de dizer que nós não somos livres (o que é bem verdade): mas, conseqüentemente, nós não podemos dizer o que pensamos e deve-se agir no sentido inverso. É o destino que teve o memorando por nós enviado aos meus irmãos, e que vós aprovastes. A resposta é que nós fomos obrigados a escrever este memorando, que tais não podem ser nossos sentimentos e que, conseqüentemente, não será considerado e, após isso, deseja-se que nós tenhamos confiança, que nós falemos francamente. É absolutamente dizer: façam todas as nossas vontades e, então, nós vos serviremos, mas nada sem isso. Como é, entretanto, possível que eles façam, nesse momento, disparates que tudo arruinariam; e como eu espero, de acordo com o que vossos papéis anunciam e da carta do S. de Mercy<sup>70</sup>, que o congresso poderá ocorrer. Eu creio que deve-se enviar-lhes daqui alguém de confiança que possa mostrar-lhes o perigo e a extravagância de seu projeto; mostrar-lhes, ao mesmo tempo, nosso verdadeiro posicionamento e nossos desejos, provando-lhes que o único projeto a seguir, para nós, nesse momento, é de ganhar a confiança do povo; que isso é necessário, útil mesmo, para qualquer projeto; que, para isso, tudo deve funcionar conjuntamente; e que, as potências não podendo vir ao socorro da França com grandes forças, durante o inverno, há somente um congresso que possa conclamar e reunir os meios possíveis para a primavera, mas, ao fazer essa confidência, deve-se estar atento a sua extrema indiscrição, para isso, não deve-se dizer a ninguém que irá daqui, além do que deseja-se fazer saber lá.

O S. Grime chegou aqui e desejou ver-me, mas respondi que era-me impossível recebê-lo, e isso é, de qualquer maneira, verdade. Eu sou espionada demasiadamente, mas

---

<sup>70</sup> O conde Claude Florimond de Mercy-Argenteau, embaixador da Áustria na França, a partir de 1766, e homem de confiança da imperatriz austríaca, mãe de Marie-Antoinette (LEVER, 2005).

fi-lo saber por alguém que irá dizer-lhe minhas razões e que, ao mesmo tempo, falar-lhe-á de nossos sentimentos pela imperatriz<sup>71</sup>, nos termos convenientes. É muito interessante que se consiga fazê-la adotar a ideia do congresso, devido a seu caráter, ela incitará todas as potências e ela conterà também os príncipes. Eu temo somente a leviandade do S. de Calonne e a petulância do S. de Nassau.

Não há nenhum partido a ser tirado desta Assembleia<sup>72</sup>, é um aglomerado de celerados, de loucos e de bestas, as poucas pessoas que desejam a ordem e um pouco menos de mal, não são escutadas e não ousam falar – ela, ademais, está na lama; e mesmo entre o povo, que busca-se animar de todas as maneiras, mas isso não mais adianta, somente a carência do pão preocupa-o. E os decretos, os jornais, eles realmente não veem. Há, em relação a isso, uma mudança muito visível em Paris, e a grande maioria, sem saber se deseja este regime ou um outro, está cansada de problemas e deseja a tranquilidade. Eu falo somente de Paris, pois creio que as cidades da província estão muito piores, neste momento, que essa daqui e, entretanto, não cessa-se de dizer-nos de Coblença<sup>73</sup> que há muitas inteligências por todo o reino, mas o caso de Lyon deixou-nos circunspectos e pouco crédulos sobre anúncios parelhos. O rei da Suécia, em reenviando ao Rei sua carta, para a notificação de sua aceitação, sem lê-la, fez algo que eu gostaria que fosse feito igualmente por tudo, mas só, eu temo que haja somente imprudência nesse projeto; de resto, é impossível estar mais tocado do que nós estamos pela franqueza da lealdade e da nobreza de sua conduta em relação a nós, e eu espero que um dia nós desfrutaremos, enfim, de tudo o que ele deseja bem fazer por nós.

Eu acabo de ler duas missivas da Espanha<sup>74</sup>, uma de 13 de outubro, outra do 20. Elas são muito boas e eu creio que não será de nenhuma dificuldade para o congresso, essa ideia entrava mesmo em uma parte de seu plano, mas ela

<sup>71</sup> L'impératrice (Yekaterina II, czarina da Rússia).

<sup>72</sup> L'Assemblée (a Assembleia).

<sup>73</sup> Coblenz (em alemão, Koblenz; Coblença).

<sup>74</sup> D'Espagne (da Espanha).

exige que, antes, o Rei esteja livre et possa ir por tudo onde ele desejar. Essa ideia é impossível, pois aqui se dirá sempre que ele é o senhor para ir onde bem parecer-lhe. Mas ele não pode fazê-lo de fato, porque além de sua saída daqui ser perigosa, e onde ele será talvez obrigado em deixar sua esposa e seu filho, sua segurança pessoal em lugar algum será maior do que aqui, uma vez que não há uma cidade, uma tropa com a qual possa-se contar. Parece-me, ao contrário, que é somente buscando ganhar a cada dia mais popularidade, e sua confiança, que alcançar-se-á, uma vez estabelecido o congresso, a possibilidade de a ele juntar-se, ou ao menos ir para as fronteiras, para estar, de algum modo, nós mesmos encarregados dos interesses deste país. Se nós ganharmos esse ponto, é tudo, e é a esse o único objetivo que nós devemos tencionar. Mas para isso, todas as nossas ações diárias devem reunir-se para inspirar a confiança. O infortúnio é que nós não somos secundados aqui por ninguém além de nós mesmos, e qualquer esforço que eu faça, sozinha eu não poderei fazer tudo o que gostaria, e que eu sinto, entretanto, tão necessário para o bem geral. A Espanha<sup>75</sup> tinha ainda outra ideia, mas eu a creio detestável. É deixar entrar os príncipes, com todos os franceses, apoiados apenas pelo rei da Suécia como nosso aliado, e declarar, com um manifesto, que eles não vêm fazer a guerra, mas para reunir todos os bons franceses em seu partido e declarar-se protetores da verdadeira liberdade francesa. As grandes potências fornecerão todo o dinheiro necessário para essa operação, e permanecerão fora, com um número assaz considerável, para impor-se, mas nada fazer, para que não se possa criar pretexto para uma invasão e temer o desmembramento. Mas tudo isso não é praticável dessa maneira, e eu creio que se o Imperador<sup>76</sup> apressasse-se em anunciar o congresso, é a única maneira adequada e útil de terminar tudo isso. Eu não entendo porque vós desejeis que se retire imediatamente os minis.<sup>77</sup> e emb.<sup>78</sup>, parece-me

---

<sup>75</sup> *Idem.*

<sup>76</sup> L'empereur (o imperador da Áustria, Leopold II, irmão de Marie-Antoinette).

<sup>77</sup> Les ministres (os ministros).

que esse congresso, devendo, ao menos no primeiro momento, ser reunido tanto pelos casos que interessam todas as potências da Europa quanto pelo da França, não há razão para esse recuo imediato, e, no mais, está-se certo de que todas as potências agirão igualmente e crê-se que a Inglaterra<sup>79</sup>, a Holanda, conduzida por ela, e a Prússia mesmo, para impedir as outras, não deixarão, então, seus ministros? Haverá uma desunião nas opiniões da Europa, que poderá somente danar nossos casos. Eu posso enganar-me, mas creio que não há um grande acordo, ao menos em aparência, que possa impor-se aqui. Desconfiai da Dinamarca por causa das missivas, parece detestável, sobretudo para a Rússia e a Suécia. Deve-se ao fato de eu ter explicado-me mal, sobre os guarda costas. Nossa intenção não é de convocá-los, mas somente que eles não adiram, e que, se nada for feito neste inverno os oficiais, ou aqueles que são os mais ricos entre eles, retornem para cá para mostrar-se. A mesma coisa acontece com os emigrantes, eu sei perfeitamente que, uma vez fora e dessa maneira ainda, é impossível que eles retornem, mas é um grande infortúnio, e maior ainda para o restante da França do que por Paris, pois as províncias estão largadas absolutamente a elas mesmas, onde há uma horda de celerados e de facciosos. Na posição onde nós estamos, com a desconfiança terrível que busca-se manter sempre contra nós, é impossível que nós não façamos tudo o que se deve para fazer retornar todo mundo. A prisão dos parlamentares, proposta no conselho de príncipes, é insensata, eu não estou surpresa que ela tenha sido rejeitada. Parece-me que as melhores cabeças dos de Paris recusam-se a toda extravagância, e não desejam mesmo sair daqui. Eu compreendi muito bem o que diz respeito à cifra, mas dever-se-á sempre colocar os dois pontos, quando as 2 palavras terminarão ao mesmo tempo, e deixar os j e os v: isso facilitará para nós, a letra salteada servirá somente se nós escrevermos por ocasiões. Nós bem lemos tudo o que estava escrito em branco, mas a partir de agora

---

<sup>78</sup> Ambassadeurs (embaixadores).

<sup>79</sup> L'Angleterre (a Inglaterra).

o Rei dispensa a cerimônia, será mais fácil escrever vós simplesmente. Eu bem desejo também que seja o bispo<sup>80</sup> ou alguma outra escrita legível que escreva as cartas, e não vós, que já estais excedido de escrituras. Deveria-se, na primeira ocasião segura, enviar-nos exatamente o que possuímos de dinheiro fora, tanto em Brux.<sup>81</sup> quanto na Holanda, e o nome dos banqueiros; envie-me também o que nós devemos à M<sup>me</sup>. de Korf, há quanto tempo e como fazê-la recebe-lo. Uma vez que o M<sup>al</sup>. de Castries<sup>82</sup> está bem, o barão poderá acordar com ele tudo o que interessanos e nossas ideias, ele irá à Coblença falar em nosso nome com nossos irmãos, nós buscaremos encontrar alguém para enviar-lhe em nosso nome para autorizá-lo, mas deve-se ensiná-lo a cifra e encontrar um livro, eu encarregarei a pessoa que nós enviaremos. Eu desejaria que fosse o b. de Viom.<sup>83</sup>, mas eu não sei se ele o quererá. Eu creio que o S. Puisignieux e o C<sup>de</sup>. Étienne<sup>84</sup> irão retornar, informai-vos sobre isso, será uma boa ocasião para escrever.

Coloca-se na linha das relações exteriores os S<sup>rs</sup>. Odune e Okelie, eu não os conheço, mas o mais certo será de nunca tratar com eles. Não falai desses dois homens, não é certo que serão convocados.

Neste 7 de 9bro

Eu espero, enfim, que esta carta parta depois de amanhã, ele deveria ser do 3, mas a pessoa foi retardada por seus negócios e eu preferi esperar para que ela fosse seguramente enviada. A pessoa que parte amanhã e que recolocará uma carta em cifras deve retornar logo, eu creio que est uma ocasião segura. É verdade que o rei da Suécia envia um ministro aos príncipes em Coblença? Eu bem temo que exige-se do rei, aqui, escrever ao rei da Suécia,

<sup>80</sup> L'évêque (o bispo).

<sup>81</sup> Bruxelles (Bruxelas).

<sup>82</sup> Maréchal de Castries (marechal de Castries).

<sup>83</sup> Baron de Vioménil (Antoine Charles du Houx de Vioménil, general que morreu em 1792, ao defender a família real durante o massacre no Palácio de Tulherias, no dia 10 de agosto – três dias depois, rei, rainha e filhos foram levados e aprisionados na Torre do Templo). (FARR, 2016)

<sup>84</sup> Comte Étienne (conde Étienne).

	<p>uma carta de sua mão, sobre os casos presentes, mas se isso acontecer, não será que uma prova a mais de sua não liberdade. Nada de ministro ainda. M<sup>de</sup>. de Staël esforça-se bem pelo S. de Narb.<sup>85</sup>: eu jamais vi intriga mais forte e mais confusa. A resposta do Imp. ao aceite contém, diz-se (pois eu não a vi ainda), uma frase muito boa, e que pode preparar o congresso, na condição de que ele a apoie e que ele apresse-se em anuncia-la, pois apesar da calma aparente de Coblença, as cabeças estão bem animadas e há o temor de que os príncipes não possam mais os conter em pouco. É preciso que eu dê minha carta amanhã de manhã, eu vou, então, termina-la. Adeus. Minha irmã<sup>86</sup> mostrou-me uma carta do s., datada ainda de Brux., para justificar aquela que ele escreveu ao b. na qual ele diz que vós anunciastes a ele que o rei gostaria de encarrega-lo de tudo durante sua clausura. Eu vos previno ao caso de isso ser dito onde vós estais, pois para nós, sabemos muito bem quem é. Adeus, meu bem-amado.</p>
<p><b>CARTA CIFRADA A (PtBr)</b></p>	<p>TIGHHIUMNMUMASZRQUHMF CORZAXOFDFTOD HAENQAHECRMZNAEACUFTYFECNRFQIECAOUR EBEPLRIVRUFQCNHQRAZEBEMITQREHOXAGUS CEAFTUSOECEOOUTOOEUG&amp;SBAEIFDPOQNSAERU GORGEBUQOHU&amp;ASTISHAILOUNUUARUEOFPXE RIOFOBANOXEXSXOFEXDETBOQDPV&amp;SISGACS EOYSNAEAQOFSHBIMBSTUUT&amp;BIMDUUMPAGER S&amp;EEBPMHMKDB</p>

### 3.2.5 De 7 de junho de 1792 (parcialmente cifrada)

Sob a cota 440AP/1, dossiê 1, a carta é alógrafa, de punho de Goguelat (FARR, 2016), secretário e aliado de Marie-Antoinette. As

<sup>85</sup> Monsieur de Narbonne (conde Louis de Narbonne Lara, constituinte da Assembleia e amigo de Lafayette. Foi amante de Madame de Staël – Germaine Necker, filha de Jacques Necker, antigo Ministro das Finanças de Louis XVI, e esposa do embaixador sueco barão de Staël, que foi amigo de Axel von Fersen, antes de a Revolução ter início efetivamente). (FARR, 2016)

<sup>86</sup> Madame Élisabeth (Élisabeth Philippine Marie Hélène, irmã do rei Louis XVI, permaneceu ao lado do rei e da rainha durante a Revolução Francesa e foi guilhotinada em 1794. (LEVER, 2005)

palavras-chaves são “*paroitra*” e “*parecerá*”, para as traduções do francês cifrado e para o português cifrado, respectivamente. Não há discrepâncias entre os textos das publicações, a não ser pela primeira palavra “*Les*”, que foi publicada como “*Mes*”, diferentemente da tradução apresentada aqui e por Farr (2016).

Nessa carta, há uma referência a uma viagem de um enviado pelos constituintes da Assembleia para Viena, a fim de discutir com o imperador da Áustria, Leopold II, irmão de Marie-Antoinette. O objetivo do encontro era debater, com a Assembleia, a questão de uma troca pelo desmembramento da França – ou seja, a possibilidade de uma retomada, pelo império austríaco, de províncias cedidas anteriormente à França –, e com isso comprometeriam propositalmente Marie-Antoinette, acusando-a de traição (FARR, 2016).

<p>CARTA CIFRADA (Fr)</p>	<p style="text-align: right;">Le 7. juin</p> <p>&amp;ERCHNETEFTNDPBRHISUBHMM&amp;ENOERTISNO EPLAAC&amp;RSPBRXRTXULBECISFSUUPKETEBIN MXECEKCKDSLFTKA&amp;TIRMOZMFSNLFTSIYAPNT NQEFTKEDOZMPNXENAKLBRZEOE&amp;OKIIRUUUC MUNDBNALSSINLDEMFMFISECUSIILAISISEPIRO BDSSER&amp;QEIMEURKUUAFIINPEIOTR&amp;AONHNKE UR&amp;CHMLAIDFRUMNFURTPPEONSMNNEOTAZE LEQRFTSTCIKEDUQNLEBTKEITBUILPNLARTIASL SSDOEREDIU&amp;TTEAMQIRQEIBECTPEQERSQISET EAAUARTKEFNHRFRRTARSFELUEERDSSDOBSYEB D&amp;PURRUQDFRAUNTQUOQEEDTCAIRSSFELU HETXSTMEADSMKNXEADFLQRDEAMSSRR&amp;SAO OTHRFSBEKECARRUS</p>
	<p>UEOEATAACLUBNEMOCIRQEIAAUTREBERC QIRPSSBEPOCDUCDLCIPUPLSRIMNLSCF ZIUAAODIM&amp;RQIPUFNOEIEFTNALLEIFCKI SEIANCIQAObERTHRNPHBEEUU&amp;</p>
	<p>Voila la situation de vos affaires avec Boscary et Chol, dont je vous ay apri la faillite dans ma derniere lettre. j’attends de nouvelles de La Rochelle pour vous mander ou vous en ete avec Daniel Gareché et Jacques Guibert ce que je sais c’est que leur faillite n’est pas tres considerable vous auriez mieux fait comme je vous l’avais conseillé, d’acheter du bien du clergé que de placer vos fonds chez des banquiers. Si vous voulez j’employeray</p>

	<p>de cette manière ceux qui vont vous rentrer dans le moi prochain.      j'ai reçu vos n<sup>os</sup>. 7. et. 8.</p>
<p>TEXTO EM CLARO (Fr)</p>	<p>Le 7. juin      les consti font partir un homme pour vienne il passera par bruxelles il faut prevenir m de merci de le traiter comme sil etait annonce et recommande par la r de negocier avec lui dans le sens du memoire que je lui ai remis on desire quil ecrive a vienne pour lannoncer recommander quon lui tienne mon voyage secret et dire quon sen tient au plan fait par les cours de v et de b mais quil est necessaire de paraitre entrer dans les vues des const et de persuader surtout que cest dapres les voeux et les demandes de la r ces mesures sont tres necessaires      ce nest pas labb louis qui part je ne scais pas le nom de cclui qui le remplace.      dites a m de merci quon ne peut pas lui ecire parce quon est trop observe</p>
<p>TEXTO EM CLARO (PtBr)</p>	<p>Em 7 de junho      Os const. fazem partir um homem à Viena, ele passará por Bruxelas. Deve-se prevenir o S. de Mercy para que o trate como se eles tivesse sido anunciado e recomendado pela R.<sup>87</sup>, de negociar com ele no sentido do memorando que eu enviei-lhe. Deseja-se que ele escreva à Viena para o anunciar, recomendar que mantenha-se minha viagem secreta e dizer que segue-se o plano feito pelas cortes de V.<sup>88</sup> e de B.<sup>89</sup>, mas que é necessário aparentar entrar às vistas dos const. e de persuadir, sobretudo, que é pelos votos e demandas da R. Essas medidas são muito necessárias.      Não é o abade Louis que parte, eu não sei o nome daquele que o substitui.      Dizei ao S. de Mercy que não pode-se escrever-lhe pois está-se sendo muito observado.      Eis a situação de seus negócios com Boscary e Chol, de que eu vos mostrei a falência em minha última</p>

<sup>87</sup> Reine (rainha Marie-Antoinette).

<sup>88</sup> Vienne (Viena).

<sup>89</sup> Bruxelles (Bruxelas).

	<p>carta. Eu aguardo notícias de La Rochelle para vos invocar onde vós estais, com Daniel Garreché e Jacques Guibert. O que sei é que sua falência não é tão considerável, vós mais bem teríeis feito, como eu vos havia aconselhado, em comprar bens do clero do que colocar vossos fundos com os banqueiros. Se vós quiserdes, eu empregarei dessa forma aqueles que vós recebereis no próximo mês.</p> <p>Eu recebi vossos nº 7 e 8.</p>
<p>CARTA CIFRADA (PtBr)</p>	<p>Em 7 de junho</p> <p>FSDOBSMFDZUMIASTNRTMOOTEFAEÏUN BE&amp;EQAASFRDPRRNRTXSLBSTEEE&amp;E&amp;RUVFNN RNSTETELCZPSRBQCENKAMEZOTOAEFLSTKV US&amp;EXITOBNCNDISDRELEIOZEODQDNPULFRAE QE&amp;ODIQRDOZEBEPOXE BTKDFDNMUMRRDNHO CUFECEOVPECLTEHEAEKAEPUUEBEKSIRUVBA CIFNSPFRDOFNENDIQRSEQOTEPDFRCUFMQNUE BHFSKMCNOATIQQFMAEIRKTFETI&amp;EKQTEAEKU KSUOILBNFFFIDO&amp;ERAXCHRUEEDFVUDUBFAXE BEDEESBRPO&amp;ALEIEKEOTKASAAVCSHAXDHSD OISUETE&amp;ELSEATISSFBSEDUHOOUUEIEMOCO OAEHEFAQDSSCAKERSSTEAIHAASBOPUKTHNU CKSXAKIBS</p> <p>IANEHALAAEBOEIRQCEQAKTUEYNFOAE KIOILETANUKLUQEENSCBRTPTTEI ZI&amp;EPARSAETEKCXQCEOAHSUPQDUEAC SECESLOE&amp;OXSEXUSUAEEODHMEIHORBAESVQ DN</p>

### 3.2.6 De 9 de julho de 1792

Erroneamente classificada como sendo do ano de 1792, sob a cota 440AP/1, dossiê 1. Contém o memorando redigido em 8 de julho de 1791, no qual a rainha faz referência às ideias do rei Louis XVI sobre sua situação. Patarin e Nacheff (2010) declaram que a carta “aparenta ser desconhecida até agora”<sup>87</sup> (p. 112), ou seja, para os autores, o texto não havia sido publicado, posto que não haviam encontrado indícios nas

<sup>87</sup> Tradução de: “seems to be unknown so far”.

obras pesquisadas. Farr (2016) afirma que esta carta não foi publicada, nem mesmo pelo sobrinho-neto de Fersen, o barão Klinckowström (1877); e confirma o ineditismo da publicação de Patarin e Nacheff (2009b; 2010). A palavra-chave utilizada foi “*depuis*”, na tradução do texto para o francês, e “desde” para o português.

De acordo com Farr (2016), Marie-Antoinette tenta dissuadir Fersen de sua empreitada em ajudar a família real, uma vez que, no momento, havia uma ordem de prisão para o conde, sobretudo devido ao seu envolvimento com a tentativa de fuga da família real, que ocorreu no dia 20 de junho de 1791.

<p style="text-align: center;"><b>CARTA CIFRADA (Fr)</b></p>	<p style="text-align: right;">ce 9 juillet</p> <p>POCCNUIGUALDXETONRSQNEYAFRUDNGSSRRN EGJHESSQUUONIQEXTUEPTKIIQPEBAOOPCIN&amp;F ARRIHQFEXUOAQDFNELSMQM&amp;NCIBFQUGCID&amp; RELRRQGSNQFNEUOIFNEPKSNECETSZEGRIS&amp; C&amp;UOUKOQNSCSMIMMINEFMZE&amp;EUCIQPEIEEO NTFUYQPIXEICYAUG&amp;VFSFVNSQE&amp;EFFNEOEEE GDIC&amp;UMANUNIBFKURREEQPQRBEUJ&amp;DASCRS QFEROGSRABLNEKPKSTVFEQNSQFEROGSNEXT NEKARPDEGDERFISTOU&amp;NCOETCOFSNADAFSXI SZBE&amp;OYNGPRSNILLIDTNGTRUHCSECDOHEY MFNGEPDDEEMCQCE&amp;OEQGIPOEDKONTBOGTP OESZEFOERYAFDUFFRGEUAYS&amp;N&amp;OCRFORSSA FRUCSTGENRYAFRUNFTPETOLHAUOEIDSPINRC ERCLIYSNKUDOFT&amp;LCSRORRLOPSXIIOFSITYOR SXEMAPEKJKMEIXAZISUNLTISNCEPONAEM&amp;N&amp; IUTEUPTQUANAMUJCGSDKNFT&amp;UXCSQFEROGS XEEEKRXILAYRAQEAMRSS&amp;AGOFRUNHEIDRJ&amp; M&amp;UORSRCICIJATRIEUIQM&amp;NCDUSQPPORV&amp; PERBEHRSQNEM&amp;NCDUSQPPORV&amp;PERBEHRSQN EYAKOOESTDUIJTMEI&amp;JSNSCISFENACDQDCRIR. NEGLFMSTYEBL&amp;UNSFSEOOIIEFORTBANRQERO GL&amp;IONFUESIRGINEHEXOINIFMIFEQPKOUIBEOA FSQEPYUIIQGAPTFNHQFIFFTUCAHISU</p>
<p style="text-align: center;"><b>TEXTO EM CLARO (Fr)</b></p>	<p style="text-align: right;">ce 9 juillet</p> <p>voici un grand memoire qpe jai redige sur les idees du rol il est certaiy que la force ne feroit que du mal dans le moment il faut ceder a lorage nous naurions pas le tems detre secouru donne ce memoire a m de mercy que ce soit</p>

	<p>lui qui sen charge vis a vis de mes freres et de ceux a qui il faudra en parler je desire que vous nalliez pas a vienne que vous restiez aupres du roi et quen tout vous paraissiez le moins posiible dans tout ceci croyez mon tendre ami que moi qui voudroit tout vous devoir jai de forte raison pour vous faire cette priaire notre bonheur en dépend car il ny en auroit plus pour nous si nous etions separe a jzmais adieu plaignie moi aime noi et surtout ne me juge dans tous ce que vous me verrai faire quapres mavoit entendu je mourreroi sjy jetois un moment desaprouve par letre qpe jadore et que jamaip je ne cesserai dadorer.</p> <p>les lameth et leurs associees ont lair de vouloir nous servire de bonne foi jen profite mais ne my fie quautant quil faut adieu</p>
<p>TEXTO EM CLARO (PtBr)</p>	<p>Neste 9 de julho</p> <p>Eis um grande memorando que eu redigi sobre as ideias do Rei. Ele está certo de que a força só fará o mal. No momento, deve-se ceder à tempestade. Nós não teríamos tempo de ser socorridos. Dai esse memorando ao S. de Mercy, que seja ele que se encarregue, frente a frente, de meus irmãos e daqueles a quem deve-se falar. Eu desejo que vós não vades à Viena, que vós resteis perto do Rei e que, em tudo, vós apareçais o menos possível. Em tudo isso, crede, meu doce amigo, que eu, que gostaria de tudo vos dever, tenho forte razão para vos fazer essa prece. Nossa felicidade depende disso, pois não haveria mais nada para nós se estivéssemos separados para sempre. Adeus. Compadecei-vos; amai-me; e, sobretudo, julgai-me em tudo aquilo que vós me vereis fazer somente após ouvir de mim. Eu morreria se fosse em algum momento desaprovada pelo ser que eu adoro e que nunca irei cessar de adorar.</p> <p>Os Lameth e seus associados têm o ar de querer nos servir de boa-fé. Eu aproveito, mas confio somente o quanto se deve. Adeus.</p>
<p>CARTA CIFRADA (PtBr)</p>	<p>Neste 9 de julho</p> <p>AIXUOGNAQDAMUMMRENHOLUUEGRADCGFSR BDEESCDAIFSRONECEQEUSAA TEOT&amp;DUQGEEFR RTAXOSANARMELQOOOXEQT&amp;DUVXSACUDAR FT&amp;MUEXTEDUNMSRARTARCAOOGTUMUOHEF</p>

ENSRC&ROIROGDFIASXEOEXOARDRAMSKETE  
 NCZQGECECAALUQGEGEUNTAOR&GPEARANME  
 TFNEQTADUM&UGIOMEOXERALUULASFQGEDX  
 UVASUFTLERUUKEXEYOLUUV&SQAMVEDUSEV  
 CELALUUV&SOEFTAIXPARMORONECELUUEOTP  
 DRV&SFPTRACFIGOTELOGPRSGIEENEXTED&IXS  
 MCNEHEXEEDMCAATISONUXEPQEESOXTTTRFAH  
 ECUHOGOGDUVARMELH&FRRCEOAKA&PFREVR  
 SSABEOEGSFPDETEQOGSFF&LFCCDEDUD&PAN  
 HEKIXSMP&IXNEODAGENIFMEIXNTDEPFRENRS  
 FEASMIPEXS&M&SXEUAOAROGPFRESUMBRAA  
 HEPSIOOPEDUCAIEOFAXACMAEXOPRATED&JEL  
 UAFMUEXTEDMALUCL&QEEGOGMUVARUIFFEZ  
 URGOTELTAA&OGOEYRKETIXEEMMRNEOIESU  
 FMSGEUMELKUOM&MUNCOHEFAURRVEDFPXL  
 &SURLUUEGAKOOOAQEELURCFINECC&SGAOD  
 AAHODAN  
 &SBAOECHUSAUXAFS&CCAKOXT&M&AODAQE  
 EDENNRSGEOVYRKELOEFUEGAURRVAIMOOAG  
 CRNIIRSMANME&QEALT&SUDAVUAREPS

### 3.2.7 De 24 de julho de 1792 (parcialmente cifrada)

Cota 440AP/1, dossiê 1. Carta escrita por Goguelat em nome de Marie-Antoinette. As palavras-chave são “*paroitra*”, para a obtenção do texto em claro em francês, e “parecera” para a tradução em cifras a partir do texto em português. O texto é composto pela descrição de duas casas, resultado da aplicação de uma soma de Fersen na compra das mesmas, no texto em claro. Em relação ao trecho cifrado, trata-se de um relato dos acontecimentos e da situação do rei e da rainha. Nesse sentido, reclama-se a necessidade de se tomar medidas urgentes para resgatar e libertar a família real, cuja situação piora a cada dia.

24 juillet

CARTA  
 CIFRADA  
 (Fr)

ZAOSXEKORRUNDDFCSTUEAEOAEN&LSSRDFIU  
 DUCNEBEISSTSAISMADIMNKBSOPSFT&ARUAPS  
 NCITNTUSONCGACUSIQIPKOCUNTTNUSKEPEP  
 OEUFL&ELAPSYEPDUNDTNUNOTRAABAXELTKU  
 DTNOODERMIITXEAAEAPIMLUDSSNEOIDINNQIS

EAORDETULSBBRKECEXAESOU&SPOONSLFDUS  
 YIBUUIIDPBSNLRRLUMPSCAMRURBISNUIXSMNBE  
 ALUSGOINFNKSQEFALSNDEZIUEADMNSACDU  
 MFRUYPUULSSEOARADTRFIFITTEBAUERNUSNN  
 HDBNALSPFULGKAODZAOGURDURNXEXAKDCN  
 KOERAERTNRHDTIKECEAMPLYEARAIQCQLDUX  
 ALLISGUPLEACTFNEOTEUL&MSNKFSSUEAUNLI  
 CFAZPPUFNMADTSNXAAEQOESXURUMSI&PUT  
 PEOCSQTEBEKEESUIKELEITKLABLERUBUATCF  
 UQDUMMNXEUUDOTRZUSOPEYLIM&TDRBEISTR  
 UTSQRAATKELEITQEKS MNPEPEIETTSNSEIORDU  
 ENEBDBNHUKN&TDURTIEOETRSSMADRMUNEX  
 EAARSQSRIBSXRQSLIDSBNECFSAE

J'ai employé le reste des fonds dont voila l'état exact en deux maisons d'un assez bon produit et presque neuves.

La premiere consiste en un principal corps de logis au fond de la cour elevé d'un etage au dessus du rez de chaussée et un comble lambrissé couvert en tuilles. Un autre corps de logis a gauche servant de remiser et ecuries et avec une boutique sur la rue, grenier a fourrage au dessus aussi couvert en tuilles.

La dite maison a son entrée par une porte cochere et une cour pavée en gres ayant puits et aisances.

La seconde consiste en un corps de logis ayant son entrée par une allée et composé de deux boutiques arrieres boutiques escalier et cour derriere avec aisances et puits mitoyen audessus duquel est pratiqué un éclusoir communiquant les eaux de la dite maison. Le tout est elevé de 5-étages quarrés avec caves audessous et chambres de domestiques lambrissées, dans le comble qui est couvert en tuilles.

Chaque etage est distribué en deux petits appartemens composés chacun de deux pieces a cheminées et une autre pieceaussi a cheminée dégageant sur l'escalier et lieux à l'anglaise.

Ces deux maisons peuvent etre loués 9 500<sup>tt</sup>. Ainsi vous voyez que vos fonds ne sont pas mal placés. Mandez moi si vous avez reçu les 4. N<sup>os</sup>. Précédents. Il y a deux jours qu'on m'a remis une lettre de vous que j'si fait

	passer a son adresse. Vous avez du recevoir les 6 brochures que vous m'avez demandés.
<b>TEXTO EM CLARO (Fr)</b>	<p>24 juillet</p> <p>dans le courant de cette semaine lass doit decreter sa translation a blois et la suspension du roi chaque jour produit une scene nouvelle mais tendant toujours a la destruction du roi et de sa famille des petitionaires on dit a la barre de lass que si on ne le destituait pas ils le massacraient ils ont eu les honneurs de la seance dites donc a m de mercy que les jours du roi et de la reine sont dans le plus grand danger quun delai dun jour peut produire des malheurs incalculables quil faut envoyer le manifeste sur le champ quon lattend avec une extreme impatience que necessairement il rallira beaucoup de monde autour du roi et le mettra en surete quautrement personne ne peut en repondre pendant vingt quatre heures la troupe des assassins grossit sans cesse</p>
<b>TEXTO EM CLARO (PtBr)</b>	<p>24 de julho</p> <p>No decorrer desta semana, a Ass.<sup>91</sup> deve decretar sua translação para Blois e a suspensão do rei. Cada dia produz uma nova cena, mas tendendo sempre à destruição do rei e de sua família. Os petionários disseram, no leme da Ass., que, se não os destituírem, eles os massacrariam. Eles obtiveram as honras da sessão. Dizei, então, ao S. de Mercy que os dias do rei e da rainha estão no maior perigo, que o atraso de um dia pode produzir desgraças incalculáveis, que deve-se enviar o manifesto imediatamente, que espera-se por ele com extrema impaciência, que isso necessariamente reagrupará muitas pessoas em torno do rei e o colocará em segurança, que, caso contrário, ninguém pode responder. Durante vinte e quatro horas, a tropa de assassinos aumenta sem cessar.</p> <p>Eu empreguei o restante dos fundos, dos quais eis aqui o estado exato, em duas casas, de um assaz bom produto, quase novas.</p> <p>A primeira consiste em um corpo principal de habitação, aos fundos do pátio, elevada em um andar acima do térreo, e um teto em lambris coberto por telhas.</p>

<sup>91</sup> L'Assemblée (a Assembleia).

Um outro corpo de habitação à esquerda, servindo como depósito e estábulo, com uma butique na rua, um sótão para forragem acima, também coberto por telhas.

A referida casa tem sua entrada por um pórtico para carruagens e um pátio pavimentado em arenito, com poço e latrinas.

A segunda consiste em um corpo de habitação, tendo sua entrada por uma álea, e composta por duas lojas, lojas posteriores, escada e pátio atrás, com latrinas e poço adjacente, acima do qual é situado uma eclusa comunicando as águas da referida casa. O todo é elevado em 5 andares quadrados, com porões abaixo, e quartos de empregados, com lambris no teto, que é coberto por telhas.

Cada andar é distribuído em dois pequenos apartamentos constituídos, cada um, por duas peças com lareira e uma outra peça também com lareira, abrindo para a escada e locais<sup>92</sup> à inglesa.

Essas duas casas podem ser alugadas por 9500<sup>tt93</sup>. Então, vós vedes que vossos fundos não estão mal-empregados.

Enviai-me, se vós recebestes os 4 n<sup>os</sup> precedentes. Há dois dias enviaram-me uma carta a vós, que eu fiz repassar a vosso endereço. Vós devestes ter recebido as 6 brochuras que vós demandastes.

24 de julho

CARTA  
CIFRADA  
(PtBr)

IOCEQOORKRHEATBSSMBNSAFS&DUVUDFCKEU  
AKSEAHRFNALBCQOQAKALLQIXESSTSMEOC  
HOLECCSDBDNAQRHDEZYMFNVBCSNBMSSME  
PDUNTOREPPSESDUSHREIQANDFRFIUDUSYAAA  
ZIMIQRPUTCCXOQAKINSZIRSFMPBEZECA  
QSRQEEXEPAROADFSHIUUPRUMKLUSHSLAESB  
CKAOIDMULUSNBHITEKATA&HRNKARDQSFSAA  
RDXZUIUNUAFANSTETELCEQEENSZIBSTOOEXE  
HAKAKNTAFSDARNQMFIHRQEKIHOUCUUODTOA

<sup>92</sup> Lieux d'aisance (expressão sinônima para banheiros, latrinas). Na tradução, utilizou-se a expressão "locais" devido ao uso abreviado da expressão no texto em francês.

<sup>93</sup> 9500 livres Tournois [9500 libras (de) Tours].

AOCECMCISPRDKPOOTU&IKDFS&RFCDSQNQAM  
 CCLBVUIXQYEHEEERESNTISRRMDNCFUSUONM  
 FDPAMAFEQTUQTESSQEKAXENOOEXEDOPEYTK  
 ETAXM&AQIFNUIBQEECS&OQEQERSQRKAZEQT  
 KRUA&RTPQRBMEIMA&PUSAOBSSMUOKNRDQR  
 UIUODO&ODAKAUM&EKUKAOCQQTEQAXOZOQ  
 TKASIFNKN&UUMNOHEKERPFNCEKDERDNMEEI  
 OTSEPUSTOOTOOAAAURFPBDUAXSDSXIBORAC  
 MFNDAXEFCUSAAS

### 3.3 DE AXEL VON FERSEN À MARIE-ANTOINETTE

*“Adieu ma plus tendre amie, jamais je  
 ne cesserai de vous aimer à la folie.”*  
 (Axel von Fersen à Marie-Antoinette)

#### 3.3.1 De 10 a 12 de outubro de 1791

Rascunho da carta, que foi posteriormente enviada à Marie-Antoinette, feito por Axel von Fersen, na qual o texto está em claro e a palavra-chave, “*autres*”, que foi utilizada para traduzi-lo, encontra-se uma linha abaixo de cada linha do texto em claro. Registrado sob a cota 440AP/1, dossiê 2. A palavra-chave para a cifragem a partir do texto em claro em português é “outros”. Trata-se de um manuscrito repleto de rasuras ilegíveis. No entanto, Farr (2016) teve acesso às imagens das cartas, digitalizadas em alta resolução, além de se utilizar da “separação de palavras por barras horizontais, efetuada por Fersen no momento da cifragem”<sup>94</sup> (p. 160), o que permitiu que ela pudesse analisar as rasuras e o que escondiam. O início da carta, após a análise imagética, é:

Me voilà enfin de retour **et je puis vous dire, ma  
 bien tendre et chère amie, combien je vous  
 aime. C’est le seul plaisir que j’ai depuis cette  
 horrible aventure. Je suis encore plus triste.  
 Votre situation doit être horrible et / \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ / \_ \_ \_ \_ / d \_ \_ \_ \_ i \_ / ma tendre amie / \_ \_**

<sup>94</sup> Tradução de: “séparation des mots par des barres horizontales, effectuée par Fersen au moment du chiffrement”.

\_ \_ \_ \_ \_ / y sans vous il n'est point de  
**bonheur pour moi.** / \_ \_ \_ \_ \_ / **n'est rien** /  
 \_ \_ \_ \_ \_ / \_ \_ \_ \_ \_ . Le roi de Suède m'a voulu  
**donner la place de Grand Écuyer et un**  
**régiment / d'hussard. J'ai tout refusé. Je ne**  
**veux pas être lié.** / \_ \_ \_ \_ \_ / **voir** / \_ \_ \_ \_ \_ /  
 \_ / et / \_ \_ \_ \_ \_ / \_ \_ \_ \_ \_ / **est tout ce que**  
**je désire. Que** je vous plains d'avoir [...]. (FARR,  
 2016, p. 160, grifos da autora)

A versão apresentada por Farr (2016) possui ainda outras diferenças, mas, como não trazem grande discrepância, não é o caso de transcrevê-la por extenso. Além disso, por se tratar de um rascunho, o texto está repleto de indicações de edição (modificações a serem feitas no texto da carta final). Mas, como tais indicações foram escritas na mesma linha onde deveriam figurar, decidi por transcrever esta carta alterando o texto conforme as notas de margem, feitas por Fersen. Há também trechos que não foram cifrados posteriormente (e que, possivelmente, não figuraram na versão final da carta); dessa forma, os mantive em claro nos textos cifrados.

Na carta em questão, Fersen aponta as medidas que estão sendo tomadas em relação às tentativas de libertação da família real francesa, além do posicionamento de alguns líderes dos países envolvidos nesse embate e em relação ao congresso, cuja formação significaria a união dos países pelo reestabelecimento da monarquia absoluta na França.

TEXTO  
 EM  
 CLARO  
 (Fr)

Bruxelles ce dix oct  
 me voila enfin de retour. je vous plains d'avoir ete force de  
 sanctionner mais je sens votre position elle est affreuse et  
 il n'y avoit pas d'autre parti j'ai d'ailleurs la consolation  
 que quelques gens raisonnables sont du meme avis mais  
 qu'allez vous faire, tout espoir est il perdu sil en reste ne  
 vous laissés pas abatre et si vous voules etre aidé  
 j'espere que vous pourrés letre mais il faudroit savoir pour  
 cela vos desirs et vos projets afin de moderer ou exciter la  
 bonne volonte du roi de Suede et des autres puis car dans  
 tous les cas les princes ne doivent etre qu'auxiliaires  
 L'Imp. le roi de Prusse de Naples de Sard et d'Esp sont  
 fort bien surtout sur les trois premiers, la Suede se  
 sacrifiera pour vous. L'Ang a assure de sa neutral L'Emp  
 est le moins voulant, il est foible, et indiscret il promet

tout, mais son ministere qui craint de se compromettre et voudrait eviter de s en meler, le retient surtout. De la la contradiction que vous aves vue entre ses lettres et ce qui se faisoit. J'y ai ete envoyé par le roi avec des pleins pouvoirs illimités pour accorder et proposer tout ce qui pourroit vous servir je n'y ai rien pu faire que d'empacher quelques demarches folles des princes et persuader quil ne falloit rien faire par eux, je lui avoit fait un memoire detaille ou je lui propose le rapel des amb et leur reunion en congres a Aix la Chapelle de ne jamais insister que sur votre liberte dans les termes de la declaration de Polnits, d'exiger comme preuve de liberte que vous vous rendi  s au chat de l'hermitage sur la frontiere de Valenciennes ou a Montmedy et que vous y'appelies les G du C et les troupes que vous voudri  s de fair avancer vers les frontieres de tous les cotés des tetes d'armees, d'en demander    la Suede et    la Russie et de les recevoir    Ostende je demandais que cette proposition se fit sur le champ puisque toutes les puis ont repondues qu'elles feroient ce qu'il fera il a ete de mon avis sur tout cela mais rien n'a ete fait et il a train   jusqu'a ce que vous ayez ete forcé de sanctionner a present je ne sais ce qu'il fera. s'il vous regardera comme libres et ne voudra plus rien faire, mais si vous av  s quelque projet on pourra le pousser par les autres puissances et comme je suis charge par le roi de correspondre avec tous ses ministres je me reglerai en consequence de ce que vous m'ecrirez voici quelques questions auxquelles il seroit necessaire de repondre pour que cela vous soit plus ou moins long j'en garde les num et vous pourres les indiquer par un deux trois.

1. Comptes vous vous mettre sincerement dans la revolution et croyes vous qu'il n'y a aucun autre moyen
2. Voules vous etre aidés ou voules vous qu'on cesse toute negociation avec les cours.
3. Approuves vous l'idée de mon mémoire et voules vous qu'on le suivre.

3. Aves vous un plan et quel est il

Pardonnez toutes ces questions je me flatte que vous n'y verres que le desir de vous servir et une preuve d'attachement et de devouement sans bornes

ce douze.

M. de Mercy m a communique votre lettre et j'écrirai en consequence il etoit contraire au congres en ce moment mais je l ai decide a l'appuyer a Vienne en lui prouvant qu il falloit un demarche ostensible pour arreter les princes et le rassemblement de monde qu ils ont il est effrayant et bientot ils n'en seront pas sans cela les maitres, l affaire d'Avignon est un bon pretexte pour ce congres et je veux ecrire au min du roi en Esp pour que cette cour engage le pape a reclamer l'intervention des puissances. Il faudroit que vous pressiés l'emp sur la formation de ce congres d moins de l annoncer sur le champ d indiquer le lieu et nommer les membres, exageres vos craintes sur les princes et dites que cela les calmeroit insistes sur ce que ce congres soit appuyé d une demonstration de force armée. Ce que le B. de Bret vous mande par le ch. de Coigny sur l Esp et la Russie est tres bien il seroit bon d ecrire une lettre à l Imp ou lui faire dire quelque chose Blumendorf la montreroit à Simolin qui la copieroit et l'enverroit chiffre c'est un honnete homme vous pouver vous y fier Quant au projet du congres je le ferai savoir au roi qui en instruira l'Imp. M. – Crawford a ete cet ete en Ang pour sonder s'assurer des dispositions de cette cour et quoi qu en dise M. de Mercy elles sont pour une neut exacte. Comme M Crawford s est charge avec beaucoup de grace de cette commission delicate ne voudries vous pas me dire pour lui de ces choses obligeantes que vous saves dire mieux que personne. Il le merite par son attachement pour vous. Repondés moi au plutot.

Je n ai pas encore eu le temps de dechiffrer la votre du vingt cinq.

Le chev de Coigny vous dira ce que je pense sur vos affaires il est bien mais il aime un peu Calonne.

Bruxelle ce dix oct

CARTA  
CIFRADA  
(Fr)

LEAOPLFELFKNQEIEDOERJUVRUFPMANLDSVRI  
DEUEUOICUDUSTNDTNOPNURTAYSKEEPESEOM  
R&PNSNTROBEBL&ERTXFHRUUXE&TKLIYUVHI  
MPTSCAFTIEIAOTYJBIQUCOPNXLTCNNEOSADIR  
NCUFQFESQEEEXG&NRRXILOBNFBNERSCNODEM  
UM&ATIEMUIAQEANLFSFOASYACR&TNUGELPH

IOEFTKLREIDESCL&NSEET&NUVRUFLBIES&SIA  
 XAPBBTPE&TAIEOGSTOFL7SUTOETICENELPURU  
 QGETOFSNOEROEFLFTPECAPSCLSATDPORTAAE  
 OYRQPFRMEXAEOFDFSNRLEDVRSBRNJSTLAIYQ  
 D&MNDSR&RHUUXQIUEPLUBHNQEGOMOIT&DE  
 RRIRERUSD&EDDUSTUURSSNUPSIAADDBNETTUA  
 LUSQARLSSNRPNIEFNFDCAEBTUTDEPUXUDIXI  
 FIDERLNMNLURRIREQRFSLETEQABLFSQELAKD  
 UTRERPEOPTYOOTPIFNEUITHUML&SURCILPKET  
 I&RRLXSAETEXEFADRNFREKA&OGRTOFSSABGF  
 AFSTRSD&SSNUUARBLBECBUSML&MNIISAOELF  
 NAIMEETHOPBBE&TKNQILCKEMINPSO&EOTHU  
 MMTIRSCNCIBIXT&RFQFIMRSIQTREREOCPKOT  
 EATSESTAOEDOYTFVNT&RTEXELMFLSRSEKE  
 MI&NUSFROOETHENAMA OOPTKAHIQTKOIQAEE  
 OESTVFSFU&EBTOEFERLSTORUSUTQEPUNS&FSI  
 XOYTKYXI&TUEQVMYFPXRSEKOCAGEDDSSNL  
 UIQSBOTVCIISPLBIOIUEEPTUKAICMRCEPEOPKO  
 &OFESTCUOCUQEIBOTRPORTEOESFESVNRREBY  
 FIDIFNRUHAPRUQGECE&PGCOEQGEMQFELDU  
 MFRQHFSUOSLUSHEFPSIIC&SUT&EDSTAQEIQEI  
 BNGFBLBORTKIUNSAKRSPURUUSJ&LTIXVTIDFF  
 IAUOMSMTIKEKEAAKLBETUPEBUYPSOROLEXE  
 OABEMDSSUMNEML&USRSUPIHNUNQOOGPEL a  
 Aix la Chapelle DUNUJTMBIEIPSPSMEAQTEE  
 UIVHTOENIAEPT&DSNXL&SUEPM&STEBAREDL  
 XRUTPOQD&PNLHIOZTESIUESCCMCEIRUUGECEB  
 IYEKTUQGETOFSAOESOELEDKEEAACOAMD&LG  
 EPMRTSGU sur la frontiere de Valenciennes  
 OGALOITCETYUTCUFVCULYSPULNIFSBELGTUIE  
 ALFSGRTUIPUSCUFVCULVHUHRYERDSFUIKAEA  
 LCFRFEISXEXFDOOTNEIEADUTMURLSSMODEXD  
 &SUEGEXDSRTE&SCETD&MSNHEDAMAUE&DUE  
 MANASUESREUTHENERRSC&VHIOMSUEID&JUD  
 UMTNCANQAEQEMT&PSOROLIDIRNFEEIGSARXE  
 IHTMQPFILQEE&OGTUEEL&SIUCSMNURSPNTU  
 USCUFBLBELFORRI&NUCSQAIXFURTIMAST&DUM  
 RNTVKSEUITHUMC&LBMXILRPEQNTEUEUARTU  
 TCLTTSANN&JESNUTCFQFEAOESFY&SFTSFTQE  
 HEFAOCGITNBEO a present je ne sais ce qu il fera. s il

vous regardera comme libres et ne voudra plus rien faire  
 MTIRSNVTUAAEEFQTEBQAEIRRJ&TNNROARKA  
 BEBOTSEEIPSRBEFATTPELPEIXSTNDEEEEOCHMT  
 ENERUNSMHSRKEBASLSRTITEIODRFSROPDKEF  
 V&CUOFSLEAMCNYSURSSREZEOEULFRXI&NQO  
 QS&QTEIC&DUCUQGETOFSCEQRCRRSTONCRQE  
 EBQGERQFELTPOQSTUPUSLSEAIBS&RNIGN&CU  
 SXAYRFDSR&PHNHR&PNUPQAEQEBA vous FOKT  
 plus cou &ORNALRNUJFNT AIDULUSLULEGVTU  
 APRUDRFSBELIBDCQGESPXRANTEEXARNIEDO&  
 POEAVRUFVNUEM&TDRUSYNDEPECEBTHALSM  
 APEAOXUMIMNFTORTYUSEOGSPUNLPYSAECGN  
 BUGR&MHYUN  
 TOFL&SEOES&TSEXIXEAOEVMUMEEVTUAQEOL  
 CFSEEEOETMELEHOOIUTPOQAGEDLSSMOERX  
 Approuves vou l'idee de on memoire et voules vous qu'on  
 le suivre

BVSSAEOESEN autre BLBNSTGUULUSAIM  
 QAPDTNBEXTMUUTSSMEAQEEFTKOISREZEALTT  
 UEDUAVHUXNIVFRPELQEEBERERIPD&VHUXS&  
 RTIPEOUBE&R&UTEQAOTSCDEOEOTSTXETEEOG  
 ELEITLABSLODNFEDEQOAZULDSM&RQYTAQOL  
 MFNRQEEEOARFLSTORUEMJ&CSIPAREBCRNFEF  
 USNMEPLUTMIUCCNORSIOETUDOIGIEAQC&M  
 NMSNOMSIXJ&LBIQEMITEFLTPQUHEIAEIUNLEF  
 NBURPKOEVTNUQFISFSLBOYTTNSD&MSRIH&O  
 RTSNLINLUPMUSAPR&TURBELPSIIC&SUTBEDAR  
 SSMYLUMUNADFMCNXECUCLFOOT a Coble  
 NL&SDEAFDAXIT&TNIUNAOUIBSPEBSURMNUPX  
 SLABSIENAMEEMUIDRUSNAEFXIIETAEIUNNNSS  
 OUBBRNBRFTSXOEIOERGNDOIGIEAEMJ&VBIEE  
 MRPRUAGMKNQUIOPEQEFPPQOFRGUUCUTAEDO  
 FR&N&AKENEQAREURUCBAOESLNNOEKVUNAI  
 NNQELPEIXSTNDEEISFSUHRMIUQFEAOS&R&SR  
 ISSSEXPXUDLBFRCADIRNREDEOOPGKEXDGM  
 NIISXEXAQNMNDEPSARXEIHTMQDNNXICUURN  
 EMISU&TBTM&RMEEM&MNRUS&XBGRS&SEO  
 XCDAKNGELSERBEFPSIIC&SUTHIAERQFEMEXA  
 BEFCBL&EIOPTCNFIRTFSLUKCUQGCUDEOOPGK  
 EXSMIUARPAYUDEN&DFMCNLTKAMIMNCEUOI

	<p>CUAM&amp;EDEDU&amp;LUBHEPRFTFOASZAQD&amp;PBRBE  MHTEIOYGOYEUILUS&amp;EALBRFSLIUEXTARFSLI&amp;  NPLXEDOKTLOPDUCCOIDEITNSL&amp;TDRUANILPCUS  UPFFIDECIPEGUULNU&amp;CGOEEYLEMUNROSFAC  OBTOEDOKTXSRMHTCN&amp;UKLXCTPPEOOYTFTBE  PVUROOYTDHNFHRUEIEFTTNYOPNUTUHMMLF  OASIOEV&amp;SBFPEOQGAOTXNRHJUTRUDOIGIEAJ  UL&amp;FFRXILAEOCRUSONQAIUNCNFTSUNRULP  M&amp;LCPAAFHRHA&amp;TFCST&amp;TUEQALGQOFR sonder  LAASER&amp;RCEEDRSIOXIANNED&amp;CUTMEQOTRST  GUHINU&amp;NCIECDUMURQYFLBELSHNMPMUSUI  EPEETUXTCUEOOCMUMIRTUEUPDLEATIHRHE  XV&amp;CNEFUQOTPQEQRSCUD&amp;CFTGEMOZMCSFIN  NQESIQAMELETOFDIIUSEOGSQAEM&amp;DPRUPMUS  LFIQEEXCXOREEOYLPQUALTFSDU&amp;VHUXSTV  FSQIIEZIUHQTEREISHNQEYLME&amp;EIIDE&amp;ADSN  NXTOAQHUM&amp;NUPCUIVHUXR&amp;PNNQELMHIFUB  LTTCT  KEIARPSSUNQOSESUSEDETSRECEOHRFYRURNA  TOGR&amp;DEVCNUTDIIQ  MEOH&amp;VTEIOYGOYFOASTIOAQEPUSJ&amp;PUNXEF  USVCSUFYACR&amp;SKLSSOBPEQMTIRIBARMUQP  &amp;UDABOPNU</p>
<p><b>TEXTO EM CLARO (PtBr)</b></p>	<p>Bruxelas neste dez out  Eis que, enfim, retorno. Eu sinto muito por vós terdes sido  forçada a sancionar, mas sinto que vossa posição é  desagradável e não havia outro partido. Eu tenho ao  menos a consolação de que algumas pessoas razoáveis  possuem a mesma visão, mas o que vós ireis fazer? Toda  esperança está perdida; se resta alguma, não deixai  abaterdes-vos. E se vós quiserdes ser ajudada, eu espero  que vós podeis o sê-lo, mas precisa-se saber, para isso,  vossos desejos e vossos projetos, a fim de moderar ou  excitar a boa vontade do rei da Suécia e das outras  poten.<sup>95</sup>, pois, em todos os casos, os príncipes devem  somente ser auxiliares. O Imp.<sup>96</sup>, o rei da Prússia, de</p>

<sup>95</sup> Puissances (potências).

<sup>96</sup> L'impératrice (Yekaterina II, czarina da Rússia).

Napóles, da Sard.<sup>97</sup> e da Esp.<sup>98</sup> estão muito bem, sobretudo em relação aos três primeiros; a Suécia sacrificar-se-á por vós. A Ing.<sup>99</sup> assegurou sua neutral.<sup>100</sup> O Imp.<sup>101</sup> é o menos disposto, ele é fraco e indiscreto, ele promete tudo, mas seu ministério, que teme comprometer-se e deseja evitar misturar-se, retém-no sobretudo. Por isso a contradição que vós vistes entre suas cartas e o que fazia-se. Eu fui enviado para lá pelo rei<sup>102</sup> com plenos poderes ilimitados para acordar e propor tudo o que poderia servi-vos; eu nada pude fazer, além de impedir algumas medidas loucas dos príncipes e persuadir que nada deve ser feito por eles; eu fi-lo um memorando detalhado no qual eu proponho a reconvocação dos emb.<sup>103</sup> e sua reunião em congresso em Aix-la-Chapelle, sempre insistir somente em vossa liberdade nos termos da declaração de Polnits<sup>104</sup>, exigir como prova de liberdade que vós iríeis ao cast. Hermitage<sup>105</sup>, na fronteira de Valenciennes, ou a Montmédy e que vós chamaríeis os G.C.<sup>106</sup> e as tropas que vós quereríeis, fazer avançar em direção às fronteiras de todos os lados os chefes de exércitos, de solicitá-los à Suécia e à Rússia e de recebê-los em Oostende. Eu solicitei que essa proposição fosse feita imediatamente, uma vez que todas as poten.<sup>107</sup> tenham respondido, que elas fariam o que ele fará. Ele concordou comigo em relação a isso, mas nada foi feito, e ele delongou até quando vós fostes forçada a sancionar. No momento eu não sei o que ele fará, se ele ver-vos-á como livres e não desejará nada mais fazer; mas, se vós

---

<sup>97</sup> Sardaigne (Sardenha).

<sup>98</sup> Espagne (Espanha).

<sup>99</sup> Angleterre (Inglaterra).

<sup>100</sup> Neutralité (neutralidade)

<sup>101</sup> Empereur (Imperador da Áustria).

<sup>102</sup> O rei Gustav III, da Suécia.

<sup>103</sup> Ambassadeurs (embaixadores).

<sup>104</sup> Pillnitz.

<sup>105</sup> Château de l'Hermitage (Castelo Hermitage), construído pelo príncipe de Cröy, no auge da Revolução Francesa (FARR, 2016).

<sup>106</sup> Les gardes du corps (os guarda-costas).

<sup>107</sup> Puissances (potências).

tiverdes qualquer projeto, poder-se-á impulsioná-lo pelas outras potências e como eu estou encarregado pelo rei de corresponder com todos os ministros, conduzir-me-ei de acordo com o que vós escreverdes-me. Eis algumas questões às quais será necessário responder. Para que isso seja-vos menos longo, eu guardo os num<sup>108</sup> e vós poderíeis indica-los como um, dois, três...

1. Considerais, sinceramente, colocar-vos na Revolução e credes que não há nenhum outro meio?

2. Quereis ser ajudada ou quereis que cesse-se toda negociação com as cortes?

3. Aprovais a ideia de meu memorando e quereis que se o siga?

3. Tendes um plano e qual é?

Perdoai todas essas questões. Eu confio que vós vereis somente o desejo de servir-vos e uma prova de apego e de devoção sem limites.

neste doze.

O S. de Mercy comunicou-me de vossa carta e eu escreverei conforme. Ele era contrário ao congresso nesse momento, mas eu convenci-o a apoiá-lo em Viena, provando-lhe que precisa-se de uma medida ostensiva para parar os príncipes, a reunião de pessoas que eles têm é assustadora, e em breve eles não serão, sem isso, os mestres. O caso de Avinhão é um bom pretexto para esse congresso e eu desejo escrever ao min.<sup>109</sup> do rei na Esp.<sup>110</sup>, para que esta corte engaje o papa para reclamar a intervenção das potências. Seria preciso que vós pressionásseis o imp.<sup>111</sup> sobre a formação desse congresso, ao menos para anunciá-lo imediatamente, para indicar o local e nomear os membros. Exagerai vossos receios sobre os príncipes e dissei que isso acalmá-los-á, insisti sobre o fato de que esse congresso seja apoiado por uma demonstração de força armada. O que o B. de Bret.<sup>112</sup>

<sup>108</sup> Numéros (numerais).

<sup>109</sup> Ministre (ministro).

<sup>110</sup> Espagne (Espanha).

<sup>111</sup> Empereur (Imperador da Áustria).

<sup>112</sup> Breteuil (barão de Breteuil).

envia-vos pelo cav. de Coigny<sup>113</sup> sobre a Esp.<sup>114</sup> e a Rússia é muito bom. Seria bom escrever uma carta à Imp.<sup>115</sup> ou fazê-la dizer qualquer coisa. Blumendorf<sup>116</sup> mostrá-la-ia a Simolin<sup>117</sup>, que copiá-la-ia e enviá-la-ia cifrada; é um homem honesto, vós podeis confiar. Quanto ao projeto do congresso, eu informá-lo-ei ao rei, que instruirá a Imp. S. Craufurd<sup>118</sup> esteve, nesse verão, na Ing.<sup>119</sup> para sondar e assegurar-se das disposições dessa corte e, apesar do que diz o S. de Mercy, elas são por um neut.<sup>120</sup> estrita. Como o S. Craufurd encarregou-se, com muita graça, dessa comissão delicada, não desejeis falar-lhe, por mim, sobre essas coisas amáveis que vós sabeis dizer melhor que ninguém? Ele merece-o por seu apego a vós. Respondei-me o mais rápido. Eu ainda não tive tempo de decifrar a vossa do vinte e cinco. O cav. de Coigny dizer-vos-á o que eu penso sobre vossos negócios; ele é bom, mas gosta um pouco de Calonne<sup>121</sup>.

<sup>113</sup> Chevalier de Coigny (Jean-Philippe de Franquelot), intermediário entre o rei e os príncipes, encarregado de enviar as cartas do rei Louis XVI, datadas de 10 de outubro de 1791, a seus irmãos. (LEVER, 2005).

<sup>114</sup> Espagne (Espanha).

<sup>115</sup> L'impératrice (Yekaterina II, czarina da Rússia).

<sup>116</sup> M. de Blumendorf era o encarregado dos negócios do imperador na embaixada da Áustria. (LEVER, 2005)

<sup>117</sup> M. de Simolin (Ivan Matvéévitch Simoline), embaixador de Yekaterina II, na França, desde 1784, devotado aos interesses do rei e da rainha franceses. (LEVER, 2005)

<sup>118</sup> Quentin Crawford (ou Crawford/Craufurd, a grafia varia) defendia a monarquia ameaçada e foi um fiel aliado do rei e da rainha, inclusive participando na preparação da tentativa de fuga da família real, que ocorreu durante a noite de 20 de junho de 1791. (LEVER, 2005). Para a tradução em cifras, foi utilizada a grafia "Craufurd", pois não consta a letra "w" em nenhum dos alfabetos cifrantes.

<sup>119</sup> Angleterre (Inglaterra).

<sup>120</sup> Neutralité (neutralidade).

<sup>121</sup> Charles Alexandre de Calonne tornou-se controlador geral das finanças em 1783, mas foi forçado a se demitir, em 1787, quando a Assembleia dos Notáveis (convocada por Louis XVI) se opôs ao seu plano de reformas fiscais. Ficou conhecido como *Monsieur Déficit* [Senhor Déficit], devido às acusações de querer aumentar os impostos (LEVER, 2005).

CARTA  
CIFRADA  
(PtBr)

Bruxelas neste dez out

SIEQAEUNUIORSTCRPOUUEILTMMFIOOIONVMS  
YEPD&SAIQOSONCXDUAAARCYORAPMUSAIRT  
MQFEFOLSSPMSYCPOSD&SSGNARAFEBEPAHHP  
VYAMUGRTPSRYIROSUGEPHAMM&NMSXCTN  
AOBAQAMDSQAESLXUOAEPSLOSSNAKOPVSIL  
PHSEU&MPMSSCAEIEAMMPSCQAEEOEIDISIEFUZ  
URYORASSREIABCPEFTPPSRXITAEEDDEETXASGE  
MPNTOQENXUISBPT&RQEEVOSUSSVMSDUNS&R  
TEES&RPJFDUDSEFEFPPSRCQAEEOEPMDSIES&LH  
MPSBRSCNSUSUSPB&RAAPARSAOFOFMSQLEP  
OEEGOESCSNRHJSTMSPFNMXEZOQEDANOFEDC  
PTPRTBMAFOPTSDSDMRSIQAAUUC&A&DPSCUO  
RSSAOAERPCILEZTMDMSMSOALAOEPDIRCNP  
&STEFEOSMMSNOEAENAGX&LXAIEAO&MBONE  
NDUPKUESYAQEIANOXEEDTSPRQEXAUSAFTP  
O&URTHBSMFOLRSTADHEOR&LPCXOUOATNEF  
PNI&ERRHSPSGEKIXSUCKIUIQANSSANOKVMSTI  
RGXSLE&UNOGSFAIEATKABOYMAECM&NHSQIF  
PMSGO&LUEURTCMENNXIACNEAOSLPIOZEYE  
AUQO&ALSUUOILIETSRROCUST&MSCCMNRHMS  
T&REESD&SUJPEGIYAPMRSDUNADSSRST&MBO  
EOPRSTFDTPHR&SFOPCCNORS&CTODUSVTSEI  
ET&SSNGR&SEAECTRYAEETQEEUAKIPSSAFEIS  
NGIPDCPURSLPP&LYRSIMOZPBELOEPCD&RUS&  
LYM&TXDTSIANATCMRQAIEIRMPMRYUQOTQEE  
AORENIXS&REIFOFEFNXDUPTDSFTZSRXL&MTE  
&MBEQIPASGEMPSOEIQALLHUKAFDMSRRRNQ  
IAEFEAEPSAATINQGERAQAXEEEEEDFSIGONOKE  
BEFEFFNLTUZMSMMRPNQOXEDABHTDMNCQAA  
XEPDOAOIHATAKEKOLVMCXCUCUOTOEEOBSSFAI  
EEN&AMEOCCNQRUSEO em Aix-la-Chapelle  
FEOPPERNAIETYREO&EPTUEOVMSEABIY  
EKDPD&NMSGEIMHSQAREKLXRUCSOQEBOBNN  
TLELIXIDCMMCPIOEAQENILEPDUDUQFEGOEIPI  
&IAAMCTSYHSRCIDAXE na fronteira de Valenciennes  
MUPMCNOMUDTECUSVCSMHSMRPYE&SCSQCU  
AETDOAAEQAEEOEQGENEPI&IAFPZ&RPVXNMA  
KEODYRSCXOUSYRMNAE&RXSXEDOQOFOELXD  
TSHSKH&FSSQE&XURKIAOEDSSTLPC&TTLMSXS

AEQIPETRFSEIUETENEQELEBOLEZOMSAERDSEA  
 SHL&CYTSIDU&EASPPDOAOEIMAHFMSFEUENT  
 UIZEQITTPMSNOEEMPV&ZDUSTTDSSPSBOYEIT&  
 NOAOR&SAOIDRDHQFE&LPSUAIISMMQGESLSFU  
 RSEBEQORCCR XOECMMYGME&R&LSCPOTIESC  
 MUSBAQASO&FSIOOUEBEREBOIGTUSTSQGARD  
 CVTSYOET&SUOPCUDSAEAQIMNXR No momento  
 eu não sei o que ele fará, se ele ver-vos-á como livres e  
 não desejará nada mais fazer CAASSVMSYIFEIDUS  
 DUTLDUSRNRHJSTMPMDSRLESIOPGLEICNULHP  
 SLTSMUGRUSIOYELC&AEEMOZOSU&SYOFEPS  
 RNEUAQORESOKE&D&CMRPELPHNQEDCMMGO  
 XOAOEMYN&SGRTSQORDGZ&R&E&ITEPCMRQO  
 OOCOCUSVMSSOR&VURQEFMSENSUL&UOAFQ  
 FEETTSSSDUTIESSRUNUCSSFANICR&SIOLDSRRA  
 IACUSIFSMSSJUMUNMSNORGCEAGEANDMOENF  
 M&VHSAORENISILIBD&CTLMSOOCUZDMIFTNEE  
 KOISRDURPIFS&NOEIAZERT&CMLCCUREOENTR  
 SVCLACSOSCDEQEEQAEBAMHTNSNYUCOETNO  
 OE&O

DUSR&IASSRTJFDXDUOEQFEDE&SDU&CUSEEFE  
 YOQAPE&OKITCPOOCCAACMRAE

3. Aprovais a ideia de meu memorando e quereis que se o  
 siga?

YEID&SEMALTNMEDUULU

AEPDTAPTMDTSSSEALQEEETMEEEFCTNYIMQGE  
 FOEV&RPE&SFOOEIT&OTEEYQEEEEIVPRFOFEF  
 MXPIOEAQETPSGCEXETEFQAMSSMSIZIYEF

REET&DHZS

MSQECEKCTCMMFNCTUZEQEGOESXCURDASE  
 GEECPAEKE&CMNUOPM&EXENAQORTPAIIHA  
 MCMNXRSSLOBEES&MMMSNOOZAEEGCMNFEP  
 CPOPABO&ABO&MEISNTPNOFAPDHLZECUSPPE  
 MIAAEEREFMXM&DPDPOFTSNEIAAIANABANAP  
 OLPKIRCYPAAEAIEN&AMDSPSSLOSSDU&EBEE  
 T&MUAESGSYAQOIAUEOBDEFESL&SBAMS&RPO  
 EECIASMOFMSSGR&SHCPSMDSAFIPHSOSUOBM  
 MRR&TUXYOBANASSLEQORGDEESCE&UTEEY  
 OSSOR&VURPOOIRDCR&IBASSBPRXQAEUSYAQ  
 ONTSEPGSJSOBAARARAKEKLTMPRXIPTURFEL

CPOQALPHTSNQIPSEEIISPNEQIEODU&VHSAR&S  
 EICNUSAE&SMIOPEOYRUAUODMPCXOXEASSCM  
 NXRSSLOSOOELOEPXRUABURCYABONM&DPAY  
 AOERTSPURSIRDYCPRCLTCSLSNMMSAPOLMUM  
 LRMSSXXG&RSIFOFMSPEMEPOESMBNECSNRP  
 NKIBEEEQIKEPQFEYSEOXCULZABOFIPIIRSDDIEO  
 PRSOUAOOTEDU&EESSCTN&RSSFOEENAUPHIPD  
 MPMRFMUDUMMNFTNAOATDUFMRQAPR&AXA  
 HQFEMBQELR&TUNFITVMSRESOQAFD&CMITNB  
 SHBNETEEPSAIUAS&A&MFIGOYOZSSRYALO&EL  
 CKEFEDUOAOAITSA&MBOFFXZ&LSD&Z&RDUX  
 LGUURKOYSPBBUCEBDMRSMMSGRULSIPAFIOO  
 BIPQEEKOBIPLXIUEUNFITLPIXCRFKAQA&UOHC  
 M&MOOREFTMVCSNOTE&SQORFNAIQEARTMA  
 MPPOREDOQOQORGPELSHEFILFMR&ASOUIPODE  
 &QFERNATNUYR PANMNSQRPUSUNDSSOEEREF  
 SSVSRUOBA&NUPPRX   sondar   EUSAEXUDANS  
 SDUSTIEPMS&CCELDUSEAQONTSEUPUSPRRODU  
 SDRZHSQEOENCHESAASPOBONU&APEETNANEE  
 TPIOAQOOMS KR XU HUKDSN QAN RSGTUA EKOO  
 MFIGAQRSCPD&SEAOCIASPOREBIOAXABAMD  
 &SSJSIHFLPRNHSPCRCIZSMBDESSEALCHIEAFA  
 OAFERSCUSVMSEALERSTIHEDMSLYOIQERRILGF  
 E&ESEZENEQEMPCRLEEA AEUOPVCSIEAPM NRE  
 &MSOCAPSNABIQO  
 SUXIPDSNPOAIFEGECPHSD&C&FPAIAEOESTD  
 MVNNOEUC&NQO

MCXVXEQO&GLYQIKEIVHSPOCUSPSNLOAOLR&  
 VMSEOLNUGMCYOE EBE&BHMMAFGMSGAMIO  
 FCMDSCXLTNBE

### 3.3.2 De 13 de outubro de 1791

Manuscrito autógrafo de Fersen, em claro e com a palavra-chave abaixo, para que a carta fosse enviada cifrada. Está registrado sob a cota 440AP/1, dossiê 2. A palavras-chave são “*subvenir*”, para a tradução em texto em francês, e “apoiar”, para a tradução a partir do texto em português. Como há a letra “v” na chave, deve-se recorrer ao

alfabeto indicado pela letra *U*, no quadro de ciframento. Para a tradução em cifras, iniciou-se pela segunda letra “i” da palavra-chave, posto que há uma rasura anterior ao primeiro trecho aqui apresentado. Para a transcrição desse documento, foram ignorados os trechos rasurados.

No texto, é possível notar uma certa frieza de Fersen em relação à Marie-Antoinette, que não utilizou as frases de cortesia habituais e que chegou a reprimi-la em sua carta (“*Que votre lâche cœur ne se laisse pas aller aux enragés*”) – apesar de ter feito algumas declarações de amor. O conde provavelmente estava com ciúmes da rainha, pois havia tomado conhecimento dos rumores de que ela estava se relacionando com Barnave<sup>122</sup>, além de estar se comunicando com outros constituintes da Assembleia Nacional. Tais “rumores”, como coloca Farr (2016, p. 164), “machucaram Fersen”<sup>123</sup> profundamente. Além dessas historietas, o fato de Marie-Antoinette ter pedido a Fersen que ele retornasse para a Suécia também influenciou a maneira como o conde interpretou a situação.

As publicações anteriores à de Farr (2016), a partir da que foi organizada por Klinckowström (1877), suprimiram a palavra “*lâche*” (solto). Algumas outras diferenças em relação à publicação de Farr foram percebidas, mas isso se deve ao fato de que o manuscrito possui diversas rasuras. Em 2005, Lever publicou uma antologia de cartas que corroboravam as versões anteriores. As rasuras foram indicadas por [...] (que substituí, abaixo, por traços).

[ \_ \_ \_ \_ \_ ]  
 Je n’ai rien à ajouter à ma lettre de hier. Insistez toujours vis-à-vis de l’empereur et pressez-le. Demandez qu’il vous dise franchement s’il veut faire ce que vous demandez. Je tâcherai de le faire pousser par les autres cours. Que votre cœur ne se laisse pas aller aux enragés [...]. (LEVER, 2005, p. 634)

Farr (2016), no entanto, conseguiu distinguir o que estava

---

<sup>122</sup> Antoine Barnave, advogado, deputado do Terceiro dos Estados Gerais, em 1789; fundou o clube dos Jacobinos e tornou-se presidente da Assembleia. Tendo se encantado pela rainha, esforçou-se para tentar convertê-la aos ideais em que acreditava, e manteve uma ampla correspondência com ela. Foi preso em 1792 e guilhotinado seis semanas depois que Marie-Antoinette. (FARR, 2016)

<sup>123</sup> Tradução de: “rumeurs [...] ont blessé Fersen”.

escrito abaixo de algumas rasuras. Por exemplo, Fersen iniciou a carta com “*ma tendre amie*” e, mais à frente, escreveu “*Adieu, vous \_\_\_\_\_ et que j’adorerai toute ma vie [...] Adieu, je vous aime à la folie [...]*” (p. 164-165). Infelizmente não consegui recuperar o texto sob as rasuras, e não se tem certeza de quem as fez (se foi Fersen mesmo, antes de enviar a carta, ou algum outro censor, como o sobrinho neto do conde), por isso esses trechos não constam na carta por mim transcrita.

<p>TEXTO EM CLARO (Fr)</p>	<p>13 oct 1791.</p> <p>Je n ai rien a ajouter a ma lettre d’hier insistes toujours vis a vis de l’Emp et pressés le demandés qu il vous dise franchement s il veut faire ce que vous demandés je tacherai de le faire pousser par les autres cours que votre cœur ne se laisse pas aller aux enrages ce sont des scelerats qui ne feront jamais rien pour vous il faut s en mefier et s’en servir.</p> <p>J ai confie au ch de Coigny une partie de mes negociations je ne lui connais d autre defaut que d aimer Calonne. Je n ai encore eu le temps que de dechiffrer le commencement de votre lettre c’est la crainte de nous compromettre qui m a toujours empeche de vous ecrire, je suis a present abime d ecriture je ne puis retourner en Suede car je suis chargé de la correspondance du roi le reste du chiffre ne signifie rien, ce n’est que pour remplir le papier.</p>
<p>CARTA CIFRADA (Fr)</p>	<p>13 oct 1791.</p> <p>YEIAERNEQAOJQUDEDA&amp;AFEGTOEMHEEKILSNS RETRUUORRAVYSXVESQEBEDPITIR&amp;SEEPLSD UMONXEAQGIBVHUEDCSPFUABCXE&amp;EGTEIBVP UBFSIDEOEXUFVRUFDIMSNREEJITXCDE&amp;AEDU L&amp;FXITEROESFEUPSRNEEADTPEXCAUUSCU&amp;VC TTEBAIHPCQEERLEEEFANSXEEACAXL&amp;RXUQEI RFGPSSEAOLTQEPSOEBE&amp;ABSCUYNSFIRCNMJO MKIARYEIPHUPVRUFIFFSUASSNYEUIURPTCEBS &amp;RFIT YANCHNUIUAICYDUCMITNMUIE&amp;A&amp;TEETEOEE NIGCCCAKIQNAJ&amp;NSLDIOOQNOICDSUARSDIFXU MQIEXAPM&amp;ROAFOINUJPNKIUNQOPEIUBEMEDP</p>

	<p>CQEEREQEAHNFARPRFEQOOMSNAE&amp;EQTMERO DR&amp;LSTRSCUSKCLKCKAYNGEUEIOESBO&amp;PKOO EGTTEDUCMOTQUPOGREEYPSCEDEMEROES&amp;CPI TENEXUUSKPKFEITCBNMUDPESRPTGRSJINSPEI FRITHUDNSRINEUUDPCKRPEFUNSAHXRKEMEFA QODRSSOIDFNBEXUKOYLSRISGEHUBHEFYR&amp;N SSEGIIAPREEBC&amp;NSSRQFE&amp;OIRUEZPNIPLIPXPC E&amp;</p>
<p><b>TEXTO EM CLARO (PtBr)</b></p>	<p>13 out. 1791</p> <p>Eu não tenho nada a acrescentar à minha carta de ontem. Insisti sempre face a face com o imperador<sup>124</sup> e o pressionai. Demandai que ele diga francamente se ele deseja fazer o que vós demandais. Eu tratarei de fazer as outras cortes o coagirem. Que seu coração solto não deixe-se levar pelos raivosos – são celerados que nunca farão nada por vós. Deve-se desconfiar e servir-se disso. Eu confiei ao cav.<sup>125</sup> de Coigny uma parte de minhas negociações. Eu não conheço outro defeito dele além de o de amar Calonne. Eu tive tempo somente para decifrar o início de vossa carta. É o temor de comprometer-nos que sempre impediu-me de escrever-vos. Eu estou, no momento, sobrecarregado de escrituras. Eu não posso retornar para a Suécia, pois estou encarregado da correspondência do rei. O resto da cifra não significa nada, é para preencher o papel.</p>
<p><b>CARTA CIFRADA (PtBr)</b></p>	<p>13 out. 1791.</p> <p>FUIAMTINGOBACAQAKRISDEBTBRQM&amp;NYADA KTBDSORTIMKNAIRTNSSMNRFFSCFAOAKESOLO PMQEKAQOUENPKERSNORAEDFMSNCANQFEILF DPGBFKARCKMFNDERESLSDISFJSFBZSRMQRET OADFMQNQAESFUDRBTQRSIXEEAMESAEOFTUA RCHRUEEOKOKGKRUMPUSSUSOSAQAANSFLYOP ANDUIYEEEBERASPULNSKA&amp;VQSNSAANCSLSR KDNSCUFNCKALASAHNBDQPMRRORDUVFSSD</p>

<sup>124</sup> Empereur (imperador da Áustria).

<sup>125</sup> Chevalier de Coigny (Jean-Philippe de Franquetot, cavaleiro de Coigny) foi um dos intermediários entre o rei e os príncipes (LEVER, 2005).

SSSOOFPASEEENVERRETIRSF  
 FUUORFEEKAHCBVZEKOEGOYEMBPQRYEXELIB  
 HBSIEXOSIBCHERECNPOSOOHUCNOCTNOXEEEEP  
 TNDLSAFELDUOCEQMPRSAMOBNFECT&VITFM  
 IOROPERTIPBRSDFCNFNAUOKNPCKOZEFOSBC  
 SRUASOYE&OSDUCNMMRMMITFRBORQCEEE&P  
 SEPMQEZIFMIDFEACSECENVQSFUUSUOCNMMQ  
 MFNDOROXRSCKRSE&ACOEZSSSRKTERBSSURA  
 QPNSAOSEHONNKRQAKABSCEKIKPNIAERTFUSN  
 SASRUGBDFDPCQRSEAPNNZERCEACOKEKOKEE  
 TQDBCFPSAIAMSEGOIYIDAIAQAIPBRSPSESNKHI  
 RNPSFPL

### 3.3.3 De 25 de outubro de 1791

Trata-se de um rascunho feito por Fersen, cujo texto em claro foi cifrado para envio, por correio (como indicado no topo da primeira página), no qual consta a palavra-chave abaixo de cada linha de texto. Está registrado sob a cota 440AP/1, dossiê 2. A palavra-chave utilizada pelo conde para cifrar o texto em francês é “*contraire*”; a palavra-chave por mim utilizada para cifrar o texto em português é “contrário”. O texto possui uma indicação de edição (com o símbolo “ + ”, como no manuscrito), que foi, provavelmente, feita por Fersen na versão final. Essas indicações constam no texto aqui transcrito. Nos textos cifrados e em claro (em português), esse trecho foi transferido para a parte que está indicada na carta. Dessa maneira, os textos são traduzidos, hipoteticamente, de acordo com a mensagem final, enviada por Fersen.

As páginas da carta em questão (anexo K) possuem inúmeras raras, que impediram a recuperação integral do texto. No entanto, a historiadora Farr (2016) indica que as diversas alterações (rasuras) presentes ocorreram em partes do texto que faziam referência à relação do conde e da rainha, como no trecho: “ [...] **je ne vis et n'existe que pour vous aimer ; vous adorer est ma seule consolation [...]**” (FARR, 2016, p. 170, grifos da autora). Alguns outros trechos, partes dessas declarações, não puderam ser recuperados pela autora. Ainda, segundo Farr (2016), a falta de uma expressão completa de despedida, ao final, indica a possibilidade de que a última página da carta tenha sido perdida.

TEXTO  
EM  
CLARO  
(Fr)

du 25 oct 1791 par la poste

Pressez toujours l'emp pour ce congres. Sans cette demarche bien prononcee et prompte je crains tout de la folie des princes et des emigrants ils sont fort echauffes et sils se croyent abandonnés je ne reponds plus de rien de leur part. J ai ecrit dans ce sens à tous les ministres de mon roi dans les cours pour qu on presse l'Emp la dessus il a besoin d etre poussé sans cela il ne fera rien ne craignes aucune demarche folle du roi je saurai l'arreter sa conduite dans toutes vos affaires merite votre reconnaissance si tous s etoient conduits comme lui vous ne series pas dans l'etat ou vous etes. Stael dit des horreurs de moi il a meme debauché mon cocher et l a pris a son service ce qui me fait de la peine. Il a seduit beaucoup de monde contre moi qui blament ma conduite et disent que je ne me suis conduit que par ambition et que je vous ai perdus et le roi l amb d Esp et d autres sont de cet avis il est a Louvain et n a vu personne ici. + Mes chevaux sont arrivés je sais que vous avez vue la femme de mon valet de chambre quelle bonté mais je devais y etre accoutumé [...] on dit beaucoup que vous preferes de rester comme vous etes à vous servir des princes cela est fort juste mais prenes bien garde il ne faut pas que cela se dise c'est dangereux pour vous Mon pere vouloit absolument que je revienne mais j espere le ramener à mes idées c'est surtout l'art de l'argent qui l'effraye. Dites moi ce que vous voules que je fasse de celui que j ai fait passer pour vous en Hollande s il faut le placer ou le laisser en depot comme il est. M. de Bouillé quoique je lui ai mande de me remettre ce qui restoit du million a eu la faiblesse de le donner aux princes c'était sept cent mille livres qu il vous auroit ete utile d avoir. Si on peut contenir les princes la grande emigration de ce moment n'est peut etre pas un mal pour vous et peut servir a eclairer le peuple et a le ramener par le besoin et la misere

+<sup>126</sup> Ils ont raison j avois l ambition de vous servir et j

<sup>126</sup> O trecho “ils ont raison [...] récompense” consta no final da carta, com uma indicação de Fersen para ser adicionado logo após o trecho “Il est à Louvain et

aurai toute ma vie le regret de ne pas avoir reussit j etois jaloux de ce bonheur je voulois macquitter envers vous d une partie des obligations qu il m est si doux de vous avoir et je voulois leur montrer qu on peut etre attache a des gens comme vous sans aucun autre interet, le reste de ma conduite leur auroit prouve que c etoit la ma seule ambition et que la gloire de vous avoir servis etoit ma plus chere recompense.

du 25 oct 1791 par la poste

PSECSUSMOYJMU&SSEZPQORRQEIOPGNEESUNA  
CFTBETETALCZELI&NIRNNQNQEUEHPNODPOEP  
EDRKIBSMOYTQEQAHOXIFD&SIRCNZEEEGD&SU  
MLKGUABTXIRSEOGTHOKTFCYAEFA&EYSULLS  
UCSOHEBTFBDNQOGE&SPEOEUEIOQDNLFSCFE  
ER&ALT&AUEMRPTCAPSQEXEPSPTAULLUSLIPI  
ATOE&DSMANIOPDBNCLUSIOYREPAUIQEOOUE  
ASULXMALOD&SAURIFANEXOQNQEKR&PHURS  
CSSNXCKLPIUN&FURBREEBNUCLA&GGELAECT  
NIDUMFRZHSFALSETUSOEJUSFULA&LORIEDESS  
KCHNHUXTYEMAPSDOTTBEAVRSDFUAAUR&SZE  
SIBEEOMRKRSCANPAPSRAPCUSCTQUESSTTIUN  
UCQNTUCT&CMMDESUPVNUCNUSURXEEPOSXA  
NSMEBADOECQUEEKELSDASLXIDDUSTONRIUIS  
TELOEIXATEFEQECAACOELPCHCDELEYLOPIIA  
AROPSUREIZEKELURMUFBIBDULFPKIREULUSU  
DTIBBUAECQUADPMTNTEDOPTKETOXQFICLUM  
UNUMKCHNHUXTYEPTXIAEOTOUUJUNKMSSFIL  
CHNCUETCUUPDRPMCIOIHNFTOUUJUVQEAUP  
&RTUREBLURRIRAOBMELPUTCARTKEXSQNYDP  
C&TSVKSELUSMAROFVOIPEDNBVRPURXOPNEIB  
IRLAOOTUAPSRNXAFOUSSAZBKTEOBDUVQUES  
PRAIKUTCAYRPIKOATDELARIULURKGNEKD&N  
UPBSKVHIORKUESUTFTQIAJFLQUGDPC&BHNGE  
RRJ&VHUMOESZAIQYIYTPR&NEESSROESHUPEA  
A&TRETERTLPGFTXO&NLURLZERTCITOEXAEF  
OISUVHISEBJUVRURO&SQEARZOOTUEKQEOYPS  
UKEORUAUTKCOEFDKXEGSMOZMFVQUASFN&  
ACCINUUDRFIPTURUTRENEFT&DULASOBDEIHT

CARTA  
CIFRADA  
(Fr)

SLPUIAERNIBPKOEVKQFEBEOOPTMA&AAEELKA  
 OBUTROBEUQREXAKLQINEMEAOSBVQIKSURY  
 IEEKORTZAQLRSQHURKRSCAMNEBSFFEECYEA  
 AEXROPTSROVYEEJPSUIAQTEROESFVKSFUPLUF  
 UMLEXEZOQVDLSTMEMHSMARIQEEBLKBMNKE  
 CAPSKEXEEREI&YST&EUCQOTTRMUANXIDBFA  
 RCHU&QYEHOISNRUFFRISTEOE&TSRBOCMUVN  
 UCEDEXAYOFSFEIVPRCECPKIQCKSKEQA&SDFN  
 RBJESMEFA&SER&NUSAIIN&AODKIBNPFUUDPB  
 SOUUCULDSSDUS&CUSUDKN&EOEYXAOIRROES  
 LOPPURUVQUBOUTUBAOMU&EBTNUKJSRPVRE  
 BNFMKIAJUSNENEQEIAZEOEUAZEXIAESSBELTA  
 USTQUDLFRHDSLORQEBTQUELUFARDYSUT&S  
 ZOKCIQEEEOYSFOIL&SCUFJIFSSXEAKEKURQE  
 EKAEFSSIMPDSEE&PTUKVNUCEBHRLRARDPSRLY  
 ATTFEILFCKRMUQESAPSREUEBDUPQTKODM&I  
 XERT&DUBRUXLBELOTICUFJILEIFIFARDPD&MU  
 RFMITDRUCKQFI&ELTHIUDRMPLBIQNPEILUFSIA  
 LISAEHEREQOGN&RSUYPPUIBCUSZEYOUTLEITD  
 EPTZIBLKL&V&ELQEIMVQUAAERQIYEKEATPLF  
 DKVHIOSXORPPUOCHNUEPIKLUSNR&NBELLSGS  
 NPDUETIBRPTUOPDUCFMQMUNMNKSYPPOED  
 RFPKSENTARPMU&VTUAEUPIUDSURYINAPCSAP  
 RFRFEIEEPREESTOL&RSMFNIRIAOLKBSSAIPEDL  
 BMESURU

de 25 out 1791

TEXTO  
 EM  
 CLARO  
 (PtBr)

Pressionai sempre o imp.<sup>127</sup> para este congresso. Sem essa medida bem acentuada e ávida, eu receio toda a loucura dos príncipes e dos emigrantes. Eles estão muito esquentados e crêem-se abandonados, eu não respondo a mais nada de sua parte. Eu escrevi nesse sentido a todos os ministros de meu rei nas cortes, para que pressione-se o Imp. sobre isso. Ele precisa ser impulsionado, sem isso ele nada fará. Não receai alguma medida louca do rei, eu saberei impedi-lo. Sua conduta, em todos os casos, merece vosso reconhecimento. Se todos conduzissem-se como ele, vós não estaríeis no estado em que estais. Staël diz horrores sobre mim, ele inclusive despediu meu cocheiro

<sup>127</sup> Empereur (imperador).

e tomou-o a seu serviço, o que deixa-me triste. Ele seduziu muitas pessoas contra mim, que culpam minha conduta e dizem que eu conduzo-me somente pela ambição e que perdi-vos e ao rei. O emb.<sup>128</sup> da Esp.<sup>129</sup> e outros possuem a mesma opinião. Ele está em Lovaina e não encontrou ninguém aqui. Eles têm razão, eu possuía a ambição de servi-vos e eu terei em toda a minha vida o arrependimento de não ter prosperado. Eu estava com ciúmes desta felicidade, eu queria quitar-me das dívidas com vós com uma parte das minhas obrigações, de tão doce é-me ter-vos, e eu queria mostrar a eles que é possível apegar-se a pessoas como vós sem nenhum outro interesse. O resto de minha conduta tê-los-ia provado que essa era minha única ambição e que a glória de ter-vos servido era minha mais cara recompensa. Meus cavalos chegaram. Eu sei que vós vistes a mulher de meu pajem; que bondade, mas eu deveria estar acostumado. Diz-se muito que vós preferis permanecer como sois a servis-vos de príncipes; isso é muito justo, mas tomai muito cuidado, isso não deve ser dito, é-vos perigoso. Meu pai insiste absolutamente que eu retorne, mas eu espero reconduzi-lo às minhas ideias. É, sobretudo, o ass.<sup>130</sup> do dinheiro que assusta-o. Dizei-me o que vós quereis que eu faça daquele que eu fiz passar por vós, pela Holanda; se deve-se recolocá-lo ou deixá-lo à espera, como ele está. S. de Bouillé, mesmo eu tendo comandado-o a enviar-me o que restava do milhão, teve a fraqueza de dá-lo aos príncipes; eram setecentas mil libras que ter-vos-iam sido úteis. Se pode-se conter os príncipes, a grande emigração deste momento não pode ser-vos um mal e pode servir para clarear o povo e a conduzi-lo pela necessidade e pela miséria.

de 25 out 1791

**CARTA  
CIFRADA  
(PtBr)**

NRSSFITNSIREZPUEMIFPAA&A&SDEDOBGUEESQ  
SSMPSLAZECITATEOAZERTIAXAUATITAIUNEZE  
&OKOCASLNUQUUAQO&PNIGCRPUSFDHSIM&GL

<sup>128</sup> Ambassadeur (embaixador).

<sup>129</sup> Espagne (Espanha).

<sup>130</sup> Article (artigo, assunto).

ARTPS&LUSFSDAQMFIHOSSLU&NDACOAESRSEF  
 SSACAPDHNBDHSIURAQRSSEOPDHALAPSPAQA  
 AEEUOPURDEFUUSSRSVXNSSFELEBTKDHABOQ  
 O&OEMUNRSDRNSTE&EFRKIRAFCTRDERPSRQK  
 FENRSSFITNUSFOPMNSMBLE&SFO&LUPSEQICAE  
 ELIOPILLIHNBDHSIM&S&OSLPNUDSFBRSNKONE  
 ZEPIOLQUZALETIXABOYCPDAR&IUURANEUE&I  
 FPSDULTSEADOBDRTPFEFTMDASTSQAROAMIRSC  
 KVMSFOIEQOOHUCEMSNHOOEKOXOACNNTUGI  
 ESKMEEBOCOULFVHSPAME&TPRUERSBOFSDAX  
 OSMOUSEFTUIASUAULXIIHQNRNO&ELSHBSEZI&  
 EBEXNKLISR VUDFSIEXIFMKUKOBH&IKOFTHMQ  
 UMA&EFSPRAIQONQEEXE&XDMST&ILTUEMAE  
 XUHIYMFICALPUSROSSORTLAOIDQAEQUMPSM  
 &IRHDCMNRUOAUDKZUMOUSEYCMNMUKOZER  
 OZEPTSPKLPADBRC SOFQEENRQIYOEEOOIEPOF  
 MNDKEEPKOFT&OLPHSRUUMKMSSFAMPUNRAH  
 EMEUSBASMROFAUNUEBANEBBCQNYRQRIGGA  
 EZAPUPEFEETKMNAZATEEPNSAUEAPFB&COO  
 XEAESVPRROEEKUYE&EREZTNSA&IRHDV&DO  
 OURKEQEBDEMSNHQOEGATTURQRHSNENAAOS  
 UPSOAEADOZCEUOE&DSSKAHEXIDITAXESUOUS  
 RUAGUPTBRZEXAEDXV&DOSMOZVNSQO&UOA  
 NANTPDUSZIOHSSQBNI BAKOP SXEDANDHCIEOE  
 HENVAS&EEQTEKIKMMSHRPROESEAQTEUPQSEI  
 YEBAAEQAKSFAIECSMA&CMAVTS AELNUNYU  
 OOYTNOUNOEKERSUOUEETQDPMUNFAQOODET  
 KTSLQS&AERTVSDNQEEISEAKRPMUNFAENKCS  
 A&B&CDOSQIEUGXOSISDITSRYOESPRAITOF RSM  
 ENZAF A&SBAIAKEDOZPINEAFEF SBAA XORCOE  
 ZANAFEFSPIGUUVNSEICTSSDMFLYEIDHMFUIAE  
 EOQYELOGDUDUMBSUUXEFELIPEFTURSCNSDU  
 &AQOAIHSPMAIDOPUUVQSARKFSRUSNEKMBNU  
 CIRKOFEOUSUSURTIEOCDSPLIRCUP&SPSROOM  
 RIYOXUETAMCAATNMSI&U&TQCFIMAXOP SROB  
 AQDSVKSSRMIOOVNSIEUIXO&OOEIPUIPNRIAT  
 IALSQ LFTOM&NDEPUUERRSTQRREDALEEERPUR  
 QRSCQNQUXISOSSLIBHKS&DKIPSPSTBKEUUTOQ  
 AESAQIGH&IKOPUUACSF SHAMDUZ&IZENQEE  
 ROEQYENEUSGUUETFSCKDPQYEBELU&EEFKZIA

CSPRNONVASNEXAHOXAPDPSKDSVPS&RUCNLH  
 CKLMOYDSIZASOSERPURKCMMQEBEPSOAAADB  
 HUELBEFEEMAEATUNCOQO&ARDDDMOOEPVA  
 SMUOQUSRKSYAIAOXOZIMHSOBEFEDFNALU&ZS  
 DFDSLQAMSNR&NBINEAESAZSITSCKNYAFMRL  
 XIARSSOUSTKRFOFIUMAICOETHIESKPMDDPS&CH  
 NUEKOCNPIC&PPSUGKAODUE&IXRDPCOMELT  
 UMNUNBORAQPMDDPS&REORUZMKLSPQDSSPR  
 AIKPBRSCFANEDRMPAVTESCNTTUGIBONEBAG  
 EMEASKSDSIEAERAOIFEIIS

### 3.3.4 De 29 de outubro de 1791 (parcialmente cifrada)

Carta sob a cota 440AP/1, dossiê 2. É um rascunho que contém tanto indicações que uma parcela do texto deve ser cifrado quanto texto em claro. Porém, o texto em claro está evidentemente cortado por duas linhas cruzadas em *x*, o que indica duas possibilidades: apenas a parte a ser cifrada foi enviada como mensagem para Marie-Antoinette ou, então, o texto em claro foi, posteriormente, “escrito com tinta invisível”<sup>131</sup> (FARR, 2016, p. 172). As palavras-chave para a obtenção das cifras a partir do francês e do português são, respectivamente, “*depuis*” e “*desde*”. Existem duas indicações de edição neste rascunho, ambas estão indicadas pelo símbolo “#” e seus textos correspondentes encontram-se ao final do texto em claro, em francês. Esta carta foi enviada pela princesa de Lamballe, amiga tanto do conde quanto da rainha.

Além disso, alguns trechos da mensagem também estão rasurados. Farr (2016) conseguiu recuperar apenas a última frase, de despedida, “**Adieu ma tendre amie, je vous aime et vous aimeraï tout ema vie à la folie**” (p. 174, grifos da autora), que, até então, não havia sido publicado.

TEXTO  
EM  
CLARO  
(Fr)

du 29 oct par la P<sup>esse</sup> de Lamballe

J ai recu des lettres de Suede parfaittes le roi pousse fort l'imp qui est tres bien disposée elle desire avoir une entrevue avec lui qui aura lieu des que les frontieres seront définitivement réglées c'est un grand mistere dont il est tres important de ne parler à personne il seroit

<sup>131</sup> Tradução minha de: “écrit à l'encre invisible”.

interessant que votre lettre a l'Imp lui parvint avant cette entrevue cela feroit un bon effet j ai deja mande au roi ce que vous voulés qu on fasse et je vais le lui repeter encore le B. de Taube est deja revenu a mon idée pour un congres et je suis sur que le roi pressera la dessus il faut aussi le depart de tous les mins et amb par conge et que le tout se fasse le plutot possible mais il faudroit insister vis a vis de l'Emp pour qu on fasse en même tems une demonstration de forces armee pour soutenir ce congres dumoins faire des preparatifs pour la marche de troupes sans cela il n'aura ni la force ni la consideration qu il doit avoir L'Emp, l'Esp et le roi de Sard pourroient donner ordre à leurs troupes de se tenir prettes a marcher ; le roi de Prusse ordonner a celles de Vesel de faire leurs equipages de guerre et se tenir prettes, la Suede et la Russie de meme insistes sur cela j en ecriroi de même partout. La desunion est dans le conseil de Coblence l'Ev d Arras est parti, on est las du maréchal de Broglie, Calonne et Jaucourt sont brouillés le premier ne veut pas rester si l autre reste on dit meme qu il retourne en Ang le M de Castries est ici il a envie de aller a Coblence mais il est fort raisonnable et voudroit engager le B de Bret a y aller ce qu il ne fera pas mais j'espere qu il va etre en relation avec les princes assés pour empecher leur folies. Les deux princes ont meme ete brouillés et j espere qu il n'y aura rien a craindre d eux il faut cependant toujours se servir de cet epouvantail pour pousser l'Emp qui en a besoin et qui sans cela ne fera rien si les emigres rentroient en ce moment ce seroit un grand malheur #<sup>132</sup> triomphe pour les enrages et vous perdries beaucoup de votre force #<sup>133</sup> Il seroit bien nécessaire que je vous [...] Cela se pourroit meme je partirois d ici seul avec le meme officier qui vous] porta ma lettre au mois de Juillet le prétexte seroit d aller voir un gentilhomme du pays qui a garde mes chev de selle tout l'ete j arriverois le soir j irois [...] et je partirois alors on ne demande plus de passeports d ailleurs

---

<sup>132</sup> O trecho correspondente se encontra ao final da carta, conforme indicações presentes no rascunho de Fersen.

<sup>133</sup> *Idem.*

j en ai un de courrier j en porterois la marque comme si venois d'Esp cela me paroît faisable ce seroit dans le courant de decembre.

Des que vous recevres du papier blanc ou un livre avec des feuilles blanches ou gravures il sera ecrit en blanc quand la date sera au bas des lettres de même.

# il auroit mieux valu qu ils ne fussent pas sortis mais depuis qu ils le sont leur rentree serait un grand

# pour les contenir je crois donc qu il faut avoir l air de desirer de la rentree des emigres mais ne rien faire pour la provoquer. Il faut seulement les contenir et le congres fera cet effet.

du 29 oct par la P<sup>esse</sup> de Lamballe

FACRSCFDISNECTOEEDSSREREUAOFQIGT&SNEN  
 OCPKEESIFMRCLCMMQFIISATNEXBNEIDESBOGE  
 UE&LSDISYRAAEONRNFNIELTNEEUSAFESLGLUC  
 ACRXLEEGDASNUSLSSLRMNCIURSSEEUOLTKEA  
 IIIGIREOERTOEYLSECC7SCUQGKAID&IFTARUDF  
 NGIFFTCRUSNMROUTTNCNDUNSPXRFEDAUEOS  
 FNIEELFENOCTNNGEUEFSENMQCEFOBR&LATM  
 RSABI&PNUFPRCIITKVTNCCUTHEsnBR&VPEIE  
 &AUEUOYTPNLOIEUFITYAFDUJQMXNXETUNOC  
 CSQFEROGSPOELSSDUQNSAGSUEHJSVKIFLALEI  
 KEREBEDERCRSLSBXEAPBUEETQEEADEPEQU  
 QMCNED&EUOERCNOOPGDEGEMJSSFICSGRLUU  
 LSRCINR&SGEOA&AQECSGSFLAACTXUCSYLAD  
 UPQRGDITMUGLUSPIEBAOBUAOCFNTEITCUAL  
 UTFUGSIFTSGBEMLFTQTBOGSCB&E&AESYLIA  
 EDKONTENFIGTURCIEARIFDALUMMPCUUQGOR  
 FFSEESN&EOECETSCNSDIMMNGTOAHICNXESON  
 CUSQR&EIPMUNSRUHEIUC&NKRSSQU&OYNRFF  
 IKEQECPPDEUAOAHIUSNOGRQATAKCYEXEAR&U  
 &PSSEAPSQEQACLAIFRKNYLEFRRUEIIFAQORSC  
 DSRXTEOLQPIBDFIGAROYRQETP&EEPITNENOC  
 DSSXRXPUNRSISNGDQNLNOODKEXLIUDSCR  
 RUMPSSXEFECEQIKPPEBT&SEMFRUHSRFEDOFD  
 UPKUESIODD&NQEKAOEFL&SKEEEEEBDIDIFTIN  
 EBECREEOUYPEGUSZETUIRDEATXEHEIIPDECT  
 US&AEUID&ECLFRCSEIID&MAMUIISNSBEFSPRIE

CARTA  
 CIFRADA  
 (Fr)

&ANEPEQRFRFIZE&E&EBANTRUHQAHHEEUIIQN&  
 SCDFNELSCQNFELHEUOLLINASQEEDQRPACF  
 TUAOTNOICTNAGDEMZELRQGNACFLNIEITY  
 APCRUKTSQNABNOEI&LSSFEBRAMCERNSVIUAP  
 ESOEETSRCINAOTOEKEETIOLDFTTEPEDUELDEC  
 OERIESNKNULAMHEUAETUI&SASMIUINLKELVF  
 EHEQLBEUAQOZLUNHZ&AESYLASMFFRGRKIFO  
 RNFB&ESTROGDNOCTSNTAZEDLABHEXRSTKYT  
 LQEOCSQFILN&FARFPQS&AESYEGPURSQFIFVTE  
 CRUEIRSLKTYORAEELSSNRYNTEXAESSSNOGR  
 AM&EUHSRFEGRGFRLEELISREPX&RNNOECOL  
 TXETESTSBUOGIQLUSSTNECP&RAQEI&NHARRT  
 RFEQAURXIPDDEKEEXNLUARTQEUEQDQNGTQU  
 YOPRXSSSSRRIDDACUTSPCURELTEIBPFUPPQUF  
 SARBEPPDUEELAZEXONNSTOUYSENXCSSLXNIF&  
 RERCEIGIBEEE&IZR&SNEQTKONEPT&NTETOPEI  
 TSEFENOCTCNTRKNRMELDECRNLKUDOFTTISU  
 AVKLGQPIBSIEUUCS&NCPFSEOPTESOAFSHEMU  
 NSOUYLGLUSFNGLIUDRANMRSEEEUOYTPNKRQ  
 NQTUIMMUHUPFUPPLIS&NNAKEEEGVQUFPARHE  
 KISSTETUTOEPZEFBR&F&RIEMOFRFEFC&NMEI  
 IPJICDOFSHOICDUELSAPTFVFIPLKIDDADUSNRS  
 RFADERTOZEZEE&IURASTANSIEUI&NIACRSPCU  
 ULTPNOEOAUSRELSAPTXECLSMINALASIOITSNE  
 R&TQEIONGPECF&RECUTSFUEB Il seroit bien  
 nécessaire que je vous... Cela se pourrait meme je  
 partirais d'ici seul avec le meme officier qui vous porta  
 ma lettre au mois de juillet. Le prétexte seroit d'aller voir  
 un gentilhomme du pays qui a garde mes chev de selle  
 tout l'été. J'arriverais le soir, j'irois et je partiros alors.  
 On ne demande plus de passeports d'ailleurs, j'en ai un de  
 courrier, j'en porterais la marque comme si venais d'Esp,  
 cela me paroit faisable. Ce seroit dans le courant de  
 decembre.  
 KEXQCEFORSDETEERSSQUNABIARLLQNOORUL  
 LFVOEQVSCXEFFAUCL&EEBFALCYEXOCGP  
 DEGIBSSRXESRYTANLLQNOQRALDQAHAHEEU  
 ATUZAXDSSBEBTDEGDUMSMS

do 29 out

TEXTO

Eu recebi as cartas da Suécia perfeitas. O rei impulsiona

EM  
CLARO  
(PtBr)

muito a imp.<sup>134</sup>, que está muito bem disposta. Ela deseja uma entrevista com ele, a ser realizada assim que as fronteiras forem regulamentadas. É um grande mistério sobre o qual é muito importante não comentar a ninguém. Será interessante que vossa carta à imp. chegue antes dessa entrevista, isso trará um bom resultado. Eu já enviei ao rei o que vós quereis que seja feito e eu ainda irei repetir a ele. O B. de Taube já retomou minha ideia de um congresso e eu estou certo de que o rei pressionará nesse sentido. É necessária a partida de todos os min.<sup>135</sup> e emb.<sup>136</sup> em licença e que tudo seja feito o mais cedo possível, mas dever-se-ia insistir face a face com o imp.<sup>138</sup>, para que faça-se, ao mesmo tempo, uma demonstração de forças armadas para apoiar esse congresso, ao menos fazer os preparativos para a marcha de tropas (sem isso não haverá nem a força nem a consideração que deve-se ter). O imp., a Esp.<sup>139</sup> e o rei da Sard.<sup>140</sup> poderiam dar ordem a suas tropas para prepararem-se para marchar, o rei da Prússia, ordenar àquelas de Vesel a preparar seus equipamentos de guerra e estar prontos, a Suécia e a Rússia, o mesmo. Insisti sobre isso. Eu escreverei o mesmo por toda parte. A desunião está no conselho de Coblênça, o bis.<sup>141</sup> de Arrás partiu, está-se cansado do marechal de Broglie; Calonne e Jaucourt estão confusos: o primeiro não quer ficar, se o outro ficar. Diz-se até mesmo que ele retorna para a Ingl.<sup>142</sup> O S. de Castries<sup>143</sup> está aqui, ele deseja ir à Coblênça, mas ele é bem razoável e gostaria de engajar o B. de Bret.<sup>144</sup> a ir para lá, o que ele não fará, mas eu

<sup>134</sup> Impératrice (imperatriz Yekaterina, da Rússia).

<sup>135</sup> Ministres (ministros).

<sup>136</sup> Ambassadeurs (embaixadores).

<sup>138</sup> Empereur (imperador da Áustria).

<sup>139</sup> Espagne (Espanha).

<sup>140</sup> Sardaigne (Sardenha).

<sup>141</sup> Evêque (bispo).

<sup>142</sup> Angleterre (Inglaterra).

<sup>143</sup> Charles Eugène Gabriel de La croix, marquês de Castries, marechal da França. (FARR, 2016)

<sup>144</sup> Baron de Breteuil (barão de Breteuil).

espero que ele relacionar-se-á com os príncipes o suficiente para impedir suas loucuras. Os dois príncipes estavam mesmo confusos e eu espero que não haverá nada a temer por parte deles. Deve-se, contudo, sempre servir-se desse espantalho para impulsionar o imp., de que há a necessidade e que, sem isso, nada fará. Se os emigrados retornassem nesse momento, seria uma grande desgraça. Teria sido melhor se eles não tivessem saído, mas, como eles fizeram-no, sua reentrada seria um grande triunfo para os raivosos e vós perderíeis muito de vossa força para contê-los. Eu creio, então, que deve-se ter o ar de desejar a reentrada dos emigrados, mas nada fazer para provocá-la. Deve-se somente contê-los e o congresso terá esse resultado. Será muito necessário que eu vos... Isso seria mesmo possível. Eu partirei daqui sozinho, com o mesmo oficial que trouxe a vós minha carta, no mês de julho. O pretexto seria ver um cavalheiro do país que guardou meus cav.<sup>144</sup> de sela o verão todo. Eu chegarei à noite, eu irei e eu partirei em seguida. Não exige-se mais os passaportes de outros lugares; eu tenho um de correio e levarei a marca como se viesse da Esp., isso parece-me viável. Isso seria algures de dezembro. Assim que vós receberdes um papel em branco ou um livro com folhas brancas ou gravuras, estará escrito em branco<sup>145</sup>; quando a data estiver ao fim das cartas também.

do 29 out

CARTA  
CIFRADA  
(PtBr)

AUOEQEZIFSTAOTTSKAXUACCABENFUICAXODE  
FITPPLXIMNEMEICOFIOPLUUEGTFMGCOLEXDC  
SBOGTFEQAHEFEFAEMEEQTDEPIXTECRM&LAA  
XENRUANIBAHAESXIOQPEFSIRRNAEFRFSIOEO  
RAGELEMUNAAXEPKRTNKETIGTURYOGOL  
RAONUTLAMEICOCMBONTFNCEQAMC&MUNCA  
OALIRGEEXSURTIRTURASXALTAQEPOXSTCER  
MAEITPQHAGEEENMEFDASXAANMR&VFSMAFS  
XOARERFUXBRMDEGUBTEDREGJEEQVFECAMR  
AIRQPEEOFQPEOEFNSNU&SAJFFAIMO&EPACNKA  
CR&INE&ECIOA&LAOLDATFUPEFAOECOTOGMF

<sup>144</sup> Chevaux (cavalos).

<sup>145</sup> Escrito com tinta invisível.

NDAFDUITDAUTC&NKR&SGOUEPEXTMUTEOT&  
 DUQGE&RUIURUSFI&NFRENUSFEQEQTDFDRELET  
 EXSERCATPERMIKAHEAOKOXOGMCN&EXBUMQ  
 IIELCEENUATEDMSAJFFAIMOMMEIXCADRPMSG  
 IEEQMFSREPEOSAIFILSFSMINFFC&AIAIETOTOY  
 MUPFREQESATAXEEOTEFM&TUMUOEMTDAMR  
 NGTOA&A&DUF&RIAFANMFDES&ADAEPRIERUS  
 FETOQGNEXSMA&MUN&SAAKENOXPN&ADACI  
 EOGPFRTAXAOCYAHEAR&PFSGETIFS&NFOY AEE  
 DARETAIOOCTNAMFC&NXIRENAIA&QEEREPEX  
 ECEOYMU A USUERR&IKAXAND&ORENIFMKAO  
 ODDAMFSPAXTDOUAXPERFPDEUAOANETS&PER  
 FMERIHTR&RUIKA&RGSGIFONDUNTREQEEQAX  
 D&VASULEPOEBANAOSAUXECUFPFMANMOFDA  
 GEENRFE&SCAOPNOQTMSESEETIFETRPSXIEOTE  
 FM&IQSFSMIFOZRUIGSREGEGCOPEOEYOXEXM  
 &PRRAOKA&ANTUAREGUQIEOUSAAROIORSULX  
 OKEIOZLUNQA&BCSKEFRDAGPFRCEIEFTESUCE  
 NXAROKOTATEIHTLKL&R&GBI&CELRNREUJTUT  
 OERCEXTTOTOQFPSSMPNITEFRRNTOLUURIIIA  
 DSAORUCRRFYCERHIBSUA A EXEXM&QEE&LAR  
 UT&RQABANAFIRGBOFDACFSCRCFEFEGTFALUC  
 ENEKEXEFACRTC&BBERCMTSALUEZETRTZ&AE  
 EQEKOFTERCAKEUNUAF A OOXZDUBDECACRUAO  
 ANA&QEEALUNTOIAOAXAXEGEGPUR&QEE&LA  
 RULECCOLANSUATOTOPNIQCFPUSMSPFCCFEQ  
 T&PERFIXPUDYRGUFSQOECERESRSKOC SBRFNII  
 UEXEFTEVFMXEXMMC&NAUGOXE&UAS&ENON  
 U&NEODAPEOALAKAFTAMURBONPFRCEHENEG  
 DUVASUCMNCUHOGETPDEGEOVFRHEFS A EXPE  
 NMANH&PFREITPGLGIRNERRIOPKENUAHFALET  
 EXSFD&ELUUSAMCSFORAH A IOAFE&SUMFG  
 OALTASOECOONTSGETNASXEOOXEQT&SURYAP  
 MFGNAQD&DASKRECFT&RFAXIKOTENH&RXEA  
 LUSLA&TCVASXEOSEIHOXAXCMM&EBEGFCZ&  
 REMQOGUUR&ERTOAKAXEDIEUTGNAQD&TNIE  
 NIO&ADA&SOAFVRSMSAVRSUEOD&RFEC SXUCT  
 MDAVRSGA A ODCEPFRECRNAEQOXEP COEYOAN  
 MA&QEEREPEXECEOOTRKEHEGECADANEUNCR  
 FDTD&SUMFGOAROGMFSRAHASABEOPERFPDOP

OIAQAHEGEGEXOQEQT&C&NMEQOXEMC&NKR  
 ASXOAENAUSGEOEUUQTFD& Será muito necessário  
 que eu vos... Isso seria mesmo possível. Eu partirei daqui  
 sozinho, com o mesmo oficial que trouxe a vós minha  
 carta, no mês de julho. O pretexto seria ver um cavalheiro  
 do país que guardou meus cav.<sup>146</sup> de sela o verão todo. Eu  
 chegarei à noite, eu irei e eu partirei em seguida. Não  
 exige-se mais os passaportes de outros lugares; eu tenho  
 um de correio e levarei a marca como se viesse da Esp.,  
 isso parece-me viável. Isso seria algures de dezembro.  
 ESXIOQPEEOGRUC&BARHEGUTPTPALUMZRFNQ  
 O&UEMQIERMC&MAOQHFSPRENIAGOEGDAPUO  
 AGEXTTREEXCNIMO&MZRFNTONUTNKOFDETFE  
 FTFVUREOHAFCERMAGTFMPEX

### 3.3.5 De 12 de dezembro de 1791 (parcialmente cifrada)

Carta pertencente à cota 440AP/1, dossiê 2, e redigida por Fersen como rascunho de uma mensagem que foi enviada cifrada. De acordo com Farr (2016), a carta foi enviada ao endereço alternativo, previamente combinado. Dessa forma, foi destinada à *Madame Brown*, pseudônimo de Marie-Antoinette utilizado exclusivamente para esses momentos, e endereçada a Gougenot, como indicado no canto superior esquerdo da primeira folha. A palavra-chave para a obtenção das cifras a partir do texto em francês é “*adroit*” e, para a obtenção do texto cifrado a partir do português, foi utilizada a palavra “hábil”.

TEXTO  
 EM  
 CLARO  
 (Fr)

Bruxelle 12 Dec:  
 Les lettres d Esp et de Russie sont arrives elles sont  
 parfaites j attend celles pour la Suede et la Prusse. Il y a  
 encore une demarche bien necessaire c'est d ecrire vous  
 meme une lettre a la reine d'Esp de politesse et de  
 confiance en vous rapportant a celle du roi, et en lui  
 faisant sentir la necessite du plus grand secret [...] a cause  
 de Paris, vous saves l'influence quelle a et cette demarche  
 [...] ne saurait etre trop prompte. Vous pourriez me  
 l'envoyer par la diligence dans una boete de the Boue a

<sup>146</sup> Chevaux (cavalos).

	<p>l'adresse de Mess. Daniel Danoot, fils, banquiers. M. de Vioménil a passe ici sa mission nous embarrassera fort mas nous tacherons d'y remédier le plus possible. Si ce n'avait a cause du B de Bret j aurais pris sur moi de l'arrêter ici jusqu a ce que j eus pris là-dessus vos ordres. L'Emp cherche a faire une alliance intime avec la Prusse la Holl et l'Ang on croit que l'Ang refusera</p>
<p>CARTA CIFRADA (Fr)</p>	<p>Bruxelle 12 Dec: MEGLUTYRISXERPATTENUCSRERORTSRNIRE&amp;S FLQEASMNBPUREAFTDEEJKTOEODTEXLSSNOAR MAGUUDSEBLUPSUGSUIBYKEPCNRAUBEQE&amp;AI CGEZIUNRESELSBINEQEETXEMRKRAVHUEMIM &amp;UOEQEDTNEKLURFIRETEEPXENOMICEASSEBD &amp;CNNIISNKEINAOTSNAIPMRBAPTBCALXEQUOO REUEPLEIUAE SUNUSENDINLKN&amp;CFSGIDEQUNL ASHRENTSSCUEOADAPSUDSPKRRSTOPSAAFESL RNELPEBCSQRESLFAATQEYTID&amp;MBRTHUNSSK UIOKTATKEYRQPNRNMUTUVMUCPTUSRFEAME LINAOXENPSRBAXISIHERCUDPNCUPEAOATUDS TYEYOTEELSDNECS&amp;DFMASADPNEESDBN&amp;ODF &amp;LCBUNPUFEKS M. de Vioménil a passe ici sa mission nous embarrassera fort mas nous tacherons d'y remédier le plus possible. Si ce n'avait a cause du B de Bret j aurais pris sur moi de l'arrêter ici jusqu a ce que j eus pris là- dessus vos ordres. MEXPQHSRSH&amp;AEAFRUUREKLSIBNTEPNYI&amp;EU VFCQAIRFSCESAGOQLUTBAPGTNDR&amp;IDQFEFAP GSEIU AENA</p>
<p>TEXTO EM CLARO (PtBr)</p>	<p>Bruxelas 12 Dez: As cartas da Esp.<sup>147</sup> e da Rússia chegaram, elas são perfeitas. Eu espero aquelas para a Suécia e Prússia. Há ainda uma medida muito necessária: escrever vós mesma uma carta à rainha da Esp., de cortesia e de confiança, reportando-se à do rei e fazendo-a sentir a necessidade do maior sigilo [...] por causa de Paris, vós sabeis a influência que ela possui e essa medida [...] não poderia ser mais ávida. Vós poderíeis a enviar-me pela diligência, em uma caixa de chá Boue, ao endereço dos Snhr<sup>es</sup> Daniel</p>

<sup>147</sup> Espagne (Espanha).

	<p>Danoot e filho, banqueiros. S. de Vioménil passou por aqui. Sua missão embarçar-nos-á muito, mas nós trataremos de remediá-la o tanto quanto possível. Se isto não fosse por causa do B. de Bret.<sup>148</sup>, eu teria tomado para mim de o parar aqui, até que eu tivesse tomado vossas ordens.</p> <p>O imp.<sup>149</sup> procura fazer uma aliança íntima com a Prússia, a Hol.<sup>150</sup> e a Ing.<sup>151</sup>. Crê-se que a Ing. Recusará.</p>
<p>CARTA CIFRADA (PtBr)</p>	<p>Bruxelas 12 Dez:</p> <p>ISDATTKSCALSQEUAUUPSAADHIGKRMMLLBSP AQPGR&amp;EKTCSIUGSRESOCQRENACPBRACUGC AAFPTUCSFAGABIGDKUAAKECIUA&amp;UFTDNFCIS CAOIIERCTEREVDSLEPMKUAASASTCAUAFNG ACAISNDGCDRUEPIKECESOOFEAPCMRLPNRRAP DRSLACOTEEEEIAXEODHACELTARBNICISPIOACE UO&amp;AFOPSKGELQPRRSATSCDIPMRASTOPSKBGI CAKNLLRELCAAPUIEFASOCSTIIIECSMMLDKDCN KOSOESICSIRAAASBVEDKVRROCETIIIPALNTI CR&amp;ESEEACIFIZELCAAFMDMKCMIZACEAHKBR ULANEGDIRGDDNSPEPHRRLSCAGIILCAQONTIF ELKOTAOQDEERRS S. de Vioménil passou por aqui. Sua missão embarçar-nos-á muito, mas nós trataremos de remediá-la o tanto quanto possível. Se isto não fosse por causa do B. de Bret., eu teria tomado para mim de o parar aqui, até que eu tivesse tomado vossas ordens.</p> <p>DILPSRQCQRIFBZIRRMMAEIBNAAENYIKADOYA NRQSCIBAOOFEMIQQDRISIQQEIIOGTESUPAPA</p>

### 3.3.6 De 24 de dezembro de 1791

Rascunho autógrafo de Fersen para uma mensagem a ser completamente cifrada, com a palavra-chave “*raison*”. Para a tradução em cifras a partir do português, foi utilizada a palavra-chave “causa”, uma vez que não há um alfabeto cifrante referente à letra “Z” e, por essa

<sup>148</sup> B. de Breteuil (barão de Breteuil).

<sup>149</sup> Empereur (imperador da Áustria).

<sup>150</sup> Hollande (Holanda).

<sup>151</sup> Angleterre (Inglaterra).

razão, não foi possível utilizar a palavra “razão” como chave. Está sob a cota 440AP/1, dossiê 2. O texto da carta possui poucas rasuras, mas todas são indicações de palavras carinhosas direcionadas a Marie-Antoinette. De acordo com os resultados publicados por Farr (2016), duas das rasuras presentes (a segunda e a terceira) são da frase “**ma tendre amie**” (p. 246, grifos da autora).

<p>TEXTO EM CLARO (Fr)</p>	<p>24 Dec: M Craufurd est parti ce matin il sera mardi a Paris, il faudroit y envoyer Gog mercredi matin à dix h il demanderoit a lui parler sans se nommer, et en lui presentant le papier chiffré ci joint il lui remettra ce qu il a pour vous. Il seroit bon que vous parlies à Craufurd [...] le plutot possible. Votre homme repartira d ici mardi ou merc. Vos lettres pour la Prusse et la Suede ne sont pas encore arrivéé, j ai reçu une de Gog que je n ai pu lire je n ai surement pas le livre dont il sest servi. Vous avez eu tort [...] de ne pas nous avoir prevenu de l envoy du C de Ségur a Berlin. Nous aurons de la peine a en empecher le mauvais effet. J’y enverrai demain un estafette. Adieu</p>
<p>CARTA CIFRADA (Fr)</p>	<p>24 Dec: ZCSARFGRQEFTIASTEC&amp;MPTUNPLREUAOANDU AIASICINFPUMRHIUYINGOTE&amp;GHGLEUCDEQIDA DIOAXIHH&amp;LMEZAODIRMIYAQUPPBRFEDSPNFS UNNM&amp;EDEYEGLEIQRIS&amp;NYAGTXEQANI&amp;RKHU FYRFCEJMINTPLXUKRIM&amp;TYROCUQTIFABOFRIO ESKLCEDO&amp;TCOBQTEROGSAA&amp;LPERASRTUUUP DXEQLRTMTAOFSPBMEROARSHAMZESENADT&amp; RODPCKMKRRINUDEKCEORLITARSSOERMANNR GSEEP TAUFDIN&amp;SMNKPSSFNSODEPR&amp;IEEKAER &amp;CFUGETEHOZQGE&amp;EGAPPTLER&amp;JSNOIAUSE&amp;E LTA AFLULKVUERORTUL AERTCEDV&amp; EOTSKV&amp;SSUSTHRUDIN&amp;PPSGOESBVQIDPNEIEB UCEFELVNYMUQDFSIGGRPBPRXIONQUFAPRAN ADLP&amp;IREOEBELPICXENLPMSUTAES&amp;FUEKJFEO VIRDA&amp;DPMSIOUPEFTPFPTDEBDEEG</p>

<p><b>TEXTO EM CLARO (PtBr)</b></p>	<p style="text-align: right;">24 Dez:</p> <p>S. Craufurd partiu esta manhã. Ele estará terça-feira em Paris. Deve-se enviar Gog.<sup>152</sup> quarta-feira de manhã, às dez h.<sup>153</sup> Ele pedir-lhe-á para falar-lhe, sem nomear-se, e apresentar-lhe-á o papel cifrado aqui incluso. Ele dar-vos-á o que tem para vós. Será bom que vós faleis com Craufurd [...] o mais cedo possível. Vosso homem repartirá daqui terça-feira ou quart<sup>154</sup>. Vossas cartas para a Prússia e a Suécia não chegaram ainda, eu recebi uma de Gog. que não pude ler; eu certamente não possuo o livro do qual ele utilizou-se.</p> <p>Vós enganastes-vos quando não preveniste-nos do envio de C. de Ségur a Berlim. Nós teremos dificuldade em evitar o resultado nocivo. Eu enviarei amanhã um estafeta. Adeus.</p>
<p><b>CARTA CIFRADA (PtBr)</b></p>	<p style="text-align: right;">24 Dez:</p> <p>&amp;CSAFFGRCPDRUIFEFTBMDNGASL&amp;ERTDRBTSR QAEEXRBE&amp;PTRKSAETEEE&amp;NTIDRHOTQGASTD FFIPARELAPHBAED&amp;ZGEREQEQIDLGEDPBRXFT LBRRHFSSMLOLEDRESABRFSKNUAPLXEBONA QEBCYFSAAOBQFIYNDLYSNEBERASVQSBODU&amp; TFMNASAFOSFRDBNMDU&amp;VNSMAMENSQOLCL ATFFRROLAXSDEQOBORSXVFLFOFSNHQMFMP BASTXRBDXQGIUELCBFSIDANUOUBRGVMSRA&amp; CBRGAFPBRDAQRFSFIBEDSTEOITNBOZHFGXRT MBIPDBEFR&amp;CFBXULAQEUOHQYEOACPGDFLKR FUOEDTBMKNUEIAMPNS&amp;UNOBIGRNDQQTABE NETTXLKZCUFE YOREIGTNBSHERVCSCUBNAOOACPDETEPIRTSN MSCOKNTICD&amp;CCE&amp;EHUPAPESLXMOOET&amp;RFM QSCIUIQUMDDDFSSM&amp;VKTDNRSSGLUAAOOO OIGOFUKNTITR&amp;IBMDNGAFM&amp;SUAMEUAXD&amp;U R</p>

<sup>152</sup> Goguelat, secretário e aliado de Marie-Antoinette.

<sup>153</sup> Heures (horas).

<sup>154</sup> Mercredi (quarta-feira).

### 3.3.7 De 21 de junho de 1792 (parcialmente cifrada)

Rascunho de Fersen a ser, em parte, cifrado e, em parte, escrito com tinta invisível (como indicado no corpo do texto); enviado por Goguelat e *Mamade* Toscani, como indicado na carta, a ser entregue à Marie-Antoinette, registrado sob a cota 440AP/1, dossiê 2. O texto possui poucas rasuras, no entanto, por se tratar de um rascunho, são visíveis as indicações de alteração no texto, a serem feitas pelo próprio Fersen durante a redação da carta que será, de fato, enviada. Como tais designações são de fácil entendimento, optou-se por mantê-las (indicadas pelo símbolo “ + ”, como no manuscrito) no momento de transcrição do manuscrito, assim tais indicações de edição referentes às correções de Fersen encontram-se, também, no texto aqui transcrito. As palavras-chave utilizadas são “*paroitra*” e “*parecerá*”. No início da carta, há uma referência de que a carta foi, em parte, cifrada e com tinta invisível. Além disso, essa anotação indic que foi enviada à rainha por intermédio de *Madame* Toscani e Goguelat (FARR, 2016).

<p>TEXTO EM CLARO (Fr)</p>	<p style="text-align: right;">21 juin 1792. Bruxelles.</p> <p>Chiffre et bl : a la R: par M Tosc: et Gog:</p> <p>Que l on a seu a Cob lenvoy de Gog a Vienne le meme jour qu il est arrive ici et qu on a envoye ce meme jour une estafette a Pet pour en avvertir c est de la que Bomb la mande c est surement quelqu un de votre interieur qui ecrit tout aux P que si d Aranda veut avoir une correspondance directe avec vous il faut l eviter car il est mauvais et veut negocier et alors vous etes perdus. Que notre regent pense bien qu il m a envoye les lettres de notification pour vous avec ordre de vous les envoyer sans passer par vos min avec lesquels nous n avons pas de communication. Que je crains que que l’Esp l’Ang et l’Emp ne veuillent negocier que nous tachons d y parer que l’Emp a le projet d un demembrement et que s il ne obtient de vous il traitera avec les Constitu et l obtiendra d eux et vous perdries alors encore votre autorite sans empecher le demembrement qu il vaut donc mieux vous y decider si cela est inevitable quelle est votre volonte la dessus Mais il y a peut etre un moyen de l’empêcher c est de donner au roi de Prusse un engagement par ecrit pour le remboursement il le désire mais il faut la signature du</p>
--	--

roi il me reste encore un blanc seing dont je n ai pas parle au B voules vous que j en fasse usage si cela peut etre utile a nous assurer de l opposition du roi de Prusse a tout demembrement. M en aves vous envoye d autres et comment il serait bon que j en eus encore trois achetes deux jolis chapeaux a la charlotte – de deuil + portes les ches M Toscani et faites lui coudre les trois papiers dans le fond entre la doublure et dites lui de les envoyer a Mme Sullivan. Elle sait comment. Le nom peut etre ecrit en noir ou meme s il le faut en blanc dans ce cas il faut marquer avec un crayon l endroit ou est le nom on peut meme dans les deux cas ecrire sur une feuille un memoire de marchand car on n a besoin que de l'autre feuille. Soyez assure que je ne donnerai les signatures que si cela est necessaire et utile. J'ai fait votre commission a M. de Mercy il a fort bien entendu et doit deja avoir ecrit à Vienne en consequence. dans l affaire ou Gouvion est mort La Fayette a perdu 400 h qui ont été enterrés par au dire des paisans les aut 114 morts ou blesses il leur est arrivé des renforts et il n'y a plus rien a craindre. J ai prevenu en Russie et a Berlin de l'envoi des Constitu de crainte qu on ne soit tente d en faire mauvais usage.

+<sup>155</sup> mais tout en blanc prene les ches Mlle Binet et dites lui qu elle les fasse dans le gout de Mme Sullivan. Ils seront alors mieux faits.

21 juin 1792. Bruxelles.

Chiffre et bl : a la R: par M Tosc: et Gog:

CARTA  
CIFRADA  
(Fr)

AUFLHNPSIUUCHBMEIVNYTEXOZAAIUNOE&ELE  
ZE&ORRGUOLFSHASRPVSISI&TCUNNQEOVHYS  
IM&MUJNUKUOEATPFITOE SPFTMOTRUNPVIROI  
KCFSDFLSQFETOCBXLAIIDFCUSYSRR&MUNU  
QCEMQEURDIVTTKEKNHESIUUNQRI&CKIUTFU  
AEXPQRELITASAIDBVUUYARORRENFCFRSEAPM  
NXAPCUDKRSCUESVSCFOASPLEACTMEEIYEUC  
URPLFSHMBUEA&SITAEETOEYODIURSTKLTRAV

<sup>155</sup> O trecho “mais tout em blanc [...] mieux fait” consta no final da carta, com uma indicação de Fersen para ser adicionado logo após o trecho “deux jolis chapeaux a la charlote – de deuil”.

NUEEUEAPSRXULQEENOHFRUGSNBP&NAE AIS  
 NPUPLOAINAOFMEELFTDRSSXEPDIEIU AUIHNA  
 ORRAOESBVSCNRTRS DIVTUALFSSNTOFENSKNL  
 PSSREKPBREOEMENUVUCMEEQTEXSRORSPAEO  
 OSMARDUCMM&UPIQAUIFNPUUJSCUARNAQTEA  
 TELUSALKNQEDLFMMNFVUBEPTPE&ODISRPUU  
 NMUCTUCOOOSZYQAKENQRESEZPBLSPSOPEYD  
 RNXEZELBKELEBTSTOUUSPLOE&OATPERTXEA  
 OESKLHRBDENAKV&CXERCFNRTPTFEBLTBDIFN  
 ZRBDUUGEBVTUAPFRZESIUSOLQRLEBCNRSVNT  
 KEPUBHTRPTFSQNREZPSCYEILUDGMSMARUMS  
 NTQAIXVBUHDNNQM&ERXAOESXDSCKDUREISE  
 SAUSUIIETIDALLIQAEXLFEETTODRSVQLTNDEM  
 AZERSESOAESRLFAQECTFTKEFN&OBEBDFLSMQ  
 EQHSRSELTECOINFRSUNOED&PKURSSUOEBGP  
 GIM&NDPBRSCSIDPMUUL&RUMAOCRREZERTEL  
 SETERIKELAPS&LLAATXARIYNBTERS DRRTIPLL  
 EKERTUERCQR&UBBMAICREPNXDQNOJUNBIMA  
 RPSRBKUYVHUMEEVNUAQFEEEPFSSRECSBGU  
 S&CILUPUUUEHRFUDIBEKNTUAARSCRFRTEBON  
 PTSPTKOIDTRHIQENRASAEBTFUUDUMSMTR&M  
 UNUMSNBVUSFORS&NEOXEZATTKEEBCTMZE  
 UNLREKO&TTOPQEEKEIETSUNKOUEORHIR

achetes deux jolis chapeaux a la charlotte – de deuil mais  
 tout en blanc prene les ches Mlle Binet et dites lui qu elle  
 les fasse dans le gout de Mme Sullivan. Ils seront alors  
 mieux faits. portes les ches M Toscani et faites lui coudre  
 les trois papiers dans le fond entre la doublure et dites lui  
 de les envoyer a Mme Sullivan. Elle sait comment. Le  
 nom peut etre ecrit en noir ou meme s il le faut en blanc  
 dans ce cas il faut marquer avec un crayon l endroit ou est  
 le nom on peut meme dans les deux cas ecire sur une  
 feuille un memoire de marchand car on n a besoin que de  
 l'autre feuille. Soyés assure que KEIECOBNSRKI  
 SEASKGIAUUKEEQREQEMASSUNUCSSCARRUEU  
 UHIMEPA&FKIOVHTSEUOLLMPSEIQNUMTELEKC  
 XIXAUOUTYIUNFNHEODEEYDQIODUJBACOKRU  
 CNIBAAIUNOESNDOBSSQREPCU Dans l affaire ou  
 Gouvion est mort La Fayette a perdu 400 h qui ont été  
 enterrés par au dire des paisans les aut 114 morts ou

	blesse il leur est arrivé des renforts et il n'y a plus rien a craindre. J ai prevenu en Russie et a Berlin de l'envoi des Constitu de crainte qu on ne soit tente d en faire mauvais usage.
<p>TEXTO EM CLARO (PtBr)</p>	<p>21 junho 1792. Bruxelas. Soube-se em Cob.<sup>156</sup> do envio de Gog.<sup>157</sup> à Viena no mesmo dia em que ele chegou aqui e que enviou-se, nesse mesmo dia, uma estafeta à Pet.<sup>158</sup> para adverti-lo. É de lá que Bomb.<sup>159</sup> a manda. É certamente alguém de vosso interior que escreve tudo aos p.<sup>160</sup>. Se Aranda quer ter uma correspondência direta com vós, deve-se evitá-lo, pois ele é ruim e quer negociar, e então vós estais perdida. Nosso regente bem pensa que enviou-me as cartas de notificação a vós, com ordem de enviar-vos sem passar por vossos min., com os quais nós não temos comunicação. Eu temo que a Esp.<sup>161</sup>, a Ing.<sup>162</sup> e o Imp.<sup>163</sup> não desejem negociar. Nós trataremos de atribuir que o Imp. tem o projeto de um desmembramento e que, se ele não obtê-lo de vós, ele tratará com os Const. e obtê-lo-á deles; e vós perderíeis, assim, vossa autoridade, sem impedir o desmembramento. É, então, de mais valia vós decidirdes se isso é inevitável. Qual é vossa vontade em relação a isso? Mas há, talvez, um meio de impedir: é dar ao rei da Prússia um comprometimento, por escrito, de reembolsá-lo. Ele deseja, mas precisa-se da assinatura do rei. Ainda resta-me um cheque em branco, do qual eu não falei ao b<sup>164</sup>. Quereis vós que eu faça uso disso, se isso puder ser útil a assegurar-nos da oposição do rei da Prússia a todo desmembramento? Vós enviastes-me outros? Como seria bom que eu ainda tivesse três. Comprai dois lindos</p>

<sup>156</sup> Coblençe (Coblença).

<sup>157</sup> Goguelat.

<sup>158</sup> Petersbourg (petesburgo).

<sup>159</sup> Bombelles.

<sup>160</sup> Prince (príncipe).

<sup>161</sup> Espagne (Espanha).

<sup>162</sup> Angleterre (Inglaterra).

<sup>163</sup> Empereur (imperador da Áustria).

<sup>164</sup> Baron (barão).

	<p>bonnets charlotte<sup>165</sup> – de luto, mas todo em branco. Levai-os até Srta Binet e dizei-lhe que faça ao gosto da Srta. Sullivan. Eles serão, assim, mais bem feitos. Levai-os ao S. Toscani e fazei-o costurar os três papeis ao fundo, entre o forro, e dizei-lo para enviá-los à Sra. Sullivan. Ela sabe como. O nome pode ser escrito em preto ou mesmo, se necessário, em branco. Nesse caso, deve-se marcar com um lápis o local onde está o nome. Pode-se mesmo, em ambos os casos, escrever em uma folha um memorando comercial, pois precisa-se somente da outra folha. Estai segura de que eu darei as assinaturas somente se isso for necessário e útil. Eu passei vossa comissão ao S. de Mercy. Ele entendeu bem e, portanto, já deve ter escrito para Viena. Sobre o caso no qual Gouvion<sup>166</sup> faleceu, La Fayette perdeu 400 h.<sup>167</sup>, que foram enterrados, por assim dizer, como camponeses; os aust.<sup>168</sup>, 114 mortos ou feridos. Chegaram-lhes reforços e não há nada mais a temer. Eu preveni na Rússia e em Berlim sobre o envio de Constit<sup>169</sup>, com receio de que sintam-se tentado a fazer mau uso disso.</p>
<p>CARTA CIFRADA (PtBr)</p>	<p>21 junho 1792. Bruxelas. EOTBUSUEFCRBTOFNCINDUGRGDVCEBAOOPER MHDBAKMNUUEMEUHFHUFQYIUQEEFNCINUA EQE&amp;SUMUSLOZIBUZAUSHAEDABPSTQAKAFD YEOTPLNEZEMACUUBQMLAZAODQEDEKTFMKN MESLHUSMCEEQXSQIQTURKOKQTEUSIRKVUTE DNAFSQSUAOAPDFQEESTSRTMSCRRLXPHNCEI CKATIOEHAIQZVNSZETEAEUVXTFLHPNIEEMEU REIFENUUROEYODISRUEPTFOEOREETBIAPURAI HABORSFRFGUNMEGETPUNRAAUFEBVCOYMU ACBRHARDUNRTXFCCSCBOQVNSQOTOLDUMTE FNCIBREOXSKM&amp;ASBRMOSVHSXO&amp;MCNQOLO EQTAPSQO&amp;NFODELOECNMENCCDCFOUUUEPO</p>

<sup>165</sup> “Bonnet charlotte” é a expressão, em português, que designa o “chapeau à la charlotte”.

<sup>166</sup> Jean-Baptiste Gouvion, general revolucionário, amigo de Lafayette, morto por um tiro de canhão, em Maubege, no dia 11 de junho de 1792. (FARR, 2016)

<sup>167</sup> Hommes (homens).

<sup>168</sup> Autrichiens (austriacos).

<sup>169</sup> Constitutionnels (constituintes).

PUUAUSNACN&ENIPPOAHDUSKJUMBEHOUIBRB  
 OXTLAMAKELOEDFADRCBYIOQEENIPPUEZO&R  
 QJUTHDFUPDFSZETBLATEBTNEAUFUSUEBEPARO  
 NTFLDFVHSULKTOADASAUOLOACRN&TUONTF  
 LFACEXEXEYOXPURCEKIFIAAXSXMEOASBACT  
 NRPDFDKSUMPMQEZISOTEXMKMLRSMFNHOFE  
 BTFOAETAPSTA&IBVHSHEZIHKDFSEEKSAOUIP  
 EEIDATE&QTAXEEO&SFVHNUAZEFMKEBAZARA  
 PSROPARHSTFLYEYUZMFIFDFIZPUDXRUDSRBO  
 KEKDSPOU&SCAEMDOPPSOZEMIFEQTHPNRSSD  
 RPTRDKRUEZBNLEAMOULUDKSUJSMBSMRFCPS  
 FSKDFAASKNQTTTRSDRRKIFIBDBRSSUAZEEMZH  
 UQEEFMXRBNQOHOOUFLUOOAFFBLUIFOGQEEK  
 EKSCORQEEUUMAIAESNDNSROAECS&O&UTESS  
 SRTTPLFA&SUGERBRIORDSO&O&IIAHDNRSICAI  
 RES&IFADOCOZERMUMLRDMUNDOTOEEOVPA  
 XTKSTEHUURFSDOZOXELIFBHMPUSETAPNHAHIE  
 EASFTKER Comproi dois lindos bonnets charlotte<sup>170</sup> – de  
 luto, mas todo em branco. Levai-os até Srta Binet e dize-  
 lhe que faça ao gosto da Srta. Sullivan. Eles serão, assim,  
 mais bem feitos. Levai-os ao S. Toscani e fazei-o costurar  
 os três papeis ao fundo, entre o forro, e dizei-lo para  
 enviá-los à Sra. Sullivan. Ela sabe como. O nome pode ser  
 escrito em preto ou mesmo, se necessário, em branco.  
 Nesse caso, deve-se marcar com um lápis o local onde  
 está o nome. Pode-se mesmo, em ambos os casos,  
 escrever em uma folha um memorando comercial, pois  
 precisa-se somente da outra folha. Estai segura de  
 SUCAKECA&AXSPNBTCRBSAOTEPTUSUIRSFFNR  
 BEIE&SFRPOFUHIMEEPFS&ECVHSRAUOLIASFOD  
 OXDUMFRUYFLUEQTKNHEEBFMSPNRDAQTQJFD  
 UVFTSRFSQRCTQPFRSVKEIA Sobre o caso no qual  
 Gouvion<sup>171</sup> faleceu, La Fayette perdeu 400 h.<sup>172</sup>, que  
 foram enterrados, por assim dizer, como camponeses; os

<sup>170</sup> “Bonnet charlotte” é a expressão, em português, que designa o “chapeau à la charlotte”.

<sup>171</sup> Jean-Baptiste Gouvion, general revolucionário, amigo de Lafayette, morto por um tiro de canhão, em Maubege, no dia 11 de junho de 1792. (FARR, 2016)

<sup>172</sup> Hommes (homens).

aust.<sup>173</sup>, 114 mortos ou feridos. Chegaram-lhes reforços e não há nada mais a temer. Eu preveni na Rússia e em Berlim sobre o envio de Constit<sup>174</sup>, com receio de que sintasse tentado a fazer mau uso disso.

---

<sup>173</sup> Autrichiens (austríacos).

<sup>174</sup> Constitutionnels (constituintes).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da criptografia sob o viés da tradução constitui um novo elemento que serve para ampliar as fronteiras dos Estudos da Tradução. O estudo proposto visou discutir a (de)cifragem pelo viés das ciências tradutórias, a partir da reflexão relativa ao campo plural da tradução. Através da prática tradutória dos textos cifrados e da análise de teorias de ambos os campos, pode-se contruir uma reflexão que contemplou tanto a tradução quanto a criptografia e, principalmente, contribui para que o espaço da tradução mantenha a sua natureza plural (BERMAN, 2013).

Foi essencial perceber que existem concepções teóricas que consideram a tradução como algo inerente ao ser humano e, principalmente, onipresente (PAZ, 1971). Compreender que a fala, a escrita, o desenho, o entedimento de expressões faciais, a utilização de flores e tantos outros objetos e ações comuns, presentes no cotidiano, podem ser considerados um ato de tradução (RÓNAI, 1981) é necessário para que sejam criados questionamentos a partir dos quais o campo dos Estudos da Tradução – e tudo o que ele contemplar: tradução prática e teórica, o lugar do tradutor e sua visibilidade, expansão literária e cultural, partilha de conhecimento, entre inúmeros outros – expanda-se e, dessa forma, criem-se os diálogos necessários entre as teorias e reflexões de tradução, assim como entre diversas outras áreas (BERMAN, 2009).

Para as reflexões teóricas acerca da prática tradutória, procurou-se trabalhar com as teorias de tradução e criptografia entrelaçadas, o que permitiu a construção de uma análise acerca do processo de (de)cifragem como um processo tradutório de fato, ainda que reverberando as colocações de Flusser (2010) acerca da *natureza cifrada* dos textos. A concepção de que todos os textos estão, na verdade, cifrados (e que para encontrar seus sentidos, é necessário decifrá-los) é essencial para estabelecer o texto cifrado (seja por cifras linguísticas ou de outra natureza) como um texto pertencente ao mesmo universo que todos os outros (científicos, literários, filosóficos) e, por isso, passível de tradução. Contudo, não foi possível analisar a prática tradutória das cifras juntamente à tradução dos textos em línguas naturais, uma vez que tratam-se de processos tradutórios diferentes e carecem de reflexões orientadas diversamente.

Os objetivos propostos dizem respeito, sobretudo, à análise da (de)cifragem como tradução. Para isso, a utilização de teorias oriundas

de ambos os campos é essencial. Porventura, não existem muitas teorias atuais relacionada ao campo da criptografia como “arte de escrever”, como linguagem pertencente ao campo das ciências humanas. Dessa maneira, foi necessário recorrer à teoria moderna específica da área e também à literatura produzida até o final do século, quando ainda se considerava a cifra como escrita, e não como ferramenta funcional. Nesse sentido, o aparato teórico utilizado foi heterogêneo, constituído por teorias específicas da Criptologia, nas quais foi possível pesquisar sobre o processo específico desejado – o método polialfabético por substituição com auxílio de chave –, além de obter informações acerca das principais ramificações dessa ciência. Isso foi necessário para que se pudesse mais bem compreender a terminologia, o funcionamento e as aplicações de diversos métodos. E, do mesmo modo, buscou-se teorias e reflexões sobre a tradução que englobassem não somente a tradução de textos técnicos ou científicos, mas todos os tipos de texto não contemplados pelas demais teorias.

Dessarte, o objetivo geral de aliar os campos da tradução e da criptografia foi atingido no sentido em que, ao aplicar teorias de tradução à (de)cifragem, pode-se provar que a tradução é repleta de possibilidades e que não há espaços que não possam ser explorados. Quando os campos de conhecimento tornam-se porosos e maleáveis, na medida em que um pode influenciar e enriquecer o outro, as possibilidades de pesquisas que envolvam diferentes áreas aumentam, estimulando e favorecendo o desenvolvimento e a produção de conhecimento.

Em relação aos objetivos específicos, ambos foram concretizados, uma vez que foi possível traduzir as cifras presentes nas quatorze cartas selecionadas, assim como traduzir e apresentar os textos em francês e português. É necessário ressaltar a importância de o segundo objetivo ter sido atingido: as cartas traduzidas para esta pesquisa são inéditas em português, o que se qualifica como uma questão de acréscimo de valor cultural, ao trazer para a língua portuguesa mais uma possibilidade de estudo, sobretudo no que concerne aos campos histórico e literário, disponibilizando ao público brasileiro uma parcela da correspondência da rainha Marie-Antoinette e do conde Axel von Fersen, escrita durante a Revolução Francesa, um período que marcou e influenciou toda a cultura ocidental. Entretanto, por se tratarem de documentos históricos, a correspondência relativa a esse momento não pode ser traduzida por completo, uma vez que muitas das cartas, em sua totalidade ou parcialmente, foram perdidas. Acredita-

se que sejam necessárias futuras pesquisas para continuar a busca, análise e tradução das demais cartas e documentos, tratando-se também de um trabalho arquivológico e histórico.

É, ainda, necessário ressaltar que a pesquisa aqui apresentada preocupou-se em trabalhar com um único método de (de)cifragem pertencente a uma subramificação da Criptologia. Dessa maneira, não foi possível contruir reflexões acerca da Criptologia como um todo (que contempla esteganografia, criptoanálise, esteganálise e demais ramificações da criptografia). Acredito que seja necessário aprofundar as pesquisas nesse sentido também, para que se possa transformar os olhares postos sobre os textos encriptados e trazer novo fôlego aos Estudos da Tradução, além de discutir o lugar da Criptologia nos Estudos da Tradução, de maneira a contribuir na formação de um pensamento crítico e teórico voltado à análise e tradução de textos codificados.



## REFERÊNCIAS

ARCHIVES NATIONALES. Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. **Correspondance secrète de la reine Marie-Antoinette et du comte Hans Axel von Fersen. 1788-1792.** Localizado em : Archives Nationales. Cota 440AP/1, dossier 1, pièces 1-57, et dossier 2, pièces 1-36. Disponível em : < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=d1774e466-c&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050\\_236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=d1774e466-c&consIr=&irId=FRAN_IR_050_236) >. Acesso em: 1 nov. 2015. [Descrição da cota]

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAUER, Friedrich. **Decrypted secrets: methods and maxims of cryptology.** New York: Springer-Verlag, 2007.

BEAULIEU, Y. **Eléments de sémiotique de la cryptologie: contributions mutuelles de la science du signe et de la cryptologie.** 2005. 439 f. Tese (Doutorado em Semiologia) – Université du Québec à Montreal, Montreal, Canadá.

BERMAN, A. **A tradução e a Letra ou o Albergue do longínquo.** Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

\_\_\_\_\_. A tradução e seus discursos. Tradução de Marlova Aseff. In: **Alea**, v. 11, n. 2, p. 341-353, 2009. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2009000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000200011) >. Acesso em: 7 abr. 2017.

BORDERNAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência.** Petrópolis: Vozes, 2009.

BORGES, Jorge Luis. **Las dos maneras de traducir.** Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012a. Disponível em: < <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc9w123> >. Acesso

em: 20 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Las versiones homéricas**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012b. Disponível em: < <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmckd2h6> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. **Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos (1993)**. Fixa diretrizes e convenções para a transcrição e edição de documentos manuscritos. Comissão de Sistematização e Redação do II Encontro Nacional de Normatização Paleográfica. São Paulo, SP, 16-17 set. 1993. Disponível em: < <http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf> >. Acesso em: 29 set. 2016.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DECKER, Michel de. **Marie-Antoinette** – Les dangereuses liaisons de la reine. Paris: Belfond, 2005.

DIDEROT, Denis ; ALEMBERT, Jean le Rond d' (Ed.). **Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**, par une société de gens de lettres. Lausanne; Berne: Sociétés typographiques, 1780a[-1782]. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-22462> >. Acesso em: 15 set. 2016. Tomo I.

\_\_\_\_\_. **Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**, par une société de gens de lettres. Lausanne; Berne: Sociétés typographiques, 1780b[-1782]. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-22462> >. Acesso em: 15 set. 2016. Tomo VII.

ECO, U. **Quase a Mesma Coisa**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FARR, Evelyn. **Marie-Antoinette et le comte de Fersen** – La correspondance secrète. Paris: L'Archipel, 2016.

FLUSSER, Vilém. **A escrita** – Há futuro para a escrita?. Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

GYLDEN, Yves. Le chiffre particulier de Louis XVI et Marie-Antoinette lors de la fuite à Varennes. In: **Revue internationale de criminalistique**, v. 3, p. 248-256, 1931.

HEIDENSTAM, O.-G. **Marie-Antoinette, Fersen et Barnave** – leur correspondance. Paris: Calmann-Lévy, 1913.

HILGERT, Mariana Cristine. Sobre a arte de criar rascunhos: a tradução segundo Jorge Luis Borges. In: **Scientia Traductionis**, n. 13, p. 131-149, 2013. Disponível em: < [http://dx.doi.org/ 10. 5007/1980-4237.2013n13p132](http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2013n13p132) >. Acesso em: 30 set. 2016.

HUNOLSTEIN, (comte) Paul Vogt d'. **Correspondance inédite de Marie Antoinette** – Publiée sur les documents originaux. Paris: E. Dentu, 1868.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 9a. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

JASPER, Nichols Aron; PEREIRA, Silvio do Lago. Classificação de técnicas esteganográficas. In: **Boletim técnico**, n. 30, [s.p.], 2011. Disponível em: <<http://bt.fatecsp.br/bulletins/show/30>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

VERNE, Jules. **A jangada** – 800 léguas pelo Amazonas. Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1966.

KAHN, David. **The codebreakers** – The story of secret writing. New York: Macmillan, 1973.

KLINCKOWSTRÖM, Rudolf Maurits de. **Le comte de Fersen et la cour de France** – extraits des papiers du grand maréchal de Suède, comte Jean Axel de Fersen, publiés par son petit-neveu le baron R. M. Klinckowström. Paris: Firmin-Didot et C<sup>ie</sup>, 1877. 2 v.

LEVER, Évelyne. **C'était Marie-Antoinette**. Paris: Arthème Fayard/Pluriel, 2010.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Marie Antoinette – Correspondance (1770-1793)**. Paris: Tallandier, 2005.

MARIE-ANTOINETTE. **Correspondance** – Des Tuileries à la Conciergerie (1788-1793). Clermont-Ferrand: Paleo, 2012. Tomo II.

MIGNÉ, Jacques-Paul. **Dictionnaire de paléographie, de cryptographie, de dactylogie, d'hiéroglyphie, de sténographie et de télégraphie**. Paris: Imprimerie Migne, 1854.

MORAES, Vinicius de. **Nova antologia poética**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

NOUGARET, Christine. Marie-Antoinette dans les fonds des archives nationales. In: **Annales historiques de la Révolution française**, n. 338, p. 129-136, agosto-dezembro 2004. Disponível em: < <https://ahrf.revues.org/1877> >. Acesso em: 24 mai 2016.

PATARIN, Jacques; NACHEF, Valéry. Marie-Antoinette, reine de... la cryptographie. In: **Pour la science**, n. 382, p. 74-78, agosto 2009a. Disponível em: < [http://cril17.org/wp-content/uploads/2011/04/plasc\\_m-antoinette\\_cryptogr\\_aout09.pdf](http://cril17.org/wp-content/uploads/2011/04/plasc_m-antoinette_cryptogr_aout09.pdf) >. Acesso em: 10 mar 2015.

\_\_\_\_\_. “Je vous aimerai jusqu'à la mort” (Marie-Antoinette à Axel de Fersen). In: Séminaire Crypto (Département d'Informatique, École Normale Supérieure – DI ENS), 2009. Paris, França. **Publicações...** Paris: DI ENS, 2009b. Publicação **online**. Disponível em: < <http://www.di.ens.fr/pub/Main/CryptoSeminaire2013-2014/Marie-Antoinette-Paper.pdf> >. Acesso em: 15 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. “I shall love you until death” (Marie-Antoinette to Axel von Fersen). In: **Cryptologia**, v. 34, n. 2, p. 104-114, 2010. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/01611191003621212> >. Acesso em: 21 ago. 2016.

PAZ, Octavio. **Traducción: literatura y literalidad**. Barcelona: Tusquets, 1971. Disponível em: < <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc44681> >. Acesso em: 5 mar. 2016.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PINO, Claudia Amigo. **A ficção da escrita**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

POE, Edgar. A Few Words on Secret Writing. In: **Graham's Magazine**, v. 19, p. 33-38, julho 1841. Disponível em: < <http://www.eapoe.org/works/essays/fsws0741.htm> >. Acesso em: 25 jun. 2016.

ROCHETERIE, Maxime de la; BEAUCOURT, Marquis de. **Lettres de Marie-Antoinette**: recueil des lettres authentiques de la reine, publié pour la Société d'Histoire Contemporaine. Paris: Alphonse Picard et fils, 1896. 2v.

ROMANINI, C. F. V. de. **La cryptographie dévoilée ou art de traduire ou de déchiffrer toutes les écritures**. Bruxelas: Librairie de Deprez-Parent, 1840.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SACCO, Général L. **Manuel de Cryptographie**. Paris: Payot, 1951. [Édition française par le Capitaine J. Brès d'après la troisième édition italienne revue par l'auteur]

SANTOS FILHOS, Andreilino Ferreira dos. **Entre Borges e Benjamin**: o elogio da tradução na Medéia de Eurípedes. 2009. 155 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-7TWG2Z> >. Acesso em: 24 set. 2016.

SARUKKAI, Sundar. Translation and science. In: **Meta**, v. 46, n. 4, p.

646-663, 2001. Disponível em: < <http://www.erudit.org/en/journals/meta/2001-v46-n4-meta157/004031ar/> >. Acesso em: 15 abr. 2017.

SINGH, Simon. **O livro dos códigos**. A ciência do sigilo – do antigo Egito à criptografia quântica. Tradução de Jorge Calife. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SÖDERHJELM, Alma. **Fersen et Marie-Antoinette**: correspondance et journal intime inédits du comte Axel de Fersen. Paris: Éditions Kra, 1930.

TODOROV, Tzvetan. The notion of Literature. In: **New Literary History**, v. 5, n. 1, p. 5-16, 1973. Tradução de Lynn Moss e Bruno Braunrot. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/468404> >. Acesso em: 30 set. 2016.

TOROP, P. Translation as translating as culture. **Sign systems studies**, v. 30, n. 2, p. 593-605, 2002. Disponível em: < <http://www.ut.ee/SOSE/sss/pdf/torop302> >. Acesso em: 30 jan. 2016.

TRIFONAS, Peter Pericles (Ed.) **International Handbook of Semiotics**. Toronto: Springer, 2015.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!** Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2011.

ZWEIG, Stefan. **Maria Antonieta** – retrato de uma mulher comum. Tradução de Irene Aron. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

### **Manuscritos digitalizados**

AXEL VON FERSEN. **Lettre du 13 août 1791 : « On me répond toujours (...) »**. 1791. 2f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/recherche\\_consultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-8z2m7ehin--9wbpjgko94kd&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/recherche_consultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-8z2m7ehin--9wbpjgko94kd&consIr=&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out.

2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 10-12 octobre 1791 : « Me voilà enfin de retour (...) »**. 1791. 6f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-8zluxq0v1-14qx7sp6vet3y&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-8zluxq0v1-14qx7sp6vet3y&consIr=&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 13 octobre 1791 : « Je n'ai rien à ajouter (...) »**. 1791. 1f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-90kb131lk--816bmdef01t2&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-90kb131lk--816bmdef01t2&consIr=&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 25 octobre 1791 : « Pressés toujours l'Empereur (...) »**. 1791. 3f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-912euq7ah--3lg9sffjfn0i&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050236&frontIr=&auSeinIR=false](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-912euq7ah--3lg9sffjfn0i&consIr=&irId=FRAN_IR_050236&frontIr=&auSeinIR=false) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 29 octobre 1791 : « J'ai reçu des lettres de Suède (...) »**. 1791. 4f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-91j78jwat--nhl6fflkerhh&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-91j78jwat--nhl6fflkerhh&consIr=&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 12 décembre 1791 : « Les lettres d'Espagne et de Russie (...) »**. 1791. 2f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < <http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-92c4yydq1->

smsqixleeuax&consIr= &irId=FRAN\_IR\_050236 >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 24 décembre 1791 : « M. Crauford est parti ce matin (...) »**. 1791. 1f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-92qr8u1gd--1rm1cnkvfmsy&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-92qr8u1gd--1rm1cnkvfmsy&consIr=&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 21 juin 1792 : « Que l'on a su à Coblençe (...) »**. 1792. 2f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 2. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-97s4aw6fr--sblgbn8nx382&consIr=&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-97s4aw6fr--sblgbn8nx382&consIr=&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

MARIE-ANTOINETTE. **Lettre du 28 juin 1791 : « Rassurez-vous sur nous (...) »**. Copie Fersen en clair, avec la clé dans l'interligne (« vertu »). 1791. 1f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-bxu2yfx37-13j9eink7jq21&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-bxu2yfx37-13j9eink7jq21&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 29 juin 1791 : « J'existe (...) que j'ai été inquiète de vous »**. Copie Fersen chiffrée, avec la clé dans l'interligne (« depuis »). 1791. 2f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-c8aq9qcls--1t777o311tie4&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-c8aq9qcls--1t777o311tie4&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 8 juillet 1791 : « Le Roi pense que la prison resserrée (...) »**. Copie Fersen chiffrée, avec la clé dans l'interligne (« courage »). 1791. 6f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des

Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-bx1cp4dgh--3bkpn7feou8k&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-bx1cp4dgh--3bkpn7feou8k&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 31 octobre-7 novembre 1791 : « J'ai reçu hier tous vos papiers (...) » et « J'espère enfin que cette lettre (...) ».** **Autographe.** 1791. 8f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-bfns0k26l--b7jp9r1vhagx&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-bfns0k26l--b7jp9r1vhagx&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 31 octobre-7 novembre 1791 : « J'ai reçu hier tous vos papiers (...) » et « J'espère enfin que cette lettre (...) ».** **Autographe, fragment du 7 novembre : « Ma sœur me montre une lettre (...) ».** 1791. 1f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-cdcmgw53x--319ewb2ymnoj&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-cdcmgw53x--319ewb2ymnoj&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 7 juin 1792 : « Mes constit. font partir un homme pour Vienne. (...) ».** **Copie Fersen en partie chiffrée.** 1792. 3f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-c80hatmux--m7mwj9ccd1ye&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-c80hatmux--m7mwj9ccd1ye&irId=FRAN_IR_050236) >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 9 juillet 1792 : « Voici un grand mémoire (...) ».** **Copie Fersen chiffrée, avec la clé dans l'interligne (« depuis »).** 1792. 2f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < <http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-cctoinr34->

lmy7n25vibh2s&irId=FRAN\_IR\_050236 >. Acesso em: 1 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lettre du 24 juillet 1792 : « Dans le courant de cette semaine (...) ».** Copie Fersen en partie chiffrée, avec la clé dans l'interligne (« paroir ») et en partie en clair. 1792. 4f. Localizado em: Archives Nationales, Salle des Inventaires Virtuelle – SIV. Cota 440AP/1, dossiê 1. Disponível em: < [http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-cd1yzhy\\_mt--19k018d4h40t2&irId=FRAN\\_IR\\_050236](http://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/consultationIR.action?udId=c-cd1yzhy_mt--19k018d4h40t2&irId=FRAN_IR_050236) >.

Acesso em: 1 out. 2016.

### **Dicionários consultados**

**Centre Nationale de Ressources Textuelles et Lexicales – CNRTL.** Disponível em: < <http://www.cnrtl.fr/definition/> >.

**Dicionário Priberam de Língua Portuguesa.** Disponível em: < <https://www.priberam.pt/dlpo/> >.



ANEXO B – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (29 de junho de 1791)

42. Buch. vol. n. 36 <sup>29</sup> 1791 29 juin  
 fe sie t s m g u p i a n f i e s t o f e f l i s o e r p o f s k d m u g  
 d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 r n u s f r e d i t t h e r g e i s t g e f e g o p s u t a u s f i s o n u g  
 - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 p b a n n e s d i t m a c c u g c e f o r s f o p f a r s u g e p a g a f r  
 - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 L o n n g f i n m s z o e v o l b e e l k e f e b p s r h e b t h e r  
 e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 g e e a e b l i c i p h u x a k r a y c u h m a c o i c e k p k s g e  
 i - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 g e o v a t i o r s t h a u o x e k e g l o r r a o p t g e k e f e p e k f e s  
 d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 e e g s e u c a g e c n t h i s t o x b e m n f a c t a u s c i s a  
 e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 s h a x e c i o r s t o a r x o k t a d e c i t t h u n s o r c i b o k e  
 - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 k u x i c o s o n a d a f s a i s i o r s f o e m u s y a p d i a g a g  
 d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 j r u k e g u r i a c a l f u s s g e x a n e p o e s t e t u a f i t y  
 - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 x o g e k t u a l g p i b i k u s p u k r i d i g e a s k i s u f a f s a  
 e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 u l l o f e r t f o p s m r g i g e u a g e t d r u e f r k d y e p l u  
 - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 p h a c a e m e h d a s p o m s o s a n n a p r u e s o n o g u s p h  
 - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d  
 u e e d m s u k e g h p h u e p f u r m g i f e r e h o c r p a e  
 - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d - e - p - u - i - s - d



English for: *Madame Marie Antoinette aux comtes de Fersen*



ANEXO C – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (8 de julho de 1791)

17 8/7 1791 le 8 juillet

renonpau r e y u a l f d p a i e o b r f s r e o r k e t a n l  
c i o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

u s u r r t a n y i z l o t s t e c i n e k r d o p t n o b t n t g l r u :  
r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e -

r a e s i l u - a g o e t u c : r a u o h a c t f n i l e i r k u b a n s  
c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

u a c t f l e s : k a s r o e k a t e k u f c h e d u s l g o o g k e  
r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e -

u s h a e s s r g o o n k d a s : n a d s e a b e f s r t o a p  
i - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

g s r e p h u s g k i b s g i y b s h i o d i l a x n l d g f e k  
c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

i d y .  
- a -

renonpau r e y u a c k s y p x r x a b o g e h e d  
c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

u s g c c p a u i x n x k u b e d a u l f u e s u c q u a  
- u - a - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o -

p c a k r a i k e m r k u y i b e s l t i r t f s g a n o  
u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o -

h a e m f g k e b a : a e o o i s d i b t b o g d k s u o p  
u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

c a s s e n o c t : k t u e d u u s f e x n h a x r s e g o p  
- r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

l n a z e o e m u e o n t p e x a h o e t k v m y s d a n  
- a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u -

f g a c c a k i m u .  
a - g - e - c - o -

U. 3 Jean Dornier-Les Fersen 7

ARCHIVES  
NATIONALES

renon p u r e y u a l d f m r o e h a t e c t k m u  
 c o u r a g e e o u r a g e  
 m k m s a r r u s t a r p o e f i s r d u c m a e a m i g n  
 e e p o p t c a d d f n b e n i i c s l d u e a l l k n m u e  
 i u v a g e e o u r a g e e o u  
 e e l f m r e n u p q u n l f i a t r a p a t i r l s m x i a  
 r a g e e o u r a g e e o u r  
 u e f m r p r a l t m u e l u s e r g u i o x s d u n d s u r  
 g e e o u r a g e e o u r a  
 l h a m e l i s a p e t u s o g a e m k n s p s n a e o t  
 g e e o u r a g e e o u r a  
 f a x d d u e l s s u n d i l f r k v m l f t p o o j i o n r a r  
 g e e o u r a g e e o u r a g e  
 u a e i o d h u n e y u e n k f m r o e a t s a d g u r k  
 e o u r a g e e o u r a g e e  
 u s p x r e i f u d e f e p t a e p e l f s a d e u m d i e  
 o u r a g e e o u r a g e e o  
 l s p n a g l r a o m k e k o d m a i m l r s m e p  
 u r a g e e o u r a g e e  
 f f y x u d l f s p r r u k i s r s s a t m e r t o  
 o u r a g e e o u r a g e e  
 o y p s o g u t e g o e s x e : H e n v u r k i u d g  
 e o u r a g e e o u r a g e  
 u x e l x n e t x u d d f l r u o s : D r o e e c h u  
 e e o u r a g e e o u r a  
 u r r e u u i d s l s a k s d o d e c t g y s n e  
 a g e e o u r a g e e o u

qe e c f u c s : a c c a x n a o o n r c u s h e g e  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 b e e r a b r a r k g p r g e k e m e h e : b e y r e e i  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 n a m k s n a g s i p o y r s v h y b g r e m s y r y o f t  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 t e g u b s g o h r e r e s t h u s u a u a e p a f o i s g h  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 b g k e c s y r b a g r p s u e r x h e l i s u o e .  
 c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g -  
 r e n o n p a n r e y u e n : u l s i i p h a t o b r e l r i o i g e  
 c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 d e m g k i b e d t o r o p h s f m r m a p l s d a t d a o t  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 n u e i p g y d o s e i o s r r i h p n t e k e t a f o e r r u d  
 g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 d a n a l f t g t q u a l e i g r h u t e b l l u s h i o p c s  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 a i a l r g e i r p n s f f l i a r c x m t u p i d u s e d  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 t u a x l u s x a l i e d s o e r o g t n a e t a a f  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 e l e d t h e x e r s t e .  
 u - r - a - g - e - c - o - u  
 q a p n i o b e f g k e h i r y p p f i b r f f i x u o s r e e p a p t  
 c - o - u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u  
 p o m e x r u g d r g e e c h m l e l o g s h i y u g i h u o c c a p e  
 u - r - a - g - e - c - o - u - r - a - g - e - c - o - u

loxtarunfnheffu/loxtqflaxossxnflhtna  
 c-o-u-r-a-g-e-e-o-f-u-r-a-g-e-e-o-  
 suxiacetulklpiessnumgimrkdplbek  
 a-u-a-g-e-e-c-b-u-a-g-e-e-c-b-u-a-  
 oticpruarppcckgtictsu dkcRds/aaxdral  
 -a-g-e-e-o-f-u-r-a-g-e-e-o-o-u-r-a-g-  
 cupheabofihufoodmfiRerqaxtaotrog  
 -e-e-o-f-u-r-a-g-e-e-o-f-u-r-a-g-e-  
 falecsgreice dpoaxtbabine estribly  
 -o-o-f-u-r-a-g-e-e-o-f-u-r-a-g-e-e-  
 smipefn/cobtpeba n d r dot tlenaxps  
 -o-u-r-a-g-e-e-o-o-u-r-a-g-e-e-c-o-  
 sggf si u dr pei R ds u a a b s doh u m y l d a  
 x u r a a g g e e e a o a t a a g a e e o t p o e  
 x u t a m a k o b o p t s d f f h i l a b s c m u o e s u  
 u-r-a-g-e-e-o-o-u-r-a-g-e-e-o-o-u-  
 bae bctaggkryaitf u fl g go ap d sm x  
 -n-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-o-u-  
 j h x k t r d u l d n p t a o b s f r g p r a l l s s i o e s f  
 -n-a-g-e-e-o-o-u-r-a-g-e-e-o-o-u-r-a-  
 a k t u s r e e t x p s i x e l h f a b e n c s t u s q r b t  
 -g-e-e-o-o-u-r-a-g-e-e-o-o-f-u-r-a-g-  
 u u a l a a p t d o t r d e o ~~l f t a t g f u y e i o d r f a f~~  
 e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-f-u-r-a-g-  
 p u i x a y i e u .      l e e w d e  
 o-o-u-r-a-g-e-e-o-o-u-r-a-g-e-e-o-  
 i a k a c t p v k t r d e r g i s s g b p e a c a n x t d t s  
 o-o-u-r-a-g-e-e-o-o-u-r-a-g-e-l-l-d

#

elgvpeopaxuqnaeepfiarbnlexchrpnteko  
u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r

xilgeekipriltfbanveffoastisdukska  
e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o

pebtiaxixarlexessutmetaxtleepcu  
u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u

eesabvaxgyifopdkoktjcruxofvurucfmgn  
u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e

lksyafcaruoehagikrpsdjhahrsixuqism  
e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o

xlhyblgprykissiehdodigtcopslisnpuued  
u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g

degyivysudmokepooekiorcssnuelfoerjee  
e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o

scudeoieufihtmanoeerlasruizkupriurse  
u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a

foer:peaapepkotoyuaridukrumuqewakmfs  
g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e

hakvs.  
e-o-u

xlveeuapungoetfnhgfieben-dfbeam-skrsu  
e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o

iiastakkeilssursruscucocsehcsuaseiuis  
u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a

lbvithianoititotilemtkiorcedaotrupugg  
g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e

chagihh.  
e-o-u

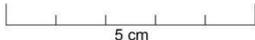


re non n u s o b t p a h d s v i k u x p x u e o x r  
e-o-u-r-a-g-e-e-o-u-r-a-g-e-e-o

goinu ytn flui p m u fopr k l e i t i h e p n u s #  
 o - u - n - a - g - e - c - o - u - n - a - g - e - c - o - u  
 p l f u k o c s ; z e a d r i a r f c e i m e p b b a i d i o t r  
 n - a - g - e - c - o - u - n - a - g - e - c - o - u - n - a  
 r t o i l e o i g a a c e f f e o e h .  
 g - e - c - o - u - n - a - g - e - c  
 p o s i o a o s f a z o r k p m g r u a t r a i h e :  
 c - o - u - n - a - g - e - c - o - u - n - a - g - e - c  
 k u s d o s h y x f r a s j a e b u a l p n u e p o e h d s  
 c - o - u - n - a - g - e - c - o - u - n - a - g - e - c - o  
 u e t k e s e l o g a g i e d x u g e f t u e g o h r s a g t o  
 - u - n - a - g - e - c - o - u - n - a - g - e - c - o - u - n  
 c g e h e g t .  
 - a - g - e - c - o - u - n - a - g - e - c - o - u - n - a - g - e - c - o - u - n

ANEXO D – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (31 de outubro a 7 de novembro de 1791)

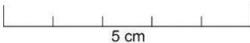
Le 24. Nov. 1791 par Mr de Mancy. 0 16. ee 31. 4bre. 91. A  
 J'ai reçu hier tous vos papiers par Mr de Biège, l'écriture est  
 fort parfaitement écrite avec l'encre que j'ai fait chercher  
 chez M. Patis, il faut que celle que l'on nous a en usage  
 de la barbe fut essayée, mais cela est ce n'est à présent, je  
 vais tâcher de répondre à tout en abrégé, et je reprendrai, aussi  
 souvent que j'en aurai le temps, jusqu'à jeudi, que l'homme  
 qui se charge de cette lettre partira.  
 J'ai été si pressé la dernière fois que je vous ai écrit que je  
 n'ai pu vous parler de Mr Crasford, dite lui bien que nous  
 savons la manière parfaite dont il est pour nous, que je ne  
 suis toujours plus à recevoir à son attachement, mais que dans  
 l'affaire présente ou nous sommes chaque nouvelle preuve  
 d'intérêt, est un titre de plus bien doux et notre reconnaissance  
 la lettre de monsieur, au Baron, nous a étonné et irrité  
 mais il faut avoir patience et dans ce moment, pas trop  
 montrer sa colère, je vais pourtant la copier, pour la  
 lui justifier, au milieu de tous ce qui ce page, est une  
 expression de notre intérieure, il n'y a pas moyen d'y rien dire avec  
 les meilleures intentions du monde, ma sœur est tellement  
 indisposée, entourée d'intriguants et sur tout dominée par  
 ses frères au dehors, qu'il n'y a pas moyen de se parler ou  
 il faudrait quereller tout le jour, je suis que l'ambition de  
 ceux qui entourent Mr de Mancy, entièrement, il n'en dans  
 le premier moment qu'il étoit tout, et il n'aura beau  
 faire jamais, il ne pourra de rien, son frère aura toujours  
 la confiance et l'avantage sur lui. Tous les partis  
 par la constance et l'immuable de sa sœur, il est bien  
 malheureux que Mr de Mancy ne soit pas revenu tout de suite, quant  
 nous avons été arrêté, il n'aurait suivi alors la marche qu'il  
 avoit toujours annoncé, de ne vouloir jamais nous quitter  
 et il nous aurait épargné beaucoup de peines et de ma-  
 lheures qui sont peut-être résulté des sommations que nous  
 allons être forcé de lui faire pour sa rente, à laquelle nous



le 24. nov 1791 par Mr de M... ce 31 4 Bre 91

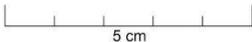
J'ai reçu hier tous vos papiers par Mr de Biège, l'écriture est  
 est parfaitement soignée avec l'eau que j'ai fait chercher  
 chez l'apothécaire, il faut que celle que l'on nous a en usage  
 de la bas fut essayée, mais cela est ce que a présent, je  
 vais tâcher de répondre à tout en abrégé, et je reprendrez, aussi  
 souvent que j'en aurai le temps, jusqu'à jeudi, que l'homme  
 qui se charge de cette lettre partira.

J'ai été si pressé la dernière fois que je n'ai pu dire que je  
 n'ai pu vous parler de Mr Crayford, dite lui bien que nous  
 savons la manière parfaite dont il est pour nous, que je ne  
 suis toujours plus encline à croire à son attachement, mais que dans  
 l'affaire présente ou nous sommes chaque nouvelle preuve  
 d'intérêt, est un titre de plaisir, doux et notre reconnaissance  
 la lettre de monsieur au baron, nous a étonné et irrité  
 mais il faut avoir patience et dans ce moment, par trop  
 montrer sa colère, je vais pour tout la copier, pour la  
 montrer à mes sœurs, je suis certaine de l'avoir comment elle  
 la justifie, au milieu de tous ce qui se passe, est une  
 exception notre intention, il n'y a pas moyen d'y rien dire avec  
 les meilleures intentions du monde, ma sœur est tellement  
 indiscrette, entoure d'intriguants et surtout dominé par  
 ses frères et de chez, qu'il n'y a pas moyen de se parler ou  
 il faudrait quereller tout le jour, je vois que l'ambition des  
 gens qui entourent Mr de M..., entièrement, il a vu dans  
 le premier moment qu'il étoit tout, et il n'a pu  
 faire jamais, il ne pourra de cela, son frère aura toujours  
 la confiance et l'avantage sur lui, dans tous les partis  
 par la constance et l'insurmontable de sa opinion, il est bien  
 malheureux que Mr de M... ne soit pas résolu tout de suite, quant  
 nous avons été arrêtés, il n'aurait pu aller la marche qu'il  
 avoit toujours annoncé, de ne vouloir jamais nous quitter  
 et il nous aurait épargné beaucoup de peines et de ma-  
 heures qui sont peut-être résultés des sommations que nous  
 allons être forcé de lui faire pour sa rente, à laquelle vous



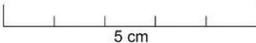
5 cm

grandes forces pendant l'hiver, il n'y a eue un congrès qui  
 puisse, raffiner et ramener les manières possible pour le grater  
 mais en faisant cette confidence, il faut prendre garde a leur  
 extreme indiscretion, pour cela il ne faut dire a la personne  
 qui irait d'icy que juste ce qu'on veut faire savoir la bas  
 m. grime est au rivé icy il a desiré me voir, mais j'ai  
 répondu qu'il m'étoit impossible de la recevoir, et cela est vrai  
 en quelque sorte je suis trop espionné, mais je lui ai fait  
 parler par quelqu'un qui lui dira mes raisons, et qui en  
 même tems lui parlera de nos sentimens pour l'empêcher  
 les termes convenables, il est bien intéressant qu'on parvienne  
 a lui faire adopter l'opinion du congrès, par son caractère elle  
 y décidera toutes les questions, et elle contiendra au si les  
 princes, je crains seulement la légèreté de m. de calonne, et  
 le petulance de m. de nassau.  
 et n'y a aucun parti a tirer de cette affaire c'est un amas  
 de bachelards, de fols, et de bêtes, le peu de gens qui y veulent  
 l'ordre, et un peu moins de mal que les autres, ils sont pas  
 écoute, et n'ont pas parler, elle est au sur plus dans le  
 boue, même dans le peuple qu'on cherche a unissonner de toutes  
 les manieres, mais cela ne prend plus, il n'y a que la chaire  
 du pain qui les occupent, et les devoirs, les jouissances, ils  
 n'y regardent seulement pas, et ya sur cela un changement  
 bien visible dans paris, et la grande nouveauté, sans s'avoir  
 si elle veut ce régime cy, ou un autre, est la source des troubles  
 et veut la tranquillité, je ne parle que de paris, car je croy  
 les villes de provinces bien plus malheureuses dans ce moment  
 que celles cy, et par tant de coblents, on ne cesse de nous dire  
 qu'on a de grande intelligence dans tout le royaume, mais  
 l'affaire de lyon nous rend circonspect et peu crédule sur de  
 pareil annonces. le roi de suède, en renvoyant au roi sa  
 lettre, pour la notification de son acceptation sans vous voir  
 la lire, a fait une chose que j'ai des voulu que fait

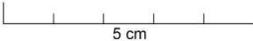


5 cm

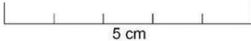
partout de meme, mais ~~si~~ <sup>si</sup> seul, je crains qu'il n'aye  
 de l'impuudence a cette demarche, du reste il est  
 impossible d'etre plus touché que nous le sommes de la  
 franchise de la loyauté, et de la noblesse de sa conduite envers  
 nous, et j'espère qu'un jour nous pourrons enfin de tous  
 ce que l'on veut bien faire pour nous.  
 Je viens de leur deux depeches depp. l'une du 13 glie  
 l'autre du 20, elles sont fort bien, et je crois qu'elle ne  
 fera aucune difficulté pour le congrès, cette jdee entroit  
 meme dans une partie de son plan, mais elle veut avant  
 que le roi soit libre et puisse aller partout ou il voudra  
 cette jdee est impossible, car on dira toujours icy qu'il est  
 le maître d'aller ou bonne lui semblera, mais il ne le peut  
 pas de fait parce qu'entre la sortie d'icy qui seroit dange-  
 reuse et ou il seroit peut-etre obligé de laisser sa femme  
 et son fils, sa sûreté personnel ne seroit nul part plus  
 qu'icy, puisqu'il n'y a pas une ville, pas une troupe qui  
 laquelle on puisse compter, il me paroit au contraire que  
 ce n'est qu'en cherchant a gagner chaque jour d'avantage  
 la popularité, et la confiance, qu'on parviendra, une fois le  
 congrès établi, a pouvoir si joindre au moins aller sur les  
 frontieres pour être en quelque sorte chargé nous meme  
 des interets de ce pays cy, si nous gagnions jamais ce point  
 c'est tout, et c'est a ce seul but que nous devons tendre, mais  
 pour cela toutes nos actions journalieres doivent se rennir  
 pour inspirer la confiance. le malheur c'est que nous  
 ne sommes secourus icy par personne on nous, et que  
 quelques efforts que je fais, seule je ne pour pas faire tout  
 ce que je voudrois, <sup>et</sup> que je suis <sup>constant</sup> si necessaire pour le bien  
 general. l'ex: avoit encore une autre jdee mais que je  
 crois detestable, c'est de lui per: entrer les princes avec tous  
 les francois, soutenu seulement par le roi de suede comme



notre allié, et de déclarer par un manifeste qu'ils ne viennent  
 point faire la guerre, mais pour valloir tous bons françois  
 à leur parti et se déclarer protecteurs de la vraie liberté  
 françoise, les grandes puissances, pourvoit tout l'argent  
 nécessaire pour cet opération, et resteroit elles dehors avec  
 un nombre de troupes assez considérables pour en imposer  
 mais ne rien faire, pour qu'on ne puisse pas prendre prétexte  
 de leur invasion et crainte de démembrerment, mais tout cela  
 n'est pas praticable comme cela, et je crois que si l'empereur  
 se depeche d'annoncer le congres c'est la seule maniere convenable  
 et utile de finir tout ceci. je n'entend point pour quoi  
 vous desirer qu'on retire tout de suite les ministres, et au  
 il me semble que ce congres étant sensé annuier dans le  
 premier moment d'être recue tout pour les affaires, qui  
 interviennent toutes les puissances de l'Europe, que pour celle  
 de la France, il n'y a pas de raison, à cette prompte retraite  
 et puis est il bon sur que toutes les puissances en agissent de  
 même et croit-on que l'Angleterre, la Hollande conduite, par  
 elle et la prusse même, pour dégoûter les autres, ne laissent  
 pas peut-être leurs ministres, alors, il y auroit une  
 division, dans les opinions de l'Europe qui ne pourroit  
 que nuire à nos affaires, je peu me tromper, mais je crois  
 qu'il n'y a qu'un grand accord annuier en apparence, qui  
 puisse se imposer tel, mesme vous du Danemarck  
 d'après les depeches, il parroit detestable surtout pour la  
 Russie et la Suède. Il faut que je me sois mal  
 expliqué, sur les guides du corps, notre in-  
 tention n'est pas de les rappeler, mais seule-  
 ment qu'ils ne fassent pas corps, et que si l'hy



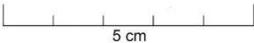
ne fais rien coté parer, des officiers, ou ceux  
 qui sont les plus riches entre eux reviennent  
 icy pour se montrer, la meme chose existe  
 pour les emigrants, je suis parfaitement  
 qu'une fois parti et de cette maniere encore  
 il est impossible qu'ils reviennent mais c'est un  
 grand malheur, et encore plus grand pour le  
 reste de la france que pour paris, car les provinces  
 restent livrés absolument a elle seule, ou a une  
 horde de scelerats et de factieux. Dans la  
 position ~~ou~~ nous nous sommes, avec la mesiance  
 affreuse qu'on cherche a entretenir tout jours contre  
 nous, il est impossible que nous ne faisons  
 pas publiquement tout ce qu'il faut pour faire  
 rentrer tout le monde. L'arrete des parlements  
 propose au conseil des princes est pour se re-  
 verser paratonnee qu'il ait été regatté il me semble  
 que les meilleures têtes de celui de paris, se  
 refuse a toute extravagance, et ne recillent  
 pas meme sortire d'icy. J'ai tres bien compris  
 ce qui regarde le chiffre, mais il faudra toujours  
 mettre les deux points quand les 2 mots finissent  
 en meme tems et laisser les p. et les v. cela  
 facilitera pour nous, la lettre saute ne servira  
 que si nous ecrivons par des occasions, nous avons  
 bien lue tout ce qui étoit en blanc, mais dorénavant  
 le roi dispense de la ceremonie, cela sera  
 plus facile en mettant vous s'implerent





l'été du 9 mais la personne n'été retardée pour ses  
 affaire et qui mieux aimé attendre, pour quelle  
 fut remise surment, la personne que part demain  
 matin et qui remettra une lettre en chiffe doit  
 revenir bientôt je crois que c'est une occasion sure  
 est-il vrai que le roi de suède envoie un ministre  
 au princes a coblentz. je crois bien qu'on exige  
 du roi, soy d'ecrire au roi de suède, une lettre de sa  
 main, sur les affaires presentes mais si cela arrive  
 cela ne sera qu'une preuve de plus de sa non liberte  
 point de ministre encore ni de stahl, ce denouve  
 bien pour us. de part. je n'ai jamais vue d'intrigue  
 plus forte et plus embrouillée. la repance de l'emp.  
 a l'acceptation continue. Il t'en leur je ne l'ai pas  
 encore vue, une tres bonne phrase, et qui peut  
 preparer au congres, pour que qu'il la substitue  
 et qu'il se depesche a l'annoncer. car malgre le  
 calme apparent de coblentz, les têtes sont bien  
 assésées et il y a a craindre que les princes  
 ne puissent plus les contenir dans peu. il faut que  
 je donne ma lettre demain matin, je vais donc la  
 finir adieu.

u pe gent e ge s = dot me p n lou e  
 m e : rix = korri u x tu fye ce p t b e  
 luy t ke bret p am b t qu u ul hi kime  
 rois : bu u a me y ag n i n b e u i p r r i  
 i - u - o - u - t - a - e - u - t - r - u - e



i o m l g i k | l u e y a x g i r m e | m o i t  
 u - r - u | i - y - i - u | e - u  
 k e p d o n n e s o | p x i c o g | u v a n e p p e  
 r - u - e | x - i - u | e - u  
 e i p n n a r c o s : n n p e g l k e p d e s e  
 e - u - x | i - u | u - i - u  
 g u r o i s | u t p y | l a u p a u o n a u r n g u  
 t - i - u | e - u | x - i - u - e - u  
 s f r a n n t u e | b e e g e q q r i p n i u s k  
 - r - u - r | i - u | u - e - u - i - u  
 a g i i d o g b u e s a e m p  
 - r - i - u - r | u - e - u - i - u



ma soeur ma montre une lettre de M. Dattès  
 en vete. Bruxelles: pour justifier celle qui la écrite au  
 b. ou il dit que vous lui avez annonce que le roi  
 vouloit le charger de tout pendant sa prison je  
 vous en previens au cas que cela ce disse ou  
 vous etez car pour nous nous savons tres bien  
 ce qui en est adieu.

ANEXO E – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (7 de junho de 1792)

15 Juin 1792 Le 7. juin 1792.  
 1792 7/6  
 paroitra  
 rep Le 21 Juin  
 ih: & arch nete = ftn d pbr his ub h m ken oe  
 r t i s u o e p d a a c s & r s p b r a r t a u d b e c i s  
 f s u u p k e t e b i n m = x e c e k e k d s d f t k a  
 & t i r m o x m f s n d f t s i y a p n t n g e f t k  
 e d o z m p n a e n a k d b r = z e c e k o k i i r u u u  
 e m u n d b n a d s s i n d d e m t m f i s e c u s i  
 i d a i s i s e p i r o b d s s e r & q e i m e u r k u u a  
 f i i n p e i o t r & a o n h n k e u r & k m d a i d  
 f r e u x m n f u r t p e o n s m n n e o t a x e d e  
 g r f t : s t i k e d u g n d e b t k e i t b u i d p n d  
 a r t i a s d s s d o e r e d i u = & t t e a = m g i r g e i  
 b e c t p e g e r s g i s e t e a a u a r t k e f a h r  
 f r t a r s f e d u e e r d s s d o b s y = e b d & p u r  
 z u g d f r a u n t q u o g e e d e e t c a i e s s f  
 C/2 fin Distinctions für Fersen 18

eduheta: St me a D Sm Knæ a a D f d g  
 - i - r - a - p - a - r - o - i - r - n - a - p  
 r = De am s s r r & s a o o t: h r f s b e k e c a r r  
 - a - r - o - i - r - r - a p - a - r - a - i - r -

u s  
 u e o e a t a a c d u b n e m o c i r q e i a w t  
 p - a - n - a - i - r - r - a - p - a - r - o - i -

r e b e r c g i r p s s b e p o e d u e d d c i p u p d s r  
 i - r - a - p - a - r - o - i - r - r - a - p - a - r - a -

i m n d s c f  
 i - r - n - a

z i n e a a o = D i m & r g i p u f n o c i e f t  
 p - a - r - o - i - r - r - a - p - a - r - o -

n a d d e i f e k i s e i a n e i g a o b e r t h r n  
 i - r - n - a - p - a - r - o - i - r - r - a - p - a -

p h b e e u a &  
 - r - o - i - r -

Voilà la situation de vos affaires avec  
 Bonary et Chol dont je vous ay appris les faillites dans  
 une dernière lettre. j'attends de nouvelles de la  
 Rochelle pour vous en rendre ou vous en parler avec  
 Daniel Gharischi et j'espère qu'il bat ce que j'ai  
 écrit que deux faillites n'est pas très considérable, vous  
 acriez même fait. Comme je vous l'avais conseillé, l'achete  
 du grain du Clergé avec de plus vos fonds chez de  
 Bagnary. Si vous voulez j'employe moy de cette manière

ceux qui vont vous rendre dans le mois prochain.  
Joyeux Noël n<sup>os</sup> 7. et 8.



ANEXO F – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (9 de julho de 1792)

n.º 36

(NATIONALES) 9 juillet.

poccaui guald: xetonr sgu eja ffradmg srr  
 a egjh essgu uoni geat taept kii gpe baoo pci.  
 u x farr i h g fex uo ag d fuc lo u g m h a ci b f g  
 a g c i d h r i e l r x g g s n g a f u e w o l f u e p k s u e:  
 e e l s z e g r i s h c h u o u : k o g a o x s m i m o i p e f  
 u : z e h e a n c i g p e i e c o n t f u y g p i x e j i c y a u g h r f s  
 f u n s g e h e f f u v o e e k g d i c h u m a n u a i b f k u a r e  
 e g p g r b e u j h d a o c r s g f e r o g s i a b l a c k p k s t u f e g  
 u s g f e r o g s i a e a t n e k a i p d e g d e r f i s t o u h a z e o t  
 e o f s u a d a f s x i s z b e h o y n g p r o n i l l i d b a g p r u  
 h c s c e d o h e y m f u g e p d d e f e m c g c e h o e g g i f p o e  
 d k o u t b o g t p o e s z e f o e r y a f f d a f f r g e u a y s h n  
 h o c r f o r s s a f r u e s t g e a r y a f r u a f t p e t o l h a  
 u o e i d o p i a r x e r e l i y s n k a d o f t h l e s r o r l o p s  
 x i i s o f i t y o r s x e m a p e k j k m e i x a x i s u f l t i o

22

08. n

s n c e p o n a u m d i u i u l t p u p t q u a p a p u u j e g s  
 d - e - p - u - i - s d - i - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 d k u f t d u a c s i g f e p o g o i z e j e c k r a i l a y r a  
 r - s - d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 q p a m r o s s d a f g o f r u n h e i d i j d u d u o r s e  
 e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 c i c i j a t r i e i u m g m d u a c p u o g p p o r v d p e r  
 u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 b e h r s i g n e z a k o o e s t d u i j t m e i d i j s m o c i s t e  
 e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 u a c d g d e r i r .  
 d - e - p - u - i - s  
 n e g l f m o t y e b l e d u a n s p s e o i i e f p o r t b a l a r g e  
 d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 r o g l d i o n f u e s i r g i u e h e x o u i n i f m i f e y  
 i - s - d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 p k o a i b e o a f s g e p y u i i g g a p t f u h g l i p l t u e  
 e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s d - e - p - u - i - s  
 a h i s u .  
 e - p

ANEXO G – Carta de Marie-Antoinette a Axel von Fersen (24 de julho de 1792)

29 recus.  
24/7 1792

24. juillet

n.º 3.

rep Le 9 aout.

ARCHIVES NATIONALES

141: zaoxexkorrunDdfestue.aeoan &  
p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t  
dssr= Dfiu ducne bei sstsaismadimn  
-r-a-p-t-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-  
Kbsoptftkaruapsncitntuonogacu  
i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-  
SiquipkocunttnusKepocufd&ed  
o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-  
apsyepdundtnunotraabaxedtku  
-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-  
DtnoDermiitxexaapimduDssne  
a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-  
oidinnqiseaorDetudsbbkexaxae  
t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-  
s=oubsspoonsdfduyibuiDpbs:ndrd  
-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-  
umpscamzurbisnuixasmnbeadus  
r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-  
goinfnksgcfadesndeziueadmns  
a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-  
ac= DumfruypuudsseparaDtrfifte  
-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-  
bauernusnntdbnadspjudgkaoD  
o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-

von Drottningem till Fersen

24

zaogur durnxexak denkoeraert  
 p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-  
 nrhdtikeccampdyecaraiocgddux  
 f-r-a-p-a-r-a-t-r-a-p-a-r-  
 addisgupdeactfneoteud&msnk  
 o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-  
 fssueaundicfazppufnmadtsnx  
 p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-r-a-t-  
 aaequoec: saurumsik&putpeoisgte  
 -t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-a-p-a-  
 bekeewsuikedeitkd kablerubua  
 r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-  
 tcfuq dummnx eu dotexusopeydi  
 a-p-a-r-a-t-r-a-p-a-r-a-t-  
 m&t d r b e i s t r u t s g r a a t k e d e i t g  
 -t-r-a-p-a-r-a-t-o-i-t-r-a-p-a-  
 e k s m a p e p e i e t t : s n s e i o r d u e n e b  
 -r-o-i-t-r-a-p-a-r-o-i-t-r-  
 dbkhukn&t durticoctressmademu  
 -a-p-a-r-a-t-r-a-p-a-r-o-  
 nexcaarsqsribsargdidi d b n e c f s a e  
 i-t-r-a-p-a-r-a-t-r-a-p-a-r-

Jay Luytjens Le reste du fond dont  
 voila l'Etat exact le d'aujourd'hui

D'un assez bon produit et presque neuve

La première Courtoise ou un principal  
 Corps de Logis au fond de la Cour Elevé d'un  
 étage au dessus du rez de chaussée et un Couloir  
 d'ambrière couvert en tuiles. un autre Corps  
 de Logis à gauche servant de remise et  
 curier et avec une boutique sur les rues.  
 et enfin un tourney au dessus aussi couvert en  
 tuiles.

La dite maison a son entrée par une porte  
 cochère et une Cour percée de cyprès arpent puits  
 et arceau

La seconde Courtoise ou un Corps de  
 Logis ayant son entrée par une allée et  
 composé de deux boutiques carrières boutiques  
 cochères et Cour. Dernière avec arceau et puits  
 mitoyen au dessus duquel est pratiqué un échovoir  
 communiquant les deux de la dite maison. Le  
 tout est élevé de 3 étages percés avec Cour

audrions et Chambres de Douanes  
Lombardes, dans le double qui est couvert  
les tuiles

chaque étage est distribué en deux  
petits appartements composés chacun de deux  
pièces à cheminée et une autre pièce ou  
cheminée dégagant sur l'escalier, et deux  
à l'anglais.

ces deux maisons peuvent être louées  
9,500<sup>fr</sup> ainsi vos vizys que vos fonds ne  
sont pas mal placés.

mandez moi si vous avez reçu des  
4. n<sup>os</sup> précédents. il y a deux jours qu'on  
m'a remis une lettre de vous que j'ay fait  
porter à son adresse. vous avez dû  
recevoir des B. brochures que vous m'avez  
demandées

ANEXO H – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette [?] (13 de agosto de 1791)

Du 13 août 1791. 13/8/1791  
 à Craufuro  
 du Comte de Fersen.

gu me reprocherois | ten j'ouïs | gu'gu attend les  
 reposes | des autres | cours, ou est | sur ce |  
 celle de | bruse | ~~de justice~~ m = De | bischoff  
 verdes | qui est | et que | son | maître est | prêt  
 à | marcher | et qui | preme | fort | l'empereur  
 d'agir | ou | n'agire | qui | va | se | faire | une  
 alliance | entre | eux | ou | attend | les | reposes  
 d'Espagne | et | de | russie | avant | de | les | avoir  
 l'empereur | ne | se | décidera | pas | ou | craint  
 beaucoup | l'Angleterre | je | suis | que | en | est  
 arrive | une | reponse | dont | on | ne | parle  
 pas | elle | ne | contient | qu'une | assurance  
 tres | vague | de | ne | pas | se | mêler | des | affaires  
 d'Espagne | de | France | il | paroit | qu'on  
 n'en | est | pas | content | et | qu'on | voudroit  
 quelque | chose | de | plus | positif | s'attend  
 avec | grande | impatience | de | vos  
 nouvelles | elles | décideront | toute | cette

7

affaire et envisageront l'empêchement

Declarer qu'il seroit necessaire que se fussent bientôt

tous ce que votre Honneur aura répondu

au mien



d'ardennes et d'isp sont fort bien sur tout les <sup>de la bue de se sacrifie</sup>  
 trois premiers <sup>qui</sup> Aug a assure de sa hauteu <sup>na pour tous</sup>  
 d'isp est le meus voulant il est foible et us discret il  
 proues tout, mais son ministere qui creint de se  
 comprometh et voudroit viter de se meler le  
 netant sur tout de la contradiction que vous  
 aveo vue entre ses lettres et ce que se faisoit  
 j'y as ete envoie par le Roi avec des pleues  
 pouvoirs illimites pour auorder et ~~recevoir~~ pro  
 poser tout ce que pourroit vous semer j'en y  
 as rien pu feire que d'empocher quelques  
 demarches folles des ordres et persuader que  
 ne falloit rien feire pour eux, je les ay fait  
 en memoire detaillie qui je leur propose le  
 rapel des aub et leur venant en congres  
 a la chapelle, de ne jamais insister que  
 sur votre liberte dans les termes de la  
 declaration de solubr, de seigner comme  
 preuve de liberte que vous vous ren dres  
 en chat de l hermitage sur la frontiere  
 de valleriennes ou a moucheu et que vous  
 y apelles les 9 du C et les trouppes que vous  
 voudries de feur avancer vers les frontiers  
 de tous les cotes des tates d armees de u

demander à la Suède, et à la Russie, et de les  
 recevoir à Ostende, je demandai que cette  
 proposition fût lue sur le champ, puis que  
 toutes les voix ont répondues qu'elle seroit  
 tout ce qui seroit, il a été dit, moi, avis, sur  
 tout cela, mais rien n'a été fait, et si je  
 trouve, jusqu'à ce que vous ayez été forcé  
 de cessionner, apprenez-m'en sans ce que  
 fera, si vous regardera comme, libre, et ne  
 voudra plus rien faire, mais si vous avez  
 quelque projet, on pourra le pousser par les  
 autres puissances, et comme je suis chargé  
 par le Roi de correspondre avec tous les ministres  
 très, je me réglerai en conséquence de ce que  
 vous m'écrivrez, vous quelques questions au  
 quelle, et seroit nécessaire de répondre pour  
 que cela vous soit plus ou moins long, je  
 garde les noms, et vous pourrez les indiquer  
 par un des trois  
 1. Comptes, vous vous mettre, sincèrement  
 dans la révolution, et croyez vous qu'il y  
 a aucun autre moyen  
 2. Voulez vous être aidés, ou voulez vous

qu'on essaie toute négociation avec les Turcs.  
s'approuves vous l'idée de mon mémoire  
et voulez vous qu'on le suive.

Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.

Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.  
Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.  
Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.  
Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.

M. de Meny m'a communiqué votre lettre  
et j'écris en conséquence il étoit contraire  
au Congrés en ce moment mais je le fais  
c'est à la fois une affaire en lui prouvant  
qu'il falloit une démarche ostensible pour  
arrêter les primes et le rassemblement de  
moultis qu'ils ont au Cabot de la et effrayant  
et bientôt ils en seront vus sans cela les  
maîtres l'affaire d'aujourd'hui est un bon

prétexte et si vous ecrivez au Ministre de la Marine  
pour lui dire que vous engagez le  
pape à réclamer l'intervention des  
puissances. il faudroit que vous pressiez  
l'Empereur sur la formation de ces Congrés  
démoués de l'annonce et indiqués le jour et le lieu

Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.  
Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.  
Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.  
Je vous prie de m'en dire ce que vous en pensez.

lieu et nommer les membres, exagères  
 vos braves sur les princes et d'ites que.  
 cela les calmeroit insistes sur ce que le  
 congres soit approuve d'une demonstration  
 de force armee. ce que le G. de Bret vous  
 maudra sur l'Esp. et la Russie est tres bien cogny  
 il seroit bon de dire une lettre a l'Emp. ou sur faire  
 l'humour de la Russie et de la Russie est tres bien cogny  
 le toporet et l'euroret chiffe et c'est un  
 honnête homme vous pouvez vous fier  
 Quant au projet du congres sur les terres s'aver  
 au Roy qui en instruire l'Emp. M.  
 Craxford a été cet été en Ang. pour rendre l'annex  
 des dispositions de cette cour et pour en dire quoiqu'il vire  
 ni de l'ency elles sont pour une vent = exacte.  
 comme il Craxford est change avec beaucoup  
 de grace de cette commission ne vous donnez vous de l'aites  
 pas me dire pour lui de ces choses obligantes  
 que vous avez dire mieux que personnes et  
 le merite par son attachement pour vous.





ANEXO J – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (13 de outubro de 1791)

13 Oct 1791. n° 60.

je n'ai pu avoir la lettre d'hier  
 insistes pour que vous m'envoyiez le  
 quel vous m'avez demandé de faire  
 ces deux demandes et tâchez de les faire  
 autres choses que de se plaindre sans cesse  
 en ce qui concerne les affaires qui nous regardent  
 rien pour vous et pour moi que par et par son  
 ce qui concerne les affaires qui nous regardent  
 négociations seules comme d'autres de ce genre  
 catonnes. je n'ai encore eu le temps de déchiffrer  
 commencement de la lettre de la part de la  
 c'est la crainte de vous tout ce que vous  
 empêchés de les écries. je suis à présent absent  
 d'écriture. je ne puis me louer  
 en Suède car je suis chargé de la courre  
 moi-même de la part de la courre  
 Le reste du chiffre ne signifie rien de ce  
 que vous m'avez écrit de payer.

Archives  
 9

ANEXO K – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (25 de outubro de 1791)

Du 25 Oct 1791. par la poste. ARCHIVES NATIONALES  
 25 Oct 1791. 2<sup>e</sup> contraire  
 pour ce couvres sans cette demanche pour pronouces et  
 prouves se craint tout de la folie des braves et des ennemis  
 ils sont fort chauffes et ils se croient abandonnés je ne vois  
 plus de rien de leur part. Je n'écrit dans ces  
 cas les ministres de finances dans les cours pour qu'on  
 presse tout la dessus il est évident de ne presser sans cela  
 il n'y en a rien ne craignes aucune demanche telle du papi  
 je n'aurai pas l'air de la conduite dans toutes vos affaires  
 mèche volée reconnoissance à tous les moments  
 conduite courue les braves ne s'en vont pas dans l'air ou

10

vous êtes / L'ambassadeur dit des honneurs de moi / j'ai puance  
 -c-o-u-y / -a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-  
 de beaucoup moi / cochen et la pros / al son service ce qui me fait  
 o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-  
 de la peine / il a dit de beaucoup de monde / cochen / vous qui  
 r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 sagement ma conduite / et disent que je ne me suis conduit  
 u-i-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-  
 que par ambition / et pour je / vous ai / perdue et se dit / and  
 r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 et d'autres / sont  
 u-i-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-  
 de / des / est / ce / est / a / l'ou / vance / et / n'a / eu / p / uance  
 u-i-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-  
 in / mes / chevaux / ont / arrivés / je / sais / que / vous / avez / été  
 u-i-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-  
 la femme / de / mon / valet / de / chambre / quelle / bonte / moi  
 r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 je / devrais / y / être / a / tout / jamais / ~~comme / un / homme / qui / se / croit / en / possession / de / quelque / chose / de / bien / en / ce / monde~~  
 a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
~~comme / un / homme / qui / se / croit / en / possession / de / quelque / chose / de / bien / en / ce / monde~~  
 c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-  
 comme / un / homme / qui / se / croit / en / possession / de / quelque / chose / de / bien / en / ce / monde  
 r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 préfère / de / rester / comme / vous / êtes / a / vous / servir / des  
 r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 braves / cela / est / fort / juste / mais / prenez / bien / garde / si / on  
 r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-  
 fait / pas / que / cela / se / dise / et / d'ailleurs / pour / vous  
 r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 mais / vous / voulez / absolument / que / je / revienne / mais  
 a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 je / ne / puis / pas / revenir / a / mes / idées / c'est / sur / tout / l'air / de  
 r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-  
 l'orgueil / qui / l'effraie / dites / moi / ce / que / vous / voulez / que  
 u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-  
 je / suis / de / celui / que / j'ai / fait / passer / vous / êtes / en  
 r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-u-y-r-a-i-r-e-c-o-

l'holocauste d'infant le polaire ou le berceau en de vant  
 -c-c-o-u-t-p-a-i-e-u-e-c- | o-u-t-r-a-i-v-e-c-  
 comme il est. m de bouille qu'on ne se lussai maide  
 o-u-t-p-a-i-r-e-c-o- | n-t-a-i-v-e-c-o-u-  
 de rose, nouvelles ce qui restoit de million a en lu  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | n-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 foiblesse de la femme aus francis c etoit sept vent  
 v-u-i-v-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 mille ~~livres~~ livres qui vous auroit ete utile d avoir  
 v-e-c- | o-u-t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 h'ocquent contre les vices la grande emigration  
 -c-o-u-t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 de ce mouct n'est peut ehe vous au quel vous l'avez  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 et peut servir a <sup>clairer le monde et alle</sup> ~~peu de~~ par le bon et le  
 -a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 misere (ils ont raison) avoit ambition de l'air  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 servir et j'aurai toutes malles le respect de ne pas  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 avoir aussi etois jaloux de ce bonheur je voulais  
 v-e-c-o-u-t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 ma quitter euvre vous d'une partie des obligations  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 qui m'est h' d'ou je dois avoir et je voulais leur  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 montrer qu'on veut etre attache a des gens qui  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 me vous sans aucun autre interet le pres de  
 -t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 mes conduites leur euvroit prouve que si etoit la  
 a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 ma seule ambition et que la gloire de dois  
 i-r-e-c- | o-u-t-p-a-i-r-e-c-o- | u-t-a-i-r-e-c-o-u-  
 avoir servis etoit ma plus chere ne vous suse.  
 a-i-r-e-c-o- | u-t-p-a-i-r-e-c- | o-u-t-p-a-i-r-e-c-

ANEXO L – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (29 de outubro de 1791)

19 oct  
 1791  
 Suédois parla à une Lamballe.

36 depuis  
 Les vœux des lettres des Suédois parfaites de Dieu vous font  
 l'impression qui est des bien disposée elle donne avec une  
 entente avec les qui aura lieu des que les frontières seroit  
 définitivement réglées c'est un grand mystère dont il est très  
 important de ne parler à personne il seroit intervenant avec  
 votre lettre au Roi les seroit avant cette entrevue  
 cela seroit un bon effet sans que j'en aie demandé au Roi ce que  
 vous voulez qu'on fasse et je suis très sûr que le Roi se  
 souviendra de vous à nous de ce pour qui concorde et se en  
 sur que le Roi prendra la dessus il faut aussi le point de vue  
 les ministres et aux autres coups et que le tout se fasse le plus  
 possible mais il faudroit insister sur les des lieux pour que  
 vous en ayez fait une démonstration de force avec pour  
 soutenir ces fonctions on feroit aux demoiselles faire des préparatifs  
 pour les marches de trouves (sans cela il n'aura pas la force et  
 la considération qu'il doit avoir) les vœux pour la France et  
 pour les Rois de Prusse

11/1







ANEXO M – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (12 de dezembro de 1791)

12 Dec 1791  
 1791 <sup>12</sup>/<sub>12</sub>  
 Bruxelles, 12 Dec.

Les lettres de Esp. et de Russie sont arrivées elles  
 tout parfaites & attend celle de V. M. et de  
 Russie, il y a encore une demarche pour le passage  
 c'est d'obtenir vos lettres avec lettre à la Reine.  
 de Esp. de Hollande et de Confiance en vous  
 rapportant à celle de V. M. et en lui faisant  
 sentir la nécessité du plus grand secret pour  
 que cela ne soit connu que dans vos deux  
 l'influence que cela est cette demarche est  
 ces aspects et il faut avant tout se procurer  
 vous pourriez me l'envoyer par la diligence,  
 dans une boîte de chez Bouc. M. de Courcier  
 à Bernes, la mission vous embarrassera fort  
 mais nous tâcherons d'y faire succéder le  
 plus possible, si ce n'est à cause du lit de  
 V. M. et de tout ce qu'il y a de personnes de  
 l'arbitre ici jusqu'à ce que je les aie pris  
 à l'adresse de M. Daniel Dancoff fils, Banquier,  
 pour l'empêcher de les donner



ANEXO N – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (24 de dezembro de 1791)

1791 <sup>24</sup>/<sub>12</sub>  
19 raisoel

24 Dec: (1791)

NATIONALES

Ma craufure est partie ce matin il sera mardi  
 approuvé à Paris il faudrait envoyer 3000  
 un verre matin à 10 dix he il se demandois  
 les paroles sans le nommer et en lui présentant  
 le papier chiffre ci joint il les mettra ce qui  
 pour être il seroit bon que vous parties à Combray  
 vous en auriez le plus possible. votre homme  
 restera dix jours ou deux. vos lettres pour la  
 dresse et suivez ce tout pas encore à Paris pas  
 une des Goy. que se u a pas levez j'aurai sur  
 de l'ordre et de l'ordre test bon.

vous avez tout de ce pas  
 ne pas nous avoir prevenu de levez de la  
 à Berlin vous auriez de la peine à en empêcher  
 les mauvais effets. j'aurai demain manifeste  
 adieu

ANEXO O – Carta de Axel von Fersen à Marie-Antoinette (21 de junho de 1792)

21 Juin 1792. N° 10. 21 Juin 1792. Bruxelles.  
 147. Ciffre et bl. a la S. par M. Dosc. et 909.

que l'on a sçu a l'ob l'envoy de 909 - a l'heure  
 Le meme soir qui est arrive et qu'on a eu rap  
 meme jour un estafette a dit pour en avertir cest  
 de la que l'on a sçu la maudite cest srement quelqu  
 des Calve interieur qui s'ent tout aux d que si d'ay  
 avec veut avoir une terre pour saine d'evêque avec l'ay  
 il faut éviter car il est mauvais et l'ent responer et  
 alors vous es perdues que n'oh reçoit pour bien qui  
 ma envoye les lettres de notification pour vous avec  
 ordre del sur les ~~factes~~ envoyer sans payer<sup>par</sup> les uns  
 nites avec lesquels vous n'avez pas de communication  
 que je crains que que l'Emp L'emp et l'Emp ne veulent  
 negocier que vous tachez d'y parer que l'Emp a le  
 projet d'un demembrement et que sil ne l'obtient  
 de vous il traitera avec les Constitutionnels et l'oblie  
 dra deux et vous vendrez alors encore l'ohc authentique  
 sans empêcher le demembrement qui vait done  
 mieux vous y decider si cela est inevitable mais  
 si il y a peut être un moyen de l'empêcher cest de  
 + quelle est l'ohc authentique la deux  
 25



